

A woman with dark, wavy hair is seen from the back, wearing a white, off-the-shoulder, floor-length dress. She is standing in front of a wall with a light-colored wallpaper featuring a subtle floral or leaf pattern. The lighting is soft and somewhat dim, creating a romantic and intimate atmosphere. The title 'Apaixoados' is written in a large, elegant, white cursive script across the middle of the image, partially overlapping the woman's back and the wallpaper.

Apaixoados

ANNE HOLT MULLER



PERIGOSAS

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

Apaixonados

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

Verflucht, vol. 3

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

Apaixonados

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

ANNE HOLT MULLER

NACIONAIS - ACHERON

Título original: *Passions*

Copyright© 2017 por Anne Holt Muller

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação do autor. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Tradução e notas de rodapé por Marina Jaguaribe.

Imagem na capa: Courtney Ann/Pinterest.

Todos os direitos reservados. A duplicação ou reprodução deste volume, no todo ou em parte, sob quais quer formas ou por quaisquer meios (eletrônico, mecânico, gravação, fotocopia ou outros), sem a autorização por escrito do autor é proibida e constitui violação de direitos autorais. (Lei 9.360/98).

Dados Internacionais para Catalogação na
publicação (CIP):

M958 Muller, Anne Holt, 1999 —

APAIXONADOS/Anne Holt Muller — Rio de
Janeiro: agBook; 2017

285p. — (Verflucht, v. 3); 14x21 cm

Tradução de: Passions

ISBN 9781520798691

I. Romance. II. Fantasia. III. Ficção. IV. Título.
V. Série

CDD: B869

CDU: 821.134.3(81)

Saga VERFLUCHT:

- [Amaldiçoados](#)
- [Predestinados](#)
- 3. [Apaixonados](#)
- 4. [Despedaçados](#)
- 5. [Fragmentados](#)
- 6. Entrelaçados (em breve)

PERIGOSAS

Para Alasca.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

NACIONAIS - ACHERON

Parte 1

Luz do sol vem se
arrastando [\[1\]](#)

Prólogo

JOSEPH

A senhora Thorne desceu seu vestido preto da cintura até suas coxas e alisou-o até que estivesse perfeito antes de olhar para mim pela última vez. Meu olhar era gelado, pousado em seu corpo e ela me olhou ajeitando seu cabelo loiro e impecável no espelho, correndo os dedos elegantes para pentear sua franja de lado e retocou o batom vermelho.

— Pare de me analisar desse jeito — ela sorriu e limpou o batom borrado antes de se virar para mim.

— Não estou — sorri e Amanda caminhou debruçando-se sobre mim com as mãos apoiadas nos braços da cadeira giratória do meu escritório no hospital há alguns quilômetros de Salém, mas não longe o bastante para que eu respirasse — Eu vou

para Nova York, fui convidado a palestrar, quer vir comigo? — ela sentou no meu colo com um sorriso encantador.

— Você está brincando, não está?

— Não, acho que não vou — ela emitiu um ruído sexual de sua garganta.

— Você e seus problemas. Ainda quero saber como foi se meter com os Hamilton — então se levantou — Preciso ir embora.

Meu celular vibrou sobre minha mesa e peguei-o, suspirando. Amanda pegou a bolsa dela e despediu-se quando atendi Rafael, fechando minha camisa com uma das mãos, escutando-o falar que estava no meio da floresta com Cedrico e tinha atropelado alguém. Soltei o ar no peito e desliguei, pegando o paletó para me encaminhar até lá, mas, no meio do caminho ele me ligou de volta, do celular de Cedrico dessa vez e dizendo que a bateria dele morreu.

— Acho melhor você ir para casa — no mesmo segundo virei ao ver um retorno —, aconteceu... Uma coisa. O homem... Não morreu, mas precisamos conversar. Elena está em casa?

— Acho que sim, estou indo para lá. Espero que seja importante — joguei o celular no banco do

carro e fui para a mansão.

Estava tudo calmo, um silêncio abissal, quando saí do carro e franzi o cenho. Sempre que aquele tipo de coisa acontecia não significava boa coisa. Bati a porta do carro e o carro de Elena aproximou-se e esperei-a parar ao meu lado.

— O que está acontecendo? — ela desceu do carro com uma expressão calma e neutra.

— Eu sei tanto quanto você — ela falou com a voz aveludada, porém desprovida de emoções, e entramos na mansão lado a lado, quase parecendo o tipo de casal perfeito como eu sabia que era como todos nos viam.

Quando abri a porta, eu parei e fitei todos os que estavam na minha sala de estar e simplesmente fiquei parado ali, sem conseguir me mover ao ver Eleri e Freya ao lado de Jeremy. Perguntei-me o que diabos tinha dado nele para aparecer e ainda levar minha filha até ali, além da minha ex, do amor da minha vida. Eleri estava calma, sentada na poltrona e eu a vi de perfil, como um anjo, antes de ela me ver. Meus olhos deslocaram-se para Freya, que agitava o pé com os dedos unidos sobre o joelho, aparentemente nervosa, com seus cabelos

loiros, no mesmo tom dos meus, caindo em cascatas sobre seus ombros até alguns centímetros abaixo dele; por ultimo fitei Jeremy com aquela expressão cínica, muito parecido com o filho.

— O que diabos está acontecendo aqui? — perguntei a Rafael, que estava de pé ao lado do sofá.

Cassie estava de costas para mim, ao lado de Cedrico, sentada no sofá de frente para Jeremy e Freya, e se virou para mim, mas Cedrico parecia meio perdido sobre como tudo estava acontecendo. Elena estava chocada ao meu lado, sem conseguir acreditar que estava vendo seu irmão supostamente morto há quase dezoito anos.

— Eu posso explicar tudo — Jeremy se levantou e caminhou na direção de Elena, parando diante dela. Notei que Freya tinha os olhos fixos em mim, ao contrário de Eleri que não me olhou uma vez sequer — Mas primeiro... estou mais que feliz em vê-la, irmãzinha — ele abriu os braços. Elena tinha um junco entre suas sobrancelhas, sem entender nada e Jeremy puxou-a para um abraço diante da sua falta de atitudes e palavras.

— Jeremy, o que você está fazendo aqui? — ele soltou Elena, fuzilando-me com o olhar, e os dois

se viraram para mim.

— Você tem muito que explicar — ela finalmente falou, afastando-se dele.

— Eu sei, mas estou aqui porque vocês precisam de ajuda — ele falou me olhando, depois voltou sua atenção para Elena ao seu lado a alguns passos de distância — Para derrotar o pai.

— Jeremy, tudo isso é uma loucura. Você está morto, eu... o incêndio, Amelia e tudo o que aconteceu depois — Elena falou, tentando entender ou organizar aquilo em uma ordem aceitável que coubesse dentro de seu discernimento — O que foi verdade nessa história?

— Bem, a parte do incêndio — ele falou como se fosse óbvio — A mãe de Cedrico realmente está morta. O que aconteceu depois foi uma pequena confusão que eu vou explicar, mas não agora — lancei-lhe um olhar ameaçador que dizia que ele deveria me manter longe daquela história, qualquer que fosse a versão que ele fosse contar.

O que eu mais queria saber era o que Eleri e Freya estavam fazendo lá, embora eu soubesse que ela tinha abrigado Jeremy em sua casa anos atrás quando ele fugiu, aqueles laços já deveriam ter sido quebrados.

— Pai, apenas faça o que tem que fazer — quando Freya falou aquilo meu queixo caiu ainda mais. O que diabos estava acontecendo ali para que Freya, *minha filha* mesmo que ela não tivesse ciência daquilo, chamasse Jeremy de pai. Quis voar em seu pescoço e estrangulá-lo ali mesmo na sala de estar.

— Freya, por favor... — a voz macia de Eleri e o vislumbre do seu rosto terno e seus olhos castanhos, quase verdes, os cabelos loiros claríssimos, quase brancos, e sedosos, me fez parar e recapitular qualquer pensamento assassino que eu tivesse. Freya se levantou, usando calça e blusa pretas de mangas longas, da minha altura, e caminhou elegantemente até nós e ficou entre Elena e Jeremy.

— Estamos aqui para ajudá-los — e olhou para mim — Meu pai disse que vocês precisariam para lutar contra meu avô.

— Então você pratica? — a pergunta era minha, mas quem a fez foi Elena com o olhar intimidador sobre Freya, que pareceu imediatamente ofendida com a pergunta.

— É claro — ela mudou a postura e cruzou os braços na altura do peito — Eu sei que você precisa

de uma explicação do meu pai, embora não saiba o que aconteceu no passado de vocês ou por que ele se mudou sem se despedir de vocês, mas... se esse *Malcolm* for tão ruim quanto meu pai diz... nós devemos criar um plano o mais rápido possível.

— Ótimo — Elena caminhou até o meio da sala e cumprimentou Eleri, que se levantou para pegar sua mão — É um prazer conhecer a mulher do meu irmão e espero que essas tragédias ao menos tenham servido para nos aproximar.

— É um prazer conhecê-la também, Elena. Jeremy falava muito de você — e voltou a se sentar quando Elena se voltou para Jeremy. Meus três filhos ainda estavam sentado perplexos, mais Cedrico que os outros e Elena respirou fundo, girando nos saltos quadrados de sua bota de setecentos dólares.

— Jeremy, eu posso esperar todo o tempo do mundo para termos essa conversa, mas tem alguém que não pode — ela estava falando de Cedrico e ninguém se moveu, nem Jeremy, que só respirou lentamente — Você deve muitas explicações a Cedrico.

— Eu sei e eu vou fazer o melhor que eu puder.

PERIGOSAS

NACIONAIS - ACHERON

Ele veio destruir

JULIETTE

Eu tinha um largo sorriso no rosto; um daqueles que não conseguia desfazer.

— Eu tenho tudo pronto — disse Friedrich segurando meu pulso esquerdo — Preparada?

— Eu prometo procurar seu corpo assim que eu estiver em casa — ele pegou um amuleto forjado em prata, redondo e com um H simbólico em torno de alguns arbustos e desenhos entalhados na prata; era lindo e pesado quando ele colocou na minha mão.

— Você conhece isso? — fiz que não, hipnotizada com o objeto antigo — É de família e está no apartamento do seu pai, quero que o pegue. É um amuleto de proteção e vai te ajudar na longa odisseia que você vai ter de percorrer nos próximos NACIONAIS - ACHERON

dias — ele passou a correntinha fina pelo meu pescoço e o amuleto ficou na altura do meu peito entre meu decote.

— Eu falei com Rafael ontem, ele me deu um feitiço... disse que a mãe de Lauren deu a ele — peguei do meu bolso o papel onde eu tinha anotado o feitiço que Rafael tinha conseguido na noite anterior — Para levar comigo os objetos para o lado dos vivos.

— Bem, então você tem seu problema com o livro resolvido — aquilo pareceu importante para ele. A lua estava quase em seu ápice do lado de fora observado da janela da cozinha — Bem, acho que é agora — depois de ter canalizado de mim, Friedrich simplesmente fez um gesto com a mão, já de pé, e as velas sobre a mesa de jantar se acenderam, uma dúzia delas.

Levantei-me e Friedrich deu a volta na mesa para traçar um círculo no chão, no qual eu deveria permanecer nele, com alguma coisa cinza: — O que é isso?

— Cinzas, é um agente de ligação imbuído em ervas — ele terminou o círculo e voltou ao seu posto, ligado a mim enquanto canalizava minha magia e preendi a respiração quando ele começou o

feitiço — Mande um beijo ao seu namorado por mim — ele brincou e sorrimos, depois não vi mais nada.

Meus pulmões falharam por cinco segundos e me vi presa em um lugar escuro e apertado, instantaneamente claustrofóbica. Não conseguia respirar, tateando o que estava acima de mim e concluí que estava em um caixão, porém, estava lacrado e a cada segundo que passava eu sentia o pânico me invadir.

— Socorro! Alguém me ajude — gritei, batendo os punhos contra o caixão, mas tudo o que fazia era produzir um ruído abafado. Além disso, eu deveria estar em Essex, que estaria vazia — Socorro — embora eu gritasse cada vez mais alto, o som parecia não sair dos compartimentos da caixa de madeira — Socorro — continuei gritando inutilmente e esmurrando o caixão, sem força vampira, sem força humanas; completamente fraca e debilitada.

Estava ficando sem oxigênio, parecia ter um peso sobre meu peito que me impedia de respirar, transformando tudo aquilo em pânico e desespero.

— Socorro — continuei a tentar escapar daquele

lugar, mais fraca do que quando comecei e as lágrimas invadiram meu rosto, um choro convulsivo invadiu meu peito ofegante.

— Juliette — escutei aquela voz familiar e meus ombros tremeram ainda mais quando a tampa começou abrir e vi Rafael. Sentei-me e envolvi os braços em torno do seu pescoço, apertando-o com força em desespero voraz, em lágrimas — Jesus! — ele exclamou e apoiou-me com as mãos espalmadas em minhas costas — Você está bem?

— Fisicamente, sim; só fiquei em pânico quando acordei aqui... — eu não conseguia me afastar dele, só apertá-lo ainda mais.

— Você não sabe como eu estou feliz por você estar aqui — ele afagou meus cabelos — Você ficou fora por três dias e está a maior loucura, tudo tão confuso...

— O que aconteceu? — afastamo-nos. Rafael me pegou no colo e me ajudou a descer para só então eu olhar em volta e perceber que estávamos em um quarto da mansão.

— Eu vou te contar daqui a pouco — sentei-me na cama para respirar fundo.

— O que... achei que meu caixão estaria em Essex. E por que estava lacrado?

— Eu não sei, não fui eu quem fechei, eu sinto muito — ele afagou minha bochecha afetuosamente, agachado a minha frente — Você estava em Essex, na cripta da família da Lauren por conta da bagunça que aconteceu — e por bagunça ele queria dizer assassinato em massa —, mas são tempos desesperados. Essex é um local habitado pelos ancestrais e eles não são os nossos maiores fãs.

— É claro — balancei a cabeça com um sorriso bobo — Então, o que aconteceu enquanto eu estive *fora*? — perguntei fazendo referência as palavras que ele usou pouco antes.

— Eu ainda não consigo entender como, mas... meu tio, Jeremy, não está morto — ele falou lentamente e em um tom confuso.

— Como assim? Ele não morreu em um incêndio anos atrás? — fiz-me de desentendida mesmo sabendo a história toda; imaginei que ele não tinha contado a versão em que ele tinha assassinado a mulher, a mãe de Cedrico. Só então me lembrei dele, afastando aquela versão de mentiras dos pensamentos e focando em Cedrico e em como ele deveria estar se sentindo com aquilo tudo — Oh, meu Deus, Cedrico. Como ele está?

— Sem conseguir entender nada, assim como todos nós, em choque. Com a sensação de que viveu uma mentira a vida inteira. Jeremy tentou dar uma desculpa que não colou e ele o tem evitado depois disso — ele fez uma pausa, baixando o olhar momentaneamente — Ele está hospedado aqui com a mulher e a filha.

— Imagino como ele deve estar se sentindo, eu já estive nessa posição — Rafael estava segurando minhas mãos e afastei-as para me levantar, seguida por ele — Eu preciso falar com Cedrico — espiei por sob seu ombro e chequei que passavam das nove da noite.

— Tudo bem, mas acho que você deveria ir lá embaixo primeiro — saímos do quarto e avaliei o vestido que eu usava, rosa quase bege, marcado na cintura e solto, levemente rodado, e até os joelhos, sem mangas. Fiquei feliz ao ver que eu ainda estava com o amuleto da família Hohenfels e segurei-o entre o polegar e o indicador com um meio sorriso antes de olhar para Rafael, depois sua mão na minha enquanto descíamos as escadas.

Elena, Joseph, Jeremy estavam de pé no meio da sala e uma mulher loira estava sentada no sofá ao lado de Freya, o que fez meu queixo cair

imediatamente. Se Freya estava ali era porque algo tinha dado muito errado nos planos vitalícios de Joseph em mantê-la longe do veneno dos Hamilton.

— Juliette.

— Freya — falamos em uníssono. Rafael e eu paramos ao lado do sofá, de mãos dadas e todos voltaram seus olhares para nós; eu não sabia se era pelo fato de Freya e eu nos conhecermos ou se pelo fato de Rafael e eu aparentarmos ser um casal.

— Vocês se conhecem? — a pergunta partiu de Rafael, mas era o que todo mundo queria saber.

— Sim — Freya respondeu, fitando-me, depois aos outros — Ela comprou um quadro na minha primeira exposição. Na verdade, ela foi a minha primeira compradora — ela sorriu intimamente — Depois fomos tomar um café algumas vezes, sempre que ela estava em NY.

— Juliette me deu de presente, Freya — Joseph falou e fiquei surpresa com aquela confissão, mas afinal, aquele era o menor segredo que estávamos mantendo naquela sala — É um lindo quadro.

— É, era um presente de aniversário para ele — forcei um sorriso visto que Freya parecia tão genuinamente alegre e feliz.

— Ahn... estou feliz que tenha gostado — ela

balançou a cabeça imperceptivelmente antes de voltar-se novamente para mim — Eu não sabia que estava aqui.

— Não estava, eu estava morta em um caixão no andar de cima — andei pela sala puxando Rafael comigo e nos sentamos no sofá de frente para Freya e a mulher que julguei ser sua mãe, Eleri; também amor da vida de Joseph e mais um bocado de denominações nas quais eu poderia alcunhá-la. Todos estavam me olhando — Eu peguei o grimório onde está o feitiço que precisamos.

— Onde está? — Elena perguntou, ainda estranha depois de tudo o que tinha acontecido.

— Calma. Tem algumas especificações, como atrair Malcolm para o círculo e vamos precisar de muita, muita magia. Mais do que eu disponho. Estive conversando com Friedrich e acho que meu... lado necromante pode ajudar.

— Você acha que consegue? — Rafael perguntou, traçando círculos na parte de cima da minha mão, causando uma sensação boa naquela parte sensível.

— Elena possui o poder dos nove *covens*, embora este esteja passando por uma crise de *número reduzido* — fiz uma piada como o intuito de

enfurecer Elena, puta com ela, mas nem dei a ela a chance de me interromper — Nós temos todos vocês para nos ajudar, o que imagino que é o motivo da visita — Freya assentiu — e eu posso canalizar dos mortos enquanto Elena canaliza de todos nós, mas há muitas variáveis... — remexi-me, falando muito sério.

— De que tipo? — Freya perguntou e seus olhos vaguearam por todos nós, esperando uma resposta.

— Elena pode se sobrecarregar de magia e morrer — Joseph falou com simplicidade e objetividade.

— Mas isso não seria grande coisa, o único prejuízo seria não completar o feitiço — Elena e eu nos encarávamos como se fossemos nos atracar na sala de estar a qualquer segundo, mas quando isso acontecesse a briga seria mortal.

— Tudo bem, o que está acontecendo entre vocês duas? — Rafael e Elena trocaram olhares e ele buscou o meu, mas meu estava virado na direção de sua mãe.

— Pergunte a sua mãe — perguntei sem desgrudar os olhos dela. Elena mudou a postura e cruzou os braços na altura do peito — Conte a ele, Elena.

— Meu filho não tem nada com nossas discussões.

— Eu acho que tem, porque ele não faz ideia do que a mãe é capaz.

— Parem com isso — Joseph finalmente entrou no meio da discussão — Julies, podemos conversar? — assenti e larguei Rafael para seguir Joseph até a biblioteca, onde ele fechou as portas duplas — O que está havendo entre você e Elena? — ele cruzou os braços na altura do peito, bem perto, quase murmurando suas palavras.

— Eu prefiro que Elena diga, mas ela não parece disposta a fazer isso — ele estava esperando que eu continuasse — Eu realmente espero que ela tenha coragem. Em relevância a tudo pelo que passamos, e por tudo seu que eu tenho guardado, vou pedir que não conte a ninguém. Não que eu tenha a intenção de esconder isso, mas quero ouvir dela e quero que todos vocês escutem...

— Juliette, quão grave é isso? — fechei os olhos, sentindo a ponta do meu nariz queimar.

— Muito, Joseph. Muito. Elena sabia de tudo sobre os feitiços... — as lágrimas vieram instantaneamente aos meus olhos — ela planejou tudo com as bruxas para matar minha mãe e fazer o

feitiço para matar Malcolm... — minha voz se tornou embargada e tentei secar meu rosto, inutilmente — Eu não acreditei quando cheguei a essa conclusão, depois de tudo o que ela tinha me dito no Dia das Bruxas, mas ela confirmou que armou tudo... que o coração da minha mãe era *perfeito*.

— Jesus, Juliette! — Joseph exclamou e veio até mim e abraçou-me, afagando meus cabelos e molhei o ombro da sua camisa, fungando — Eu sinto muito, não fazia ideia. Izabel era nossa amiga, eu vi como Elena ficou perturbada com o que aconteceu, eu jamais cogitaria algo assim...

— Eu acredito que ela tenha ficado triste; Elena me disse que *são os sacrifícios que precisamos fazer*.

Apertei os braços em torno dele, sentindo algum conforto em sua proximidade, fechei os olhos e segundos depois a porta se abriu de repente e Rafael entrou, fazendo com que eu me afastasse de seu pai e deslizesse as costas das mãos pelo rosto para enxugar as lágrimas.

— O que está acontecendo aqui?

— Nada, eu só estou cansada — joguei o cabelo para trás e respirei fundo — Eu vou para casa...

— Posso falar com você por um segundo? — fiz que sim e acompanhei Rafael, contornando a sala de estar sem paciência ou animo para despedir-me de alguém, apenas sentindo o olhar persistente de Jeremy em mim.

Fomos para o quarto de Rafael, que estava escuro e ele não acendeu a luz, puxando-me pela mão e fechando a porta. Meu corpo foi até o dele e fiquei na ponta de meus pés descalços para beijá-lo, mas Rafael estava segurando meus pulsos com minha boca quase tocando a sua.

— Eu não quero isso, Juliette — ele falou em um tom firme.

— Eu?

— Você sabe como eu a quero. Mas não uma relação como essa, cheia de segredos e mentiras — ele afrouxou o toque de seus dedos em meus pulsos e descí meus pés, relaxei os ombros, frustrada.

— Eu não estou te escondendo nada, só não acho que devo me meter entre Elena e vocês; ela tem que te contar — eu queria acender a luz e poder olhar em seus olhos, mas não me movi, só tinha a ciência de que ele estava firme diante de mim.

— Você está escondendo *tudo* — ele deu um passo sutil para trás — Quando você esteve no

mundo prisão pela primeira vez... você e meu pai se aproximaram de uma maneira estranha, como se tivessem se envolvido de alguma forma.

— Não me diga que está com ciúme do seu pai — disparei sem pensar e me arrependi na mesma hora. Balancei a cabeça e tentei manter um último resquício de sanidade.

— Não seja ridícula, você sabe que estava cheia de segredinhos com ele. Eu sei que Cassie descobriu alguma coisa que não quis contar, e agora você e minha mãe estão em pé de guerra. Eu nem sei mais o que está acontecendo com minha própria família — seu tom cortante me machucou e engoli em seco. Ele inspirou profundamente antes de continuar: — Eu não vou te pressionar sobre isso.

— O que você quer dizer?

— Que eu quero que você vá embora, eu preciso ficar sozinho essa noite — fiquei em choque com suas palavras; nunca achei que ele fosse me mandar embora daquele jeito.

Meu carro ainda estava parado na frente da mansão e fui para casa ver meu pai, infelizmente a Hope também; ele abriu a porta e um sorriso surgiu em

seu rosto, iluminando-o, quando pulei em cima dele com um gritinho agudo e estridente: — Pai, senti sua falta...

— Querida, que bom que você está de volta — ele afagou meus cabelos e entrei em casa, meio triste por voltar naquele lugar depois de tudo — Onde você conseguiu isso? — ele perguntou, referindo-se ao amuleto em meu pescoço.

— Friedrich me deu, disse que iria me proteger na minha odisseia — sentamo-nos na sala onde Hope estava dormindo em um cesto de bebês, parecendo muito maior do que quando eu a tinha visto pela última vez. Deitei-me no sofá, sentindo-me cansada demais para qualquer coisa, com a cabeça pousada sobre a perna do meu pai.

— Estou feliz que esteja de volta, parece que estava faltando algo vital sem você e sua mãe, mas agora posso restituir uma parte — seus dedos deslizavam pelo meu cabelo e fechei os olhos.

— Eu também estou feliz por estar de volta — murmurei sonolenta e ficamos muito tempo em silêncio — Pode parecer inapropriado falar isso agora, mas... Rafael e eu brigamos e ele me mandou embora.

— Por quê?

— Porque eu tenho escondido coisas dele. Eu odeio que isso nos afaste, mas também não posso contar para ele — murmurei, feliz por não precisar olhar ninguém nos olhos naquele momento, apenas fitar o chão de madeira e o tapete antigo.

— E pode contar para mim?

— Não quero que você fique bravo comigo ou... desapontado com tudo o que eu venho fazendo. Eu também não queria que nada dessas coisas tivessem acontecido...

— Eu não estou desapontado com você, meu amor — ele tirou meu cabelo do rosto, talvez esperando que eu me virasse para fitá-lo, mas eu não tinha coragem.

— Enquanto eu tentava descobrir o que Rafael estava armando para derrotar Malcolm... ele lançou algum tipo de feitiço e era *tão forte* que eu podia sentir a magia a minha volta, assim como Joseph e...

— O quê?

— Eu o beijei. Não foi por que eu queria... mas havia uma coisa magnética entre nós. Joseph quebrou o feitiço depois. Mas não posso simplesmente contar isso a Rafael — ele ficou em silêncio e parei de tagarelar.

— Acho que você me contou tudo isso para que eu a aconselhasse... você deveria contar a ele. Está tudo muito confuso agora, com Jeremy voltando depois de muito tempo, Malcolm e os ancestrais tirando nosso sono. Você gosta desse cara, e não que eu aprove isso, mas relacionamentos não funcionam em cima de mentiras — fechei os olhos e não falamos mais, então adormeci tranquilamente no sofá da sala de estar.

Leve-me pelo seu destino^[2]

Acordei bem cedo na manhã seguinte e decidi ir para a escola, entreguei trabalhos atrasados, mesmo com meu A automático; eu queria ter um pouco da experiência adolescente, mas foi estranho porque Alex, Lauren e eu parecíamos uma panelinha isolada dos populares; os Hamiltons.

Todos eles decidiram ir estudar e serem normais naquele dia. Desvencilhei-me da conversa fiada de Lauren e Alex, que pareciam um casal, peguei meus livros e comprei um café na máquina, vendo também Eva no refeitório. Peguei meu café e fui para meu antigo quarto, meio nostálgica quando entrei e me sentei com meu café. Mas eu não tinha

tempo a perder pensando no passado, peguei o grimório que Friedrich tinha mandado para mim e deixado sob o colchão para cama, para aprender ainda mais sobre ele.

Eu estava sem animo para continuar naquelas aulas deprimentes já tendo passado, apenas fiquei lá por muito tempo e voltei para casa no fim da tarde para pedir pizza com Jon e passarmos algum tempo juntos. Eu não estava totalmente tranquilo quanto queria parecer, eu queria que Rafael tivesse dado sinal de vida o dia todo, nem que fosse por um SMS, porém, resignei-me a comer uma pizza enorme com o celular sobre a mesa, usando regata roxa e calça folgada, escutando Jon dizer que tinha que ir para NY e me chamar para ir com ele e eu realmente queria.

Aquela coisa de bruxos misteriosos já estava acabado para mim; eu realmente estava cansada daquela coisa toda e não via a hora de me livrar do drama, mas, sobretudo, dos Hamilton. Ou a maioria deles. Mas todos os meus sentimentos mudaram quando meu celular vibrou sobre a mesa.

Podemos nos ver?

Pisquei para ter certeza que estava lendo direito.

— O que foi?

— Nada — desliguei a tela e terminei minha pizza antes de pensar em responder para não falar bobagem ou parecer eufórica demais. Respondi um tudo bem e, inesperadamente, Rafael disse que iria me buscar para um *jantar formal*, em suas próprias palavras — To vendo que não é nada...

— Rafael me chamou para sair, eu posso? — eu não sabia exatamente para que tipo de encontro seria aquele.

— Desde quando eu te impeço de fazer alguma coisa? — ele sorriu e levantei-me beijando sua bochecha antes de sair para meu quarto. Na verdade, eu não tinha nada que pudesse ser considerado adequado para um jantar formal, então decidi pegar algo da minha mãe. Mal abri seu armário e vi o vestido perfeito. Vermelho e longo, de tecido fino nas mangas e algumas partes; era o vestido mais lindo que eu tinha visto na vida e eu não era muito fã de moda, mas sabia que aquilo seria considerado de bom gosto para qualquer um, afinal, era um Valentino.

Mas talvez fosse exagerado, dependendo de que tipo de formalidade Rafael estava se referindo: *O*

mais formal possível, é um evento de gala, além disso, precisamos conversar antes, eu te pego em vinte minutos.

Respirei fundo e peguei o vestido, mesmo hesitante e vesti-o, junto a um sapato vermelho e fechado que ficou oculto pelo vestido.

Vi-me no espelho enorme, fitando-me por um longo momento: — Julies — Jon bateu a porta e disse que ele poderia entrar.

— Eu precisei de um vestido — expliquei-me quando ele ficou parado, olhando-me.

— Você está linda — ele deu um sorriso nostálgico e franziu o cenho — Mas isso não combinou — ele apontou para o amuleto e levei os dedos instintivamente a ele, percorrendo o polegar pelas suas linhas, pelo H de Hohenfels; aquela família tão forte.

— Não posso tirar — Jon passou um longo segundo me observando e caminhou até o armário, onde tirou uma caixa de madeira lindamente esculpida da parte do meio e pegou um anel grosso de prata com detalhes verdes, parecendo alguns galinhos de hera, muito bonito — Izabel ia te dar quando você fizesse dezoito, mas parece que você

perdeu tanto tempo que não viveu tudo isso — ele devolveu ao armário e pegou minha mão direita.

— Eu vivi demais — murmurei, emotiva e com algumas lágrimas no rosto, mas daquela vez não foi de um jeito triste ou ruim. Jon ergueu os ombros e colocou o anel em meu dedo médio da direita — Mesmo no mundo prisão, eu tive a oportunidade de me aprimorar mesmo com tudo pelo que passei — sorri, tentando confortá-lo quando vi a dor em seus olhos. Ficamos parados por um momento e meu telefone vibrou na cama, tirando-me do meu transe.

— Certo, você precisa ir — sorri.

— Você vai ficar bem?

— Claro — peguei o celular, meio hesitante, e fui para o meu quarto me maquiar e passei batom vermelho-sangue, quase no mesmo tom do vestido, e penteei meu cabelo por sob o ombro, decidindo que iria cortá-lo assim que tivesse tempo, visto que já estava no meio das costas, mais longo do que eu gostaria.

Desci as escadas e deixei o celular ao lado do abajur na sala, captando os movimentos de Hope com o canto dos olhos e desviando meus olhos no mesmo segundo quando Jon pegou-a no colo com seus enormes olhos verdes arregalados: — Eu estou

indo — falei só a título de informação e Jon acenou quando abri a porta, respirando fundo.

— Uau — Rafael saiu do carro e franzi o cenho quando o vi usando gravata borboleta; devia ser algo sério mesmo se ele estava usando um paletó. Ele veio até mim com os faróis acesos no meu rosto e desci os três degraus até ele — Você está... Estonteante.

— Obrigada — falei num suspiro e ele estendeu a mão e abriu a porta do carro para mim.

— Para onde nós vamos?

— Para um jantar — ele entrou no carro e deu a ré, evitando meu olhar.

— Não estou com fome — ele riu e balançou a cabeça, mas eu realmente não estava depois de duas caixas de pizza.

— Você não precisa comer, nós vamos conversar muito.

— Então está me levando para sua casa — eu não sabia, mas era um bom palpite. Geralmente as reuniões familiares dos Hamilton eram bem animadas.

— É, mas não se preocupe, Juliette, você ainda vai ser convidada para o dia de Ação de Graças.

— Como se isso fosse uma honra — revirei os olhos e ele me olhou por um momento — Eu vou para NY quando... tudo isso acabar.

— Me desculpe — ele falou em um tom enfático, quase ofendido, tão devagar que quase parava —, acho que não entendi direito.

— Eu vou voltar a morar com pai, ele precisa de mim agora e depois que essa coisa com Malcolm acabar... Não terei mais nada aqui — falei lentamente, da maneira mais sutil possível.

— Eu achei que tivéssemos um ao outro — ele acelerou e voltou sua atenção para a estrada.

— Rafael, eu... adoraria continuar isso. Continuar dizendo a você que as coisas podem funcionar, continuar dizendo para mim porque você sabe como eu queria que isso funcionasse, mas... por mais que pareça certo, insistir com você parece que esmurrar uma faca.

— Porque você sempre se machuca — ele falou em um tom duro. Ele parou diante da mansão — Vamos falar sobre isso depois — ele afirmou, nem me dando margem para discutir. Antes que Rafael desse a volta para abrir a porta, eu mesma o fiz, saindo do carro e aceitando quando ele ofereceu o braço — Pronta?

— Quem consegue estar pronto pra isso?

E era mesmo a maior reunião de família que eu já tinha visto e todo mundo estava reunido, conversando animadamente na sala de estar.

Até Jane e Rose tinham chegado e estavam falando com Elena e Jeremy, que parecia uma superestrela ali, vestidas tão elegantes que me deixaram boquiaberta. Entretanto, assim que coloquei meus pés ali todos se viraram, inclusive Cedrico que segurava uma taça de champanhe, com os lábios entreabertos. Além deles, Freya, Eleri, Joseph, Cassandra, e até Renée, estavam ali, conversando; aparentando serem pessoas normais e felizes.

— Juliette — Eleri me cumprimentou, com sua voz suave e trejeitos sutis e femininos, lindamente trajada em seu vestido longo de cor creme; eu entendia perfeitamente o que Joseph via nela, por que ele tinha se apaixonado por ela em contraste com Elena. Era como se fosse o anjo e o diabo colocados lado a lado — É um prazer conhecê-la, eu ouvi falar muito sobre você, mal pude cumprimentá-la na outra noite.

— Eu fui meio rude — ela tinha um sorriso

encantador, muito parecido ao de Freya, e nós três fomos até o meio da sala onde vários garçons serviram-nos champanhe.

— Freya, como vai? — ela veio me abraçar com um largo sorriso e sentei em um dos sofás ao seu lado, sozinhas, enquanto os outros estavam do outro lado, conversando.

— Eles são muito estranho — ela murmurou.

— Os Hamilton podem ser muito complicados às vezes, acho que nem eu os entendo ainda — tomei um gole do champanhe e ela fez o mesmo. Meus olhos se ergueram e automaticamente procuraram por Rafael, que estava cochichando algo à Cedrico, que assentiu com seus olhos fixos nos meus.

— Então, qual é a coisa com Rafael? Ele é o seu namorado?

— Não exatamente — voltei-me para ela — É complicado — finalizei, sem saber como explicar aquilo.

— Quão complicado? Eu entendo complicação... como, eu descobri que eu era uma bruxa quando tinha sete anos e subi bem alto no telhado da nossa casa, em Gales, uma casa de três andares, e meu pai me salvou — era estranho ouvi-la chamar Jeremy de pai e eu queria esfregar a verdade na cara de

tudo mundo, mas me controlei.

— E eu descobri há um ano quando me apaixonei por Cedrico...

— Espera — ela agitou a mão com uma expressão confusa — Cedrico? Achei que você e Rafael...

— Bem, ele veio primeiro — sorri, tentando não falar tão seriamente para não assustá-la —, mas acho que Rafael e eu... estava escrito e, quando achei que finalmente poderíamos ficar juntos, eu morri, e voltei. Então nos odiávamos... e *novamente*, as coisas deram errado enquanto tentávamos fazer essa coisa dar certo, Malcolm apareceu e eu morri *de novo* e agora que estou de volta não faço a menor ideia do que vai acontecer — dei uma rápida olhada em Rafael enquanto Freya estava boquiaberta com aquela versão resumida dos fatos.

— Certo, acho que *é complicado* definiu bem sua relação com eles — ela virou o champanhe em um só gole — Então, você e Cedrico... acabou?

— Por que? Está interessada nele? — ela ficou em silêncio enquanto pegava outra taça com o garçom; fiz o mesmo.

— Ele é gato — caímos na risada observando

Rafael, Cedrico e Cassandra, que estava de costas para nós, com a taça na mão, fitando-nos sem entender do que estávamos rindo, mas com a certeza de que estávamos falando deles — Você fez o *test drive*, como ele é?

— Freya! — exclamei, ainda sorrindo, depois balancei a cabeça — Ele é... fantástico. Meus sentimentos por Rafael foi o que fez as coisas não darem certo, mas ele era o namorado perfeito — suspirei.

— E você fala com a propriedade de quem ainda sente alguma coisa por ele.

— Eu sinto, mas é diferente. Cedrico é meu amigo, e eu amo, e sempre vou me importar com ele, mas Rafael... eu sinto como se ele fosse o amor da minha vida e não pudesse viver sem ele desde o momento em que nos conhecemos, e desde então nos ligamos tanto...

— Eu vejo — brindamos e terminamos nosso champanhe.

— Eu preciso da sua ajuda — Cassandra se sentou ao meu lado e franzi o cenho já na minha quarta taça de champanhe — Olá, Freya. Juliette, quero saber o que aconteceu com minha mãe. Depois.

Agora preciso da sua ajuda para sabotar a festinha de família.

— Por que você faria isso?

— Porque é o que ela quer, e como ela tem tantos segredos conosco, não vou fazer o que ela quer — assenti — Vem, meus irmãos vão ajudá-la.

Ela me puxou pelo braço até a biblioteca onde Rafael e Cedrico estavam no telefone; Cassie fechou a porta e vi-me parada no meio do cômodo enorme sem saber exatamente o que ela queria de mim.

— Faça umas ligações — ela me entregou o celular dela — pra qualquer pessoa que você conheça. Pode ser seus amigos lobos.

— Eu não tenho amigos lobos — falei meio deslocada e Cedrico jogou uma caderninho, que depois que ser uma agenda — O que exatamente vocês estão planejando?

— Uma festa — folhee a agenda.

— Achei que vocês dessem festas enquanto os pais viajam, não quando a família toda está reunida — ignorei a agenda e digitei os números de Jackson, que atendeu pouco depois — Oi, está ocupado hoje a noite?

— Não, mas posso me ocupar dependendo do seu

convite — sua sensualidade foi convincente; passei a língua pelos lábios e vi Rafael e Cedrico observarem-me, ainda mais Rafael que tinha o olhar ameaçador.

— Então... eu sei que você tem um relacionamento estreito, tênue, com os Hamilton, mas tem essa festa e... esta noite não há nenhum trato de lobos VS bruxos e nenhuma ameaça.

— Julies, não sei, não. Eu sei que fiz algumas merdas, mas não acho que isso vá funcionar bem. Eu iria por você, mas não quero arranjar confusão com bruxos, ainda por cima na casa da regente dos nove *covens*... é meio que demais.

— Eu prometo que não teremos problemas — ele pensou por um segundo.

— Tudo bem, que horas são?

— Agora, traga seus amigos — e desliguei — Bem, eu não tenho uma habilidade social muito grande e não tenho nenhum amigo nessa cidade — devolvi o celular de Cassandra.

Rafael e Cedrico arrastaram os móveis com minha ajuda, que fazia parecer mais fácil com a força sobre-humana, e a de Renée. De repente, sentia-me vestida inapropriadamente para aquilo com aquele

Valentino milionário. Joseph e Elena estavam na cozinha, de modo que quando ela voltou ficou de queixo caído. A sala era um enorme espaço que Cassie estava iluminando de maneira a parecer uma boate, ou algo do tipo: — O que está acontecendo aqui? — ninguém teve tempo de responder por que tocaram a campainha com barris de cerveja. Elena estava boquiaberta, sem entender o que estava acontecendo na sua própria casa — Rafael — os entregadores deixaram os vários barris na porta da casa e Rafael assinou, pagando por tudo —, o que você pensa que está fazendo estragando o jantar...

— Pegue leve — ele se virou e deu as costas para ela.

— Vocês estão malucos, não estão? — ela falou olhando para cada um dos seus filhos, que estavam parados com cara de anjinhos.

— O que está havendo? — Freya indagou parada ao meu lado.

— Crianças rebeldes — ergui os ombros e servi-me um pouco mais de champanhe.

Escutei o barulho de carros e gritaria do lado de fora e logo a confusão estava formada.

Vinte minutos depois e Elena estava gritando inutilmente com todo mundo, revoltada com todo mundo e querendo esganar seus filhos. E até Jackson apareceu, cumprimentando-me, junto a seus amigos. Estávamos quase todos do lado de fora onde Rafael tinha feito uma fogueira e a bebida não parada de fluir.

— Obrigada por nos convidar. Achei que fosse alguma provocação — ergui as palmas para cima em sinal de rendição e um sorriso, com um copo vermelho com cerveja.

— Estamos todos em paz — Nate me olhou, depois Jack e o outro que esqueci o nome saíram, deixando-nos a sós na parede lateral da casa a alguns metros da porta, na penumbra.

— Achei que vampiros não ficavam bêbados.

— Acha que eu estou *bêbada*? Absolutamente não — falei em um tom meio cantado e desencostei-me da parede para ficar de frente para ele — Eu só bebi muito champanhe, e um bocado de cerveja bem antes de todo mundo ficar louco.

— À sua resistência em ficar bêbada, então — ele ergueu o copo e fizemos um brinde simbólico com um sorriso.

— Juliette — alguém me chamou e virei. Joseph

estava à porta com uma expressão que eu não ia gostar nada do que se seguiria. Engoli em seco e abaixei o copo — Você tem um segundo? — aquela era a frase que antecedia a tempestade e eu nem conseguia imaginar o que ele queria daquela vez enquanto o seguia pela casa até seu escritório.

— Está tudo bem? — eu ainda estava com o copo meio vazio de cerveja, talvez para ter algum lugar onde colocar as mãos. Ele franziu o cenho, muito calmo, mas eu podia ver que algo o inquietava por dentro.

— Por que tem lobos na minha casa?

— Não foi exatamente minha ideia... — comecei a tentar me explicar.

— Não estou falando de tratados ou antigas revoltas dos bruxos contra lobos, só... tem uma coisa pessoal acontecendo — franzi o cenho sem entender mais nada, então sentei-me no sofá ao lado da porta, Joseph puxou a cadeira e se sentou a minha frente.

— O que você quer dizer?

— É só uma estranheza. Você sabe que Jackson é irmão da Eva, não sabe? — assenti vagamente — É, a coisa é... — ele pareceu desconfortável — não sei se deveria dizer isso, mas que tipo de relação

você mantém com ele?

— Nenhuma, só saímos uma vez ou outro — ergui os ombros tentando captar seu olhar vago — Acho que deveríamos conversar. Sobre Eleri e Freya... eu vi o jeito como você olha para Jeremy quando ela o chama de pai e... Joseph, eu acho que todos têm de saber a verdade, todos eles *merecem* a verdade. Você mesmo viu como Jeremy se porta, como se fosse algum mocinho.

— Não posso contar a verdade e permitir que Elena... e os outros saibam que Freya é minha filha, porque é o que Jeremy vai fazer.

— Então vai deixar como está? Deixá-lo se safar?

— Sei que ele não voltou para nos ajudar, sei que ele tem seu propósito com isso, e, por enquanto, vou apenas esperar para ver que raio de versão da história ele vai escolher para enganar a família...

— Joseph, você não percebe como isso é errado? — cheguei mais para frente no sofá e ele sustentou meu olhar; eu podia ver em seus olhos a luta interna que ele travava naquele momento entre escolher o certo e o melhor para ele — Ele tirou o amor da sua vida de você, tirou sua filha e agora volta como se nada tivesse acontecido para roubar Cedrico também, depois o resto. E Deus sabe o que

ele está planejando com isso...

— Você está certa por um lado, mas por outro... ele não roubou Eleri de mim, eu fiz minha escolha muito tempo atrás. Talvez tenha sido a escolha errada, mas foi minha — ele parecia esmagado por dentro, com uma dor evidente em seu rosto — E sobre Freya, eu preferia que ela nunca soubesse quem é o pai. Ela sofreria menos desse jeito, e tudo o que quero é preservá-la. Pode parecer duro o que vou dizer, mas tudo o que eu queria era que ela e Eleri fossem embora o mais rápido possível. Quanto mais tempo ela passa sob o mesmo teto que essa gente venenosa, como Elena, mais ela se deixa afetar.

Fechei os olhos por um longo momento, refletindo sobre o que ele dizia; era mesmo duro demais: — Você sabe que não vou me meter, eu tenho guardado seus segredos por todo esse tempo e o levarei até o caixão, mas... depois que Jeremy apareceu, tenho sido mais complicado. Eu nem consegui falar com Cedrico porque tenho medo de olhar nos olhos dele e me sentir ainda pior por saber que estou mentindo para ele quando poderia acabar com tudo isso...

— E eu agradeço por manter tudo isso mesmo

quando tem sido tão difícil para você. Depois que você chegou, quando voltou do mundo dos mortos, e nós conversamos, eu senti um peso enorme, o peso do segredo, sendo tirado dos ombros e não só os meus. Mas só em parte porque eu queria que todos soubessem a verdade se essa história toda não fosse causar tanto estrago e machucar tanta gente.

— Freya vai voltar para NY, Eleri para Gales e, se você não fizer nada, Jeremy também e tudo isso vai estar enterrado de novo, talvez para sempre. Mas não estou falando só de poderes ou magia, ou de Elena, estou falando de você. Da sua felicidade, ou de que forma você se verá nos próximos anos quando tudo isso tiver acabado... é aqui, ao lado de uma assassina, ou, onde quer que seja, buscando por algum resquício de felicidade? A felicidade que você mereceu — falei enfaticamente a última parte e ele ficou em silêncio por um longo momento.

— Eu preciso pensar — eu já estava de pé quando meu olhar encontrou o dele.

— Então, sobre o lobo... o que queria me dizer?

— Não tem importância — ele ergueu os ombros sutilmente.

— Eu estou curiosa — sorri tentando quebrar aquele clima estranho que se estabeleceu na sala.

Joseph se levantou e passou braços pelos meus ombros, guiando-me lentamente até a porta.

— É segredo... — ele começou com um sorriso insinuativo.

— Eu sei — sorri, mordendo o lábio, ansiosa pelo que ele fosse revelar.

— Eu estou dormindo com a mãe do Jackson — meu queixo caiu e movi os lábios para dizer alguma coisa, mas não consegui. Fiz isso umas duas vezes, mas tornei a fechar a boca, sem saber como reagir. Claro, completamente normal, o casamento dele com Elena devia ser uma droga, não sei como não tinha pensado naquilo antes.

— Você... você não pode dormir com a mãe das pessoas — na porta, ele abriu-a e o som de música voltou com força, mais alta, assim como o som das vozes.

— Segredo, Juliette — e me deu um empurrãozinho para que eu saísse e bateu a porta.

Fiquei alguns segundos parada diante da porta que Joseph tinha batido na minha cara até que Rafael apareceu, surgido Deus sabe de onde.

— Tudo bem? — fitei o copo em minha mão e ergui o olhar até o dele, assentindo.

— Ótimo — ele tinha tirado o paletó e a gravata borboleta, ficando só com a camisa; alguns dos botões estavam abertos exibindo seu peito levemente bronzeado, mas sua pele era exclusivamente de um tom pálido e lindo.

— Você quer um pouco mais? — ele gesticulou na direção do meu corpo.

— Claro — fomos pelo corredor para o lado de fora — Então... você disse que íamos conversar mais tarde — comecei quando chegamos ao barril de cerveja do lado de fora e Rafael começou encher dois copos.

— Não aqui, não hoje. Você está bêbada — e entregou-me um dos copos com um meio sorriso.

— Eu sou vampira, eu não fico bêbada — bebi metade da cerveja em apenas um gole, menos que Rafael, que bebeu tudo num gole só.

— Vem, vamos fingir que somos adolescentes normais — ele agarrou meu pulso e larguei o copo lá enquanto Rafael me arrastava até onde todo mundo estava dançando. Tudo estava iluminado por luzes multicoloridas, dando ao espaço, quase no meio da floresta, uma sensação de boate. Com todo aquele álcool no meu corpo assim que penetramos a multidão deixei-me soltar, dançando com Rafael,

perto demais dele, ao ritmo da música, com todas as partes do meu corpo no seu.

— Ei — Renée, Cassie e Alex apareceram ao nosso lado. Alex parecia ter sido atacado por uma leoa, seu cabelo que estava maior estava todo bagunçado, sua camisa social aberta e seu peito arranhado. Cassie e Renée, que tinha tirado o vestido e usavam jeans e regata, estavam descabeladas e ofegantes — Vocês querem um desses? — Cass perguntou dando alguma coisa minúscula a Rafael e desaparecendo outra vez na multidão.

— Você quer? — ele estendeu uma pílula de êxtase e assenti. Rafael colocou na boca, entre os dentes — Vem pegar.

E eu fui até ele sofregamente e pegando a metade do êxtase entre seus dentes, beijando-o em seguida, sentindo gosto de cerveja e algo selvagem em sua língua. Algo como desejo, puro e intenso. Agarrei seu cabelo, assim como ele ao meu e jogou minha cabeça para trás com a outra mão em meu queixo, descendo pela minha garganta de maneira tão libidinosa que meu instinto vampiro assumiu o controle dos meus atos, do beijo selvagem, sem afetuosidade alguma. A mão direita de Rafael

continuou serpenteando pelo meu corpo, pelo minha cintura até minha bunda.

Fiquei na ponta dos pés, mesmo de salto, sentindo-me extasiada — fazendo jus ao que eu tinha acabado de tomar — e arrebatada. Nós nos afastamos um milímetro, respirando na boca um do outro: — Vamos para o seu quarto — passei a língua pelos lábios. Ele parecia hesitante antes de sorrir e concordar.

Cheira como um espírito adolescente^[3]

Acordei meio grogue e olhei as horas para perceber que passava das duas da manhã. Levantei nua, com o lençol envolvendo meu corpo e Rafael enganchou o braço em minha cintura, puxando-me de volta para a cama do seu lado e começou a me beijar.

— Eu tenho que ir — falei sorriso com as cócegas que seus lábios provocavam em contato com minhas costelas.

— Não, não vou te deixar dirigir assim. Fica aqui — e puxou-me até seu peito, aninhando meu corpo perfeitamente contra o seu — Nós bebemos demais — ele continuou sonolento — e aquele êxtase me

derrubou depois que o efeito passou — gemi alguma coisa em concordância; ele se moveu novamente e beijou minha bochecha enquanto procurava pela minha boca.

— Estou cansada; não sabia que vampiros ficavam cansados — ele continuou me beijando e mordeu meu lábio inferior.

— Esse é o efeito que eu tenho sobre você? — ele sorriu sob meus lábios e fez o mesmo.

— Você tem o melhor efeito possível sobre mim — virei-me totalmente, deitada de lado com a mão pousada em seu peito, ansiosa por querer pousar meus olhos sobre os seus, mas aproveitando aquela proximidade mesmo que no escuro.

— Só porque eu amo você — ele falou de maneira espontânea e sutil, com sua mão sobre a minha, deslizando seus dedos suavemente sobre a parte de cima da minha mão — Não diga nada — ele quase leu meus pensamentos e passei a língua pelos lábios, erguendo-me e apoiando-me em meu cotovelo esquerdo com meus dedos traçando círculos involuntários em seu peito.

— Eu não quero discutir sobre isso, mas também não podemos *não* falar sobre nada, sobre futuro... ou todas essas coisas.

— Eu também, e também não quero brigar, nem me sinto nessa posição... mas não quero que você vá embora e quero que isso fique claro; que não estou disposto a deixá-la ir — seus ombros e peito, que estavam tensos, relaxaram gradativamente depois que ele disse aquilo.

— Também não quero ir a lugar algum, porém... não quero estar aqui depois de tudo o que aconteceu, nem você deveria...

— Eu tenho traçado planos e gostaria de ouvi-la. Gostaria que nossos planos se encontrassem em algum ponto.

— Você me mandou ir embora ontem, o que mudou para você? — afastei meu toque e mudei meu peso para os dois braços, tentando entender o que aquele momento significava, se estaríamos juntos futuramente ou se tratávamos apenas de planos sem fundamento.

— Eu precisava de espaço, sua presença aqui dificulta tudo — ele estendeu o braço e colocou uma mecha do meu cabelo atrás da orelha, mesmo no escuro, e afagou minha bochecha, fazendo-me inclinar o rosto até seu toque — Além disso, eu estava puto com você, depois que você foi embora eu falei com meu pai — ele puxou-me com

facilidade para encostar minha cabeça em seu ombro com o braço em torno dos meus ombros.

— O que ele te disse?

— Que você o aconselhou sobre algumas... coisas do passado — ele fez uma pausa bem articulada — Na verdade, eu fiquei com um pouco de inveja e ciúme, porque ele nunca me conta nada. Durante toda a minha vida, sempre senti como se não o conhecesse, e isso era ainda mais duro quando eu era criança; eles nunca estavam ou nunca tinham tempo para mim, e quando meu pai disse que você sabia tudo sobre ele... eu sei que isso não tem nada a ver com você, nem quero me meter...

— E eu sinto muito. As coisas entre nós só se desenrolaram — meus dedos foram em seus cabelos, afagando-os afetuosamente —, quando eu vi... acho que já sabia demais.

— Você tinha amor enquanto crescia? — estranhei a pergunta, mas respirei fundo e respondi.

— Muito; agora eu sei de tudo sobre meu avô... Mas ele sempre foi a melhor pessoa que eu conheci — falar nele, de alguma maneira, mesmo depois de tudo o que ele tinha me feito, bom e mal, me deixava emotiva — Ele sempre cuidou de mim, me

deu tudo o que eu precisava.

— Posso perguntar outra coisa? — ele se virou milimetricamente e pegou minha mão, beijando meus dedos, confirmei e ele demorou um segundo: — O que aconteceu com seu ex-namorado?

Estalei a língua, pensativa por um segundo, engoli em seco e mordi o lábio.

— Quando eu tinha... treze anos, eu fiquei doente. Eu tive leucemia e... o conheci no hospital quando passei um tempo internada — fiz uma pausa com a respiração funda e entrecortada — Não é uma história muito longa, só que nos conhecemos e ele morreu. Um ano depois disso, meu avô morreu e... eu não conseguia mais ficar em Nova York, então, acho que por acaso, eu encontrei algumas coisas antigas de Friedrich sobre esse lugar — ergui os ombros — Pareceu certo vim para cá, recomeçar tudo; fez com que Alex e eu nos aproximássemos novamente depois de muito tempo. E então *você*, e com você toda essa loucura, sua família e a minha. Acho que nem sei mais o que é ter uma vida normal.

— Eu nunca soube — sorrimos juntos e beijamo-nos calmamente sem nos desgrudarmos, aproximando-nos ainda mais; fechei os olhos,

sentindo um misto de êxtase e paixão, uma leve confusão e, o que tentei jogar o mais fundo em meus pensamentos, a sede pelo seu sangue que estava sempre presente, somente em níveis diferentes de intensidade. O sexo, com ele, sempre ajudava a controlar aquela coisa, acalmando os instintos e sossegando meu lado selvagem; segurei seu rosto entre as mãos, mordendo seu lábio, sentindo sua respiração profunda e irregular.

— Rafael — afastei-me, quente e excitada —, isso não está ajudando... — afastei-me, finalmente contente pelas luzes estarem apagadas, pois eu podia sentir meu rosto transfigurado e as presas alongarem-se. Afastei-me abruptamente e Rafael veio até mim, tocando meu rosto com cuidado; fechei os olhos com força e afastei seu toque.

— Por que está escondendo? — ele murmurou, deslizando os dedos abaixo dos meus olhos até seu polegar esfregar meu lábio inferior, suave, incapacitando que eu me afastasse — É geralmente nesse ponto que a conversa acaba e eu fico sem as respostas pelas quais anseio — ele falou devagar e respirei fundo, encolhendo as presas e voltando ao normal devagar, a cada inspiração em que o cheiro selvagem, e do sexo, de sua pele penetrava meus

sentidos — Ótimo, venha aqui — ele falou levemente autoritário com as mãos já longe de mim.

E fui, deitando devagar, cheia de receios, até estar ao seu lado.

— Então... estamos bem?

— Estamos ótimos — ele murmurou com os lábios em meus cabelos e o braço em torno dos meus ombros, então se moveu e mudou de posição, recolhendo seu braço — Nós dois precisamos dormir — Rafael deitou de lado, mas mais distante — Hoje foi melhor que ontem...

— E amanhã será melhor que hoje, mas... Eu estava morta ontem — meu tom se tornou sonolento e fechei os olhos. Ele expressiu um *hmm*, tristemente.

— Por que somos tão complicados?

— Eu não sei.

— O que vamos fazer? — vesti um jeans que, segundo Rafael, eu tinha *esquecido* no quarto dele algum dia daqueles, depois uma blusa roxa de mangas compridas, ajeitando-as e calçando os saltos. Rafael já estava vestido, apenas abotoava sua camisa preta.

— Falar com uma amiga — ele ajeitou os punhos da camisa e ergueu o olhar até o meu — Não se preocupe — ele viu o olhar em meu rosto, meu cenho franzido, e preocupou-se em esclarecer a situação —, não é *esse tipo* de amiga. Você vem comigo? — peguei a jaqueta de couro, que aparentemente também tinha esquecido ali, e vesti-a para acompanhá-lo.

— Claro — puxei o cabelo de dentro da jaqueta e joguei para frente enquanto descíamos as escadas. Imaginei que Elena deveria estar puta da vida com os filhos, comigo também, mas nem a vi, nem quando fomos até a cozinha. Cassandra, Renée, Cedrico e Freya já estavam de pé, com cara de quem não tinham dormido nada, embora ainda fosse sete da manhã: — Bom dia — falei em tom alegre e todos me olharam como se tivéssemos saído de outro mundo.

— Qual o problema com vocês? — Rafael passou por mim e pegou o café que Cedrico tinha acabado de fazer.

— Bebidas, drogas, mulheres, feitiços mortais, avô assassino, pais malucos... tenho uma infinidade de problemas — Cedrico respondeu com ironia quando Rafael pegou o café para se servir,

depois me oferecer.

— Eu não deveria ter perguntado — ele deu as costas e Cedrico ergueu os ombros com o cabelo bagunçado e a mesma roupa que usava na noite anterior, mas mesmo assim um gato. Aproximei-me do balcão, enquanto todos tomavam café em silêncio com a maior cara de ressaca e apoiei os cotovelos nela para pegar a caneca que Rafael deslizou na minha direção e falar com Cedrico.

— Você está bem? — ele ergueu o olhar até o meu, virando-se totalmente para mim — Tipo... com essas coisas do seu pai?

— Oh — ele fez uma pausa, olhando em volta como se houvesse a resposta em algum lugar —, ele não é meu pai. Ele *era*, quando eu achava que ele estava morto, mas ele simplesmente me abandonou, então, não, Jeremy não é nada meu — ele falou de maneira quase agressiva antes de pegar sua caneca, me dar às costas e sair da cozinha de maneira dramática, deixando-me boquiaberta.

— Juliette, venha — Rafael me chamou e mantive meu olhar arregalado na porta por mais alguns segundos antes de ir até ele, que tinha o braço estendido, para sairmos dali.

— Tudo bem, acho que isso foi... esclarecedor

— falei ao abrir a porta do seu carro.

— Acho que ele não quer falar sobre isso, por que não damos um tempo a ele? — balancei a cabeça enquanto Rafael dava a ré, observando a bagunça do lado de fora.

— Para onde vamos mesmo? — tentei mudar de assunto enquanto ele dirigia pela estrada e meus olhos se mantinham fixos na paisagem a nossa volta.

— Para a cidade — ele ficou meio pensativo, olhando para a estrada e voltei o olhar para ele, querendo saber no que ele estava pensando — Sabe, na noite em que... minha mãe te matou — ele falou aquilo em um tom desconfortável, sem desviar o olhar da estrada a nossa frente e me concentrei nela também, apenas o escutando —, os ancestrais falaram comigo. De um jeito estranho, mas falaram. E teve uma bruxa... que me falou sobre uma profecia e que você deveria morrer por causa dela. Senão todos nós cairíamos. Por isso preciso saber do que aquela bruxa estava falando — ele balançou a cabeça, saindo um pouco de seus devaneios — Acho que essa amiga pode me ajudar — e me olhou por um segundo.

— Eu a conheço?

— Dificilmente — entramos na cidade e ele dirigiu lentamente até as ruas mais estreitas e de pedra e parou de repente. Inclinei o rosto, revirando os olhos, vendo onde estávamos e soube imediatamente de quem ele estava falando.

— Ah, entendi. Essa é a sua amiga — ele desligou o motor e tirou o cinto com o cenho franzido.

— O quê? Não acredito que a conhece? — olhei por sob seu ombro para a loja e respirei devagar, saindo do carro.

— É, digamos que sim.

O sino acima da porta tocou quando Rafael empurrou a porta e entrei atrás dele, meio receosa, pensando muito sobre a coisa de profecia que Rafael tinha falado no carro. Aquela mulher era *expert* em profecias, e pelo que parecia todas tinham se cumprido. Primeiro sobre a dor e sofrimento em minha vida, depois sobre morte e ancestrais. Entrei ali com um frio esquisito e a mulher, quase idosa, de pele escura e lisa como um pêssgo, que saiu de detrás do balcão, com seu turbante colorida contrastando com suas roupas pretas, e, surpreendentemente abraçou Rafael como se fosse o filho dela que voltava para casa depois

de muito tempo.

— Rafael — falou num meio meloso e maternal enquanto o abraçava com força, para depois soltá-lo e me olhar por sob seu ombro de um jeito estranho — E você... — suspirou e os dois se viraram. Rafael parecia esperar que eu explicasse como nos conhecíamos e ela que eu dissesse como ainda estava viva.

— Precisamos conversar — ele falou finalmente e ela desvencilhou-se para ir até a porta e virar a placa de aberto para fechado.

— Vamos lá para os fundos — me olhou em um tom sombrio e deliberado.

Passamos direto pelo balcão, depois por uma porta lateral e uma cortina de contas em tom escuro para chegar a um local que se assemelhava a uma pequena cozinha, com geladeira, fogão e uma mesinha modesta de madeira com quatro cadeiras. Dahlia, como eu descobri que a mulher se chamava, convidou-nos para que nos sentássemos, Rafael se sentou ao meu lado e ela nos ofereceu um chá gostoso que quase me permitiu relaxar, mas não como as coisas estavam loucas nos últimos tempos.

Ela se sentou a nossa frente e serviu-se de uma xícara também e fitou-me com uma expressão fria e sombria, quase me assustando. Mas era pouca coisa que conseguia me abalar nos últimos tempos. Quando nos encontramos pela primeira vez, senti medo como o inferno, na segundo o medo ainda me dominava um pouco, mas eu tinha me fortalecido mais e mais. E Rafael meio que fazia parte disso. Inconscientemente olhei para ele por um segundo, abaixei a xícara e fitei de frente para mim, sentindo o olhar de Rafael ao meu lado entre mim e ela. Mordi o lábio por um segundo.

— O que aconteceu com você, menina? — surpreendi-me com sua pergunta e pelo modo como ela me chamou.

— O que você quer dizer?

— Você morreu várias vezes — ela fechou os olhos por um segundo — Sou muito sensível com essas coisas, posso sentir essa magia ruim emanar de você, não é nem porque você é vampira. Tem muita morte a sua volta.

— Eu sei — demorei a murmurar e ela estendeu a mão direita, esperando que eu colocasse a minha sobre a dela com aquele papo de *ler* a minha mão. Minha respiração foi irregular e quando fiz menção

em erguer a mão, Rafael interrompeu com a voz grave e cheia de dúvidas.

— Como vocês se conheceram?

— Naquele... festival na cidade. Você estava lá — gaguejei. Por sinal, foi ele quem apareceu quando aquela mulher começou com aquele papo de profecia maluca e foi então que me lembrei porque eu deveria ficar surpresa quando ele me perguntou se eu a conhecia. Respirei devagar, confusa e virei a cabeça na direção dele, boquiaberta.

— Eu estava, mas não a vi lá, só você.

Um junco se formou entre suas sobrancelhas e ele me olhava como se eu estivesse maluca: — Você não se lembra? Eu...

— Não se preocupem com isso — Dahlia fez um movimento e nos voltamos para ela, os dois com o cenho franzido — Eu me ocultei de você com um feitiço — ela falou com Rafael — enquanto lia a mão da nossa querida — ela esticou o braço e coloquei minha mão sobre a sua. O cenho de Rafael estava franzido, meio desconfiado quando Dahlia segurou firmemente minha mão.

— O que você está vendo? — ela balançou a cabeça e soltou-a.

— Dê-me a sua — ela falou com Rafael e ele franziu o cenho, mas deu a ela, que segurou entre suas duas mãos. Dahlia ficou extremamente quieta, com os olhos fechados e uma expressão de sofrimento. Ela apertou a mão de Rafael com muita força e ele franziu o cenho, abalado. Ficou daquele jeito por meio minuto, apertando sua mão com cada vez mais força e soltou-o, pulando da cadeira de repente, tão abruptamente que a cadeira caiu. Fiquei mais alerta, sentada calmamente a fitar seus olhos arregalados.

— O que você viu? Dahlia — ele murmurou seu nome com uma ênfase quase cantarolada na última sílaba —, o que você viu?

— Vermelho — ela falou olhando para mim, apontando fracamente na minha direção — Você estava usando um vestido vermelho... que era da sua mãe — rapidamente concluí que ela estava falando da festa na noite anterior, só não entendi o que aquilo tinha a ver. Mas seus olhos se voltaram para Rafael e seu olhar se suavizou — Você acha que está feliz com Juliette — ela falava como se eu não estivesse ali, olhando apenas para ele, trêmula —, mas ela o fará manchar as mãos de sangue.

— Dahlia...

— Os ancestrais estão furiosos com ela por ter violado todas as leis naturais, além de ter se tornado uma vampira... você precisa morrer para as coisas se assentarem de novo — ela deu um passo para trás e Rafael se levantou, irritado, e fez o mesmo, fitando-o.

— Até você com essa conversa agora, porra? — ela piscou e deu um passo na direção da mesa; pareceu que tinha caído em si e sua expressão se suavizou — Vai dizer que envenenou o chá também...

— Desculpe — ela parecia chocada com suas próprias palavras.

— Vamos embora... — ele começou a se virar, mas ela voltou a falar.

— Os ancestrais começaram a falar — ela balançou a cabeça perturbada e fitei-a com o cenho franzido — Vocês precisam ir para começar sua luta — e voltou sua atenção para mim — Não tire isso, é poderoso — e gesticulou na minha direção, na direção do colar que eu estava usando e que estava por cima da minha blusa. Instintivamente levei meus dedos aquele colar, que parecia mesmo poderoso, e todos pareciam saber o significado, com exceção a mim. Mordi o lábio, transtornada

com aquela conversa perturbadora, respirando fundo.

— Vamos embora daqui — Rafael saiu e seguiu-o, sem querer ficar nem mais um segundo ali. Quando passou pela porta, ele parou na calçada e me esperou, nervoso — Você está bem?

— Acho que sim — falei com a voz mais abalada do que achei que estaria, o olhar baixo e a voz trêmula. Ele estava encostado à porta do seu carro e me puxou para si, surpreendendo-me quando colocou o braço direito em torno do meu pescoço e beijou minha testa carinhosamente, puxando meu corpo até seu peito. Uma necessidade estranha e desesperadora envolvia-a, seu corpo rígido e tenso contra o meu, seu braço envolvendo-me de maneira protetora, como se quisesse me proteger do mundo e de todos os perigos nele. Joguei meus braços em torno dele também, assustada, não só com as palavras proféticas e malignas de Dahlia, com tudo o que estava acontecendo.

— Não vou deixar nada te acontecer — ele murmurou em um tom sombrio e fiquei quieta por um tempo, com os olhos fechados e minha cabeça pousada em seu ombro e não tive coragem de me afastar, sentimental e emotiva demais.

— Acho que todos me querem morta mesmo — tentei agir com uma pontinha de humor, mas não tinha nada de engraçado em nada daquilo. Funguei e ele se afastou — Não há nada que se possa fazer. Nem você, nem eu, nem ninguém — ele se afastou e pisquei.

— Então vou fazer tudo que eu puder — e meu olhar encontrou o seu, mantendo-o por um profundo e intenso momento, desequilibrando-me — Você sabe que estou falando sério — e abriu a porta do carro. Saí do meu transe e dei a volta no carro para entrar nele. Demorei alguns segundos enquanto Rafael colocava o cinto e saía com o carro por aquela rua tortuosa.

— Rafael — murmurei seu nome, tensa e passei a língua pelos lábios com os olhos em meu colo —, eu não quero que comece com essa conversa, ou promessas — ele tinha o cenho franzido e me olhava, mas evitei seu olhar — Você é humano, lindamente humano, e eu não quero que se machuque. Muito menos que se machuque por minha causa — minha voz tremulou, só aquele pensamento era assombroso, assim como sua firmeza e convicção de que poderia me proteger de todo o mal que havia no mundo.

— Pare com essa conversa — ele foi mais firme e segurou o volante com força — Pense, só precisamos acabar com Malcolm e temos todo o tempo e felicidade do mundo para desfrutarmos...

— Eu sei — murmurei, olhando para ele de perfil, seu rosto sério concentrado na estrada — Mas quero que entenda que essa coisa toda com ancestrais... você é um cabeça-dura — acabei sorrindo —, que eu amo. E não posso permitir que se machuque por minha causa.

— E você sabe que não posso simplesmente ficar parado — ele me olhou somente por um segundo —, que preciso fazer alguma coisa — Rafael ergueu os ombros — É quase que um instinto que eu tenho em que preciso salvá-la dos perigos iminentes, mesmo que eu não seja capaz. Também não posso cruzar meus braços e deixar acontecer. Quero que tente me entender um pouco — e me olhou de maneira intensa, mexendo comigo — Ainda é muito cedo, podemos ir a um lugar?

— É que... deveríamos ir para sua casa. Armar um plano para contra-atacar...

— Não — ele sorriu, alegre, afundando um pouco mais nos bancos —, podemos ver isso mais tarde. Queria te levar num lugar para podermos

conversar — me olhou de novo e esperou que eu mudasse de ideia — Diz que sim. Quando voltarmos todos os nossos problemas ainda estarão lá, nos esperando como se nem tivéssemos respirado — sorri e mordi o lábio, pensando por um segundo.

Ele estava meio que certo, enquanto Malcolm não fizesse nenhum novo movimento não tinha muito que pudéssemos fazer, além de sentar, esperar e estudar o feitiço. Tentei relaxar enquanto Rafael dirigia.

— Tudo bem — afundei um pouquinho mais no banco — Cinco minutos — mantive meu olhar na estrada e ele deu a volta.

Meus dedos foram no colar que eu tinha no pescoço e fitei aquele H por um momento, que deveria ser de *Hohenfels*, mas não era uma certeza muito concentra.

— De onde tirou isso?

— Friedrich me deu no mundo prisão — ergui o olhar até o seu, curioso — Disse que ia me ajudar na odisseia que vou ter de percorrer nos próximos dias. Parecia muito sério e tenho minhas dúvidas sobre o que isso deve ser.

— Como assim? — apertei os lábios, refletindo

calmamente.

— Imagino que deve ser alguma relíquia de família e parecia importante; meu pai ficou surpreso por ver que estava comigo. Acho que era dele antes — soltei o colar —, mas de todas as coisas agora, esse cordão bobo deve ser a coisa menos importante em nossas vidas agora — Rafael ficou em silêncio um momento, muito pensativo.

— Sabe, você se preocupa muito. E com todas essas coisas que vem acontecendo desde que você entrou em nossas vidas, acho que damos pouca importância às coisas pequenas e normais. Não deveria ser assim, mas infelizmente é. As pequenas coisas passam como se nossas vidas não tivessem a menor importância no meio dessas loucuras todas.

— É, imagino como deve se sentir. Porque temos que ser responsáveis demais — acabei entendendo o que ele queria dizer, como se sentia e como deveria lidar com todas aquelas coisas, como deveria se sentir, e eu também me sentia um pouco daquele jeito, como se estivesse perdendo a parte mais importante da vida — Mas isso vai acabar logo — murmurei um minuto depois e ele me olhou rapidamente. Toquei seu braço e apoiei a cabeça em seu ombro, pensativa.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

NACIONAIS - ACHERON

Dores crescentes^[4]

Não sei como peguei no sono sendo que a viagem era tão curta, mas adormeci e acordei com o carro parando e levantei a cabeça, sonolenta, para ver onde estávamos. Rafael tirou o cinto e me lançou um olhar terno, sorrindo em seguida.

— Tudo bem?

— Sim, eu... — sentei-me mais ereta — acho que estava cansada. O que estamos fazendo aqui? — ele saiu do carro e segui-o.

— Espairecendo um pouco — e deu a volta no carro um segundo depois que abri a porta para me estender a mão — Pense num passeio agradável — e passei o braço pelo seu enquanto caminhávamos até a porta daquela casa charmosa onde a avó dele morava.

— Na casa da sua avó? Não é exatamente fuga da realidade — ele bateu na porta.

— Não vamos falar em Malcolm, tampouco em feitiços — Rafael puxou meu braço para ainda mais perto e depositou um beijo em meus cabelos, todo carinhoso, pouco antes de Jane abrir a porta.

— Entrem — convidou-nos com um sorriso e me deu um beijo, depois a Rafael, sem nos desgrudarmos — Fiquei surpresa quando me ligou dizendo que estavam vindo para cá.

— Julies estava precisando respirar um pouco — ele apertou ainda mais o braço em torno da minha cintura — E eu também.

— Vou adorar ter vocês dois como companhia — e sorriu, mandando-nos segui-la pela sala até a cozinha — Estão com fome?

— Estou faminta — sorri, realmente faminta depois daquele ritmo todo em que quase não parávamos desde a noite anterior. Ela me ofereceu os biscoitos que eu adorava com gotas deliciosas de chocolate e comecei a comer, morta de fome, e Rafael comeu um enquanto eu devorava um bocado e escutava Jane perguntar a ele sobre como estava tudo. Falaram brevemente sobre Jeremy e ela ter de ir visitá-lo, o que parecia que ia fazer contra sua

vontade.

— Vamos dar uma volta, vó — ele já estava de pé e deu um beijo em sua bochecha antes de sair me puxando — Vem, vamos ter mais tempo depois.

— Para onde estamos indo? — peguei mais um biscoito antes de deixá-lo me puxar pela cozinha, acenando para Jane que sorria toda simpática, até a porta da saída.

— Para aquele lago lindo — e me beijou na porta do lado de fora, sob o céu que parecia se fechar lentamente para um temporal que parecia estar por vir. E continuou beijando, colocou uma mecha do meu cabelo atrás da orelha, agarrando-me pela cintura até ele. Sentia-me estranhamente rendida, frágil com ele, mais do que vulnerável, embora nunca tenha sido tão forte. Com ele eu tinha medo, receios, assustava-me. Medo de perdê-lo ou que nossos planos pudessem dar errado. Morria de medo sob aquele aspecto e enfiei meus dedos em seus cabelos, as duas mãos, afastando-me para abraçá-lo com força — Estou tão feliz...

— E eu estou com tanto medo. Acho que nunca tive tanto medo na minha vida, nem quando eu era humana — minha voz saía num fio, fraca e débil — Porque não sei o que vai acontecer... e estou com

tanto medo.

— Não precisa ficar. Vai dar tudo certo.

Fomos até o lago e me acalmei um pouco mais, ou tentei. Afastei-me de Rafael perto da borda, fitando profundamente a água lá embaixo e comecei a tirar a jaqueta. Ele me olhou com o cenho franzido, como se não soubesse o que eu estava fazendo, tirei as botas e comecei desabotoar o jeans, tirando-o, assim como a minha blusa. Fiquei de *lingerie* e fitei o colar em meu pescoço.

— O que você está fazendo? — ele me olhou como se não soubesse o que eu fazia e caminhei até a borda.

— Você vem comigo?

Mordi o lábio com o olhar fixo nele, seus olhos com uma sombra de dúvida, então sorriu, balançou a cabeça como se dissesse *Essa menina é impossível* e tirou a jaqueta, depois puxou a camisa pela cabeça. Não o esperei terminar de se despir, saltei na água cristalina e fiquei submersa por meio minuto e voltei à superfície. A água batia na altura do meu pescoço e Rafael pulou ao meu lado, nadando a braçadas largas, cortando o espaço até mim em pouquíssimo tempo. Eu movia meus

braços na água gelada e cristalina enquanto ele se aproximava e me agarrou pela cintura, dentro d'água e me puxou para baixo. Ri e mergulhei com os braços em torno do seu pescoço, beijando-o embaixo d'água, sentindo seus lábios nos meus, geladinhos e gostosos.

E fomos juntos até a superfície, sorrindo bobamente, com os braços em torno dele, mas sem conseguir para de olhar naqueles olhos, como aquele verde me hipnotizava, parecia quase magnético e beijei-o novamente, mais e mais, sem conseguir desgrudar dele. O sol estava muito fraco sobre nós, as nuvens cinzentas cobrindo tudo, mas tinha aquela pontinha dourada, quase que representando nossa última pontinha de esperança com relação ao universo.

— Deveríamos sair daqui?

— Não, quero nadar um pouco — e ele se afastou com um sorriso lascivo, mergulhou de novo. Mergulhei atrás dele, quase que apostando corrida, perdendo totalmente meu medo por água, já tinha perdido muito tempo antes, desde que tinha me tornado vampira, nadando até a outra ponta e virei, voltando e nadando até a outra ponta, chegando lá, pouco depois de Rafael, que passava a mão pelo

cabelo, tomando uma inspiração profunda — Nem vampira você consegue ganhar de mim...

Sorri de volta e balancei a cabeça.

— Eu estou faminta. De sangue — e pulei alguns metros até as pedras acima de nós, era a melhor parte de ser vampira, poder fazer aquelas coisas incríveis.

Mas eu também estava faminta e estar perto dele piorava aquilo. Rafael saiu da água, jogando o cabelo para o lado e catou seu jeans no chão, porém não o vestiu, pegou sua camisa e foi andando até o carro. Peguei minha roupa e fui atrás dele até o carro. Rafael parou na porta e me puxou pela cintura, nossas peles molhadas uma contra a outra, nossas bocas entreabertas e seus olhos verdes e perfeitos fitando-me com intensidade: — Você está melhor agora?

— Sim, ainda paranoica — ele riu comigo —, mas estou bem. Acho que deveríamos ir embora — desviei o olhar do seu e me afastei — Preciso fazer umas coisas.

— Ta bem — ele me olhou, percebendo que eu estava muito tensa e enfiei minha calça por cima da *lingerie* e da pele molhados e coloquei a blusa, deixando a jaqueta pendurada no braço direito.

Rafael entrou no carro e fez o mesmo, sentando ao seu lado e não conversamos muito mais.

Tinha que ir para casa porque estava faminta, mas Rafael me atraiu para sua casa e me deu duas bolsas de sangue, que estavam em um freezer no porão. Enquanto eu bebia, lutando para manter meu rosto sem alterações vampirescas, mantive seu olhar.

— Por que você guarda sangue?

— Porque quero você perto de mim, porque vamos passar um tempo juntos aqui e a quero ainda mais perto — sem medo de mim, Rafael chegou mais perto e envolveu-me com os dois braços depositando um beijo em meus cabelos. Continuei bebendo o sangue como se fosse suco de caixinha e de repente ergui o rosto para beijá-lo apaixonadamente — Você está com gosto de sangue — ele riu e saqueou meu lábio inferior entre os dele por um instante, sorrindo contra meus lábios.

— Acho que temos que ir agora, está todo mundo nos esperando...

— Eu prefiro ficar aqui, nesse porão úmido e com cheiro de mofo — afastou-se com os dedos em meu queixo — Mas temos que ir lá e salvar o dia.

Ficamos algum tempo abraçados, meu rosto pressionado contra seu peito, inalei seu perfume gostoso com meu olfato vampiresco, aproveitando aquele momento de proximidade no meio daquela confusão toda: — Eu te amo — murmurei de repente, meu tom extremamente frágil e vulnerável — e estou com tanto medo... meus sentimentos se intensificaram depois que me tornei uma vampira. Eu te amo mais e estou mais feliz, mas quando estou triste... parece que esses sentimentos vão esmagar meu peito e é assustador.

— Nós vamos ficar bem, eu prometo. Você vai sobreviver — ergui o rosto e balancei a cabeça — Vamos?

Na sala de estar, Elena, Jeremy, Cedrico, Freya, Eleri, Joseph, Cassandra, Renée, Rose e Jane estavam reunidos, discutindo todos de modo fervoroso; meus sentidos estavam todos despertos e aquelas vozes penetraram minha cabeça, de uma hora para outra não conseguia controlar minhas habilidades vampirescas, tudo ficou muito ampla, as vozes amplificadas explodiram na minha cabeça e gritei com as mãos na cabeça, meu rosto contorcido pela dor. A discussão cessou em parte, mas um zumbido muito alto penetrou minha cabeça

e todos se voltaram para mim.

— Juliette... — escutei a voz distante de Rafael, meus olhos focaram somente em Jeremy, de pé na minha direção ao lado de Elena e Renée. As coisas pareciam avançar em câmera lenta e caí de joelhos no chão com as mãos na cabeça como se aquilo fosse parar aquele som, aquelas vozes ensurdecedoras.

E de repente tudo parou e arfei, curvei-me um pouco mais tentando recobrar minha consciência e o ar em meu peito que parecia ter desaparecido: — Você está bem? O que foi isso? — foi Cedrico quem me ajudou a levantar e guiou-me até o braço do sofá.

— Eu... — meu olhar encontrou o seu, ele estava inclinado para me olhar nos olhos, seu braço esquerdo suavemente repousado em meu antebraço — Eu não sei... eu... escutei um som e... — gaguejei tudo muito confusa sobre como explicar um som que, aparentemente só eu tinha escutado, tinha vindo e ido de repente.

— Que som? — ele franziu o cenho suavemente e fechei meus olhos por um segundo erguendo as costas das mãos e senti como se estivesse louca, encarando o chão enquanto todo mundo me olhava.

— Eu não sei... era tão alto que parecia que minha cabeça ia explodir — pisquei ficando mais confusa a cada segundo, esforçando-me para parecer sã.

— Você deveria descansar, muita coisa aconteceu com você nos últimos dias — balancei a cabeça sem nem ao menos pensar no que ele estava dizendo, mas como já era noite, concordei e Rafael se aproximou ajudando-me a ficar de pé.

— Melhor? — Rafael tinha me pego no colo com medo de que eu fosse surtar e tive medo de que aquilo pudesse mesmo acontecer, então pousou meu corpo delicadamente na cama.

— Não, eu... Rafael, eu acho que... da última vez que eu morri e voltei, minha magia ficou descontrolada... e agora está pior... — pisquei com força e ele ergueu o cobertor um pouco mais — Essa coisa de ressuscitar é mexer com a balança das coisas, não é natural...

— Não se preocupe com isso agora, por que não praticamos amanhã? Isso pode ajudá-la a controlar sua magia... — balancei a cabeça sem conseguir raciocinar nada a dizer, eu só tinha aquela sensação de que não podia ficar morrendo o tempo inteiro sem que houvesse consequências.

— Fica comigo? — murmurei e ele tirou meus sapatos, depois suas botas antes de eu chegar para o outro lado da cama; repousei a cabeça em seu peito com uma sensação estranha, aquela magia em meu peito e meus olhos encheram e lágrimas. Lambi os lábios e tentei relaxar, os olhos fechados e desfrutei da sensação de Rafael ao meu lado, finalmente adormecendo.

Agarrei a camisa de Rafael tremendo da cabeça aos pés e balancei-o no meio da noite, o quarto completamente escuro, e ele abriu os olhos, confuso. Estava quase em cima dele e quando se viu desperto, Rafael tentou se sentar, mas fiz pressão sobre seu peito para que ele permanecesse deitado, mas foi de modo inconsciente, não tinha certeza se tinha sabido o que estava fazendo, meus olhos estavam arregalados e meu corpo cheio de adrenalina.

— Juliette... — ele segurou meus pulsos, mas não os moveu, nem sequer tentou; seus olhos brilhavam mesmo no escuro e arquejei de repente, notando que minhas mãos estavam em seu pescoço e eu estava estrangulando. Relaxei os braços de repente e desviei o olhar do seu afastando minhas

mãos.

— Ah, meu Deus... — girei rapidamente e sentei-me na beira da cama, minha cabeça pesada, meu corpo mole; estava muito tonta e sentia como se nem conseguisse ficar de pé — Me desculpe, eu... não sei o que estava fazendo... — ele não se moveu por um momento apenas respirou pesadamente antes de se sentar atrás de mim e apoiar as mãos em meus ombros, o que fez com que eu me arrepiasse.

— Tudo bem...

— Não, não está tudo bem — virei a cabeça apenas o suficiente para olhá-lo nos olhos — Eu poderia ter te matado, eu... — levantei e peguei no chão o casaco que eu tinha tirado e tinha caído da cama — É melhor eu ir embora.

— Prefiro que não fique sozinha... é perigoso lá fora, Malcolm...

— Rafael... eu não posso arriscar te machucar, preciso colocar a cabeça no lugar, saber o que está acontecendo comigo... — coloquei os sapatos e respirei fundo. Ele estava deitado, apoiado nos cotovelos e estendeu o braço para acender o abajur.

— Ao menos me deixe te levar em casa...

— Não precisa. Eu... te ligo depois — e saí. Não

PERIGOSAS

sei como consegui descer as escadas, menos ainda como cheguei em casa, só sei que me joguei na cama e assim que peguei no sono comecei a sonhar.

NACIONAIS - ACHERON

Eu vou deixar meu corpo^[5]

RAFAEL

— Onde ela está? — ergui o olhar confuso até meu irmão que parou na porta do meu quarto com o cenho franzido e um olhar interrogativo.

— Ela disse que precisava de tempo — *e também tentou me matar, a propósito.*

— Você sabe que não deveria tê-la deixado ir, ainda mais naquele estado e com Malcolm lá fora.

— É, eu sei — balancei a cabeça suavemente enquanto continuava a mexer distraidamente nos livros em minha estante para não pensar em Juliette, mas ficava mais difícil a cada segundo — Mas nessa altura você já deveria saber que ninguém

NACIONAIS - ACHERON

manda nela.

Ele relaxou os ombros e entrou: — Desculpe, estou agindo como se o acusasse de alguma coisa. É só que... eu me preocupo com ela, você sabe, e com tudo isso acontecendo, ela está mais vulnerável do que todos nós...

— Eu sei — concordei com um aceno e Cedrico parou ao meu lado enquanto eu tirava um pequeno livro de capa dura da estante e abria-o em uma página; Cedrico buscou meu olhar, mas fingi que estava absorto demais em minha recente leitura para notar, não querendo saber se ele se importava com Juliette ou não porque não havia mais nada entre eles e nunca mais haveria. Ela era minha agora, só minha, mas naturalmente não disse o que se passava pela minha cabeça por conta das circunstâncias em que nos encontrávamos, de vida ou morte.

E porque Cedrico estava certo: Juliette estava muito vulnerável e se ele se *importava* com ela, o que eu achava só uma palavra bonita para não dizer *ainda sou loucamente apaixonado por ela*, ótimo, desde que ele me ajudasse a mantê-la segura. O que parecia ainda mais difícil agora que eu tinha perdido-a de vista.

— Certo, vamos até a casa dela — segurei o livro e olhei para ele, que sustentou meu olhar por um longo momento.

— Certo, claro.

— Ela está dormindo, é meio cedo, não acham? — ele olhou no relógio, depois para nós de novo, como se indicasse que deveríamos ir. Como se já não tivéssemos feito estrago o suficiente na família dele.

— É, sei — desdenhei e inclinei o rosto milimetricamente — Mas precisamos falar com ela, você sabe quanto perigo ela está correndo...

— Eu sei, mas acho que Julies está bem melhor sem todos vocês na cabeça dela, então, é, está muito cedo para perturbarem-na — ele fez a menção de bater a porta na nossa cara, mas dei um passo e coloquei a mão espalmada contra a madeira, uma expressão de poucos amigos no rosto.

— Imagino que pense que está ajudando, mas nós dois sabemos que não está... então *se* ela se machucar, será por sua causa e espero que mantenha isso em mente — e dei um passo para trás permitindo que Jon batesse a porta na minha cara com a toda a sua força.

— Plano B? — Cedrico falou e franzi o cenho, pensativo.

— Não, não é como se fossemos raptá-la... vou mandar uma mensagem e mandá-la me procurar quando acordar — saquei o celular do bolso e digitei rapidamente a mensagem enquanto caminhávamos de volta até o carro, esperando que ela realmente fosse fazer aquilo, duvidei depois do que tinha acontecido na noite anterior.

Sem Juliette, não tínhamos a menor ideia por onde começar, então a maioria de nós voltou a sua vida normal naquela manhã. Meu pai foi trabalhar, Elena se ocupou com suas atividades no colégio, assim como Cassandra com aquele namorado dela, Renée voltou para a faculdade sem que tivéssemos tempo de conversar. Cedrico saiu com Freya, a mãe dela saiu com Jane, Jeremy e Rose, e acabei sozinho em casa, com todo o tempo do mundo para pensar e me martirizar por tudo que tinha acontecido nos últimos dias. A verdade é que aquela loucura toda tinha começado no Dia das Bruxas com a morte de Izabel e depois disso tudo tinha se desdobrado até Malcolm. Já tinha concluído há muito tempo de que, o tempo inteiro, foi Malcolm quem assumiu a forma, ou o que quer

que fosse, de Ivy, mãe de Izabel, para fazer todas aquelas coisas, inclusive matar Juliette, o que eu ainda não tinha certeza era por que ele tinha se esforçado tanto; talvez tivesse sido a mando dos ancestrais que diziam que uma profecia cairia sobre nós se ela não morresse e eles claramente estavam trabalhando juntos. Fiquei lendo sobre feitiços como se já não praticasse o tempo inteiro ultimamente; Julies achava que eu era um bruxo superpoderoso quando nos conhecemos, mas a verdade é que me tornei ainda mais depois, não tanto quanto ela, claro, mas com todos aqueles perigos nos cercando, a magia era quase que obrigatória. A mesma magia que colocava a todos em perigo era a saída para salvá-los, salvar todas as pessoas que eu amava e que estavam em perigo constante.

No fim da tarde, ainda estava sozinho em casa, e Juliette finalmente se mostrou. De modo estranho, mas ao menos apareceu. Parecia radiante em um vestido preto e leve, jaqueta e botas com... saltos. E quando simplesmente escancarou a porta do meu quarto, não consegui tirar os olhos dela, hipnotizado em como ela podia ficar ainda mais linda quando passava algumas horas sem vê-las;

mas mais que isso, mantive os olhos nela, pois quando a vi seus longos cabelos negros tinham *sumido*. Estava sentado em minha cama, mas rapidamente fechei o livro e me coloquei de pé com o olhar arregalado ao fitar seus cabelos cortados na altura dos ombros, com cachos perfeitamente modelados.

— Seu cabelo... — ela chegou mais perto e toquei a ponta dos seus cabelos, uma expressão de choque certamente dominava meu rosto.

— Você não gostou? — Juliette ergueu as sobrancelhas, o sorriso abandonando seu rosto lentamente.

— Não, é que... está muito diferente — deslizei meus dedos pela sua clavícula e ela chegou mais perto, ficou na ponta dos pés e depositou um beijo suave em meus lábios. Levei um segundo para reagir e fechei meus olhos, minha mão direita deslizando os dedos, entrelaçando-os em seus cabelos curtos, sentindo-me inadaptado — Você está bem? — perguntei ao nos afastarmos.

— Estou ótima... — ela mordeu o lábio e foi impossível não sorrir de volta ao fitar aquele rosto, em parte angelical e em parte diabólico que me levava à insanidade — Então... não tem mais

ninguém aqui? - e se aproximou de novo.

— Não, mas... achei que fossemos praticar... — não consegui resistir quando ela veio me beijar de novo, desviando o foco do assunto.

— Praticar. Certo — ela concordou como se não soubesse do que eu estava falando ou não se lembrasse da noite anterior — Então... nós estamos bem, não estamos?

— O que você quer dizer? — franzi o cenho e ela se afastou novamente, parecendo insegura, o lábio inferior suavemente entre os lábios.

— É que é tudo sempre tão confuso entre nós, achei que dessa vez pudéssemos fazer as coisas certas... — aqueles olhos verdes tinham um brilho diferente, ela parecia cheia de vida, mas confusa, insegura de um jeito que não costumava ser; contudo, eu a entendia. Ela estava certa, tudo sempre foi muito confuso, nunca tivemos paz para estarmos realmente juntos, por isso, entrelacei meus dedos aos seus e puxei-a para perto de modo com os olhos nos seus.

— Nós estamos bem, juntos... não importa a denominação — ela piscou em confusão e seu olhar foi hesitante por um segundo.

— É, não importa — segurei sua outra mão para

trazê-la para mais perto, seu olhar pareceu perdido.

— Mas eu entendi — ela lambeu os lábios de maneira sensual — Se você quer esse corpo só para você, basta dizer...

— Achei que não acreditava mais nessa monogamia — ela fez piada, mas sabia que era sério.

— Eu acredito se for com você. Agora... que nossa situação romântica foi esclarecida, podemos ir?

— Claro — e sorriu, fazendo-me beijá-la mais uma vez antes de descermos.

Assim que chegamos a sala, a porta se abriu e Cedrico entrou por ela. Revirei os olhos e Juliette desentrelaçou os dedos dos meus para ir abraçá-lo; na verdade, correu até ele de modo dramático e jogou os braços em torno de seu pescoço, até meu irmão ficou surpreso.

— Juliette... tudo bem? Você cortou o cabelo...
— ela se afastou e me aproximei a passos lerdos.

— Estou ótima — J tinha um sorriso amplo demais no rosto quando parei ao seu lado —
Então... como estamos indo com o feitiço?

— Achei que você tivesse o livro... — Cedrico e

eu trocamos olhares confusos e olhei para Julies de costas, que demorou um segundo para responder.

— É, claro, eu tenho. Mas precisamos... de magia, sabe?

— Sim, você disse isso, mas ainda temos o problema com Elena...

— Podemos ir? — ela se virou para mim, assentiu e me seguiu até a biblioteca.

Mal consegui me concentrar em feitiços, praticamos só coisas pequenas, ela disse que estava sobrecarregada com tanta magia, então acabei canalizando dela e fizemos coisas bobas, como acender a lareira por conta do frio que estava fazendo, fazer algumas teclas do piano tocarem sozinhas e folhear um livro de longe, só para ajudá-la com a concentração de magia. Contudo, perto das seis, senti-me sobrecarregado, tanto quanto ela, e chamei-a para jantar. Meus pais e Cassie já estavam em casa, então fomos até a cozinha, onde Joseph cozinhava o jantar.

— Você está melhor? — meu pai perguntou a Julies quando entramos na cozinha e parou por um segundo ao se virar e vê-la — Uau, que mudança! — nunca o tinha visto falar daquele jeito com ninguém, mas já sabia há tempo que eles dois

tinham uma misteriosa relação, talvez pudesse chamar até de amizade, embora não gostasse muito da ideia da minha *namorada* se dando melhor com meu pai do que eu.

— É, é o que todo mundo tem me dito hoje, mas mudar é bom às vezes — ela deu de ombros sorrindo, nossos dedos ainda estavam entrelaçados e Joseph nos convidou a jantar com ele, assim, sentamos-nos à mesa da cozinha e comemos macarrão com queijo. Juliette e Joseph conversaram sobre magia e feitiços e fiquei na minha, achando-a estranha demais depois do modo abrupto como tinha ido embora na noite anterior, mas não disse nada, nem quando meu pai saiu da cozinha e ficamos só eu e ela — Acho que essa é a minha deixa — de pé enquanto íamos até a sala, ela respirou fundo.

— Para quê?

— Para ir embora.

— Não, fica aqui. A conversa toda sobre ficar aqui era para mantê-la segura, não adianta se não for em tempo integral... — ela sorriu e beijei-a — Mas na verdade, agora tenho que ir na casa da minha avó... — afastei-a com ambas as mãos em seu rosto, que ela franziu com delicadeza.

— SÉRIO?

— Quero saber o que está acontecendo entre ela e Jeremy, o que ele disse a ela...

— Ele está escondendo algum segredo e é melhor descobrirmos logo — seu tom soou convicto.

— Segredo?

— É, quero dizer... — ela balançou a cabeça recuando um passo, seu tom repentinamente hesitante — Ele estava morto, não é? Claro que está escondendo alguma coisa...

— É, claro, de qualquer maneira, é melhor se você ficar aqui — ela passou os braços em torno da cintura e sorriu calidamente.

— Claro. Segurança, eu entendo.

CATORZE HORAS ANTES — JULIETTE

Estava em uma cadeira quando acordei dentro do meu sonho e quando consegui estar suficientemente consciente, dei-me conta de que estava amarrada, puxando as cordas apertadas com toda a minha força, contudo, nada aconteceu. Minhas pernas permaneceram amarradas, assim como meus pulsos, e a cadeira nem se moveu, parecia de ferro e presa ao chão, embora não desse pra ter certeza e

estivesse muito escuro.

— Olá... tem alguém aí? — e minha voz ecoou pelo cômodo médio e vazio até a porta pesada de ferro, meu coração batendo acelerado em desespero — Olá! — me movi ainda mais, desesperada para me soltar daquelas cordas e notei que o sol estava começando a surgir por algumas frestas na janela muito acima da minha cabeça atrás de mim. Virei-me tentando racionar um modo de sair dali ao mesmo tempo em que tentava me lembrar como tinha ido para ali.

Finalmente parei e fechei os olhos, meu corpo trêmulo e estranhamente cansado, em pânico: — Isso é só um sonho, Juliette, você vai acordar daqui a pouco, é só um sonho... só um sonho — meus murmúrios foram interrompidos quando a porta de ferro a minha frente se abriu repentinamente e vi Malcolm entrar por ela, com aquela expressão polida e suave.

— Olá, querida, quanto tempo!

— O que você está fazendo? Me solta! — gritei e puxei meus pulsos, mas a corda só parecia ficar mais apertada conforme ele vinha na minha direção.

— Desculpe, mas não posso. Não agora. Olha...

você vai ter de ficar presa nesse sonho por um tempo até eu conseguir o que quero, mas não vou te matar... por ora — ao meu lado, Malcolm sorriu de modo diabólico e franzi o cenho, meus olhos deslocaram-se automaticamente para minha mão e vi que não estava usando meu anel, mas se aquilo era um sonho, ele não podia me machucar.

Certo?

CEDRICO

— Pode entrar — disse quando escutei batidas na porta do meu quarto, terminei de vestir a camisa, virei-me e vi Juliette parada na porta com um sorriso suave e a mão direita na porta no que eu poderia dizer ser uma expressão um tanto tímida — Precisa de alguma coisa? — disse depois de um intenso momento em que ficamos parados em lados opostos do quarto nos encarando.

— Só... conversar. Posso? — ela tamborilou os dedos na porta e assenti com desconfiança no momento em que ela fechou suavemente a porta — Atrapalho? — ela se aproximou e fechei a cômoda, virando-me.

— Não, o que quer *conversar*? Meu irmão não

está aqui?

— Ele foi resolver umas coisas... — Juliette apoiou o cotovelo na cômoda e mordeu o lábio, muito perto de mim — Então... como tem estado as coisas para você? Eu sei que deve ser difícil com o Jeremy e tudo mais... — ela parecia diferente, de algum modo não se parecia com a garota que eu costumava conhecer. Mas, ao mesmo tempo, parecia-se genuinamente preocupada sobre como eu estava me sentindo com meu pai morto, então soltei o ar no peito e ergui os olhos para ela, percebendo que estávamos mesmo muito próximos, seus olhos com um brilho genuíno, ébrio, lindo.

— Dadas as circunstâncias, acho que bem... mas quando essa confusão toda acabar, quero Jeremy bem longe de mim — ela inclinou suavemente o rosto para me olhar.

— Por que não tenta dar uma chance a ele? Afinal, ele é o seu pai...

— Você sabe como me sinto com relação a isso — ela me fitou em confusão, em seguida balançou a cabeça. Com sua falta de palavras, continuei: — Joseph sempre foi meu *pai*, não importa se Jeremy está aqui agora. Se ele não está morto, ele me abandonou, então...

— Eu entendo, só estava preocupada com você. Queria saber como está lidando com tudo isso, se puder fazer alguma coisa para ajudar... — Julies se virou com as costas totalmente apoiadas na cômoda, os cotovelos para trás sobre a madeira e deu um passo para o lado para ficar de frente para mim, seu modo de me olhar fazendo com que alguma coisa dentro de mim se sentisse viva de novo, mas com isso, tive que colocar de novo na cabeça que tinha sido eu a tomar a decisão de deixá-la. Mas só porque achei que fosse a coisa mais altruísta, a que seria melhor para ela, não porque não estava mais apaixonado demais — Se precisar de alguma coisa, quero que saiba que estou aqui para você... apesar de tudo... — e tentei enfiar na cabeça que ela estava com Rafael e que tinha de ficar longe dela.

— Vou manter isso em mente, mas acho que não... meus problemas com aquele lunático são mais...

— Paternais? É, eu entendi. De qualquer modo, se precisar de apoio... — ela estava quase na minha altura com aquelas botas, então ergueu o braço esquerdo e tocou meu ombro com um sorriso terno, com algo profundo dentro dos seus olhos.

— Obrigado — tinha de me afastar. Não sabia o que ela estava fazendo, mas tinha que me afastar — Vamos lá para baixo? — ela relaxou os ombros e sorriu.

— Claro.

Graças a Deus, Elena e Joseph estavam na sala de estar, assim eu não teria que ficar a sós com Juliette, então nos sentamos no sofá de frente para eles.

— Algum problema? — os dois nos encararam tensos, Joseph estava sentado distante de Elena, o olhar perturbado como se não quisesse estar com ela, nem olhá-la naquele momento.

— Nada com o que você precise se preocupar — Elena falou primeiro, antes de Joseph me olhou, neutro, em um segundo controlando todas as suas emoções — Juliette, nós temos um plano, onde está o livro?

— O livro... — ela se remexeu e pensou por um segundo — bem, ainda precisamos atrair Malcolm e não sei se você suporta tanta magia. Também não sei se confio em você. Malcolm é seu pai, tem certeza que não vai hesitar quando chegar a hora? — Elena franziu o cenho, incrédula.

— Você acha que eu hesitaria? Mesmo depois de todos os meus esforços para acabar com ele, você, melhor do que ninguém, sabe que fiz tudo o que pude até agora.

— Claro, mas... o livro não está comigo *agora*.

— Onde está? — Elena perguntou em um tom irritado, o olhar assassino sobre Juliette.

— Está seguro, Elena, é tudo que precisa saber por ora. Precisamos saber como atrair Malcolm primeiro, ele é muito mais poderoso que todos nós, então temos que fazer tudo com calma e ter um plano de apoio caso as coisas saiam de controle. As jogadas dele são bem planejadas, e ele tem o apoio dos ancestrais, então a nossa também precisa ser.

JULIETTE

Não sei quanto tempo passei naquele lugar, ou quantas vezes perdi e recobrei a consciência, ou quantas vezes durante aquele tempo aparentemente infundável, Malcolm apareceu para abrir aquela janela e me impor ao sol, sempre com a mesma pergunta: onde estava o livro. Estava me deixando mentalmente fraca, o sentia aos poucos penetrando meus pensamentos e ideias, invadindo minhas

memórias e assumindo minha vida como se pertencesse a ele. Queria desesperadamente saber o que se passava do lado de fora, fora do sonho, o que Malcolm estava tramando. Acima de tudo, o que estava fazendo com meu corpo, mas ele sempre ia até mim, depois disso havia uma longa sessão de tortura, perguntas, e me deixava quando achava que eu estava fraca demais.

Tinha vontade de matá-lo, gritava com todas as minhas forças, mas só me enfraquecia mais ainda. Queria saber o que fazia com meu corpo, mas estava fraca demais para assumi-lo ou até mesmo ter consciência de tudo que acontecia. E se ele estivesse matando alguém? Ou machucando as pessoas que eu amava enquanto eu estava ali, de mãos atadas, apenas esperando e esperando.

DUAS SEMANAS DEPOIS — JOSEPH

— O que está fazendo? Por que marcou...

— Podemos conversar? — assenti e Juliette fechou a porta atrás de si. Tirei meu jaleco e fiquei de pé para respirar um pouco enquanto ela se acomodava na cadeira a minha frente — Na verdade, preciso mesmo de uma consulta, por isso

NACIONAIS - ACHERON

marquei, como qualquer outro paciente.

— Você é uma vampira, vampiros não precisam ir ao médico — parei enquanto desabotoava os punhos da minha camisa e observava-a com curiosidade.

— Eu morri mais vezes do que posso contar, Joseph, e está acontecendo umas coisas estranhas comigo...

— Seja o que for, não acho que a medicina comum pode ajudar. Mas posso tentar alguns velhos truques de xamã se realmente tiver alguma coisa errada com você — ela se levantou e tirou a jaqueta conforme dei a volta na mesa para chegar até ela; lentamente, Julies se acomodou na maca, parecendo diferente com aquela calça preta e blusa na mesma cor com desenhos vermelhos minúsculos e mangas largas, as botas eram as mesmas, mas os saltos eram maiores e seu novo corte de cabelo, junto ao resto, a fazia parecer elegante demais para uma jovem de dezoito anos.

— Então, como ido as coisas com a Elena?

— Complicadas — enfiei as luvas sem saber por onde começar, então me concentrei na conversa por um segundo — Tem estado pior ainda depois de tudo que você me contou. Já faz duas semanas e

não conversamos ainda, mas você deveria contar a todos, está em suas mãos.

— Eu não queria ter essa decisão... não sei se posso fazer. Ahn... estou sentindo dores... — ela lambeu os lábios e percebi que tinha chegado mais para frente, estava na ponta da maca e eu tinha acabado entre suas pernas — bem aqui — e pegou minha mão direita, enluvada, e colocou em seu peito, onde pude sentir seu coração bater acelerado.

— O que você está fazendo? — murmurei, mas por algum motivo que nem eu consegui entender, não consegui me afastar, seus olhos me atraíam de um modo estranho naquele momento, apenas franzi o cenho cuidadosamente e Juliette entreabriu os lábios; suas duas mãos estavam sobre a minha e a moveu suavemente em seu peito.

— Achei que fosse cardiologista... eu tenho umas dores aqui. Acha que pode cuidar disso?

— Juliette... — comecei a puxar a mão, mas ela segurou com mais força, com sua força vampira, e mantive meus olhos nos dela para saber onde queria chegar.

— Não... não foi o que você achou enquanto estávamos enfeitiçados por Malcolm... ou... — ela moveu ainda mais minha mão e envolveu meus

quadris com as pernas; fiquei paralisado de modo estranho, não consegui me mover, mal respirava, não sabia o que estava acontecendo comigo, mas parecia que *ela* estava me enfeitiçando — Ou não foi feitiço nenhum e você me beijou por que quis...

— Não. Juliette, pare! Você tem idade para ser minha filha... e namora o meu filho — finalmente me dei conta daquilo e tirei minha mão, mas mesmo assim não me afastei o suficiente para que ela não pudesse mais me tocar, pois ficou ainda mais ereta, seus olhos quase na altura dos meus e parecia haver uma chama neles.

E, ao mesmo tempo, Juliette e eu nos beijamos selvagem e furiosamente, por um momento achei que estivesse ficando louco, beijando a namorada do meu filho, mas não consegui parar; não foi como da outra vez, não havia nenhum feitiço me atraindo para ela, eu fiz por que eu quis, não poderia culpar Malcolm depois, mas naquele momento não conseguia pensar. Segurei seu rosto entre as mãos, senti suas mãos puxando minha camisa de dentro da calça, depois começar a desfazer os botões, um por um, e quando voltei a mim apenas escutei o barulho da porta se abrindo. Juliette e eu nos viramos de modo abrupto para ver

minha filha mais nova parada na porta.

— Pai... — Cassie arregalou os olhos, mal acreditando no que via; como Juliette estava usando batom vermelho-goiaba, tinha a ciência de que minha boca estava toda borrada de batom — Ah, meu Deus... — ela estava com a bolsa a tiracolo atravessada no peito e o celular na mão, tive a impressão de que ela o deixaria cair e me afastei de Juliette, que o fez ao mesmo tempo em que eu e engoliu em seco aproximando-se de Cassie mais rápido do que eu, que me ocupei por dois segundos em fechar minha camisa.

— Não é o que você está pensando... — Juliette começou a consertou a manga da blusa.

— *Não é o que eu estou pensando?* Eu acabei de ver vocês dois se agarrando... meu Deus!

— Cassie, vamos conversar — aproximei-me dela, colocando Juliette atrás de mim e fixando meus olhos em Cassandra, que me olhava horrorizada — Por favor...

— Pai... — ela era a única que me chamava daquele jeito e eu achava particularmente fofo, mas não naquele momento; Cassandra simplesmente balançou a cabeça, chocada e desapontada — Nunca esperava isso de você.

Cheguei em casa mais cedo, no meio da tarde, e encontrei Elena na sala de estar cheia de papéis, sentada no sofá com óculos de leitura e ergueu os olhos quando me viu.

— O que é tudo isso? — olhei aquela papelada espalhada pelo sofá, pela mesa de centro, alguns até no chão e Elena suspirou quando me sentei de frente para ela.

— Dever de casa. Aquela menina mimada insiste em dizer que eu não estou pronta para lidar com a magia do livro e não me entrega, mesmo que já tenha voltado há semanas e já estejamos fazendo nada para deter Malcolm — ela inspirou pesadamente fixando os olhos nos meus — E ele não faz nada... estou ficando paranoica.

— Cassandra está em casa? — ela balançou a cabeça como se aquilo fosse insignificante e levantei, balançando a cabeça.

— Ela está no colégio com aquele namorado mortal — anuí e subi as escadas até meu quarto e liguei para a minha filha, que desligou, e mandei uma mensagem dizendo que precisávamos conversar imediatamente.

PERIGOSAS

NACIONAIS - ACHERON

Ultimato

RAFAEL

Todo o meu corpo ficou rígido quando senti suas mãos me descobrindo, deslizando pelo meu corpo, sensualmente, erguendo minha camisa; sua boca quente e úmida beijou meu pescoço, chuparam, morderam, me deixou excitado, mas agarrei seus pulsos e acendi o abajur.

— Certo, vamos conversar... — sentei com ela ainda no meu colo — O que está havendo com você, Julies?

— Comigo? — ela balançou a cabeça confusa por um segundo e colocou uma mecha dos cabelos curtos atrás da orelha com o cenho franzido e um biquinho — O que há de errado com *você*? Por que está me rejeitando desse jeito? — aquilo pareceu

NACIONAIS - ACHERON

magoá-la e deixou os braços caírem ao lado do corpo. Seu pijama consistia somente em uma regata e um shortinho curto de flanela cinza. Juliette suspirou e penteou os cabelos para trás, parecia cansada — Eu vim para cá para dormir com você... não teria vindo se você não quisesse.

— Não é isso... mas você está estranha nessas últimas semanas... — fechei os olhos por um segundo e fitei-a na penumbra, acima de mim, seus olhos pareciam mais escuros — Estou feliz que tenha voltado para o colégio, feliz que esteja tentando voltar ao normal, estabelecer uma rotina, mas está acontecendo alguma coisa com você e gostaria que me contasse, que confiasse em mim...

— Não é nada, eu estou bem — ela balançou a cabeça — Tudo bem, vamos dormir... — Juliette revirou os olhos e saiu de cima de mim para deitar na cama ao meu lado. Ela deitou de costas para mim e se cobriu, mas permaneci sentado olhando para ela, o abajur ainda aceso. E de repente ela chutou as cobertas e pulou da cama.

— Julies... tudo bem? — seus olhos estavam arregalados, um quê de vulnerabilidade neles; parecia confusa, perdida.

— Eu... Rafael, eu preciso que me ajude, por

favor... me ajude... — ela falou coisas desconexas e levantei pelo mesmo lado que ela, querendo saber o que diabos estava acontecendo com ela, do que diabos estava falando ou se estava ficando louca. Ela ergueu os braços e colocou as mãos nas têmporas, o rosto contorcido pela dor, os olhos fechados e gritou; um grito agudo e profundo que penetrou minha pele, meu coração, um grito de sofrimento profundo e me doeu quando ela se curvou.

— Juliette, fala comigo, o que está acontecendo? — sentei-a na cama e busquei seu olhar, mas o que ela fez foi gritar de novo.

— Me ajude... é ele... — seu grito foi ainda mais agudo e parei, meio inclinado e sem saber o que fazer para ajudá-la, contudo, ela simplesmente parou; seus olhos permaneceram fechados por um segundo e ela os abriu, sua expressão sombria me assustou por um instante, parecia diferente do que era há um segundo e parei.

— Você está bem? — ela arfou olhando a sua volta — Juliette...

— Eu estou... bem — Juliette apoiou a mão esquerda na cama e colocou a direita na testa, desnorтеada.

— Merda, não me assuste desse jeito de novo — sem que eu pudesse prever, ela se levantou, extremamente frágil e me envolveu em um abraço forte, apertado — Do que você estava falando?

— Eu não sei... minha cabeça estava explodindo. Você acha que Malcolm pode ter feito isso? Todo esse barulho da minha cabeça... — ela se afastou, os braços ainda em torno de mim e os olhinhos assustados.

— Ele já fez antes, mas não se preocupe com ele; eu disse que você estava segura aqui — ela me abraçou de novo, e como estava muito assustada, ficamos abraçados por um longo minuto.

JOSEPH

— Podemos conversar?

— Podemos — Cassie disse quando fui atrás dela no colégio para conversarmos. Ela estava almoçando no refeitório com suas amigas ao lado de Alex e me levou a contragosto até o seu quarto, bateu a porta e parou no meio com os braços cruzados na altura do peito — O que você quer?

— Querida... me escute um minuto, por favor. O que você viu no consultório anteontem não era

bem...

— Estou com nojo só de olhar para você, por isso não voltei para casa esses dias...

— Aquilo não deveria ter acontecido, Cassie, eu... me deixei levar... — tirei as mãos dos bolsos do sobretudo e tentei me aproximar, mas Cass recuou um passo e parei — Eu sinto muito.

— Por tê-la beijado ou por eu ter visto? — ela franziu a testa com um olhar cético, o queixo caído.

— Os dois. Eu não queria ter feito aquilo, não sei o que deu em mim... — aqueles argumentos idiotas não estavam funcionando e me senti um tolo por chegar até ali para gaguejar — e eu sei que ela e Rafael estão namorando, mas acredite, *ela* foi quem começou, eu só me deixei levar.

— Pior ainda! Ela namora o meu irmão, por quanto tempo vocês dois querem que eu esconda isso? Vai inventar mais algum feitiço agora? Vai dizer que foi ela quem te seduziu e você foi o pobrezinho que se deixou levar...

— Não estou me fazendo de vítima!

— ... Mas eu estou com minha mãe todo dia, não posso esconder isso para sempre — ela suspirou e fechou os olhos por um segundo, enfiando as mãos nos bolsos de seu sobretudo preto, o olhar incisivo

e firme — E não vou.

— Vai me ameaçar agora?

— Não, vou contar para o meu gêmeo, o meu irmão não merece isso! Ele está apaixonado por essa garota e pelas costas dele, vocês se encontram... isso é terrível e nojento, eu nunca esperava isso de você... — ela balançou a cabeça de novo e voltou os olhos para mim novamente, fazendo com que eu me sentisse culpado, tão nojento como ela dizia que eu era, horrível por conta do modo como ela me olhava.

— Eu sei de tudo isso, meu amor... isso nunca mais vai acontecer...

— E não vai mesmo! Eu quero que você conte para o Rafael. Se você não contar, eu conto — e soltou o ar em seu peito com força, deixando-me boquiaberto.

— Que baixo, Cassandra!

— Você foi baixo primeiro, pai, e não vou deixar vocês dois enganarem meu irmão desse jeito, não vou deixá-la iludi-lo depois da Lauren e depois de tudo pelo que ele passou, tudo que ele já sofreu. Isso não é justo, pai — ela suavizou seu tom e lambeu os lábios.

— Se isso te conforta de algum modo, não

estamos tendo um caso.

— Não conforta, eu só quero que ele saiba a verdade — ela passou ao meu lado e saiu, batendo a porta ao sair.

Não tinha a intenção de contar a Rafael, mas sabia que tinha alguma coisa errada com Juliette e saí do quarto de Cassandra para descobrir o que era.

JULIETTE

— Malcolm, por favor... por favor, vamos fazer um acordo — puxei as cordas com mais força, minha pele queimada cicatrizava lentamente, passando para um tom levemente avermelhado, as cordas pareciam não se afetar com as poucas chamas. Malcolm estava parado na minha frente, aparência impecável, roupa perfeita e um extintor de incêndio em mãos.

— Eu te ofereci um acordo há semanas, agora não me interessa mais... eu quero que você sofra, Juliette, e quero que saiba que não vou mais baixar a guarda para você fazer o que fez ontem a noite. Rafael engoliu bem o meu discurso, acho que estou ficando bom nessa coisa de *ser você*.

— O que você fez com ele? — franzi o cenho, meu coração quase saindo pela boca ao imaginar que aquele maluco machucando Rafael e ele achando que era eu; queria me soltar dali e pular na garganta de Malcolm, queria matá-lo e obrigá-lo a sair da minha cabeça, obrigá-lo a me devolver o controle do meu corpo — *O que você fez com ele?* — gritei, a garganta doendo pelo esforço, as lágrimas saltando dos meus olhos.

— Não se preocupe com Rafael, ele está bem; tendo as melhores semanas da vida dele e graças a você — ele sorriu e me perguntei o que ele queria dizer — Ele engoliu rapidinho meu papo de *Oh, o Malcolm é o malvadinho da história, eu sou a mocinha que precisa ser salva a cada cinco segundos...* talvez ele nem te conheça o suficiente para saber que não é *realmente* você — ele retorceu os lábios com uma expressão sarcástica.

— Ele vai descobrir, eu confio nele — falei quase sem voz, as lágrimas a embargaram e solucei com a cabeça baixa. Sentia meu corpo enfraquecendo conforme o tempo passava, minha mente cada vez mais fraca e eu sentia minha mente cedendo aos controles de Malcolm; ele estava penetrando meus pensamentos, minhas memórias e era com

dificuldade que eu o impedia de roubar cada lembrança minha. Mas aquilo não duraria para sempre, eu sabia, só esperava dentro de mim que Rafael descobrisse que aquela não era eu, e fiquei mais esperançosa quando consegui passar por Malcolm na noite anterior, quando ele baixou a guarda por um segundo e acordei na cama de Rafael, sabendo que muito tempo tinha se passado e sem saber nada do que tinha acontecido, agora ele só tinha que seguir a pista.

— Será mesmo? — ele agachou de frente para mim com um sorriso — Rafael está tão feliz com essa nova Juliette, não sei se ele vai querer voltar para aquela outra monótona e chatinha. Ele gosta da versão turbinada — e gesticulou para si mesmo com um sorriso lascivo, diabólico.

— Seu filho da puta — me agitei furiosamente, machucando mais meus pulsos — *Eu vou te matar!* — ela vociferou e ele sorriu, ficou de pé e ergueu o braço para secar uma lágrima em minha bochecha.

— Você não está nessa posição, meu anjo, mas como eu disse, não precisa se preocupar, estou cuidando bem de Rafael. E Joseph também vai ceder... só Cedrico que está oferecendo resistência, mas você vai conseguir seduzi-lo também.

— *O quê?! —* meu queixo caiu com a ideia de *eu* estar seduzindo Joseph e Cedrico; aquilo me causou um nojo imediato só de cogitar a possibilidade.

— É isso mesmo, querida, é assim que estou... ahn... matando tempo enquanto você não me entrega o livro.

— Você é doente, seu maldito, desgraçado.

Ele largou o extintor ao seu lado e segurou a corda pendurada na altura do seu rosto ao lado da cadeira de ferro onde eu estava amarrada há semanas, ainda virando-se para mim, um sorriso suave brincando em seu rosto: — Cedrico é o meu favorito para salvar a mocinha. Vai se entregar agora? — tudo que fiz foi virar meu rosto para frente e fechar meus olhos, esperando pelo pior que fosse.

MALCOLM

Estar no corpo de Juliette tinha sido o melhor plano que já tinha tido em toda a minha vida. Aquela híbrida em qualquer todos confiavam era a chave para tudo, inclusive para que eu pegasse o livro de feitiços e minha própria família queria usar para me matar; sem ressentimentos. A tortura não estava

funcionando com ela, mas enquanto eu tinha todo o tempo do mundo, perfeito, eu iria torturá-la de outras formas, traindo a todos que ela amava, seus amigos, até aquele meu neto que ela dizia amar com todas as forças e descobri que Joseph não era a chave para aquilo depois de Cassandra ter nos visto. Não.

Cedrico era, e com todo aquele passado dos dois, não seria difícil seduzir o rapazinho mais desconfiado, o que não parecia acreditar ou confiar na nova Juliette, e o que seria mais gostoso era que ele parecia o único que poderia salvá-la, por isso, fui para aquele quarto dela no colégio me olhando no grande espelho oval que eu tinha colocado ali, olhei-me em um macaquinho preto de mangas longas e folgadas, cheio de bolinhas brancas, contemplando o quanto era bom ser uma adolescente boba, mas uma necromante híbrida superpoderosa que não sabia usar o poder que tinha. Sob essa perspectiva, comecei a tramar meus próximos passos, além disso, Juliette teria de me agradecer depois por estar praticando, afinal, o corpo dela estava tão sobrecarregado de magia desse e do outro lado que às vezes era insuportável até para mim.

Primeiro, mantive em mente que teria um festival na cidade, e Juliette iria com seu querido namorado, ele só não imaginava as surpresas que o aguardavam no centro da cidade, que foi para onde me dirigi em meu belo carro, com meu belo corpo jovem e imortal, que eu talvez quisesse usar por mais tempo, talvez mais do que o suficiente para ter o que eu queria, o livro. Aquela imortalidade de Juliette era perfeita para mim e, sendo também necromante, tinha acesso a magia! O que mais poderia querer?

A parte do centro com todas aquelas lojas de bruxarias, com direito a leitura da mão e tudo o mais, estava apinhada; lembrei que antes de ser banido adorava aquilo tudo, ia sempre que podia a todos os festivais, gostava de como a cidade ficava cheia daquelas luzes multicoloridas, de como tudo ficava tão bonito e iluminado; afinal, um homem mal também sabia apreciar a beleza quando a via. Deixei o carro o mais perto possível da longa rua por onde se estendiam barracas com tudo quanto é tipo de artigo de bruxaria e procurei por Rafael, achando que estava me saindo cada vez melhor em me passar por Juliette, afinal, ele foi o primeiro idiota a cair.

Contudo, quando o vi, quis dar meia volta, mas estava perto demais. Ele estava com aquela gêmea chata, que cedo ou tarde eu teria de matar para que ela não atrapalhasse meus planos, rindo e comendo chocolate. Cassandra me viu primeiro e quando me fuzilou com o olhar, Rafael se virou com um sorriso bobo e me beijou rapidamente antes de segurar minha mão direita e me puxar para perto, colocando-me em uma perigosa posição.

— É melhor eu ir encontrar o Alex — ela disse rapidamente e nos deu as costas.

— Mande um beijo para ele — disse para provocá-la e quando ela desapareceu no meio da multidão, voltei-me para Rafael com o olhar mais sério que tinha — Precisamos conversar.

— Está tudo bem? — ele era bem mais alto que Juliette, mesmo com os saltos, e inclinou o rosto enquanto acariciava minha bochecha com o polegar e um sorriso calmo no rosto junto a uma ruga suave de preocupação. Tinha tentado revirar a mente de Juliette o dia inteiro, todas as suas memórias, para encontrar alguma coisa coerente, algo que me desse um argumento para fazer o que eu queria: me livrar dele e me concentrar em meu plano.

— Na verdade, não — aquele sotaque britânico

dela até que não era tão ruim assim, ainda mais quando me afastei dele, e quando recuei um passo ele finalmente percebeu que havia algo errado em minha expressão.

— O que há de errado?

— Eu... eu estive pensando muito sobre nós nessas últimas semanas.

— Por que tenho a impressão de que isso não é uma coisa boa? — ele franziu o cenho com cuidado, parecia angustiado e me delicieei com aquilo, com aquele evidente sofrimento em seu rosto.

— Porque eu acho que deveríamos nos concentrar em eliminar as ameaças a nossa volta — mexi nas mãos para transmitir aquela insegurança juvenil que os jovens deveriam ter — E pode ser que pareça que eu tenha superado isso, mas ainda estou sofrendo pela minha mãe... e não sei se *esse* é o momento para nos envolvermos desse jeito — mordi o lábio. Aquilo não era exatamente uma mentira, ao menos; tinha revirado boa parte das memórias e sentimentos de Juliette e sabia que, por mais que parecesse bem, ela estava triste por dentro e Rafael pareceu notar aquela sinceridade.

— Então você está...

— Eu sei. Eu sei que fui eu quem disse que queria algo com você há algumas semanas, mas... talvez esse não seja o momento... e acredite, eu pensei muito nesses dias sobre tomar essa decisão, mas não acho que seja justo ficar com você se eu não puder estar com você realmente — para dar mais emoção e veracidade àquela ceninha, algumas lágrimas brotaram dos meus olhos — A verdade é que eu mudei muito no último ano, e não estou pronta para isso; eu achei que estava, mas não estou. Eu sinto muito — e com isso, passei por ele, sem nem esperar que insistisse para Juliette ficar, e caminhei até meu quarto, conforme me afastava, sequei as lágrimas do rosto como uma pobre menina que estava sofrendo, contendo, com muito esforço, um sorriso de vitória.

Aquela ainda não era a hora, ainda não tinha ganhado a batalha, mas ia e seria muito em breve.

UMA SEMANA DEPOIS

Mesmo que minha evolução no corpo de Juliette estivesse sendo mínima, e eu ainda não tivesse a localização do livro, estava bagunçando todas as estruturas dos Hamilton e aquilo estava sendo

NACIONAIS - ACHERON

muito melhor do que os *planos maiores* dos ancestrais para Juliette. Estava frequentando aquele colegiozinho maçante, fazendo trabalhos e lições de casa chatas, mas adorava aquilo; poder entrar e sair da mansão quando queria, mesmo que tivesse uma semana que não pisava lá, depois da ceninha com Rafael, dei algum tempo a ele para se recuperar e eu traçar meus próprios planos. Jeremy queria se aproximar do pobre filho, o filho do qual eu o tinha afastado quando possuí seu corpo e estivesse possuindo há quase duas décadas, até eu conseguir a ajuda e o poder dos ancestrais e ele decidir aparecer em Salém para refazer sua vida; ele não era bonzinho, apenas patético, e eu tinha ciência de que Juliette sabia de tudo aquilo, que ela era a pequena guardiã dos grandes segredos de Joseph. E a partir disso foi que coloquei meu plano em prática.

Os Hamilton estavam reunidos na mansão na altura semana de novembro, em uma noite fria, à exceção de Rafael e Cassandra, aquela peste, que tinham ido para a casa de Jane, aquela mulher ingrata que tinha ajudado Katherine a capturar meu corpo. Cedrico, Jeremy, Joseph, Elena e Freya estavam na sala de estar me esperando para que eu

disse que qual era o plano que eu tinha ligado mais cedo para dizer que tinha. *Acabar com Malcolm* parecia a coisa mais importante que eles faziam nos últimos tempos e era até engraçado, vê-los reunir todos os esforços para acabar comigo, sendo que só o livro que Juliette guardava era a chave; livro esse que eu vinha procurando com todo afinho, mas ela parecia ser boa em esconder coisas.

Entrei na mansão e calculei bem minhas palavras quando meus olhos passaram por Jeremy, sentado ali como se nunca tivesse deixado de fazer parte daquela família patética: — O que ele está fazendo aqui? — parei entre os dois sofás, no qual à esquerda estavam Joseph e Cedrico, e na direita Freya e Elena, Jeremy na poltrona a minha frente com um olhar incisivo e os cruzados, como se me perguntasse qual o meu problema quando cruzei os meus e esperei que alguém me respondesse com a sobancelha arqueada.

— Nos ajudando?

— Ele não está ajudando, nós nem o conhecemos... — Elena sorriu e colocou uma mecha do cabelo ruivo atrás da orelha; minha filha tinha ficado ainda mais bonita com o tempo, mas naquele momento parecia perturbada com Juliette.

Nas lembranças dela, Elena é quem tinha ordenado que matassem Izabel, aquela moça necromante de quem eu tinha gostado no passado quando a conheci, aquilo era motivo suficiente para que Juliette não simpatizasse muito com Elena, então agi como se não gostasse muito dela — Eu não confio nele...

— Afinal, o que você está fazendo aqui? — ela ergueu as sobrancelhas, irritada e soltei o ar no peito — Achei que tinha um plano...

— Eu tenho... tenho um plano para atrair Malcolm com um feitiço agora que ele tem o corpo dele de volta, mas não vou falar na frente dele. Pelo que eu sei, Jeremy pode muito bem estar do lado de Malcolm, ele já esteve antes... — Joseph se levantou interrompendo-me, caminhou em minha direção, mas a voz de Freya fez com que nos voltássemos para ela.

— Juliette, do que você está falando? — não tinha certeza qual era a relação de Freya e Juliette, mas a tratei gentilmente, para o caso de serem amigas e eu ainda ter o meu ponto. Só sabia que Freya tinha sido criada por Jeremy, também por mim ao longo dos anos em que o possuí quando precisei.

— Ah, você não sabe qual o histórico do seu pai com nosso querido inimigo em comum? — meu tom foi debochado e Cedrico e Freya alternaram os olhares entre mim e Jer, Joseph me fuzilou com o dele como se dissesse que eu deveria calar a minha boca.

— Juliette, já chega! — ele vociferou e todos se levantaram ao mesmo tempo, como se tivessem ensaiado aquilo.

— Conte a eles, Jeremy — deixei os braços caírem ao lado do corpo e dei um passo para o lado para enxergar Jeremy por sobre o ombro de Joseph, meu tom sério, mas também um tanto sentimental — Você veio aqui por que queria Cedrico de volta, mas não pode construir essa relação em cima das mentiras que construiu ao longo dos anos, então conte a ele — saí de perto de Joseph, dei-lhe as costas, e fui até Cedrico, parando perto dele para fuzilar Jeremy com o olhar.

— Julies, o que está acontecendo? O que você sabe? — pela primeira vez desde que tinha possuído aquele corpo, senti a hesitação na voz de Cedrico, um quê de fragilidade que não era natural dele, o pai ainda o abalava de certa forma e por um momento todos fizeram silêncio.

— Conte a ele, Jeremy — olhei para Joseph por um segundo, os olhos brilhando com poucas lágrimas para enfatizar o sentimentalismo bobo de Juliette — Ou você, Joseph, que o criou, mas mesmo assim mentiu para ele a vida inteira. Porque não vou compactuar com essa mentira — ninguém disse nada por um segundo e olhei de novo para Jeremy, todos pareciam mudos — Ou você conta, ou eu conto.

— Juliette, não faça isso... — Joseph ainda disse, mas estava agindo como se não suportasse mais todas aquelas mentiras e suspirei cansada.

— Não foi Jon quem matou Amelia, foi Jeremy — voltei-me para Freya, que assim como todos eles estavam chocados — E Joseph é o seu pai. Eu sinto muito, mas não consegui mais guardar isso, Jeremy não é nenhum mocinho — olhei para Joseph, em seguida para Cedrico, que era o meu algo naquela sala — Sinto muito, Cedrico, mas Jeremy não é o que você esperava que fosse — franzi o cenho com aquela cara sonsa de Juliette e toquei seu braço, pouco acima do ombro, oferecendo-o um olhar compreensivo.

— Você não sabe do que está falando — disparou Jeremy.

— Pai... — Freya começou em um tom emotivo e virei-me para ela, o olhar suavizado; Cedrico permaneceu parado, em choque — isso é verdade? Você... você matou a mãe de Cedrico?

— Querida, isso...

— Por favor, alguém me diz o que está acontecendo aqui — o tom de Freya soou mais desesperado e ela alternou o olhar entre Jeremy e Joseph. Elena se sentou lentamente, nem ela conseguiu dizer nada, apenas se sentou e enfiou o rosto entre as mãos — Joseph... isso é verdade?

— Eu sinto muito... eu... — Joseph pareceu perturbado atrás de mim e respirou fundo.

— Você matou a minha mãe — Cedrico finalmente falou, a verdade atingindo-o lentamente.

Ele ergueu os olhos com raiva até Jeremy e se aproximou de Jer furioso, agarrando-o pelo colarinho da camisa e agitando-o furiosamente: — Isso é verdade, seu desgraçado? — não imaginava que ele reagiria daquele jeito sendo que nem ao menos tinha convivido com a mãe, mas parecia fora de si, e, como a boa moça que Juliette era, tentou intervir entre eles, mas Cedrico foi mais rápido e esmurrou Jeremy antes que ele pudesse dizer que podia explicar e antes que eu pudesse chegar até

eles. Freya deu um passo para trás assustada e cobriu a boca — Você a matou? — vociferou enquanto acertava-lhe outro soco cheio de raiva, dessa vez soltando-o com força, fazendo-o bater na poltrona antes de cair no chão com o rosto ensanguentado, incapaz de se levantar.

Com isso, antes que Cedrico caminhasse até ele, coloquei-me na frente dele, minha mão em seu peito e meu olhar encontrou o seu, acalmando-o com aquele olhar de Juliette, tão doce que me dava diabetes: — Cedrico, calma, ele não vale a pena... por favor... — ele se acalmou e fitou-me, sua respiração profunda.

— É, ele não vale a pena — Jeremy tentou se levantar e deslizei a mão até seu braço.

— É melhor sairmos daqui — ele balançou a cabeça e concordou, mal se dando conta do que eu dizia e me deixou levá-lo através da sala.

— Onde você está indo? — Elena falou comigo, ainda sentado e em choque.

— Desculpe, mas não vou mais me envolver; envolver-me entre vocês me causou todos os problemas que eu tenho, só queria que Cedrico soubesse de tudo — estava segurando a mão dele do outro lado e ele apertou-a ainda mais como se

PERIGOSAS

disse para irmos logo.

NACIONAIS - ACHERON

Eu fui uma tola em te deixar^[6]

— Eu sinto muito por ter dito daquele jeito, mas eu tinha que dizer, você sabe que me importo com você — apertei o volante com força e dei uma espiada em Cedrico, que estava em um silêncio incômodo ao meu lado — Eu não podia ser sua amiga se estivesse mentindo para você...

— Eu entendo, Juliette, não foi sua culpa — ele finalmente murmurou e suspirei em alívio, mas ele olhava para frente como se estivesse surtando e comecei a me preocupar que estivesse mesmo — Para onde estamos indo? — expirei em alívio quando ele finalmente falou, sua voz um pouco mais alta e viva, mas ainda não me olhava.

— Para um lugar bom — ele franziu o cenho quando peguei uma curva meio que fora do caminho; segundo as lembranças de Juliette que eu conseguia acessar, eles tinham estado naquele lugar bem no alto da cidade, de onde dava para ver toda a parte central, assim que ela voltou do mundo prisão pela primeira vez. E ali foi ali também onde ela o beijou pela primeira vez em meses e, ainda segundo suas *boas* memórias, eles deram uns bons amassos no carro antes de Rafael aparecer e estragar tudo. Por isso escolhi aquele lugar, talvez o coração partido e a nostalgia do lugar fizessem bem a Cedrico e dessem um belo empurrão para que ele finalmente se lembrasse que amava Juliette e não podia respirar sem ela e todo aquele drama dos jovens — Você lembra desse lugar? — parei em um enorme terreno e tirei o cinto com um sorriso, o que fez com que ele sorrisse suavemente; saí do carro caminhando até as barras de proteção. Abaixo, tinha um barranco e ao longe brilhavam as luzes da cidade.

Durante um intenso momento, pude apreciar tudo o que estava perdendo naqueles longos anos em que estivesse aprisionado em um caixão, tudo que tiraram de mim, mas que eu pretendia ter de volta.

Então Cedrico parou ao meu lado e coloquei a cabeça no lugar para voltar a me concentrar no plano, que deveria ser executado com perfeição: — Como você soube? — imaginei que faria aquela pergunta.

— Quando estava no mundo prisão — olhei para minhas mãos sobre as barras de proteção, quase na altura do peito, um olhar perdido, e sentia o olhar de Cedrico em mim — eu encontrei o diário de Joseph... ele me fez prometer que não contaria nada para você nem para Freya — ergui os olhos até os dele — Mas como eu poderia te olhar sabendo que você estava sofrendo com o Jeremy aqui e... eu tinha que te contar, só não sabia como e esse tempo todo, esse segredo esteve me corroendo. Eu só... queria que soubesse que você é uma das pessoas mais importantes na minha vida e se você precisar de mim, eu estarei aqui...

— Obrigado, isso é importante para mim — sem que eu precisasse me esforçar, ele me puxou e envolveu-me em seus braços, então o que fiz foi abraçá-lo de volta, sorrindo com cada conquista, não estava sendo tão difícil assim ganhar a confiança de Cedrico; só um abraço já era um grande passo para quem tinha aquela consciência

toda de que Juliette era *a namorada do irmão* e aquele blábláblá todo. Afastei-me dele com um sorriso compreensivo, o melhor que eu tinha — Está sendo difícil associar tudo isso, vou precisar de um tempo... Joseph é mesmo o pai de Freya?

— Sim, também fiquei surpresa — tirei os braços dele para ir com calma, calculando que tinha de ter paciência com Cedrico, que ele não se dobrava com facilidade — Se você quiser conversar, eu estou aqui.

— Podemos só... ficar aqui? — assenti e foi o que fizemos.

Voltei para meu quarto no colégio com um sorriso enorme de vitória quando deixei Cedrico no seu quando ele disse que não queria voltar para casa naquela noite. Já estava tarde quando chegamos, então apenas coloquei um pijama pensando em qual seria meu movimento, o que veio rápido a minha cabeça. Às duas da madrugada, levantei da cama, olhei-me no espelho e baguncei os cabelos lisos, sorrindo comigo mesmo, e saí do quarto descalço. Ainda bem que Juliette conseguia ser bonita mesmo com aquela carinha sonolenta quando bateu na porta do quarto de Cedrico, que a mandou entrar.

— Algum problema? — fechei a porta com o rostinho inocente.

— Eu estava dormindo e tive um sonho estranho, podemos conversar? — franzi o cenho e ele levantou da cama; a luz estava acesa antes mesmo de eu entrar, então supus que ele estivera acordado a noite inteira.

— Claro, o que foi? — acomodei-me aos pés da cama com os dedos entrelaçados e o olhar baixo.

— Sei que deve parecer idiota dizer... mas estou tendo esses sonhos com a minha mãe... é ridículo, eu sei, mas sinto tanto a falta dela — falei com lágrimas nos olhos e ergui os olhos até os dele, que se descobriu, usando calça xadrez e camiseta branca, e se sentou ao meu lado com as pernas penduradas para fora da cama — Não sei se deveria estar aqui, mas não tenho ninguém com quem conversar.

— Você tem a mim — e colocou o braço em torno dos meus ombros; encostei o rosto em seu peito com um sorriso rápido de mais uma vitória.

— Você tem todos os seus problemas, e eu te dei mais alguns agora... mas não posso falar sobre isso com Alex, e agora que Rafael e eu terminamos realmente não tenho ninguém com quem conversar

— coloquei a mão em seu ombro, sentindo-os enrijecer; imaginei se Rafael não tinha contado a ele que terminamos, mas concluí que não, deliciando-me ainda mais por poder contar a ele em primeira mão que tinha dado um pé na bunda do querido irmãozinho adotivo, mais ansioso ainda para dizer que Juliette o amava desesperadamente e queria ficar com ele, mas talvez fosse informação demais por uma noite.

— Não sabia que tinham terminado — afastei secando os olhos com as costas das mãos e sorrindo tristemente.

— Eu preciso de tempo para me colocar no lugar... sei que todos acham que estou *estranha* ultimamente, mas estou tentando ficar bem de novo, processar tudo o que aconteceu... talvez tenha sido demais, até para mim. A morte da minha mãe... e tem mais, tem uma coisa que não contei a ninguém, mas me sinto tão sufocada que... — as lágrimas voltaram aos meus olhos e coloquei os olhos no colo por um segundo — Elena mandou as bruxas matarem minha mãe.

— *O quê?* — ele falou incrédulo.

— Também fiquei surpresa quando descobri... tem sido muito difícil estar com ela, planejar um

modo para nos vermos livres de Malcolm e pensar esse tempo todo que ela é a responsável por tudo isso... — ele me abraçou de novo, dessa vez de verdade, e joguei os braços em volta dele de modo dramático, chorando em seu ombro.

— Meu Deus... nunca achei que ela seria capaz de uma coisa dessas — ele afagou carinhosamente meus cabelos e funguei para dar mais veracidade ao meu sofrimento — Eu sinto tanto... você nunca teve a sua mãe por perto e quando teve... Elena não tinha esse direito, nem que fosse para acabar com mil *Malcolms* — apertei mais os braços em torno dele aproveitando sua abertura. Era incrível como quando uma menina bonita chorando poderia atrair um cara para consolá-la e com Juliette era ainda melhor porque, mesmo depois do que aconteceu, tinha certeza que Rafael ainda viria correndo para ela se precisasse dele — Nem sei o que te dizer.

— Não precisa dizer nada, só... seu apoio é importante para mim; o fato de eu saber que você está aqui por mim é a coisa mais importante que você poderia me dar — afastei-me com aquele olhar doce e enjoativo — Obrigada por tudo — coloquei-me de pé, feliz pelas barreiras que eu tinha ultrapassado naquele dia —, acho que tenho

que ir para o meu quarto agora, vou te deixar voltar a dormir — parei diante dele esperando que dissesse alguma coisa e enchi o peito de ar, um pouco de esperança.

— Tudo bem... se precisar de alguém com quem desabafar, eu estou aqui — virei-me e coloquei a maçaneta na porta, mas me virei de repente, sem pensar, assustando até a Cedrico, que ficou surpreso quando caminhei de volta para ele a três metros de onde ele ainda estava sentado.

— Não, quer saber? Não era só isso. Quando te levei para aquele lugar hoje, eu queria consolá-lo, queria que não sofresse, embora saiba que não posso evitar, mas também... — expirei com força — nessas últimas semanas eu queria passar um tempo com você porque simplesmente sinto a sua falta, porque acho que... quando estávamos juntos eu era muito mais feliz e agora me sinto apenas... miserável e infeliz, parece que sofro o tempo inteiro — respirei fundo — E eu... eu fui simplesmente tola em te deixar ir sem nem ao menos tentar mudar sua decisão. Sinto muito por estar dizendo isso agora — e lhe dei as costas com a sensação de que tinha forçado demais.

CEDRICO

Juliette saiu do meu quarto tão abrupta quanto tinha entrado, deixando uma sensação estranha em meu peito, aqueles antigos sentimentos antigos voltando a superfície e me fazendo hesitar quando deitei. Suas palavras me viraram do avesso, complicaram ainda mais tudo dentro de mim naquela noite confusa. Não tinha certeza se ela sabia, mas desconfiava que sim, que eu ainda estava loucamente apaixonado por ela, que toda vez em que a via com meu irmão aquilo me matava um pouco e eu tentei por muito tempo colocar na cabeça que eu tinha me separado de Julie pelo melhor para ela.

Mas tudo que ela tinha dito me mantiveram acordado por um longo tempo, por isso, levantei da cama às três da manhã e ignorei minha consciência de que ela mal tinha terminado com meu irmão, e fui até o quarto dela: — Cedrico, o que...

— Não consegui dormir depois que você saiu. Só quero que saiba que... eu terminei com você porque era a melhor coisa que eu poderia fazer por você, porque eu me importo... queria que ficasse segura... porque eu te amo. O suficiente para

deixá-la ir.

— Cedrico, eu...

— Não precisa dizer nada, só queria que você soubesse que tudo que eu fiz foi porque eu queria o melhor para você, e você sabe que, por mais que isso me doa, o melhor para você é ficar o mais longe possível dessa família — falei tudo muito rápido e ela me encarou boquiaberta, surpresa, então passou a língua pelos lábios.

— Eu sei. Mas também não consigo ficar longe, ainda mais agora, mas... quando tudo isso acabar...

— Juliette, você não entende! Não é só o Malcolm, essa família é maldita, você nunca terá paz enquanto estiver aqui. Estou te dando o melhor conselho que alguém poderia te dar... eu prefiro nunca tê-la sabendo que você estará segura em algum outro lugar, um lugar melhor — parei de falar e ficamos um segundo nos encarando em silêncio; ela segurava a maçaneta com força e se limitou a inspirar profundamente.

— Você passou por muita coisa hoje, por que não conversamos depois com calma? — anuí. Antes de ir ali já sabia que ela não aceitaria aquilo passivamente, sabia que ela tentaria negar, mas mesmo assim esperava que ela tivesse tempo para

pensar depois e entender que eu estava certo.

— Tudo bem, nos falamos depois — ela mordeu o lábio e acenou quando lhe dei as costas.

Parte 2

Eu sei que você nunca
vai desistir de mim[7]

Continue seguindo as linhas do seu coração^[8]

23 DE DEZEMBRO — ALEX

Cassandra se recusou deliberadamente a ir comprar presentes de Natal comigo, assim como Julies, que estava muito estranha há semanas, o que me levou a convidar Lauren, uma vez que eu ia passar o Natal com Jon naquele ano, que tinha generosamente comprado passagens para os meus pais irem para lá, mesmo que eu considerasse aquela cidade como *não segura*.

Por todo lugar que eu ia, via jornais informando *ataques de animais*, lobos assassinando pessoas, mas não poderia abrir mão de passar com eles o feriado, por isso aceitei e Lauren passou no colégio

para me buscar e fomos a uma cidade vizinha comprar os presentes.

— Preciso conversar uma coisa com você — falei quando paramos em um café; ainda era muito cedo e não tinha tido tempo antes de sair, assim, colocamos nossas recentes compras no chão e pedimos dois cafés.

— O que foi? Aconteceu alguma coisa?

— Você sabe que Juliette está muito estranha nessas últimas semanas; não sei se é a morte da mãe dela ou a perseguição desse maluco homicida ou... estresse, mas está e hoje a noite, ela me mandou essa mensagem estranha — achei a mensagem e entreguei meu celular para Lauren que franziu o cenho.

— Ela está estranha, mas... “*Me ajuda. M...*”? Definitivamente tem alguma coisa de muito errada acontecendo com ela...

— Eu liguei para ela em seguida, mesmo sendo muito tarde e ela simplesmente disse que dormiu em cima do celular, que digitou isso sozinho — ela franziu as sobrancelhas e tomou um gole do seu café.

— Falou com Rafael ou Cedrico? Acho que eles a conhecem melhor do que ninguém nesse

momento... — guardei o celular no bolso e também tomei o meu café.

— Falei com Rafael, e o que ele me disse foi mais estranho ainda: eles terminaram. Mas antes de terminarem, estavam na cama uma noite e Juliette simplesmente levantou gritando por socorro e disse que *era ele*, o que acha que isso pode significar.

— Não sei, mas tem alguma coisa muito errada com ela. Você pode dizer isso melhor do que ninguém, eu só sou boazinha há alguns meses e não temos nos falado muito, mas vocês são melhores amigos... ela passou por muita coisa, mas isso não justifica as atitudes — ela balançou a cabeça, pegou a cadeira e se sentou ao meu lado — Não vai contar a ninguém que eu te disse isso, mas Cedrico e eu somos meio que... *extremamente* amigos...

— Do tipo que compartilha segredos?

— Exatamente desse tipo. Ele me disse que ela estava... você sabe... se insinuando de um modo estranho para ele *e* Cassandra me disse que pegou Juliette no flagra dando uns amassos em Joseph no consultório dele — meu queixo caiu no mesmo segundo e a voz de Lauren se resumiu a um sussurro: — Isso é segredo, Cass não pode saber que eu te contei, mas somos só eu e você, os

Hamilton surtaram depois que ela contou sobre Jeremy e a coisa toda com a mãe do Cedrico... — ela balançou a cabeça e tomou mais do seu café — Somos eu e você — Lauren fixou seus olhos nos meus — e precisamos descobrir o que está acontecendo com ela.

— Por onde começamos?

JULIETTE

Não sei como caí no sono dentro do meu próprio sonho, mas passava grande parte de tempo dormindo entre as sessões de tortura de Malcolm, ele parecia cansado daquilo, mas sabia que era o jeito que ele tinha para me enfraquecer, pois se não o fizesse ele corria o risco de que eu ficasse forte o suficiente para tomar o controle, o que já tinha acontecido duas vezes: na cama com Rafael e no meu quarto no colégio, quando fui rápida o suficiente para mandar uma mensagem para meu primeiro contato, Alex. Não tinha certeza, mas tinha a impressão de que ele era meu ultimo recurso e não sabia quanto tempo mais eu conseguiria suportar até ceder; estava psiquicamente esgotada, a ponto de me entregar, não só pela tortura; a

NACIONAIS - ACHERON

solidão era tão esmagadora quanto.

ALEX

— Lauren, que... Surpresa! — foi o que Juliette disse quando cheguei na casa de Jon de braços dados com Lauren, que tinha um sorriso leve no rosto, o cabelo loiro-claro pouco abaixo dos ombros e sua franja de lado no melhor estilo Taylor Swift boa moça — Alex, não sabia que iria trazê-la...

— Você não se importa, não é? — Jon apareceu na porta com Hope no colo e sorriu.

— Juliette, convide os seus amigos para entrar — sorri como se tivesse ganho alguma coisa e entrei, mas Lauren ficou parada; voltei-me para ela, que pareceu desconfortável naquela posição, então entrelaçou os dedos com os olhos nos de Juliette.

— Você precisa convidá-la — esclareci a Jon, que franziu o cenho embalando Hope.

— Ela é uma vampira?

— Não, eu... sou uma bruxa, mas fui banida pelos ancestrais, então eu...

— Claro, entre, se você é inimiga dos ancestrais é minha amiga — Lauren sorriu e deixamos o

embaraço inicial de lado. Já sabia que estava nevando em NY e por isso meus pais não puderam ir, então seríamos só nós quatro, cinco se Hope contasse. Então nos acomodamos na mesa depois de Jon colocar Hope para dormir.

Jon se sentou na cabeceira da mesa e tomei o lugar do seu lado direito, ficando à frente de Juliette e ao lado de Lauren.

— Então, Alex, como tem ido os estudos?

— Bem, eu acho, estou me candidatando a algumas vagas de bolsas para o ano que vem — falei enquanto passava o purê para Jon, que tinha um sorriso suave — E você, Juliette, já pensou no que vai fazer no próximo ano? — ela colocava ervilhas no prato de modo estranho, sendo que nunca gostou de ervilhas, então ergueu o olhar para mim, os olhos verdes parecendo mais claros, arregalados.

— Ainda não tenho certeza, talvez eu vá administrar as empresas da família um dia... — foi a vez de Jon estranhar, assim como eu, mas não disse nada imediatamente.

— Achei que você não queria entrar no mundo dos negócios, ou foi o que sempre me disse — ele passou o purê para ela.

— Como eu disse, ainda não tenho certeza; muita coisa aconteceu desde que eu tinha essas opiniões, agora que as coisas estão diferentes, eu também mudei o que pensava — foi uma boa resposta, dadas as circunstâncias, mas não me convenceu de modo algum. Começamos a comer em silêncio por um minuto.

— E você, Lauren, tem alguma aspiração para o futuro? — Lauren sorriu suavemente.

— Estou me readaptando a uma vida sem magia e reavaliando minhas perspectivas... a primeira coisa que quero fazer é sair daqui, dessa cidade.

— Esse é o primeiro grande passo. Vocês estudando juntos? — ele olhou para Juliette, que estava estranhamente quieta, comendo cheia de bons modos e uma cara estranha.

— Eu tentei estudar naquele colégio no último ano, mas... não me adaptei muito bem — Lauren ergueu os ombros e sua franja de moveu, alguns fios se soltando e caindo sobre suas pálpebras — Eu sempre estudei em casa...

— Pais superprotetores?

— Na verdade... — Lauren ficou um pouco tensa e ergueu a mão esquerda para consertar a franja enquanto calculava suas palavras, parecia temê-las

— meu pai morreu quando eu era muito nova e...

— senti a hesitação em sua voz e, sem pensar, coloquei minha mão sobre a sua, que estava repousada em sua coxa. Ela ergueu os olhos para me olhar por um segundo, depois para Jon, prosseguindo em um tom suave: — A minha mãe foi regente dos nove *covens* antes de Elena e depois do que ela fez para deter Malcolm... ela nunca mais foi a mesma.

— Sinto muito por tocar em um assunto tão delicado...

— Não, está tudo bem — ela sorriu e apertou meus dedos sob sua palma antes de soltá-lo e voltamos a comer — Ela não vive mais comigo...

— Você mora sozinha?

— Sim, desde que tenho uns... doze ou treze anos — Jon ergueu as sobrancelhas, surpreso.

— Você conhece Nova York? — Lauren fez que não e daquela vez até eu fiquei surpreso — Deveria. Se não se decidir, deveria conhecer a cidade... é bem-vinda na minha casa.

— Mas você nem me conhece...

— Se é amiga do Alex, é minha também; e da Juliette — nesse momento, quando ele olhou para Julies, ela sorriu suavemente e pousou o garfo no

prato.

— Talvez Alex não saiba escolher suas companhias... Lauren, por que não conta para o meu pai o motivo de você ter sido banida do seu *coven*? — Lauren franziu o cenho suavemente com o olhar fixo no de Juliette, uma cara do tipo “*Você não vai querer fazer isso*”, parecia furiosa, mas não deixava transparecer em sua superfície; perceber o quanto tentava se controlar.

— Juliette... — Jon começou, mas Lauren desviou o olhar de Julies para Jon.

— A minha linhagem é constituída de magia negra, e às vezes isso pode ficar fora de controle... eu posso — ela engoliu em seco e desviou o olhar do dele por um segundo — Você deve saber que magia negra pode dominar as pessoas... e nunca tive ninguém para me ajudar. Antes de eu conhecer Rafael, minha magia era completamente fora de controle... e eu posso ter cometido erros — ela ficou os olhos em Juliette, fuzilando-a —, mas estou tentando mudar e ser melhor; eu nunca quis essa magia...

— Eu entendo — Jon falou e Lauren e eu o fitamos; ela respirou fundo, acalmando-se — Também já tive problemas com magia e ser banida

pelos ancestrais não é o fim do mundo, você ainda tem sua própria magia, só precisa fazê-la florescer sozinha.

— Magia não é tão boa quanto tentam ensinar às crianças — Lauren e eu olhamos para Juliette uma última vez antes de voltarmos a comer; o jantar ficou meio estranho, mas Jon fez de tudo para quebrar aquele clima ruim.

Depois do jantar, reunimo-nos na sala de estar para tomarmos chocolate quente sentados no sofá; Lauren e eu em um e Juliette e Jon no outro, de frente para nós, e Hope no bebê conforto ao lado dele, ainda adormecida e toda fofinha; quando estava acordada, tinha aqueles olhos parecidos aos de Izabel, semelhante aos de Juliette, aquele verde-esmeralda intenso: — Hora dos presentes — Jon se levantou e caminhou até a árvore para pegar os presentes aos seus pés — Bem, aprendi que sempre temos que ter um presente extra, para o caso... — ele estendeu a primeira caixa, quadrada, média, com papel vermelho e fita dourada, para Lauren, que ficou boquiaberta por um segundo.

— Isso é para mim? — pareceu lisonjeada, como se nunca tivesse ganhado presentes de Natal na vida e tive alguma dúvida se alguma vez tinha; a

coisa toda do pai morto e a mãe ausente me diziam que ela não havia tido uma infância ou adolescência normais. Ela pegou a caixa com um sorriso estranho e desfez o laço; seus olhos castanhos pareciam brilhar enquanto Jon me dava outra caixa parecida, por último a Juliette.

— Pode não ter sido algo que eu teria comprado se soubesse que você seria a convidada, mas... — ela pegou o suéter vermelho com um brilho singular e diferente nos olhos.

— Muito obrigada — ela engoliu em seco e me olhou por um segundo — Nós deveríamos... pegar os presentes no carro.

— É, claro — Lauren e eu saímos da casa e ela pegou as chaves para abrir o porta-malas.

— Eu estou... tendo uma sensação — ela começou a pegar as caixas e colocar em uma pilha em meus braços, aparentemente nervosa — Uma sensação de bruxa. Tem alguma coisa ruim nessa casa, muito ruim...

— Que tipo de coisa? Você pode... *sentir*? — não tinha certeza se era aquilo; Lauren fechou o porta-malas e se virou para mim de modo abrupto, repentinamente muito perto.

— Eu não sei exatamente o que é, mas é algo...

maligno — ela colocou a mão no peito de modo dramático como se estivesse tendo um ataque cardíaco — Eu preciso de um tempo para descobrir, mas, definitivamente é um feitiço e muito poderoso, não sei explicar o que quero dizer... — pelo seu tom e o modo como franziu o cenho com a mão sobre o coração, Lauren parecia angustiada, algo parecia perturbá-la demais e imaginei se aquela sensação, *coisa de bruxa*, ou o que quer que fosse a afetava de algum modo. Não sei por quê, mas estava estranha e confusamente preocupado com ela — Você acha que Juliette pode ter sido... sei lá, enfeitiçada por Malcolm? — ela falou muito baixo olhando para a janela da sala enquanto mexia o pé sobre o cascalho, provocando um barulho insuportável — Malcolm já esteve na cabeça dela antes, nos sonhos...

— O que você está fazendo? — franzi o cenho e olhei para baixo, para que ela parasse com aquele ruído incômodo que estava fazendo, mas ela só continuou e sentou no carro enquanto eu ficava parecendo um idiota com os presentes nas mãos. Ela colocou a mão na orelha rapidamente e apontou para Juliette, que estava de costas para nós sob aquele ângulo, mas entendi. Audição de vampiro, é

claro.

— Eu não sei se tem mesmo um feitiço, mas posso descobrir... só preciso do feitiço específico e tenho quase certeza. Vou falar com Rafael amanhã e ver o que vamos fazer. Devemos ir embora?

— Não, vamos ficar mais um pouco — ela balançou a cabeça e ficou de pé, seu olhar prendeu minha atenção cinco segundo a mais que o necessário.

— Como vai descobrir se ela estiver mesmo *enfeitiçada* ou... sei lá?

— Quebrar o feitiço, certamente — ela foi andando na frente e estreitei os olhos com o pensamento distante.

RAFAEL

— Você está bem? — foi a primeira coisa que eu tinha de perguntar a Cedrico quando ele abriu a porta do quarto no dormitório do colégio. Tinha muito tempo que ele não voltava para casa, dizia estar concentrado nas aulas, mas não queria conversar e estava preocupado; era véspera de Natal, não era possível que ia passar ali, naquele quarto.

NACIONAIS - ACHERON

— Estou ótimo — senti a leve ironia em sua voz quando se sentou na cama e me encarou enquanto eu fechava a porta com cuidado; fiquei parado atrás dela, olhando como ele estava indo. Parecia morar ali agora, tinha até um micro-ondas e comida do tipo macarrão instantâneo; uma garrafa de vodka estava repousada no chão ao lado de um copo alto como se fizesse parte da decoração. Ergui os olhos de volta para Cedrico ao perceber que ele já tinha bebido o suficiente.

— Por que não vem para casa comigo? A mãe está preocupada com você — não sei por quê falei daquele jeito, só queria que saísse daquele estado em que se encontrava há semanas e fosse para casa comigo, que fizesse alguma coisa que não fosse fingir que estava tudo bem enquanto se deteriorava — Cedrico, vamos lá...

— Ela é a *sua* mãe — ele ergueu os olhos, parecia estar furioso comigo — Você esquece que Joseph sempre soube, e a traição dele foi ainda pior do que a de Jeremy; ele não significa nada para mim, mas Joseph... ele me criou como se fosse filho dele e durante todos esses anos esteve mentindo para mim... — a dor era profunda em seu rosto e vacilei. Não sabia mesmo o que dizer a ele,

Cedrico estava certo, eu teria feito o mesmo se tivesse sido comigo, mas não podia desistir e ir embora, não podia dizer a ele que ia ficar tudo bem.

Então apenas me sentei ao seu lado e tentei confortá-lo, mesmo que não fosse possível: — Se você vai ficar aqui, também não vou para casa.

— Não, Rafael, pare... — antes que ele continuasse, seu celular tocou mais a frente na cama e Cedrico inclinou-se para pegá-lo; antes que ele atendesse, pude ver que era Lauren.

— E aí? — ele falou em um tom estranhamente descontraído, diferente do modo como falava comigo. Esperou enquanto ela lhe falava alguma coisa e olhei para o chão distraidamente — Vou ver o que posso fazer, mas não tenho nenhum livro aqui... talvez eu conheça algum — ele esperou e resmungou alguma coisa — Eu também percebi que tinha alguma coisa errada, não caí naquela conversinha de se importar comigo... nos encontramos na sua casa mais tarde — ele desligou e se voltou para mim, já se colocando de pé.

— Está saindo? — ele alcançou uma camisa de mangas na cabeceira da cama e enfiou-a pela cabeça em um hábil movimento.

— Sim, vou até a casa da Lauren; vai ficar aí? —

ergui as sobrancelhas e ele fez um movimento com a mão na direção da porta e colocou o celular no bolso — Vamos logo.

Salve a todos dentro de você^[9]

Mesmo tendo namorado Lauren, nunca tinha ido a casa dela, o que poderia parecer estranho, mas não sob as circunstâncias em que vivíamos. O estranho era que ela morava em uma casa, uma casa *normal* no centro da cidade, e, ainda mais estranho, Alex estava na casa dela, ao seu lado no sofá da sala quando entramos. Franzi o cenho e Lauren pousou os olhos nos meus, parecendo chocada ao me ver ali: — Rafael...

— O que você descobriu? — Cedrico ficou entre nós e Lauren se voltou para ele com um suspiro e entrelaçou os dedos.

— Eu... tive uma sensação tão ruim, Cedrico —

para minha surpresa, ela se ergueu na ponta dos pés para abraçá-lo, de costas para mim.

— Não se preocupe agora, nós vamos dar um jeito nisso — Cedrico se recusou a me dizer o que estávamos indo fazer ali, apenas disse que era importante e que poderiam *precisar de mim*.

— O que está acontecendo aqui?

— Resumindo? — olhei para o centro da sala, onde Alex estava parado — Juliette está possuída por Malcolm e precisamos fazer alguma coisa.

— Juliette *o quê?* — Lauren se afastou de Cedrico e suspirou.

— Não exatamente desse jeito — ela olhou para Alex como se dissesse que ele deveria ser mais sutil — Eu não tenho certeza, mas, é, provavelmente é o Malcolm — ela se afastou de Cedrico para alternar o olhar entre nós dois, balançando a cabeça incrédula — Não acredito que nenhum de vocês percebeu que ela estava agindo tão... estranha. Eu mal a conheço e sei que Juliette não é assim... Cedrico, você tem o feitiço?

— Hum, não. Está na mansão, temos que ver se vai funcionar e se você estiver mesmo certa e o feitiço não funcionar...

— Nós não temos outra chance, precisamos fazer

alguma coisa, não esperar de braços cruzados pelo que ele pode e *deve* estar fazendo com ela. Então — ela fixou os olhos em mim —, vamos fazer alguma coisa ou não?

JULIETTE

— Isso é tão entediante, Juliette — ele soltou a corda e a janela se fechou atrás de mim; não antes de me queimar, portanto, ele usou o extintor de incêndio para apagar as chamas em meus antebraços.

— *Você* está entediado? — sorri com escárnio e balancei a cabeça, meu cabelo caindo pelo rosto pouco antes de eu erguê-lo — *Eu* estou presa em meu próprio sonho, sendo torturada por... nem sei quanto tempo se passou. Meses? Anos? Eu não faço ideia! Então, é, deve ser muito entediante para você ficar aqui me torturando, me deixando queimar ao sol porque meus gritos devem ser chatos para você...

— É, é entediante, sim — ele se aproximou e se inclinou apoiando as mãos nos joelhos, sério — Ser uma adolescentzinha insegura e estar nesse drama ridículo do tipo *Ah, eu não sei quem eu amo mais*.

Por favor... — ele se ergueu e ficou de costas.

— Você não vai se safar, seu filho da mãe — inclinei meu corpo para frente furiosamente e ele se voltou novamente para mim — Eu tenho certeza que os meus amigos vão descobrir tudo, você não pode se passar assim por mim; não pode enganar todo mundo.

— Cedrico é minha próxima vítima... mas ele é tão difícil, já entendi o que viu nele e o que ele *não* viu em você para terminar. Ele é esperto, não caiu em nenhuma das seduções baratas, mas com os sentimentos que tem por você, garanto que não vai resistir por muito tempo a esse corpinho — ele gesticulou rindo na minha direção.

— Ele nunca vai cair nessa, Cedrico me conhece... e acredite em mim — continuei em um tom mais controlado, quase ameaçador se eu não estivesse naquela posição —, pode não ser hoje, nem amanhã, talvez nem mesmo na semana que vem... mas você vai pagar. Eu estarei forte o suficiente para te expulsar, e quando eu sair daqui, você vai me pagar. Eu vou te matar com as minhas próprias mãos, seu desgraçado.

— É, faça isso. Vou esperar ansiosamente, assim seus dois amores vão ver o quão fria você é... o

quanto é uma híbrida desalmada.

— Eu não me importo com eles, apenas mantenha em mente que vou me vingar e você vai cair; você, os ancestrais e quem mais estiver do seu lado e eu não me importo se tiver que morrer no processo. Essa pode ser a última coisa que eu vou fazer na vida, mas eu vou. Essa é uma promessa, Malcolm.

LAUREN

— É hoje. Hoje é um bom dia para morrer! — ergui os braços, alongando-os com um sorriso vivaz e alegre.

— Não seja tão pessimista — olhei para a cama ao meu lado um pouco a frente onde Alex estava se levantando e deixei os braços caírem ao lado do corpo — Hoje é um bom dia para salvar vidas, a vida da nossa querida amiga.

— Eu não diria que Juliette é minha amiga — franzi o cenho e joguei as pernas para o lado de fora da cama de Rafael, onde eu estava dormindo para não ficar tão sozinha em casa; não que ficar sozinha fosse um problema, mas Alex e eu também estávamos fazendo pesquisa para que tudo corresse

bem quando executássemos o tal feitiço e para falar a verdade, estava gostando de passar tanto tempo com ele, me divertindo ensinando-o magia, feitiços e algumas noções básicas sobre bruxaria e a coisa toda. Por isso, acomodei-me na cama de Rafael no dormitório do colégio que eu tinha abandonado algumas semanas antes, mas ninguém parecia ligar; o colégio estava vazio naquela última semana de dezembro quando levantei e fui escovar os dentes.

Meu reflexo no espelho parecia estranhamente pálido quando tomei um banho e vesti roupas quentes antes de sair do banheiro para Alex entrar. Ele tinha aquele cabelo castanho lindo e bagunçado, andava de modo despojado naquela camisa de mangas longas e calça, ambas cinza, e seus olhos caíram sobre mim com um sorriso fácil: — É assim que as bruxas se vestem para o café da manhã? — sorri de volta na porta do banheiro e me virei para deixá-lo passar.

— Só as mais gatas — ele me empurrou, brincalhão, e fechou a porta. Estava nevando do lado de fora e passei um tempo sentada aos pés da janela, vendo os floquinhos de neve caindo suavemente e cobrindo tudo de branco — Pronto? — Alex saiu do banheiro atrás de mim e calçou os

sapatos.

— Claro, para quê?

— Para o café da manhã — levantei e enfiei o celular no bolso — Vamos para aquele café na cidade encontrar Cedrico e Rafael, revisar nosso plano... essas coisas que os bruxos fazem — saímos juntos pelo corredor, depois até o meu carro, que dirigi com cuidado por causa da neve, que não era muita, mas fazia os pneus deslizar um pouco, atrapalhando também a visibilidade — Você não deveria vir conosco a noite — finalmente falei o que estava na minha cabeça desde o momento em que abri os olhos naquela manhã.

— Motivos de seguranças? — ele falou neutro, mas vi que não era exatamente o que queria, nem sabia se entendia.

— Eu não quero te excluir, você é mais amigo da Juliette do que qualquer um de nós — apertei o volante com mais força —, mas todos queremos ajudá-la e não vou conseguir fazer feitiço algum se tiver que me preocupar com Malcolm e você na mesma sala... ele pode parecer visualmente inofensivo, mas sabemos o quanto pode ser perigoso.

— Tudo bem, já entendi; eu sou só o cara que

ajuda com a pesquisa — busquei seu olhar, mas ele se recusou a me olhar de volta — Certo, Lauren, vocês podem ir, eu vou ficar do seu lado.

— Obrigada.

À noite, como tínhamos falado com Jon, que era uma das pessoas mais legais que eu já tinha conhecido e tinha concordado em nos ajudar, concordado também de que ela estava estranha e nos dado a ideia de que deveríamos usar uma relíquia de família de Juliette, que ela não estava usando desde que aquela estranheza toda tinha começado, como a relíquia para o feitiço; nesse caso, para prender a alma que a possuía.

JULIETTE

Abri os olhos de repente, meio tonta, sentindo alguma coisa errada do lado de fora, algo... me puxando. Tudo a minha volta começou a tremer, borrar, uma força sobrenatural me arrastando; as cordas em meus pulsos sumiram e fui lançada para a frente, caindo com força no chão, muito fraca até para conseguir me colocar de pé. Pisquei e encostei o rosto no chão de pedra, minha respiração arfante, meu peito parecia sufocar e ofeguei. Tudo parecia

PERIGOSAS

muito confuso a minha volta, meus dedos estavam trêmulos, estendidos na direção da porta como se quisesse alcançá-la, mas meus olhos se fecharam. O sonho parecia ruir, mas eu não conseguia nem ficar de pé, apenas desisti; me entreguei completamente e achei que aquele fosse o fim.

Estou do lado estrangeiro do estado[\[10\]](#)

Quando abri os olhos, contudo, não senti como se estivesse morta.

Engoli em seco quando vi que estava deitada em um sofá, confortável e familiar.

— Você gosta da sua pipoca amanteigada? — pisquei sonolenta e perdida, erguendo a cabeça para olhar por sob o braço do sofá, cheia de desconfiança quando escutei aquela voz doce e descontraída.

— Mãe? — pulei do sofá e fui até a cozinha onde minha mãe estava fazendo pipoca, mal notando que a TV estava ligada; havia um nó em minha garganta quando joguei os braços em torno dela e

fechei os olhos com um suspiro.

— Meu Deus, o que é isso?

— Jesus... eu senti tanto a sua falta — funguei e apertei-a ainda mais como se fosse desaparecer a qualquer segundo.

— Mas eu só levantei para fazer pipoca — ela sorriu e me abraçou, pareceu estar sem graça, nem me perguntei com o fato de que eu não sabia onde estava, embora estivesse no nosso antigo apartamento em Salém. Sabia que ela estava morta, mas que tipo de lugar era aquele onde ela não estava? Ignorei aquela parte minha que prezava pela precaução e suspirei, abraçando-a tão forte quando conseguia — Tudo bem... — o micro-ondas apitou e ela me afastou carinhosamente.

— Mãe, o que aconteceu? — ela tirou o saco de pipoca do micro-ondas e colocou em uma tigela.

— Em que parte? Só estávamos vendo um filme ruim e você pegou no sono — ela comeu uma pipoca e franziu o cenho — Você está bem?

Desfiz aquela expressão de confusão e frustração do rosto, relaxei os ombros e tentei agir normalmente: — Estou ótima — e abracei-a novamente — Estou tão feliz que esteja aqui comigo — murmurei e as lágrimas me vieram

automaticamente aos olhos.

RAFAEL

— Ela não parece muito bem — murmurei quando a coloquei em sua cama enorme de casal em seu quarto na casa de Jon; ajoelhei ao seu lado e tirei delicadamente o cabelo do seu rosto, esperando que ela acordasse logo. Mal conseguia acreditar que, mesmo com todas aquelas mudanças insanas e fora de contexto, não só o fato de ter terminado comigo depois de dizer que me queria para ela, eu não tinha notado que Juliette não era ela mesma, que estava sofrendo de algum modo, presa dentro da sua própria mente, passando por algum tipo de inferno onde eu não podia ajudá-la.

Sua mão estava imóvel, assim como o resto do seu corpo extremamente pálido. Queria desesperadamente que ela acordasse, que acordasse logo, queria poder abraçá-la e pedir desculpas por não ter feito nada quando ela precisou de mim, mesmo desconfiando daquele seu comportamento. Que não era *dela*, na verdade. Fechei os olhos e apertei sua mão entre as minhas, meus olhos fechados e os lábios pressionados contra sua palma,

NACIONAIS - ACHERON

tendo absoluta ciência de que Jon e Cedrico estavam atrás de mim: — Ela vai ficar bem — Cedrico falou, mas não tinha certeza, apenas esperava, assim como eu. Ela *tinha* de ficar bem.

— Ela vai precisar de tempo para se recuperar, é melhor deixá-la descansar.

— Não vou sair de perto dela — falei sem me mover, apertando sua mão com ainda mais força e fitando seu rosto pálido, ansiando com desespero e fúria que aqueles lindos olhos verdes se abrissem para mim — Não vou deixá-la sozinha — parecia que estava falando comigo mesmo enquanto beijava a parte de cima da sua mão, parecendo um maluco, sem sombra de dúvidas.

E quando dois dias se passaram sem que eu saísse do lado dela, tive certeza que poderia morrer ali esperando que ela acordasse, não conseguia dar um passo para longe dela, então sentei no chão, com as costas contra a lateral da cama de modo que eu podia continuar olhando-a e segurando sua mão, esperando ser a primeira coisa que ela veria quando acordasse; a possibilidade de que não acordasse era a coisa mais insuportável do mundo e coloquei na cabeça que aquilo não podia ser cogitado. Ela *ia*

acordar, só precisava de um tempinho até estar pronta, ela tinha passado por muita coisa dentro da sua própria mente, nunca achei que fosse fácil.

Me sentia definhar por dentro a cada segundo que se passava e ela permanecia imóvel. Às vezes até checava se estava respirando, dei-lhe uma bolsa de sangue porque achei que ela estava pálida demais e mesmo dormindo talvez fosse precisar se alimentar. Mas nada. Nada acontecia; Cedrico passou um tempo ali comigo, mas até ele estava achando obsessivo o modo como me postei ao lado de sua cama, o modo como estava me culpando por tudo, como se não fosse minha culpa. Como se eu não tivesse sido um desgraçado filho da mãe por simplesmente tê-la deixado ir. E decidi tomar uma atitude no terceiro dia quando Jon e Cedrico entraram no quarto, ambos concordando que eu precisava sair dali, me alimentar, voltar a viver a minha vida, mas minhas ideias eram outras: — Preciso entrar na cabeça — fitei seu rosto pálido e imóvel, seu peito se movendo sob sua respiração de cadência suave e segurei sua mão.

— *Entrar na cabeça dela?* Acha que isso vai ajudar? — achei que Jon seria o primeiro a me recriminar, mas estava tão preocupado e

desesperado quanto eu e colocou a bandeja no aparador perto da porta.

— Acho. Ao menos vamos saber o que está acontecendo lá, o que a está impedindo de acordar. Tem algo errado, ela está bem e saudável e não acorda... — olhei para trás, para Jon — tem alguma coisa acontecendo no subconsciente dela. Por isso ela não acorda.

Entrar foi fácil, mas caí no meio de uma rua do centro, sem fazer a menor ideia de por onde deveria seguir. Olhei a minha volta para a bifurcação que levava a minha casa e ao comércio onde se podia encontrar todo tipo de coisas para um feitiço. Quando virei à direita, foi que percebi que estava de frente para o antigo prédio onde Juliette vivia com os pais há um tempo e concluí que tinha ido parar no lugar certo. Talvez fosse lá onde ela estivesse presa, não na mansão da minha família como no mundo prisão, nem em qualquer outro lugar, mas ali; em seu antigo lar. Fazia todo o sentido para mim, que estava cheio de esperanças de que iria encontrá-la, de que teríamos uma boa conversa e ela saberia que precisava acordar e eu certamente a ajudaria no processo. A rua estava

deserta para o fim de tarde, o céu começava a escurecer quando penetrei o prédio simples com aquele ar de comodidade que eu nunca tinha sentido em meu próprio lar, e subi até o apartamento dela.

Uma onda de hesitação me atingiu quando me vi diante daquela porta, quando vi aqueles números que pareciam tão iguais aos outros e tive certo medo do que poderia encontrar. Ela ou nada, e ambas as possibilidades me assustavam. A ideia de que ela estivesse lá, que me dissesse o que tinha acontecido durante todas aquelas semanas em que estive *longe*, de que me culpasse ainda mais do que eu já me culpava; um estranho medo me envolveu diante da possibilidade de que ela me visse como um idiota que tinha sido tão ocupado com o próprio egoísmo que nem sequer percebeu que ela, que a Juliette que estava lá, não era realmente ela. Mas, então, ouvi barulhos. Primeiro, a TV ligada em algum filme, com sons que não consegui identificar, depois escutei sons de risadas, de Juliette também e me enchi de coragem para bater três vezes na porta.

— Quem é? — Juliette perguntou em um tom alegre, contendo seu riso gostoso.

— Sou eu... ahn... Rafael...

— Pode entrar — escutei a porta ser destrancada e aberta, mas ela não estava atrás dela, então simplesmente empurrei-a e entrei, fechando-a atrás de mim.

— O que está fazendo aqui? — ela estava sentada no sofá e se colocou de pé, parando de sorrir. Mas não foi seu sorriso estonteante que me deixou parado no meio da sala, perto do corredor que dava na porta, foi ver Izabel sentada no sofá — Rafael...

— Juliette sorriu e voltei meus olhos novamente para ela, que tinha um sorriso suave e doce, e passou o polegar no passador de sua calça.

— Oi... eu... ahn...

— Posso te ajudar com alguma coisa?

— Pode, na verdade. Podemos conversar? — ela ergueu as sobrancelhas e pareceu surpresa, então desviou o olhar por um segundo.

— Ta, tudo bem — ela manejou a cabeça para que eu a seguisse quando caminhou pelo corredor até seu quarto, onde fechou a porta com os braços cruzados — O que você quer?

— Eu não sei como te falar isso, mas... *isso* é um sonho — um junco suave se formou entre suas sobrancelhas e ela sorriu suavemente sem entender,

mudando o peso para a perna direita.

— Rafael, você está bem? Usou alguma droga? Eu não sei se Cedrico vai gostar de saber que você está aqui, então, se era só isso que você queria dizer, acho melhor você ir embora — ela descruzou os braços e tocou a maçaneta para abrir a porta, fazendo-o minimamente antes de eu avançar em sua direção e fechar a porta novamente, ficando muito perto dela naquela penumbra, apenas a luz que entrava pela janela iluminava o quarto, lançando sobre seu rosto pálido uma luz mínima; Juliette tinha aquele olhar incisivo e desafiador que me fazia querer beijá-la com a mão sobre a dela na maçaneta.

— Só me escuta, por favor, Cedrico não tem nada a ver com isso... eu só quero dizer que... pode parecer tudo muito bom aqui, mas nada disso é real, Julies...

— Rafael, pare com isso, por favor — seu tom pareceu cansado e ela suspirou, retirando a mão abruptamente de debaixo da sua e recuando um passo, esbarrando no abajur atrás dela — Cedrico é o meu namorado, e eu sei que nos beijamos, mas aquilo foi... *errado*. Eu não quero pensar mais nisso e você deveria fazer o mesmo, só... esqueça

tudo isso e vá embora, por favor.

— Me escute, eu não estou louco, mas você *precisa acordar* — aproximei-me e Juliette arregalou os olhos quando agarrei seu cotovelo; ela se inclinou para trás, quase caindo em cima do criado-mudo — Tudo isso pode parecer muito bom, e você deve sentir falta da sua mãe, mas isso não é verdade, Juliette!

— Me solte... — ela murmurou e puxou o braço; parecia tão frágil e assustada, seus olhos verdes arregalados, sua pele parecia brilhar sob a luz fraca da lua que começava a se mostrar do lado de fora — Rafael... você está me machucando, me solta — algo em sua voz me fez perceber que ela estava falando sério, mas estranhei, porque, se ela era vampira porque simplesmente não *me fez* soltá-la? Tirei minha mão dela lentamente e recuei um passo enquanto Juliette esfregava o cotovelo marcado, avermelhado. Suavemente avermelhado e não estava curando!

— Você não está... por que você não está se curando?

— *Me curando?* Rafael, você está maluco? Saia da minha casa. Achei que você quisesse me dizer alguma coisa mais séria... olha — Juliette balançou

a cabeça tentando se acalmar e abriu a porta enquanto eu me afastava dela para sair —, é melhor você ir embora.

— Tudo bem, eu vou. Só... acorda, Juliette — olhei-a nos olhos de modo afetuosamente e vi como aquilo a desestabilizou por um momento — Sua mãe morreu, eu sei o quanto isso é difícil, mas você *precisa voltar* — ela franziu o cenho, assustada e balançou a cabeça sem entender.

— O que aconteceu lá? — soltei a mão de Juliette e abri meus olhos com uma dor estranha no peito.

— Ela está mais ferrada do que eu pensei... — vi Cedrico parado a minha frente, ao lado de Juliette e me virei para ver que Jon ainda estava atrás de mim, perto da porta — Juliette não é vampira e está presa em um sonho esquisito achando que Izabel ainda está viva e apaixonada por você — olhei para Cedrico no fim, que franziu o cenho em surpresa e olhou para ela, o olhar suavizado.

— Meu Deus... nós erramos todo esse tempo; devia ter feito alguma coisa antes, quando achei que o comportamento dela estava estranho demais — ele tirou um cacho de seu cabelo curto do rosto; poderia ter sido uma coisa boa, mas imaginei

como Juliette ficaria *quando* ela acordasse e visse que Malcolm tinha cortado seu cabelo.

— Sua vez — Cedrico ergueu os olhos, desconcentrado, como se não tivesse escutado — Ela acha que vocês ainda estão juntos, me expulsou da casa dela... é você quem ter que convencê-la.

— Não, eu...

— Cedrico, escuta... ela está feliz. Na cabeça dela, vocês estão juntos, a mãe dela está viva... ela está feliz, alguém ter que fazê-la acordar para a realidade que é bem pior, e esse alguém é você.

— Mas... vocês estavam juntos antes de tudo isso... isso é loucura... — ele balançou a cabeça; parecia muito confuso enquanto fitava seu rosto com afeto, um tipo de afeto que me deixou com ciúme, mas ignorei aquilo pelo bem melhor. Pelo bem dela.

— Ele está certo — foi a vez de Jon falar e se aproximar. Fiquei de pé e me afastei um pouco da cama, ainda processando com dificuldade tudo o que tinha visto, tudo que tinha acontecido, na cabeça de Juliette; tudo ficou muito confuso dentro de mim — Talvez ela esteja tão perdida que esteja procurando um pouco de felicidade... apenas tente.

— Tudo bem. Não sei se vai funcionar, mas...

tudo bem — ele pegou a mão dela com cuidado e acariciou a parte de cima dela, pouco antes de fechar os olhos.

CEDRICO

Não conhecia o lugar onde apareci, mas aos poucos fui me localizando e percebi que era um enorme salão a minha esquerda, logo depois de um corredor extenso, em tons claros e bem iluminado. Passei pelas portas enormes e vi dezenas de pessoas lá, só então me dando conta de que era uma aula de dança, mas todos se vestiam normalmente. Havia flores nos aparadores espalhados nos cantos do salão, o canto esquerdo mais distante havia um piano e perto dele um aparelho de som sobre uma mesa de madeira elegante e perto dela tinha ainda janelas enormes que enchiam o ambiente de luz.

— Cedrico, achei que ia me deixar aqui feito idiota — Juliette apareceu de repente em meu campo de visão e jogou os braços em torno do meu pescoço para me abraçar — Que saudade...

Abracei-a de volta com certo receio, pouco adaptado àquela situação estranha quando afrouxou os braços e me beijou rapidamente antes de se

afastar: — Você está tão estranho... — Juliette pousou a mão em meu peito — está tudo bem?

— Sim, claro.

— Então vamos, a aula vai começar — ela me puxou pela mão até o centro do salão, onde os outros formavam uma fila; uma de homens e outra de mulheres, cada um de frente para o seu par enquanto uma mulher mais velha, parecendo ser instrutora de dança, e olhei Juliette de frente para mim, a um metro de distância. Ela usava um vestido preto básico um pouco acima dos joelhos, sem mangas, e tinha um sorriso impecável no rosto sem maquiagem, seus cabelos negros caindo pelos ombros ainda longos, indo até as costas em um corte irregular e bonito.

— Sejam bem-vindos — a mulher anunciou — nessas duas semanas vocês estarão dançando da melhor maneira possível, boa sorte a todos — e começou a tocar uma música. Pisquei demoradamente enquanto a mulher ia dando as instruções para que nos aproximássemos e erguêssemos a mão direita na direção da do parceiro, sem nos tocarmos de fato, mas bem perto. Podia sentir o calor da palma de Juliette enquanto girávamos lentamente pelo salão, seu sorriso

encantador me fazia querer sorrir também, mas permaneci sério, apenas dançando, calculando como falaria com ela.

— Você está estranho — erguemos a mão esquerda e ficamos de frente um para o outro, meu olhar pouco mais baixo concentrado no dela enquanto tocava *Hunger*, aquela música nos envolvendo, o clima ainda mais tenso para mim do que para ela, dado o fato de que eu tinha ciência de tudo e ela não.

— Rafael me disse que foi falar com você... — comecei sem saber se aquilo de fato tinha acontecido no mundo dos sonhos dela, incerto sobre tudo aquilo.

— É, ele estava tão estranho quanto você — ela murmurou tão baixo quanto eu, concentrada e nos afastamos, de lados opostos novamente. Nos aproximamos de novo e daquela vez segurei sua mão, passei o braço pela sua cintura e fixei os olhos nos seus — O que está acontecendo? Tem alguma coisa errada? Algo que você queira conversar... — seu olhar era terno e movemo-nos naquele ritmo, meus olhos atentos somente aos dela enquanto escutava os comandos da professora de dança.

— O que estamos fazendo em uma aula de
NACIONAIS - ACHERON

dança?

— Você fez eu me inscrever nesse concurso ridículo de Miss, não diga que vai me fazer passar vergonha por não saber dançar.

— Certo, claro. Eu só queria conversar com você hoje, podemos tomar um café depois? — ela lambeu os lábios e assentiu um momento depois.

— Eu estou feliz, você me faz feliz — ela falou enquanto tomava um gole de café dentro do meu carro, que existia na cabeça dela — O que está errado?

— O que você acha que está errado? O que Rafael te disse?

— Não quero falar nele — ela voltou sua atenção para a rua — Para onde está me levando?

— Você vai ver, apenas... — olhei para ela de relance — confie em mim.

— Eu confio — ela estendeu o braço e seus dedos roçaram delicadamente e pele sensível da minha nuca — É que... eu fiquei um bocado confusa quando Rafael veio com a conversa de que eu tinha que acordar e que minha estava morta... ele estava maluco e ainda me perguntou porque eu não estava *me curando*. Foi a coisa mais absurda

que já ouvi na vida — ela balançou a cabeça, parecendo indignada com toda aquela situação.

— Então... — calculei minhas palavras com cuidado, mas não tinha um jeito melhor de perguntar aquilo — você não é vampira?

— Vampira? Tão vampira quanto a sua ex-maluca? Me desculpe desapontá-lo se você tem uma quedinha por vampiras, mas sou apenas uma bruxa comum — ela sorriu e concentrei-me na estrada quando vi uma curva a minha frente, feliz por poder me distrair por um segundo de olhar para aqueles olhos.

— Você não me desaponta, eu amo você humana — falei olhando para ela depois da curva, depois me virei e balancei a cabeça com os olhos fechados por um segundo — Desculpe, não deveria ter dito isso — percebi que tinha dito de modo tão espontâneo que tinha sido natural, não da boca para fora.

— Por que está estranho hoje? Acha que eu não sei que está escondendo alguma coisa? Me diz o que é — ela começou a mover os dedos em minha nuca, mexer em meus cabelos carinhosa e distraidamente — Talvez eu posso te ajudar com os dramas familiares.

— É que... — antes que eu começasse, vi o lugar para onde estava levando-a e me calei ao parar o carro, apenas apreciando a luz fraca do sol naquele dia nublado, a cidade lá embaixo ainda mais bonita do que me parecia na realidade.

— Que lugar bonito — ela mordeu o lábio com um sorriso doce, até mesmo sedutor — Por que nunca me trouxe aqui antes? — antes de me esperar responder ela saiu do carro e caminhou até as barras de proteção, apoiando-se nelas para olhar a cidade lá embaixo.

— Eu trouxe — segui-a e parei ao lado dela para dizer. O vento lá em cima era forte e agitava seus cabelos, de modo que quando ela se virou para mim o tinha bagunçado e desordenado.

— Tudo bem... — ela tirou o cabelo do rosto com dificuldade e seu sorriso diminuiu — Deve ter sido as outras garotas com quem você sai, não eu.

— Não, nós viemos aqui, Juliette. Duas vezes. E você gostou daqui em todas elas, a noite, principalmente — ela apertou os olhos e chegou mais perto — Eu sei que nesses quase dois meses eu fui um idiota, que ignorei o que estava acontecendo com você, que cruzei meus braços, frustrado com meus próprios problemas idiotas e eu

sinto muito... você sabe que não estamos juntos mais, em algum lugar, você sabe. Mas eu ainda me importo com você do mesmo modo, por isso estou aqui. Porque precisamos de você, não só eu; Rafael precisa de você, seu pai...

— Então você está me dizendo que tudo que ele me disse ontem a noite... era real? Que... isso aqui é um sonho, que minha mãe morreu... — ela não terminou a frase, então me aproximei e afaguei seu rosto, puxando-a para um abraço rápido.

— Não é exatamente um sonho, talvez seja o seu subconsciente tentando te proteger de todo o mal que Malcolm te causou — afastei-a e Juliette me olhou, parecendo sofrer, sua expressão era pura agonia — Mas eu estou aqui agora... você está segura para voltar para casa, para o seu corpo, para a sua vida.

— E o que está acontecendo na minha vida fora desse... fora daqui?

— Você vai precisar ver com seus próprios olhos, mas está cheio de pessoas que te amam... que sempre vão amá-la e protegê-la.

— Como você.

— Como eu — ela chegou mais perto olhando em meus olhos.

— Eu não quero te perder — e me abraçou com tanta força que achei que pudesse quebrar meus ossos, mas simplesmente abracei-a com a mesma força; ela precisava daquele abraço mais do que nunca — Não estou falando daqui, estou falando do mundo de verdade; não quero te perder. Você me afastou antes, achando que estava me mantendo segura, mas — ela se afastou com os braços ainda a minha volta — quero que saiba que você me magoou muito — ela parecia saber exatamente do que estava falando, sobre quando terminei com ela e nem piscou, esperando pela minha resposta.

— Vamos esperar. Depois que você acordar, tudo vai se ajustar — e me abraçou de novo; daquela vez senti uma paz estranha me envolver, como se estivesse de bem com o universo, e pousei os lábios em seus cabelos — Aos poucos tudo vai se ajustar. Eu prometo.

Não quero descobrir que perdi tudo[\[11\]](#)

— Ela está bem? — escutei primeiro a voz de Rafael assim que abri os olhos, vendo Juliette ainda imóvel ao meu lado, levando não mais que alguns segundos para estar completamente desperto.

— Ela vai acordar — engoli em seco e soltei sua mão com cuidado, muito mexido com o que tinha acontecido; simplesmente afastei-me de sua cama e saí do quarto, sem querer estar lá quando ela acordasse.

Não queria ir embora, queria ficar até ter certeza de que ela estava bem, e não sei por que mais, só queria ficar. Então fiquei, mas do lado de fora, na varanda com uma mureta baixa de tijolinhos em um

estilo rústico com uma visão de árvores e natureza um pouco mais ao longe, de alguns carros mais perto. Mas não foi no que realmente reparei, meus pensamentos estavam perdidos demais, apenas me sentei na mureta e encostei as costas na parede, perto da porta e de costas para ela, meu joelho direito ergui e distante. Talvez Juliette só estivesse maluca com tudo pelo qual tinha passado, ou confusa ainda dentro do tal *sonho*, mas me perturbou tanto...

JULIETTE

Abri os olhos e movi meus dedos da mão direita com cuidado, fitando-a se mover sob meus comandos, testando para ver se ainda sabia controlar aquilo tudo, um tanto confusa quando vi Rafael e meu pai de pé a minha frente. Pisquei me sentindo fraca, sentindo como se meu corpo não me pertencesse mais, confusa ao estar ali, e me sentei olhando a minha volta sem nem ao menos saber pelo que estava procurando.

— Juliette... você está bem? — meu pai se sentou ao meu lado e franziu o cenho com um olhar de preocupação; Rafael permaneceu parado atrás

dele, mais perto da porta, parecendo temer minha reação. Pousei as costas da mão direita na testa enquanto me apoiava na esquerda, levemente tonta.

— Eu... acho que sim — senti como se tivesse mergulhado muito profundamente no mais abissal dos oceanos, havia uma estranha pressão em meu peito e não conseguia respirar. Sentia-me tão... humana e frágil que não me levantei de imediato, como queria fazer naquele segundo, esperei até que conseguisse sentir meu corpo mais firme, como se minhas pernas não fossem feitas de gelatina; joguei as pernas para fora na cama e fiquei sentada ao lado do meu pai, de repente vendo-me no enorme espelho do meu quarto.

Esqueci que mal conseguia ficar de pé um segundo antes e dei um pulo da cama, arquejando sem ar: — O que... — toquei as pontas do meu cabelo com a mão direita, meus olhos arregalados sem conseguir acreditar — o que aconteceu com meu cabelo? — virei-me para Jon como se ele tivesse a resposta quando já a sabia claramente.

— Sinto muito...

— *Scheisse!*^[12] — esbravejei em minha segunda língua, a que meu avô tinha me ensinado — *Ich werde diesen bastard töten!*^[13] — fui andando pelo

quarto e meu pai se colocou de pé em um segundo.

— O que você está falando? — virei-me para Jon, já na porta, com Rafael ao lado dela ainda em silêncio. Lembrei que o alemão dele era uma droga e suspirei.

— Eu vou matar aquele maldito... — falei entre dentes — O que ele fez durante esse tempo todo?

— Você não sabe?

— Não, eu estava... em outro lugar enquanto isso — inclinei o rosto minimamente e minha expressão se suavizou — Foi alguma coisa grave? Ele machucou alguém?

— Não fisicamente — virei-me ao escutar o som da voz de Rafael, surpresa. Será que Malcolm, no caso eu, o tinha magoado? Fiquei sem entender por um instante, e ele não esclareceu imediatamente — Mas você machucou.

— Rafael — Jon falou o nome dele em tom de alerta — Falamos nisso depois, Juliette — meu pai tocou meu ombro suavemente.

— O que houve? — estava surtando com aquele suspense todo, ninguém dizia o que era; estava a ponde de começar a gritar para ver se me escutavam e falavam a verdade — Por favor... o que aconteceu enquanto eu dormia? Alguém me diz

— girei nos calcanhares, alternando o olhar entre Rafael e meu pai, nervosa e trêmula — Aliás, onde Cedrico está?

— Lá embaixo.

— Com licença, preciso vê-lo... — passei por Jon e abri a porta. Não tinha certeza sobre o que tinha mudado tanto dentro de mim, mas algo tinha mudado, e alguma coisa em meu peito sentia uma falta absurda dele. Quase corri pelas escadas até a sala e quando não o vi em lugar algum, parei e escutei o som baixo e cadente de sua respiração, então abri a porta muito rápido e saí, encontrando-o sentado na mureta, com um ar pensativo; Cedrico se levantou muito rápido e impulsivamente joguei meus braços em torno dele.

Apertei-o tão forte que achei que fosse quebrar seus ossos, aliviada em poder sentir seu corpo tão perto do meu, sem saber por que tinha sentido tanta saudade dele, tendo-o visto em meu subconsciente, antes e depois de Malcolm: — Juliette, é você mesma? — ele beijou meus cabelos com carinho e fechei os olhos com o rosto pressionado contra seu peito.

— Sim, sou eu mesma — sorri, me sentindo dramática demais em meio a toda a loucura daquela

situação — Cedrico... — afastei meu rosto com os braços ainda em volta dele, sem conseguir mais me manter longe dele, sentindo-me tão... dependente e estranha que nem ao menos me entendia — eu preciso saber o que aconteceu; não faço ideia do que Malcolm fez enquanto estava no meu corpo — estava realmente preocupada, meu cenho franzido enquanto o encarava, aguardando por uma resposta com o peito pesado, uma dor estranha alojada dentro de mim.

— Podemos conversar sobre isso depois, mas quero que tenha em mente que nada foi sua culpa, não era você — comprimi os lábios um contra o outro nervosamente.

— Por favor, me diz... isso está me corroendo — passei a língua pelos lábios olhando para cima, em seus olhos preocupados. Repentinamente afastei-me dele, impondo uma distância segura dele enquanto sentia minhas presas se alongarem, meu rosto se transformar. Só então me dei conta de que esse era o motivo da minha fraqueza, que eu estava praticamente dissecando depois de toda a tortura mental; nem sabia qual tinha sido a última vez em que tinha me alimentado. Pelo que me lembrava, tinha sido na mansão dos Hamilton — Eu... —

abaixei a cabeça enquanto me esforçava para voltar ao normal.

— Você precisa se alimentar, vamos entrar — ele se aproximou e colocou a mão na base da minha coluna — Onde guarda suas bolsas de sangue?

— No... — Cedrico me ajudou a me sentar no sofá e pisquei tentando me lembrar, mas nada me veio a cabeça — Eu não me lembro — naquele momento, vi Jon e Rafael descenderem as escadas lado a lado, muito rápido e fitaram Cedrico de pé a minha frente, meu corpo curvado; sentia-me muito mal, muito fraca. Minhas veias pareciam lixas, meu sangue, ácido.

— Na geladeira — Jon disse e Cedrico saiu da sala, voltando em seguida com uma bolsa de sangue, que tomei, mas... não pareceu que era sangue. Com poucos goles, parei com o cenho franzido. Parecia-se com lixo — Está se sentindo bem?

— Eu não... isso está vencido — estendi a bolsa com o estômago revirando; nem sabia que era possível que vampiros tivessem aquele tipo de problema.

— Não está vencido, é um O negativo muito gostoso — Cedrico falou, inesperadamente

provando-o.

— Precisamos conversar, podemos deixar bolsas de sangue de lado — olhei para os três ali, engolindo em seco, tentando ignorar a fome para me descobrir em minha própria vida, confusa pelo modo como todos eles me olhavam naquele momento, como se eu tivesse sido a vilã sem nem saber o que tinha se passado durante aquelas longas semanas — Podemos, por favor?

— Jon, podemos deixá-los sozinhos? — foi Rafael quem falou com Jon e os dois trocaram olhares antes de Jon concordar e os dois saírem da sala. Achei estranho, mas não falei nada de imediato, apenas fitei Cedrico enquanto ele caminhava até mim e se sentava ao meu lado.

— Essa conversa vai ser longa... — olhamo-nos nos olhos por um instante — eu nem sei por onde começar.

— Pelo começo, eu acho; quero saber tudo que aconteceu. Sinto-me tão deslocada — balancei a cabeça um tanto perdida ali.

— Acho que tudo começou quando você sumiu o dia inteiro e apareceu no meu quarto, meio estranha, agindo como se... não sei, estava definitivamente estranha. Depois... Cassandra me

contou que viu você e Joseph se pegando no consultório dele.

— Ah, meu Deus — balancei a cabeça e suspirei, sem conseguir acreditar — Malcolm estava falando sério quando disse que queria que eu sofresse... ele só quis me torturar enquanto destruía a minha vida — enfiei o rosto entre as mãos — Não acredito que ele fez isso... *das hurensohn*^[14] — estava descontrolada; só quando estava com muita raiva é que começava a esbravejar coisas em alemão; respirei fundo e coloquei o cabelo atrás da orelha, ainda mais irritada com aquele desgraçado por ter cortado meu cabelo.

— Você pode, por favor, falar a minha língua? — havia um toque de humor em seu tom, embora ele estivesse bem sério.

— Desculpe, só estou... *brava* — falei a última palavra entre dentes e fitei-o, instintivamente levando minha mão até a dele, que estava repousada em seu colo, e apertei-a, sentindo-me mais confiante para enfrentar o que tivesse que enfrentar — Obrigada por me contar a verdade.

— Temo que isso não seja nem o começo — ele pareceu receoso no começo, mas deixou que eu segurasse sua mão — Você foi até a mansão —

engoliu em seco com os olhos fixos nos meus —, eu, Joseph, Jeremy, Freya e Elena estávamos lá... e *você* contou sobre Jeremy ter matado minha mãe. E Freya ser filha de Joseph — meu queixo caiu em decepção. Em choque.

— Não, não, não... tudo menos isso — sem pensar, aproximei-me um pouquinho mais e abracei-o sem conseguir evitar. Abracei-o forte, minha respiração presa no peito e senti-o soltar o ar do peito muito lentamente; a mão que eu estive segurando foi em minhas costas e ele me tocou com cuidado e leveza, como se tivesse medo de fazê-lo — *Mein Gott! Entschuldigung, Cédric...*^[15] — lembrei-me de falar na nossa língua para que ele ao menos *entendesse* o que eu dizia — eu sinto muito, sinto tanto...

— Não foi sua culpa, foi o Malcolm — envolvi seu pescoço com força, com minha cabeça sobre seu ombro, e fechei os olhos inspirando seu perfume.

— Mesmo assim. Eu sabia esse tempo todo, mas nunca tive coragem para te contar... eu... — havia lágrimas em meus olhos, enquanto controlava minha sede diante da sua proximidade, mesmo que tentasse parecer neutro, como se aquilo não o

afetasse, sentia sob seus músculos como estava afetado, como aquilo o tinha atingido — como você está? — afastei-me um pouco com o braço sobre seus ombros.

— Estou levando, em choque... me senti enganado. Não por você, mas por Joseph, por saber que ele soube disso a vida inteira, que depois me levou para sua casa, me criou como se... como se fôssemos uma família de verdade — havia dor tanto em sua voz quanto em seu olhar; mais precisamente no modo intenso, e também perdido, como *me olhava* — Praticamente saí de casa, estou ficando no dormitório, preciso de tempo para colocar a cabeça no lugar. Mas eu vou ficar bem, Juliette, não se preocupe comigo.

— Não consigo. Ainda mais sabendo que tudo isso foi minha culpa — levei os dedos ao colar no meu pescoço, apreensiva — O que mais aconteceu?

— Que eu saiba, mais nada, mas isso não significa que não tenha acontecido. Você terminou com Rafael — entreabri os lábios sem conseguir falar nada — e se declarou para mim. De certo modo, mas tudo bem, eu desconsidereei isso.

— Não, Cedrico, eu... — afastei-me dele e pisquei demoradamente — Eu só preciso de um

tempo para *me* colocar no lugar, estou confusa... só preciso de um tempo para... descobrir o que está acontecendo comigo, na minha vida... — acabei sorrindo e balancei a cabeça — Desculpe, eu estou tão confusa...

Enfiei o rosto entre as mãos e ele colocou os dedos em minhas costas, apoiando-me silenciosamente: — Eu entendo como você se sente. Você esteve *adormecida* por um mês e pouco ao mesmo tempo em que não estava, em que alguém tomou o controle do seu corpo... eu entendo como você se sente — ele afastou seu toque e continuei com a cabeça baixa por um momento — Eu vou embora, vou te deixar sozinha.

Ergui o rosto, a boca meio aberta. Meu primeiro instinto foi dizer para ele não ir embora, que eu *precisava*, de algum modo intenso, desesperador e estranho dentro de mim, que ele ficasse. Queria tanto e em meu peito eu o queria perto de mim naquele momento. Mas fiquei quieta, pensei por um momento e respirei fundo, controlando-me: — Tudo bem, obrigada por tudo — engoli em seco e joguei meus braços em torno dele, tremendo — Obrigada por esclarecer tudo, e... é só isso, eu acho — acabei sorrindo para quebrar aquele clima

estranho ao me afastar.

— Desculpe — ele afastou meus braços rapidamente e se colocou de pé —, preciso ir agora. Nos falamos depois?

— Claro.

Rafael foi embora bem antes da minha conversa com Cedrico acabar e quando Cedrico foi embora também, subi ao meu quarto, cansada, onde Jon estava acomodado na poltrona. Engoli em seco e soltei a porta ainda aberta, nem um pouco afim de conversar , sentindo-me apenas cansada: — Você sabe que eu tenho que voltar para NY... provavelmente amanhã.

— Tudo bem, eu vou ficar bem — caminhei até minha cama para me sentar e ele se inclinou para frente com o olhar sério.

— Quero que venha comigo.

— Você sabe que eu não posso — sentei-me na cama, de frente para o meu pai, separada por alguns poucos metros — Sabe que tenho meus assuntos aqui, mas vou para lá no ano que vem. Agora... preciso de um pouco de tempo para descansar e descobrir aos poucos o que aconteceu comigo nesses últimos tempos.

— Não vou te pressionar a nada. Agora — ele se levantou com o olhar incisivo de quem ia levar o *agora* a sério, então limitei-me a suspirar com o olhar baixo, realmente exausta — Vá descansar — ele chegou perto e beijou minha testa — Sinto muito pelo seu cabelo, sei que gostava dele longo.

— Não foi a maior das minhas perdas — acabei sorrindo tristemente ao vê-lo se afastar antes de me jogar na cama, querendo dormir para sempre para não precisar encarar as consequências do que *eu* tinha feito.

Jon foi para Nova York na manhã seguinte e levou aquela criança irritante com ele; não sabia explicar, mas não gostava dela, mesmo me esforçando. Fiquei a manhã inteira deitada na cama, observando o céu nublado e cinza através da janela, depois choveu e minha disposição, que já era zero, decaiu um pouco mais.

Era Natal e nem aquilo conseguia melhorar meu humor, mas em determinado momento entre o fim da tarde e a noite, tive de me levantar, nem que fosse para pegar uma bolsa de sangue e restos de ceia, que parecia ter sido ótima sem mim; ou com uma *doppelgänger*^[16] fajuta. Se é que eu podia

chamar alguém no meu corpo daquele jeito. Sentei na cama depois de me alimentar e coloquei o prato no colo para ver TV, aliás, uma que não estava ali desde que eu me lembrava. Talvez Malcolm tenha passado tanto tempo morto, Deus sabe onde, que quis ficar vendo reality shows enquanto fingia ser eu. Estava profundamente irritada, sobretudo por não saber o que tinha se passado a minha volta.

Acabei ligando para Cedrico, mas ele não atendeu, mais de uma vez e vinte minutos depois, retornou minha chamada: — Oi, tudo bem?

— Tudo. Eu só... queria saber como você está aguentando tudo — coloquei uma fatia de peru na boca com a mão.

— Estou bem. Estive preocupado com você, mas não quis... sufocá-la. Sei que tudo pode parecer confuso agora.

— Preciso juntar as peças de tudo o que aconteceu nas últimas semanas, ainda é tudo muito confuso...

— Estarei aqui se precisar de ajuda — seu tom foi mais sincero do que eu queria acreditar que estivesse sendo.

— Eu só queria que você soubesse... que eu sinto muito. Pelo modo como as coisas aconteceram, por

ter te magoado, mesmo que fosse Malcolm, não eu... me sinto responsável por tê-lo magoado. Ninguém deveria saber disso *assim*.

— Não foi sua culpa, eu te disse isso. Não fique se culpando assim, temos problemas mais urgentes para lidar, você sabe — balancei a cabeça, sentindo como se tivesse falado demais e que *eu sinto muito* não iria resolver nada; tinha que me concentrar em acabar com aquele desgraçado do Malcolm e para isso precisaria achar o livro que ele tanto queria para acabarmos com ele.

— É, eu sei, desculpe... de novo. Só quis me certificar se você estava... *bem*.

— Quer saber de uma coisa? Você não está. Isso está mexendo com você. A culpa, o isolamento, o tempo em que Malcolm esteve na sua cabeça está mexendo com você mais do que quer admitir...

— Cedrico... eu estou bem. Vamos nos concentrar em Malcolm e... vai ficar tudo bem.

CEDRICO

Juliette não queria, mas peguei meu carro assim que desligamos e fui para a casa dela, perto das sete da noite. As luzes da cozinha estavam acesas

quando cheguei, mas o resto estava escuro. Estacionei na frente da casa e bati na porta, parado com certa hesitação na pequena varanda de tijolinhos em volta da porta onde estivera sentado no dia anterior. Bati três vezes e nada, então empurrei a porta, que estava aberta, e entrei. A sala estava escura, mas havia uma luz, provinda da cozinha, que foi para onde segui com cautela após fechar a porta. Passei a língua pelos lábios, imaginando o que diabos estava acontecendo, quando ouvi passos e um barulho estranho e metálico vindo da cozinha. Parei e esgueirei-me até ela, escondido detrás de uma parede.

Juliette estava no meio da cozinha com ambas as mãos apoiadas no balcão e o rosto levemente baixo, em uma expressão de agonia profunda pelo que pude notar de longe. Ela moveu um pouco a mão direita, seus dedos pousaram em algo que não pude ver o que era de imediato, mas ela a ergueu e vi uma faca de caça. Arregalei os olhos, imaginando o que diabos ela estaria fazendo com aquilo, mas ela era vampira, podia se curar. Talvez um feitiço ou algo do tipo que requeresse sangue. Mas ela ficou de costas para mim, olhando fixamente para onde tudo o que havia era uma parede e ergui sutilmente

os ombros, como se algo a machucasse.

— Você não é real, você... você está morta.

— Juliette... — ela se virou de modo abrupto, com uma expressão perturbada quando comecei a me aproximar — O que você está fazendo?

— O que você está fazendo aqui? — Juliette parecia perturbada com alguma coisa e encolheu os ombros ainda mais; parecia assustada e pelo modo como estava falando sozinha, poderia julgar que algo realmente a perturbava — Cedrico... é melhor você ir...

— O que está acontecendo aqui? — olhei em volta a procura de perigos iminentes, mas não havia nenhum além da vampira a minha frente, que parecia um tanto maluca, tão assustadora quanto assustada.

— Eu não...

— Vem aqui — parei de temê-la e cortei o espaço entre nós para envolvê-la em meus braços. Juliette tremia tanto que tive de apertá-la com força contra meu corpo até que ela se acalmasse.

— Eu... estou vendo coisas — ela apertou os braços a minha volta, seu rosto enfiado em minha camisa.

— Que tipo de *coisas*? Você estava falando...

— *Pessoas*. Pessoas mortas — sua voz foi um poço de hesitação quando terminou de falar e deslizei os dedos pelos seus cabelos.

Isso te rasgou ao meio, e,
oh, quanto?[\[17\]](#)

— Juliette, fica calma e me diz exatamente o que está acontecendo — ela estava sentada no sofá abaixo da janela da sala com o cenho franzido, ainda um tanto assustado, mas mais aliviado desde que eu tinha chegado, e entreguei-lhe uma caneca de café ao me sentar ao seu lado com outra em minhas mãos.

— Eu não tenho certeza — ela tomou um gole, segurando a caneca entre suas mãos trêmulas, e puxou as pernas até seu peito, olhando pela janela parecendo um tanto perdida em seus pensamentos e paranoias — Jon foi para Nova York e eu... só desci para... — sua voz definhou aos poucos e seus

olhos se voltaram para o caminho que levava à cozinha.

— O que você viu? — busquei seus olhos, os quais ela voltou para mim enquanto inflava o peito de ar.

— As bruxas — ela fez uma pausa com os lábios entreabertos, fitando qualquer ponto em mim, menos meu rosto — As bruxas que eu matei naquela noite... meu avô, minha mãe...

— Mas...

— Malcolm quer me enlouquecer e está conseguindo. Porque não consigo fechar os olhos sem que eu veja minha coberta de sangue na minha frente... e ela sempre desaparece em chamas. As bruxas estão me perseguindo e eu...

— Tudo bem, vamos dar um jeito nisso — estiquei o braço e toquei sua mão pousada em seu joelho. Juliette assentiu, nem um pouco segura ou confiante, e afastei minha mão para que nós dois tomássemos um gole de nossos cafés; em silêncio, mas com os olhos um no outro, com uma evidente tensão pairando entre nós.

JULIETTE

NACIONAIS - ACHERON

— Obrigada por ter vindo até aqui — comecei com o olhar baixo e os joelhos contra meu peito. Tomei um gole do café, aliviada por ele ter aparecido, pois os fantasmas tinham desaparecido — Cedrico, escuta... — ele ergueu o olhar até o meu e esperou — você não quer ficar aqui hoje? — ele não respondeu por meio segundo — É que... você disse que estava ficando no dormitório e... — respirei fundo enquanto calculava minhas palavras, apertando a caneca com força entre minhas mãos e enfiei meus dedos dos pés no estofado e engoli em seco — Eu não queria ficar sozinha e tenho colchões mais confortáveis do que os do dormitório. E é natal.

— Eu não sei... o que você acha que está acontecendo?

— Malcolm está acontecendo e vai continuar acontecendo até que façamos alguma coisa para pará-lo e... temos que fazer logo ou ele vai continuar até eu enlouquecer. Mas Cedrico... por favor, fique aqui — falei em um tom mais suplicante e desesperado do que foi inicialmente minha intenção, mas Cedrico franziu o cenho e anuiu.

— Tudo bem — ele ergueu as sobrancelhas por

NACIONAIS - ACHERON

um momento e fiquei encarando-o até que se tornasse constrangedor demais e ele se mover para se sentar de costas para a janela — Eu vou falar com Joseph. Para saber se tem algum modo de bloquear a magia de Malcolm...

— Cedrico, não! — instintivamente estendi o braço e pousei meus dedos em seu braço, que estava apoiado sobre seu joelho, sem nem pensar direito no que estava fazendo no momento em que o fiz — Eu sei que você quer ajudar, mas também sei que você não quer falar com ele, então... não precisa fazer isso por minha causa — afastei minha mão quando percebi que seu olhar sobre tinha mudado, assim como o meu, de certa forma.

— Eu ligo. Ele não vai se recusar a te ajudar, por mais que... — ele respirou fundo — mesmo depois de tudo, tenho certeza. E hoje é natal, pense que ainda podem acontecer alguns pequenos milagres — e deu um genuíno sorriso pelos próximos longos minutos em que ficamos sentados ali.

— Aqui — entreguei a ele uma pilha de cobertores e Cedrico agradeceu — Eu tenho agradecer. Por tudo que tem feito por mim... eu... não tive a oportunidade — meus braços caíram ao lado do

corpo e ficamos parados ao lado da enorme cama de casal do quarto de hóspedes.

— Tudo bem, eu não fiz nada demais. Foi Lauren e Alex quem realmente fizeram, eu só... — ele parou de falar e ficamos nos olhando por um intenso momento, até que engoliu em seco e olhou para a cama antes de voltar os olhos para mim — Você estava com isso antes? — ele franziu o cenho suavemente e olhei para a joia em meu pescoço, o presente de Friedrich.

— Não, talvez tenha sido um erro tê-lo tirado. Friedrich disse que ia me proteger e eu simplesmente... tirei para dormir na noite em que Malcolm... — parei de falar subitamente e ele assentiu, um tanto desconfiado antes de recuar um passo.

— É melhor não tirar, isso é poderoso — falou mais baixo com uma expressão indecifrável e apenas balancei a cabeça, perturbada demais para discutir sobre qualquer coisa, querendo e precisando descansar um pouco, mas suas palavras me despertaram curiosidade, pois ele parecia saber de onde provinha aquele amuleto.

— Você sabe alguma coisa sobre isso?

— Sei que está na sua família há séculos e é um

amuleto poderoso — ele ficou ereto novamente e guiou seu olhar até o meu — Nunca tire isso — falou de modo enfático e passei a língua pelos lábios antes de recuar um passo.

— Tudo bem, não vou tirar.

Acordei um tanto confusa no meio da noite, sonolenta de um modo como não me sentia desde que tinha me tornado uma vampira. Me mexi sob os muitos cobertores e pisquei antes de me sentar. Ainda estava muito escuro, mas empurrei as cobertas e acendi o abajur quando vi minha mãe diante de mim, perto da porta. Ela estava pálida de um modo cadavérico e usava o mesmo vestido de quando morreu, além do sangue que começava a escorrer pelo seu nariz antes de ela começar a queimar, como se revivesse sua morte de novo e novo.

Dei um pulo da cama e quando acendi a luz ela desapareceu, mas foi o suficiente para que eu colocasse um robe por cima do pijama e saísse do quarto. Cruzei os braços na altura do peito e caminhei pelo corredor, mas antes que chegasse a cozinha, passei pela porta do quarto de hóspedes para ver que a porta estava aberta. Descruzei os

braços e empurrei a porta entreaberta para ver que Cedrico não estava lá; pude ver apenas os cobertores em um emaranhado.

— Procurando por mim? — dei um pulo para trás e quase caí, mas consegui me equilibrar no último segundo, quando me virei e o vi atrás de mim.

Parecia mais alto, usava camisa de mangas e calça de dormir, o que o fazia parecer estranha e incomunmente... lindo. Não que ele não fosse o tempo inteiro, mas há muito tempo eu não me permitia olhar para ele daquele modo. Havia um pouco de luz ali, proveniente da luz da lua quase cheia, que batia contra as janelas e iluminava o espaço atrás dele. A luz batia nele por trás e iluminava seus cabelos, fazendo-os parecer mais claros, seus olhos mais vibrantes enquanto seu rosto permanecia na penumbra.

— Desculpe, eu... — não gaguejei, apenas parei de falar e empertiguei os ombros.

— Escutei um barulho, está tudo bem?

— Está, eu... está tudo bem — falei com mais firmeza enquanto fechava o robe e cruzava os braços, tentando parecer imune a toda àquela situação que era, no mínimo, estranha. Talvez desconfortável para ele, que só ficou ali porque era

bom demais e sempre queria ajudar todo mundo. Porque eu o olhei como uma órfã indefesa, o olhar arregalado e ele simplesmente teve pena de me deixar sozinha.

Engoli em seco, afastei aqueles pensamentos e tentei respirar fundo, mas foi difícil: — Estava indo para a cozinha. Vem comigo?

— Claro — tinha ciência de que eram duas da manhã, talvez um pouco mais, mas não conseguiria mais dormir, então descemos as escadas e decidi que precisava de um pouco de leite quente, e ele também — Deixa comigo — ele pegou o leite das minhas mãos quando notou que eu tremia nitidamente. Dei a volta na bancada e sentei-me, olhando para os lados e lembrando-me de toda a loucura que tinha se passado ali mais cedo.

Ele se movia habilmente detrás do balcão, de frente para mim onde eu tinha me sentado para observá-lo colocar o leite em duas canecas, com uma pitada de canela como se fizesse aquilo o tempo inteiro, e colocou-as no micro-ondas: — Você está bem? Estava... sonhando ou *vendo coisas*? — Cedrico se virou de volta para mim e balancei a cabeça.

— Sim, por isso me levantei — suspirei de modo

dramático e enfiei o rosto entre as mãos, apoiando os cotovelos na bancada.

— Vai ficar tudo bem — ergui o rosto quando ele pousou os dedos em meu antebraço de modo consolador — Quer conversar um pouco para passar o tempo até o amanhecer? — ele franziu o cenho de modo engraçado e até conseguiu me fazer sorrir um pouco. Engoli em seco, pronta para responder, então ele se virou ao som do micro-ondas e segundos depois, uma caneca com leite estava a minha frente.

— Obrigada. Pelo leite, mas principalmente pela companhia — ele sorriu e me convidou a segui-lo até a sala.

— É um novo dia, significa que preciso fazer coisas novas; coisas que eu tinha medo de fazer — deixei a caneca de lado e observei o céu do lado de fora da janela, no mesmo lugar abaixo dela onde tínhamos nos sentado mais cedo, enquanto o céu era, aos poucos, consumido por uma luz alaranjada, dourada e até um pouco de púrpura.

— Um pouco de café nesse seu *novo dia*? — ele sorriu e me virei. Cedrico estava sentado de frente para mim, ambos com os joelhos erguidos na altura

do peito, em uma conversa um tanto estranha, mas naquele momento foi libertadora.

— Claro, eu faço — levantei-me ainda sorrindo e fui para a cozinha.

Fiz o café e Cedrico disse que ia se vestir. E enquanto eu ia da cozinha à sala para fazer o mesmo, alguém bateu na porta. Franzi o cenho, imaginando quem poderia ser àquela hora da manhã, mas fui abrir.

— Alex! — minha reação automática ao vê-lo pela primeira vez a minha frente desde que eu tinha *voltado* foi abraçá-lo, mas assim que o vi percebi que tinha algo muito errado com ele. Estava cadavericamente pálido, seus olhos lindos e brilhantes estavam sem vida e havia manchas escuras em torno deles, como se ele não dormisse há semanas. Além disso, ele estava com Lauren, que me olhou e mudou o peso de uma perna para a outra enquanto eu segurava a porta e alternava o olhar entre os dois, boquiaberta, esperando que um deles me dissesse o que diabos estava acontecendo.

Pigarreei, tentando desesperadamente entender o que estava acontecendo ali, mas nenhum deles abriu a boca durante dois enlouquecedores

segundos.

— Precisamos da sua ajuda — Lauren finalmente disse e franzi o cenho um pouco mais.

— O que aconteceu?

— Os *ancestrais* aconteceram.

— Entrem — falei, ainda perplexa, e abri mais a porta para que entrassem — O que *exatamente* aconteceu? — nós três nos sentamos. Lauren e Alex em um sofá e eu de frente para eles, com o cenho franzido.

— Os ancestrais me procuraram — Alex começou a falar e finalmente me olhou nos olhos —, disseram que precisavam mandar um recado — ele fechou os olhos, pareceu tonto por um momento e Lauren concentrou-se em mim.

— Precisamos da sua ajuda, precisamos que faça um feitiço que reverta... eu não sei — ela balançou a cabeça em frustração.

— Eu não... eu não sei o que fazer — falei, confusa, começando a me desesperar por ver que meu melhor amiga estava a beira da morte por minha causa.

— Eu sei — nós três nos viramos ao mesmo tempo para ver Cedrico descer as escadas; seus cabelos estavam molhados e não pude deixar de

notar o quão lindo ele estava, mas tentei me concentrar no que importava: salvar Alex e Cedrico parecia saber exatamente como.

— Ced... Cedrico? — Lauren murmurou em choque ao vê-lo.

— Eu posso ajudar — ele olhou para Lauren e eles se entreolharam por um longo momento, quase que se comunicando apenas com o olhar; de modo estranho — *Lauren e eu* podemos ajudar — e voltou-se para mim, finalmente parando entre os dois sofás, alternando o olhar entre uma preocupada Lauren e eu — Mas precisamos de magia.

— *Magia?* Vocês são bruxos! — Alex esbravejou, sem entender nada, tanto quanto eu.

— Não é *esse* tipo de magia, Alex. Lauren sabe o que fazer — ela franziu as sobrancelhas, assustada.

— Precisamos da Juliette, deve haver um feitiço que reverta...

— Há um feitiço — Cedrico se sentou ao meu lado com os olhos fixos em Alex e Lauren enquanto eu olhava para ele sem entender muito daquela conversa — É complicado.

— Cedrico, não — Lauren balançou a cabeça e desviou os olhos até os meus — Eu não posso usar

magia negra, por isso vim aqui pedir ajuda a... Juliette. Até à você.

— Magia negra? Como assim? — franzi o cenho e olhei para ela, depois para Cedrico.

— Eu conheço os ancestrais — Lauren começou mexendo nas mãos —, conheço esses feitiços, é como... um veneno que tem de ser extraído antes que tome conta de todo o corpo dele. Mas eu... eu...

— Calma, Lauren. Vamos pensar. Precisamos colocar a cabeça no lugar por cinco minutos e precisamos de um plano — Cedrico era o único ali que parecia raciocinar.

— O que vamos fazer? — perguntei e ele se voltou para mim; seu cenho estava sério de um jeito que eu nunca tinha visto.

— Tem um livro na biblioteca da mansão, precisamos ir até lá e pegá-lo — ele manteve meu olhar por mais um momento e concentrou-se em Lauren e Alex em seguida — E aí fazemos alguma coisa — e concentrou-se em Alex por fim — Você não vai morrer hoje.

Pois há um buraco onde está seu coração[\[18\]](#)

Os raios de sol do início da manhã desapareceram rapidamente, sendo substituídos por nuvens cinzentas e chuva. Coloquei uma calça *skinny* preta e blusa da mesma cor, de tecido leve e mangas largas e caída nos ombros, coturnos, e saí com Cedrico em seu carro enquanto Alex e Lauren esperavam na minha casa. Cedrico dirigia um tanto perigosamente, então chegamos à mansão, mas não saímos imediatamente, pois quando abri a porta, estava trancada.

Paramos e encaramos a casa por um momento: — Está tudo bem? — mordi o lábio e continuei encarando a mansão, assim como ele.

— Está, claro. Vamos fazer logo isso — ele balançou a cabeça, destravou as portas e saímos. Corremos até a porta em meio a chuva e paramos por um momento até que ele empurrou a porta e entramos, só um tanto molhados. A sala estava vazia e assim que fechei a porta, um trovão se fez ouvir alto no céu e estremeci, erguendo meus ombros involuntariamente — Eu vou procurar o grimório na biblioteca, você me espera aqui.

Balancei a cabeça e fiquei parada pouco atrás da porta, com os dedos entrelaçados nervosamente enquanto batia o pé, esperando desesperadamente não ver ninguém. Algum Hamilton era tudo o que eu queria evitar, pois não estava pronta para encarar nenhum deles, não depois de tudo. Não depois de ter jogado neles todos os segredos de Joseph, não depois de ter magoado Cedrico, mesmo que ele estivesse muito bem com aquilo. Mas, de repente, vi Elena surgir da cozinha, do lado esquerdo da sala, com uma expressão séria. Engoli em seco, sendo que Elena era provavelmente a última pessoa que eu queria ver no mundo, não importando onde. Não importando se eu estava na casa dela.

— Juliette... — ela se aproximou com cautela — é você mesma? Ou...

— É, sou eu de novo — inflei o peito e recuei um passo, ainda receosa, mesmo imaginando que Elena estivesse em choque depois de tudo, eu estava ainda mais. Tendo passado semanas longe dali ou não, eu ainda odiava Elena por tudo que ela tinha feito a mim e a minha mãe — Eu só vim com Cedrico...

— Cedrico está aqui? — no mesmo momento, Cedrico surgiu do lado direito da sala com um livro grosso e de capa dura, velho e surrado, e ficou parado perto da escada enquanto Elena paralisou perto do sofá olhando para ele. Parecia tão frágil que *quase* tive pena dela — Cedrico...

— Eu só precisei de um livro. Julies e eu estamos de saída.

— Por favor, você não pode simplesmente... sair de casa assim — ele caminhou através da sala até mim, mas Elena deu cinco passos e chegou até ele, segurando-o pelo antebraço antes que ele chegasse até mim. Cruzei os braços e recuei mais um passo, quase chegando a porta para deixar que eles conversassem.

— Elena...

— Querido, por favor, fale comigo — ele a fitou profundamente — Nada disso foi minha culpa, eu

não sabia sobre... Jeremy ou Amelia.

— Eu sei, só não quero ficar aqui agora — ele puxou o braço com sutileza — Preciso resolver uma coisa... nos falamos depois — ele a olhou duramente e caminhou até mim; abri a porta e saímos.

— Eu dirijo — entrei no banco do motorista e, em meio a chuva, ele não discutiu, apenas entrou e sentou ao meu lado, tirando o livro de dentro da jaqueta, onde tinha colocado para não molhar — Você está bem? — olhei para ele enquanto dava a ré e colocava-nos na estrada.

— Mais ou menos. Não quero falar com Elena porque ela é uma assassina, não quero falar com Joseph porque ele é um mentiroso. Não posso falar com meu pai de verdade porque ele é um assassino. Não posso falar com meu *irmão* porque ele nem é meu irmão e eu tenho que entender que ele está do lado dos pais dele... eu não... eu não posso falar com ninguém porque temos assuntos mais urgentes para resolver e isso é só a droga de um... sentimentalismo barato e porque não tenho nenhum amigo; porque não posso arriscar colocar ninguém nessa confusão que é a minha vida como... como

Alex está agora. Eu preciso de uma vida comum. Preciso ir para a faculdade, preciso de uma namorada — ele suspirou dramaticamente olhando para frente com frustração com os dedos na lateral do seu rosto, do lado oposto ao meu.

— Cedrico...

— Não, você não precisa falar nada — ele me olhou por meio segundo e tive que me concentrar na estrada para não bater o carro por conta da chuva e da estrada de terra enlameada — Não precisa me consolar, não precisa me dizer coisas boas, nem precisa me dizer que vai ficar tudo bem, Juliette — ele fixou o olhar no meu e lambi os lábios, apertei o volante com mais força sem saber o que dizer, mais preocupada com Alex do que conseguia imaginar, com mais raiva dos ancestrais do que já tinha conseguido sentir em toda a minha vida - Dirija, Juliette. Apenas... dirija.

— *Você fez isso. Você fez isso comigo, Juliette* — pisei no freio com força e meu corpo foi lançado para frente, meu peito batendo com força contra o volante como estava sem cinto, mas mantive minhas mãos nele. Levantei a cabeça um tanto confusa e vi que a mulher vestido de preto no capô

do meu carro tinha desaparecido. Virei-me automaticamente para o meu lado direito e arregalei os olhos ao fitar Cedrico.

— Você está bem? — falei quase sem ar e vi que, graças a Deus, ele estivera usando cinto aquele tempo todo, mas eu tinha rodado na pista e o carro estava atravessado bem no meio dela.

— Estou. O que diabos deu em você?

Olhei para frente e finalmente enxerguei o que estava a minha frente com as mãos trêmulas no volante: — Meu Deus... — olhei para Cedrico com o olhar arregalado, assustada — Preciso... você tem que dirigir — tirei o cinto e abri a porta. Ele hesitou por um momento, mas fez o mesmo e trocamos de lugar — Eu não... meu Deus! Eu quase matei você. Eu...

— Calma — ele nos colocou de volta na estrada e enfiei o rosto entre as mãos; não sabia o que dizer.

— Tinha uma mulher morta na minha frente e eu... *freei*. Isso precisa parar antes que eu machuque alguém.

— Ou *se* machuque — ele falou de modo enfático e lambi os lábios quando me dei conta de que entramos na curta e estreita estrada de terra que levava à minha casa — Escuta... — ele respirou

fundo e fitei-o novamente, fazendo com que eu voltasse novamente minha atenção para ele — vamos cuidar do Alex e depois vamos resolver isso — respirei fundo e assenti.

— O que fazemos agora?

— Podemos ir até a igreja — Cedrico fixou o olhar no meu e colocou a mão no livro — A igreja onde sua mãe morreu. É solo sagrado e Essex está completamente fora de negociação.

Estávamos os três sentados no chão em torno da mesa de centro, Cedrico, Lauren e eu e Alex estava no sofá, cada vez mais pálido e com uma aparência cada vez pior: — Não podemos fazer feitiços em uma igreja — foi o meu primeiro pensamento.

— Vamos a noite e... sei lá... Juliette hipnotiza o padre — Lauren sugeriu e soltei o ar do peito, imaginando como todo mundo ali conseguia pensar e eu só falava coisas desconexas e dava ideias sem fundamentos.

— Claro, é... a coisa de vampira. Então precisamos de salvia, um pouco de sangue do Alex e... — coloquei uma mecha do cabelo atrás da orelha olhando para o livro, tentando entender a caligrafia desenhada e bonita que eu praticamente

não podia entender com o livro da cabeça para baixo.

— Você está bem? — Cedrico fechou o livro e ergui os olhos para ele, depois olhei para Lauren ao seu lado, ambos de frente para mim com o cenho franzido e olhares preocupados quando minha visão começou a ficar embaçada.

Enfiei o rosto na mão direita e fechei os olhos: — Não tenho certeza. Eu vou... preciso me alimentar — levantei-me um tanto trôpega, esbarrei no sofá no caminho até a cozinha, onde abri a geladeira e peguei uma bolsa de sangue, finalmente sentindo que estava voltando a respirar, que minha visão voltava ao normal.

— Juliette, você está bem? — senti a mão de Cedrico em meu ombro e me virei de repente, notando o quão perto ele estava.

— Estou, só precisava... — agitei a bolsa de sangue e terminei de tomá-la — Vamos acabar logo com isso, Alex não tem tempo.

— Acho melhor — virei-me para jogar a bolsa de sangue vazia no lixo — você ficar aqui.

— *O quê?* — virei-me perplexa, boquiaberta.

— Lauren e eu resolvemos a coisa de *compelir o padre*, você não está bem e vai ficar aqui com

Alex. Vou tentar um feitiço... de bloqueio, sei lá. Mas você fica aqui — ele gesticulou e engoli em seco, sentindo que tinha que dizer alguma coisa, mas sem querer contrariá-lo, sem querer discutir por algo que eu sabia que ele estava certo.

— Tudo bem, mas me liga se não der conta — e saí dali.

Dei a Alex um pouco do meu sangue e ele melhorou minimamente, mas mesmo assim, fi-lo se deitar na cama de um dos quartos de hóspedes para que descansasse, enquanto o céu desabava do lado de fora, e me sentei ao lado dele: — Eu sinto muito por tudo isso, Alex... eu... nem sei o que te dizer. Essa situação toda... isso nunca deveria ter acontecido e eu... eu sinto muito.

— Shh... pare de se desculpar, Juliette. Não foi sua culpa... — olhei para o lado de fora e fechei os olhos por um segundo, confusa sobre aquilo tudo e sobre mim mesma; com *toda* a situação.

— Você *não vai* morrer, Alex — instintivamente agarrei sua mão com os olhos cheios de lágrimas — Eu prometo. *Eu prometo.*

As coisas saíram um pouco do controle, foi a mensagem que eu recebi de Cedrico às seis depois de Alex adormecer, parecendo muito pior, quase

morto, mas ainda vivo. Digitei uma mensagem perguntando o *quão* fora do controle as coisas tinham saído, mas ele respondeu antes que eu a enviasse.

Não é nenhum problema, mas Rafael está indo para sua casa. Não sei se é um problema para você, então nos falamos mais tarde.

Suspirei. Aquilo não era *exatamente* um problema, mas ainda não estava pronta para falar com Rafael. Chequei para Alex estava, cobri-o até os ombros com dois cobertores para ter certeza de que quentinho e aquecido, então desci e me sentei na sala, contemplando o silêncio e minha própria paranoia, escutando o ruído da chuva fraca do lado de fora, dos meus próprios batimentos e da minha respiração.

Na primeira batida na porta, eu já estava abrindo-a, tendo chegado lá em um segundo com minha velocidade vampiresca; abri-a com força, com minha respiração presa na garganta ao ver Rafael parado a minha porta: — Oi.

—Obrigado — Rafael falou quando lhe entreguei a

NACIONAIS - ACHERON

caneca com café e me sentei ao seu lado — Você está bem?

— Estou tentando. Estou... estou ficando maluca e não sei o que fazer. Achei que as alucinações fosse o menor dos meus problemas, mas agora Alex...

— *Alucinações?* — ele franziu o cenho e segurei minha caneca com a mão esquerda enquanto tomava um gole longo para evitar falar sobre aquilo, evitar despejar em Rafael todos os meus problemas.

— Não precisamos falar sobre isso — recostei-me no sofá e fitei-o, sentado na ponta com um aparente desconforto.

— Você está... bem? Depois de tudo isso, você está...

— Só estou preocupada com o Alex, vou ficar bem — meu celular vibrou no bolso e peguei para ver uma mensagem de Lauren.

Preciso que venha até a igreja agora.

Levantei-me prontamente e enfiei o celular no bolso detrás da calça: — Preciso... preciso que venha comigo — peguei a caneca de suas mãos e

coloquei junto da minha na mesa de centro, já caminhando até a mesa, a uma velocidade humana normal para que ele pudesse me acompanhar.

— Para onde?

— Para a igreja, acho que está com problemas — esperei que ele chegasse até mim e saímos.

—Cedrico! — assim que empurrei as portas da igreja, vi Cedrico, Lauren e Alice, em diferentes posições, mas não pude deixar de arregalar os olhos ao ver um inesperado fantasma ao lado deles, um que realmente estava ali. Ou talvez Alice talvez fosse uma alucinação, assim como as outras pessoas mortas que eu estava vendo ultimamente.

— Juliette, pare — Rafael colocou a mão em meu antebraço antes que eu passasse da porta, posicionado estrategicamente atrás de mim e parei, engolindo em seco.

Lauren estava ajoelhada no chão, Cedrico estava caído no chão parecendo desacordado, e Alice estava de pé uns três metros de frente para ele; sua imagem parecia opaca. Ela usava um vestido branco, mas um tanto amarelado, sua imagem piscava e tremulava e simplesmente paralisei. Não só por Rafael ter me feito, mas simplesmente

paralisei, sem palavras, sem conseguir dar mais um passo ou fazer qualquer movimento milimétrico; apenas paralisei.

— Ainda bem que a estrela principal chegou — Alice falou com a voz fraca, diferente de quando estava viva.

— Alice... — era o que eu teria dito, mas a voz partiu de Rafael, que tirou a mão do meu antebraço e deu um passo, parando ao meu lado — O que você está fazendo? — Lauren engoliu em seco e balançou a cabeça com o lábio inferior entre os dentes.

— *Eu sinto muito* — ela murmurou tão baixo que sabia que só eu ouviria.

— Agora escutem, isso não pode acontecer — comecei a me aproximar e Rafael me seguiu a um passo lerdo, atrás de mim como se eu fosse desabar e ele fosse me socorrer a qualquer segundo — Eu sinto muito, não foi minha escolha, é a profecia...

— Do que você está falando? — finalmente consegui falar.

— Olha, Juliette, eu... — Alice piscou e balançou a cabeça; parecia tentar ocupar o papel de vilã que não cabia a ela e falhava miseravelmente — preciso que isso acabe. Isso tem que acabar. Há

uma profecia e ela não pode se cumprir, Juliette. Eu nunca quis machucar o Alex — finalmente fiquei de frente para ela.

— *Você* fez isso? — perguntei cheia de uma raiva que eu não sabia que estava tão perto da superfície.

— Eu sinto tanto... Alex não tinha nada a ver com isso, os ancestrais queriam mandar uma mensagem. Mas agora... — ela se virou e caminhou na minha direção até estar de frente para mim. E antes que se aproximasse demais dela, Alice fez um movimento hábil e rápido, que o fez saltar e voar pelo cômodo até cair do outro lado. Eu poderia matá-la se não estivesse tão boquiaberta e se ela já não estivesse morta — preciso que escolha, Juliette. É a sua última chance de fazer as coisas certas.

— Escolher o quê?

— Você por Alex e Cedrico... *você* pela vida de todos eles, pois quando a profecia se cumprir, todos irão cair. Um por um — olhei para Cedrico no chão, depois mordi o lábio e voltei o olhar para Alice.

— Tudo bem.

— Juliette, não, que merda...

— Quero que prometa que todos vão ficar bem — engoli em seco, um tanto assustada com o modo repentino como tudo estava acontecendo, mas não podia ficar parada enquanto meu melhor amigo e o cara pelo qual eu fui apaixonada por tanto tempo, que fez tanto por mim, que eu gostava tanto e tinha me feito tão feliz.

Minha vida não valia tanto a pena assim.

Então aconteceu tudo muito rápido. Lauren e Rafael se olharam e ela engoliu em seco, parecendo buscando coragem dentro de si mesma e eles se levantaram ao mesmo tempo; Rafael com um pouco mais de dificuldade do que ela devido ao fato de que tinha batido a cabeça com força. Os dois ergueram a mão direita ao mesmo tempo e começaram a se aproximar recitando um conjuro que reverberou magia por todo o canto da igreja assim que começaram a falar.

*Infernum, infernum,
recipere,
quod non,
supponitur esse in hac parte*

Arfei sem ar e caí diante de Alice, de joelhos com
NACIONAIS - ACHERON

as mãos na garganta, incapaz de respirar. Tudo começou a escurecer a minha volta, mas, ainda assim, busquei forças dentro de mim que me fizeram mais forte e recitei as palavras do feitiço com Rafael e Lauren depois de ouvi-los dizer o suficiente. Coloquei-me de pé e a imagem de Alice começou a sumir.

— Não sou eu quem a quer morta, Juliette. Isso ainda não acabou — e desapareceu completamente.

Um tanto enfraquecida, fui até Cedrico, desacordado no chão, e cheguei seu pulso, até se estava respirando ao me sentar no chão ao seu lado: — O que aconteceu?

— Ela... estalou os dedos. É tudo que eu sei — arregacei a manga da blusa e mordi meu pulso para dar a Cedrico meu sangue — Ele vai ficar bem, não vai?!

— Por que me disse que sentia muito quando cheguei? — Rafael parou ao seu lado, ainda um tanto desnortado, mas aparentemente bem, e esperamos Lauren responder.

— Porque era uma armadilha, Juliette, e mesmo assim, eu a atraí até aqui porque essa ancestral maluca disse que o mataria se eu não o fizesse. Respirei fundo e voltei meu olhar para Cedrico com

o venho franzido, meus dedos deslizando pelos seus cabelos quase que automaticamente.

— Você não pode morrer, seu idiota. Não depois de tudo — foi só então que me dei conta de que estava chorando.

Parte 3

É um terrível amor e
estou andando com
aranhas[\[19\]](#)

PERIGOSAS

NACIONAIS - ACHERON

Está ficando difícil respirar, apenas diga o que quer dizer^[20]

— Alex. Ah, meu Deus! Você está bem? —
abraçei-o tão forte que ele não pode respirar
durante três segundos.

— Estou ótimo e você está... chorando —
afastamo-nos e funguei enquanto tentava secá-las
— O que houve? — ele inclinou o rosto um pouco
para o lado para me olhar e balancei a cabeça.
Estava na porta do quarto de hóspedes, onde Alex
estivera adoentado mais cedo, mas ao menos ele
estava bem, o que era uma coisa a menos com a
qual eu precisava me preocupar.

— Cedrico, que está... — não consegui terminar sem que meus olhos de enchessem de lágrimas.

— Ele...

— Juliette... — virei-me para ver Rafael atrás de mim com o venho preocupado é tratei de parar de chorar feito uma nova; nada daquilo estava ajudando — Pode vir comigo? — ele e Alex se entreolharam por um momento e franzi o cenho por um segundo, com os braços cruzados na altura do peito, e segui-o — Você está bem? — perguntou enquanto descíamos as escadas.

— Vou ficar quando ele acordar — falei e em seguida olhei em seus olhos ao chegarmos a sala, onde Cedrico estava deitado no sofá, com um cobertor sobre seu corpo — O que eu posso fazer?

— Na verdade, precisamos conversar. Sobre os ancestrais — Rafael falou atrás de mim e fitei Lauren, sentada no braço do sofá perto de Cedrico.

— Precisamos fazer alguma coisa, os ancestrais que esperem...

— Mas só a magia ancestral pode desfazer o feitiço que o colocou nesse estado de semi consciência — fitei Lauren novamente e passei a língua pelos lábios, cruzando os braços na altura do peito e alternando meu olhar entre os dois, evitando

Cedrico, me sentindo um tanto culpada por tê-lo posto naquela situação.

— Então o que vamos fazer? — olhei para Rafael com o cenho franzido — Vamos fazer alguma coisa, não é? Ou vocês querem sentar aqui de braços cruzados *enquanto ele morre*?

— Ele não está morrendo — Rafael afirmou, categórico, cortando-me com seu olhar — Apenas... adormecido.

— Então temos que acordá-lo... me digam que não estão pensando em cruzar os braços e esperar o tempo passar.

— *Não podemos fazer nada!* Acha que se eu pudesse já não teria feito? — Rafael esbravejou e apertei um pouco os olhos — Não posso fazer nada sem machucá-la, você não ouviu Alice na igreja?!

— Ela disse algo sobre uma profecia que irá se cumprir... você sabe alguma coisa sobre isso?

— Não a profecia em si — ele respirou fundo — Quando você morreu, os ancestrais me alertaram sobre uma profecia, mas não sei exatamente o que é, só disseram que todos nós iríamos *cair* se ela se cumprisse.

— Precisamos saber do que se trata. Como podemos descobrir?

— Eu conheço um feitiço, só preciso de uma tigela de pedra e seu sangue — voltei-me para Lauren enquanto ela falava e assento, já saindo da sala para ir buscar o que ela precisava.

— Quer conversar? — balancei a cabeça enquanto procurava na cozinha uma tigela de pedra e algo cortante.

— Não, eu... — bati a porta do armário na altura do meu rosto e me virei para Rafael, do outro lado da bancada — Só preciso descobrir como consertar isso. Tudo isso está acontecendo por minha causa e preciso consertar — fiquei novamente de costas para ele, abrindo armários e batendo portas sem parar, frustrada por não encontrar o que procurava.

— Isso não é sua culpa.

— Continue dizendo isso — finalmente encontrei a tal tigela de pedra e virei-me de modo abrupto, batendo-a contra a bancada com força e fixando meu olhar em Rafael — Mas se eu nunca tivesse me mudado para essa maldita cidade, se nunca tivemos nos conhecidos... acha que tudo isso estaria acontecendo? Acha mesmo?

— Isso não tem nada a ver. Coisas acontecem e você não sabia de nada disso. Isso é culpa dos

ancestrais, não sua — engoli em seco e peguei uma faca, dando-lhe às costas.

— Eu tenho tudo que você precisa — Lauren estava sentada no chão quando voltei à sala, em volta da mesa de centro com as mãos apoiadas no tampo de vidro — É só isso? — ela assentiu e gesticulou para que eu me sentasse a sua frente, pegando a tigela e a faca e pegando minha mão quando me sentei no chão a sua frente. Lauren fez uma corte diagonal e íngreme em minha palma esquerda, o que me fez morder o lábio, mas não doeu tanto quanto se eu fosse humana; foi quase como se fosse uma *picadinha* de nada, não como se ela tivesse rasgado minha palma e continuasse fazendo várias vezes enquanto meu sangue preenchia a tigela, cortando de novo e de novo conforme eu me curava.

— O que eu posso fazer?

— Apenas fique aí — Lauren fechou os olhos e engoli em seco enquanto eu fitava minha mão se curando, e mergulhou os dedos no sangue enquanto recitava o conjuro, o que soou bem assustador para mim com meu nível de conhecimento mínimo em latim.

*Sanguinem et sanguinem,
Ostende mihi futura praedixit,
In quem finem obsignassem
Quod immutari non potest,*

Lauren apertou os olhos em uma expressão de agonia e engoli em seco, sem saber o que estava acontecendo ou o que ela estava *vendo*. Repentinamente, ela os abriu e as luzes da casa piscaram, ficaram fracas e tudo se tornou uma assustadora penumbra. E de repente, ela abriu os olhos, fixando aquele castanho-claro nos meus de forma assustadora: — Eu vi — ela piscou várias vezes e deslizou a língua pelos lábios.

— O que você viu? — Rafael perguntou.

— Foi meio confuso... — ela abriu a boca, mas, por fim, calou-se, parecendo confusa.

— O que você viu, Lauren? — perguntei um pouco mais categórica e convicta do que Rafael, que parecia-me receoso em assustá-la.

— Coisas confusas e imagens descontinuadas do passado, você precisa ver isso — e ergueu os olhos para Rafael de pé atrás de mim — Você também — e com isso, ele se sentou no chão ao meu lado.

Pisquei aturdida, pois tudo estava queimando e as cinzas estavam por toda a parte, mas não me afetavam realmente, nem a Rafael, que notei estar ao meu lado. Engoli em seco e respirei devagar enquanto me situava.

“Onde estamos?”, ele deu de ombros, começou a caminhar e segui-o.

“Em algum lugar de Salém... século XIX talvez?!”, havia uma plantação devastada pelo fogo a nossa frente e seguimos por entre ela até uma pequena casa em um meio enlameado; uma casa pobre e simples, que me fez franzir o cenho, mas algo me dizia que o que procurávamos estava ali, então acenei para Rafael para que ele me seguisse e, como fantasmas, atravessamos a porta e adentramos a sala de estar, onde estava uma moça ajoelhada de costas diante de uma lareira, balançando-se suavemente, usando vestido preto e longo, típico daquele século que Rafael tinha suposto pouco antes, e tinha os joelhos contra o peito.

Notei que estava frio e ela tentava se aquecer, mas tudo que eu via eram seus lindos cabelos negros caindo em belos cachos até o meio de suas costas.

“Rafael...”, escutei-a gritar e de um dos cômodos escuros, uma versão mais velha e compenetrada de Rafael surgiu; com os cabelos um pouco maiores e barba por fazer, caminhando até a jovem e sentando-se ao seu lado, ambos de costas para nós daquele ângulo. Só quando a mulher virou o rosto de lado foi que percebi que ela era eu. Um pouco mais velha, um tanto diferente, mas eu. “Precisamos fazer alguma coisa, não podemos nos esconder como bobos quando sabemos que ela nos...”.

“Não vamos falar nisso. Ela nunca...”.

“Por favor...”, ela fez com que ele se calasse pousando seu indicador sobre seus lábios, falando muito baixo. “Você conhece a Bruxa Má melhor do que eu. Ela é capaz de qualquer coisa”.

“Então eu vou falar com ela, ofereço qualquer coisa. Eu sou um bruxo também se você não se lembra. Posso acabar com isso...”.

“Shh... por favor, não diga isso em voz alta”, ela olhou em volta com o cenho franzido e percebi que era exatamente igual a mim; em cada traço, em cada linha de preocupação em seu rosto. Uns três ou quatro anos mais velho do que eu era quando me transformei, mas não havia nenhuma grande

diferença entre nós.

“Tudo bem, mas vou falar com ela. Posso barganhar”, a moça, eu, balançou a cabeça tristemente, voltando-se para o Rafael do passado enquanto o do presente permanecia imóvel ao meu lado, tão paralisado quanto eu, inerte diante daquela cena.

“Ela já nos tem onde quer. Ela já tem o que quer, só não a você, então, a menos que vá se oferecer a ela, não podemos fazer muito”.

Tudo ficou escuro e desapareceu, lançando a mim e a Rafael em uma intensa escuridão durante longos segundos. Pisquei e, de algum modo no escuro, encontrei sua mão. O crepúsculo se tornou noite e logo estávamos acompanhando o Rafael do passado através de uma floresta de mata aberta; ele segurava uma lamparina acesa na altura de seu rosto e parecia saber exatamente para onde estávamos indo e tivemos de segui-lo, um tanto a contragosto, sem entender onde aquela situação confusa ia dar, afinal.

Finalmente, ele chegou até uma estranha cabana no meio da floresta e bateu antes de entrar, tudo muito rápido e continuamos a segui-lo enquanto ele adentrava a estranha cabana de madeira. Do

lado de dentro, estava tudo muito escuro, iluminado apenas pela lamparina de Rafael, mas deu para notar que não havia móveis ou qualquer item de mobília, apenas prateleiras com frascos e ervas, ingredientes para feitiços, pois ficou claro que era a morada de uma bruxa, pois nem conseguia chamar aquilo de casa.

“Olá? Florence? Eu sei que está aqui, posso sentir sua magia”, ele continuou caminhando, cheio de cautela. “Quero propor um acordo, quero que deixe Giulietta fora disso tudo e nosso bebê”.

“Não haverá um bebê se ele não nascer”, escutei uma voz feminina e o Rafael do passado parou enquanto uma mulher se aproximava, vestida de negro da cabeça aos pés usando um manto negro que cobria seu rosto. “Mas não se preocupe com isso, não vou atentar contra seu querido filho. Ele vai poder nascer, crescer... essa baboseira toda”.

“Nas suas garras”, ele falou com raiva e a moça de voz suave e doce, porém um tanto diabólica, sorriu.

“Naturalmente. Eu sou a pessoa mais qualificada para ensinar magia àquela criança. Se ela crescer com vocês dois, estará arruinada”, Rafael aproximou ainda mais a lamparina dela, de seu

rosto, e antes que pudéssemos vê-la, a bruxa recuou um passo como se a luz a queimasse.

“Não vou te entregar o meu filho”.

“É uma menina, bobinho. Além disso, a sua doce, porém estúpida, Giulietta fez um pacto de sangue, pacto este que não pode ser quebrado”, ela adquiriu um tom mais firme, mais sério, como se lançasse uma maldição. “Eu não quero mais você, então não pense que pode vir aqui com esse seu rostinho bonito para tentar me convencer de algo; não está mais em minhas mãos, os ancestrais decidiram assim. sinto muito, mas não posso reverter”.

“O que eu posso fazer? Giulietta jamais teria feito esse... pacto estúpido se... se tivesse contado a ela a verdade por detrás dele”.

“Os ancestrais quiseram assim, mas vocês poderão ter outros filhos; entenda que nunca mais poderá ver essa menina. Quando ela nascer, eu irei buscá-la, irei treiná-la, ensiná-la a ser uma bruxa e você nunca mais irá vê-la, mas você e Giulietta será capaz de dar a luz novamente, vocês poderão ter quantos filhos quiseram, só não este. Seu primogênito é meu”.

“Como pode? Florence, você...”.

“É sempre assim que acaba, Rafael. A criança é maldita, quando ela souber o suficiente sobre magia... destruirá a todos nós. É assim que acaba, Rafael”, e finalmente, ela deu dois passos na direção dele, removendo seu manto e fitando-o nos olhos. “Você e Giulietta nunca deveriam ter ficado juntos”.

Senti como se uma força invisível tivesse me empurrado com muita força quando caí no chão da sala. Mas ergui-me rapidamente, sem entender o que aquela visão significava.

— Lauren — murmurei seu nome, ainda sem entender o que estava fazendo naquela espécie de *visão* ou o que quer que fosse.

— O que você viu? — ela franziu o cenho e olhei para Rafael, que estava tão confuso quanto eu. Contudo, coloquei-me de pé em um pulo com o cenho franzido e o dedo apontado para Lauren, trêmulo.

— É ela — meu olhar encontrou o de Rafael por um segundo e ele se colocou entre eu e uma frágil Lauren, que se levantava com dificuldade com as mãos cheias de sangue.

— Juliette, não se precipite, Lauren não é o nosso

problema...

— Ela é a Bruxa Má que queria... ela queria você mil vidas atrás e agora está armando para todos nós enquanto finge que mudou de lado, que é boazinha...

— Você entendeu tudo errado — Lauren balançou o braço em um gesto de negação, assim como a cabeça e deu a volta na mesa de centro — Eu não vi nada, não sei o que aconteceu lá...

Rafael me segurou pelos antebraços, mas estava tão confusa que nem conseguia raciocinar, meus pensamentos se tornavam cada vez mais confusos. Primeiro, tinha a tal maldição ancestral entre Cedrico e eu, depois a tal profecia de que eu faria todos *caírem* e agora aquele papo de que minha antepassada e o de Rafael tinham tido uma filha amaldiçoada, prometida à Lauren do passado e que era uma *criança amaldiçoada*.

Era confusão demais para a minha cabeça e eu estava começando a surtar, a ter aquelas dores de cabeça que antecediam a aparição de fantasmas. Repentinamente, puxei meus antebraços das mãos de Rafael e recuei vários passos: — Fiquem longe de mim — e com dois segundos e uma vampiresca velocidade, eu já estava longe daquela casa, longe

PERIGOSAS

de todos os fantasmas e maldições.

NACIONAIS - ACHERON

E eu me cansei deste meu coração sem graça^[21]

Deslizei a língua pelos lábios e, no escuro daquela floresta assustadora, foi que me dei conta de que estava completamente perdida, mas apenas parei, sem querer saber onde estava e tossi, caindo de joelhos no chão da floresta, tendo minha mão esquerda cortada por galhos e pedras e a direita cheia de sangue quando a coloquei na boca ao tossir. Pisquei, um tanto tonta e coloquei-me de pé.

— Juliette, você precisa lutar, não pode se entregar assim — ergui os olhos e vi minha mãe parada diante de mim, com uma expressão terna e aproximou-se a mim passo lerdo, usando um vestido simples, preto e longo.

— Eu não posso... *o que eu faço?* — caí no chão, tão fraca que nem conseguia ficar de pé, então ela se ajoelhou e pude sentir seu toque quando ela ergueu a mão direita e tirou meu cabelo do rosto.

— Levante-se. Eu as mantereí longe — ela alisou meus cabelos — Apenas lute!

— Não posso... — levantei a cabeça apenas o suficiente para que pudesse colocar os olhos nos seus; seu rosto estava pálido, mas seus olhos de esmeralda brilhavam como nunca antes — *O que eu faço?* Cedrico precisa de mim ou ele... vai morrer. O que eu faço, mãe?

— Sinto muito, não tenho essa resposta, mas vou ajudar como puder. Apenas me prometa que não vai parar de lutar, não vai deixar que essa maldita profecia não vai se cumprir. Agora vá, encontre o feitiço, destrua aqueles malditos ancestrais, salve a Cedrico; ele é uma boa pessoa no meio dessa bagunça — ela se inclinou um pouco mais e soltei o ar do peito com força.

— Eu irei... eu prometo.

— Então levante-se, querida — funguei e pisquei algumas vezes antes de me colocar de pé.

— Eu vou lutar — falei de modo mais convicto e categórico — *Eu vou lutar...* — ainda murmurei

enquanto seu fantasma desaparecia.

RAFAEL

— Como assim, *ela se foi*? — Alex quase gritou e Lauren foi para a cozinha lavar as mãos cobertas de sangue.

— Ela saiu — Lauren falou da cozinha, já retornando a sala — com aquela supervelocidade vampiresca. *Pff*. Saiu quase *voando*, e agora precisamos fazer alguma coisa, já que Juliette está fora da jogada.

— Ela não está *fora da jogada* — contra-argumentei rapidamente e Lauren suspirou, olhando para Alex ao meu lado e depois para mim, ambos de pé perto do sofá e de frente para ela. Fuzilei Lauren com o olhar e todos nós paramos, encarando-nos — Não estou entendendo mais nada, só sei que...

— Eu sei, Cedrico não pode morrer — Lauren finalmente disse e moveu-se para ajoelhar ao lado dele e ver que não estava nada melhor do que da última vez em que ela o tinha feito.

— Não estão falando como se se importasse com ele, estão falando como se...

NACIONAIS - ACHERON

— Nós nos importamos e vamos salvá-lo. Se Juliette está surtando... vamos ter de lidar com isso em outro momento — fuzilei Alex com o cenho franzido e quando Lauren me olhou, meu olhar se tornou mais suave — Vamos fazer isso. Vamos salvar Cedrico, depois lidaremos com as alucinações dela.

Pouco depois, contudo, Juliette entrou pela porta, toda suja de galhos e terra, com o rosto salpicado do sangue de feridas que tinham acabado de fechar: — Precisamos terminar de ver... *a visão* — ela alternou o olhar entre Lauren e eu antes de fechar a porta e caminhar na nossa direção — Me desculpe, Lauren, não sei o que deu em mim, não deveria tê-la acusado daquele modo, você tem sido de grande ajuda e eu agradeço. Mas precisamos terminar de ver o que quer que seja para que saibamos contra o que estamos lutando.

— Acha que pode fazer isso? — Lauren olhou para mim e passou a língua pelos lábios.

— Acho que sim.

Lauren repetiu o processo, fazendo com que Juliette tirasse mais do seu sangue, o que podia ser completamente indolor para ela, mas doeu como o inferno quando tive de fazer o mesmo, ao passo em

que ela me ofereceu seu sangue e recusei prontamente: — Estou pronta.

*Oracle, operiet oculos,
in visione mea, cum sanguine
operire oculos meos est, non mutare conari
oraculum, visio in me
ut habitum est maledictus a sanguine*

As palavras da Lauren saíram com uma entonação diferente, seus olhos estavam fechados com força, ela curvou o corpo para trás de modo estranho, daquela vez havia velas por todo lado e suas chamas se tornaram maiores, mais altas, e abri os olhos, estranhando tudo aquilo, fechando-os novamente quando as imagens começaram a preencher minha mente.

Foram visões muito rápidas, mal pude acompanhá-las, mas fiz muito esforço para tentar. Havia a pintura de Freya, a que meu pai guardava na biblioteca, na sala de estar da mansão, sendo tingida de sangue que não pude identificar de onde tinha partido, mas era muito, e o sangue escorreu pelo quadro. A imagem mudou e vi a mim mesmo

de frente para um espelho, coberto de sangue, desde a minha roupa, minhas mãos, meu rosto. Depois vi Juliette, coberta de sangue, ao lado de um corpo, que não pude identificar de quem seria, ao lado de um cara esquisito, *também* coberto de sangue, de cabelos castanho-claros, com certeza era um vampiro, mesmo que eu não conseguisse afirmar com certeza como eu sabia. Em seguida, meu pai apareceu e pousou a mão em meu ombro para dizer que teríamos de agir. Minha mão apareceu perto das escadas com um olhar sombrio.

A sala da mansão desapareceu e, no próximo segundo, estávamos em Essex. Freya, Juliette e eu, todos manchados de sangue, corpos a nossa volta. Juliette correu em sua vampiresca velocidade e disse que precisávamos derrotar os ancestrais para salvar Cedrico, o que, em meu subconsciente e na visão, concordei com um aceno, sabendo que ela estava certa. Só não sabia como exatamente *derrotaríamos* os ancestrais, sendo eles bruxos mortos. Não tínhamos como matá-los. O que faríamos então?

Aquela visão deveria ter sido a resposta, ou ao menos o início da resolução do enorme enigma a que nos deparávamos, mas tudo que vi foi uma

miríade de derramamento de sangue e corpos caídos no chão a minha volta.

— Viram o mesmo que eu? — Lauren foi a primeira a falar assim que nós três abrimos os olhos, eu um tanto mais confuso que ela e Juliette.

— Acho que sim — consegui murmurar e Juliette ficou parada, estática. primeiramente, achei que estava olhando para o vazio, tão chocada quanto eu, mas olhava para Cedrico, boquiaberta.

— Preciso salvá-lo — ela murmurou.

JULIETTE

— Como?

— Matando os ancestrais, é claro — Juliette deu um amplo sorriso, o primeiro em muito tempo e quase achei que estivesse falando sério. *Se* realmente fosse possível matar ancestrais, o que não era.

— Acho que você se esquece que eles são ancestrais, bruxos mortos - ela olhou para mim e balançou a cabeça, esticando as pernas com um sorriso irônico — Não podemos matá-los, Juliette, por mais que queiramos derrotá-los.

NACIONAIS - ACHERON

— Não, Rafael, depois dessa visão... eu sei o que fazer para lidar com os ancestrais, depois cuidaremos dessa coisa com Malcolm. O *Liber Spiritus* tem um feitiço...

— Você já usou aquele livro amaldiçoado por vezes o suficiente, sabe que ele vai cobrar seu preço.

— Não posso pensar nisso agora, preciso salvar Cedrico. Eu o coloquei nessa situação, preciso ser eu a tirá-lo.

—Você precisa reler. *De novo*. Está vendo isso aqui? — ele apontou para uma linha específica com palavras muito abertas a interpretação, que tive de me esforçar muito para entender.

— Eu li da primeira vez — fechei o livro com força e ele tirou a mão, fuzilando-me com o olhar, um bocado irritado — Eu sei que é poderoso, mas... merda, Rafael! É a droga de um feitiço para acabar com os ancestrais, é claro que é poderoso, é claro que é difícil, *é claro* que pode me matar! Mas vamos nos concentrar em ter sucesso, precisamos que dê certo, precisamos salvar Cedrico - terminei de falar com um suspiro e Rafael e eu ficamos nos olhando por um longo momento.

Já era muito tarde, madrugada, e tínhamos colocado Cedrico no quarto de hóspedes para que ele descansasse e assim, poderíamos pensar em uma estratégia para salvá-lo de seu... estado de coma, talvez. Não sabia se era correto nomear o que estava acontecendo. Lauren estava sentada no sofá e Rafael e eu no chão em torno da mesa de centro com o recém-fechado *Liber Spiritus* a nossa frente para ser estudado. Nosso contato visual foi quebrado quando olhei por sob meu ombro para ver Alex surgiu com uma bandeja e quatro canecas de café, que nos entregou e pousou a bandeja no criado ao lado do abajur, tomando lugar ao lado de Lauren.

— Precisam de alguma coisa?

— Não podemos fazer isso, é insano, e nem sabemos se vai funcionar — Rafael falou enquanto eu tomava um gole do café, permitindo que me aquecesse. Naquele ponto eu não tinha mais medo de bruxos ou feitiços mortais, nem tampouco tinha medo de morrer em um, não se fosse para salvar as pessoas que eu amava e que caíram tentando fazer o mesmo por mim. E Cedrico, sem sombra de dúvidas, era uma delas. Não conseguiria viver comigo mesma se o deixasse morrer sem nem ao

menos tentar, se não pudesse acabar com aqueles ancestrais desgraçados ao menos teria tentado. Se não conseguisse, partiria para um plano B.

O que eu não estava disposta a fazer era desistir.

— Acho que estamos todos muito cansados, por que não descansam um pouco? — continuei bebendo o café sem tirar os olhos dos dele, que me olhava de modo irritado.

— Eles nem vão deixá-la entrar em Essex. Você leu o livro, precisa estar em seu lar.

— Então vamos distraí-los — eu conseguia ver um plano se formando em minha cabeça e abaixei a caneca, apoiei o cotovelo na mesa de centro e fitei Lauren, depois a Rafael, alternando o olhar entre os dois: — Vamos sobrecarregar os ancestrais com tanta magia que os ancestrais não vão me conseguir me impedir de entrar naquele maldito cemitério e fazer o feitiço — falei com um sorriso irônico, mas no fundo, só esperava que tudo desse certo.

— No que você está pensando? — Lauren perguntou e engoli em seco.

— Vamos trazer alguns mortos de volta — e meus olhos voltaram-se automaticamente para Rafael — Está na hora de uma reunião de família.

PERIGOSAS

NACIONAIS - ACHERON

Então esta noite, irei arrancá-lo e recomeçar^[22]

Entramos os quatro juntos na mansão dos Hamilton, sem medo de enfrentar a todos, ao mundo inteiro, pois juntos tínhamos a convicção de que venceríamos. Todos estavam reunidos na sala de estar. Desde Elena e Joseph a Jane e Rose, todo aquele clã reunido com o propósito de derrotarmos um inimigo em comum. Respirei fundo e olhei para Rafael parado ao lado, depois olhei rapidamente para Lauren e Alex parados pouco atrás de mim e, timidamente, enrosquei meus dedos aos de Rafael, procurando forças em mim mesma: — Aconteça o que acontecer, eu...

— Eu sei.

— Finalmente... onde exatamente estamos? — a voz veio de Joseph e, repentinamente, fui bombardeada por todos os sentimentos confusos que me bagunçavam por dentro. Sabia que o tinha afetado de um modo profundo, que ele tinha confiado em mim com todos os seus segredos e os tinha espalhado, mesmo que não fosse eu; uma onda de culpa me invadia.

— Joseph — soltei a mão de Rafael, quase sem coragem — Eu sinto muito. sinto muito... você confiou tanto em mim e eu... *o desapontei* — só de pensar naquilo, só de pensar em ter magoado a ele, a Cedrico, a Freya... lágrimas me vieram aos olhos; tudo aquilo me corroía por dentro, me matava — Me perdoe.

— Não há nada pelo que devo perdoá-la — falou com o olhar duro, muito diferente de antes — Não era você — e mesmo entendendo aquilo, ele estava magoado. A primeira pessoa em quem ele tinha conseguido confiar, a pessoa que ele tinha julgado ser amiga dele, o tinha apunhalado pelas costas. Não entendia a sensação, mas tentava me colocar em seu lugar — É isso que Malcolm quer — ele continuou, erguendo o queixo um pouco mais e tentei manter minha postura ereta, meus ombros

firmes, mas era difícil sustentar seu olhar daquele modo — Nos enfraquecer, minar nossas defesas, nos jogar uns contra os outros, mas não vai conseguir — tudo que consegui fazer foi balançar a cabeça.

— Tudo bem.

— Então, qual o plano?

— Esse é o plano mais insano que eu já escutei — Joseph foi o primeiro a falar quando terminei de contar o meu plano — Mas o melhor — e quando meu olhar encontrou o seu, eu soube que ele estava comigo, dando um sorrisinho de vitória — Estou dentro.

— Precisamos avaliar as consequências — estávamos todos amontoados na sala de estar. Joseph, sentado na mesa de centro de frente para o sofá onde eu, Elena e Rafael estávamos sentados. À exceção de Jeremy, Eleri e Renée, estavam todos ali. Concentrei-me em Elena, um tanto inclinada para frente, e olhei para aquela mulher sentada ao meu lado, captando o olhar preocupado de Rafael sobre nós; parecia quase ter medo de Elena e eu sairmos no tapa, mas, ao menos por mim, estávamos ali em paz, afinal, eu *precisava* da ajuda

dele, incluindo Elena, que possuía uma grande fonte de poder.

— Eu sei que tem consequências, por isso estou deixando as coisas bem claras. Quem quiser cair fora, tudo bem, eu entendo. Quem estiver comigo — meus olhos passaram por todos ali, demorando-se por mais tempo em Freya —, entende os riscos que estamos correndo. Vamos nos livrar dos ancestrais, o que posso ser melhor que isso?

— Você se esquece que os ancestrais são a nossa fonte de magia — Elena falou em tom de deboche e antes que eu falasse, Joseph tomou a palavra.

— Não precisamos dos ancestrais para praticar magia. Eu não uso magia ancestral há mais de vinte anos, nunca precisei deles, vocês também não precisam. Cada um de nós possui sua magia interior. Existem lugares consagrados se precisarmos de magia... — ele rearranjou suas palavras e olhou para todos nós — Não precisamos de Essex.

E, com isso, caímos em um profundo silêncio: — Você está certo — fiquei surpresa quando a voz partiu de Freya — Não precisamos de ancestrais, nem mesmo de magia, então, faremos esse último feitiço e, depois de nos livrarmos dos ancestrais e

de Malcolm, poderemos fazer o que queremos: ter uma vida normal — ela engoliu em seco — O que *todos nós* queremos.

— Quem está comigo?

Elena olhou a sua volta com um olhar sereno, concordando calmamente com todos com apenas um olhar ali antes de se voltar para mim: — Todos estamos, Juliette. Vamos executar o feitiço, só precisamos dizer qual é.

Pela primeira vez fiquei sem palavras e meu olhar encontrou os olhos azuis frios de Joseph, que me encarava de modo... embaraçoso. Passei a língua pelos lábios e mantive seu olhar, mesmo que quisesse falar com ele sem que todas aquelas pessoas tivessem suas atenções em nós.

— Isso é você quem vai me dizer. Você é bom em criar feitiços. Eu quero sobrecarregar os ancestrais com tanta magia que eles nem vão conseguir contra-atacar quando eu entrar em Essex; tem que ser muita, *muita* magia, Joseph. E... tem que ser o feitiço perfeito.

— O que você tem em mente, Julies? — seu sorriso foi compatível com o meu. Aquele sorriso de que nos entendíamos perfeitamente apenas com um olhar.

— Vamos trazer minha mãe de volta.

Elena pigarreou e virei-me para ela. A verdade é que estavam me olhando como se eu fosse louca e Elena foi a primeira a fazê-lo.

— Você não está medindo as consequências desse ato... Juliette, você pode matar a todos nós. Izabel está morta e vai permanecer desse jeito... — levantei-me de súbito e parei no meio da sala com um sorriso sarcástico, mas cheia de dor por dentro.

— Porque você a matou! Conte a eles agora, Elena. Conte a *sua família* que você tramou a morte da minha mãe. Que você a matou! Conte a sua *família perfeita* que tipo de pessoa você é. Conte a eles os detalhes do seu maldito plano, Elena — Elena ficou em silêncio, sentada ao lado de Rafael e todos ficaram em silêncio; um mórbido silêncio. Rafael colocou-se de pé e ficou ao meu lado

— Julies... era isso que não queria me contar? — ele olhou para Elena com nojo, no mínimo, todos se voltaram lentamente para ela, mas o modo para Rafael a olhou pareceu afetá-la mais.

— Eu não ia contar, mas... não consigo te ver agindo como se fosse santa.

— Também não sou a vilã aqui, Juliette. Tudo o que eu fiz, eu fiz por todos nós. Inclusive por você,

seu pai... *Hope*. Todos nós — Elena se colocou de pé diante de minhas acusações.

— Você *matou* a minha mãe! Isso é injustificável, independente de quantos *Malcolms* ameaçassem a paz da sua família sagrada. Mas não estou aqui para isso, nem tampouco estou buscando por paz... estou buscando por ajuda. Então... — virei-me e olhei para cada um dos Hamilton naquela sala, olhando-os nos olhos por um longo momento — vocês já sabem qual o meu plano, qual o feitiço. E conhecem os riscos. Minha pergunta é: vocês estão *mesmo* comigo ou vão querer cair fora?

Rafael guiou-me pelo corredor dizendo que deveríamos dormir, ao menos até o amanhecer, quando começaríamos a planejar tudo, mas puxei-o para seu quarto de modo súbito e ele acendeu a luz com o cenho franzido: — Está tudo muito confuso — comecei a dizer com as costas contra a porta e ele ficou parado diante de mim, esperando-me falar — Eu não sei o que aconteceu enquanto Malcolm estava aqui, está sendo muito estranho para mim estar de volta e eu... preciso saber o que ele... — gesticulei enquanto falava, abaixando os olhos para o chão por um segundo, tentando reorganizar meus

pensamentos e reorganizar as palavras — *Eu*. O que *eu* fiz? O que aconteceu entre *nós*? Porque me lembro de estarmos... o que aconteceu, Rafael? — perguntei muito lentamente e ele respirou fundo.

— Você quer a versão completa ou só um resumo? — deixei que meus braços caíssem ao lado do corpo com um sonoro suspiro.

— Preciso saber de tudo. Acho que isso é pior do que o mundo prisão, porque eu, de fato, estava aqui. Eu fiz coisas, magoei as pessoas com quem me importo, talvez as tenha machucado também. Fiz coisas horríveis e... não era eu, mas... eu só preciso saber... se te magoei também — ele engoliu em seco e anuiu lentamente, virou-se e andou pelo quarto de modo lerdo.

— O que foi? Eu sei que *eu* tentei te matar enquanto dormia, aquela era mesmo eu, e... eu fui para casa, tirei o medalhão e me deitei. E só acordei há pouco, tentando me encontrar nessa situação em que fui jogada...

— Não. Você só terminou comigo, não me magoou ou... machucou — ele se virou para mim — Está tudo bem.

— Eu... sinto muito — engoli em seco, sentindo que tudo naquele momento estava errado — Quero

dizer... quero que saiba que *eu* não teria feito aquilo, que eu... — parei de falar subitamente, pois me sentia boba, senti que as palavras não fariam diferença naquele momento; nada mudaria o que já tinha acontecido, mas, mesmo assim, eu precisei dizer — Eu sinto muito — e saí do quarto dele com a sensação de estar emocionalmente esgotada, cansada de lutar por coisas e pessoas o tempo inteiro.

Cansada e com a sensação de que ainda não pertencia àquele lugar, àquela casa, agora menos ainda. Depois de Malcolm, nada voltaria a ser o mesmo, ele sabia e talvez, sua ideia nunca fosse destruir o livro ou tentar salvar a si mesmo; a ideia dele talvez fosse agir através de mim para tentar destruir a todos eles. Acabei indo para a sala, pois não era humana, não estava cansada fisicamente, não realmente precisava dormir. Desci as escadas e me sentei em uma das poltronas de frente para a lareira acesa com o olhar perdido e os dedos entrelaçados, um tanto distraída e com os olhos fechados.

— Precisa de uma bebida? — virei-me de modo abrupto, mas impedi-me de levantar quando vi que era Joseph me estendendo um copo com três dedos

de uísque, o que, se não tivesse veneno de lobisomem, indicava que ele não me odiava depois de tudo.

— Obrigada — peguei a bebida, mas não a bebi imediatamente, pousei o copo em minha coxa direita e segurei-o com as duas mãos, mantendo o olhar em Joseph, que se sentou na poltrona na outra ponta da lareira, cerca de um metro e meio de distância — Acho que te devo um enorme pedido de desculpas... não tenho palavras para te dizer o quanto lamento.

— Eu sei, Juliette — ele olhou fixamente para o fogo e tomou um longo gole do seu uísque. Seu olhar parecia um tanto perdido.

— É — dei um meio sorriso, um tanto involuntário, um tanto triste —, eu sei. Você vai dizer *É, Juliette, tudo bem. Eu sei que não era você*, mas... — ele voltou o olhar para mim com um juncos suave entre minhas sobrancelhas, um olhar curioso e interessado sob os meus — Mas você confio tanto em mim e eu não fui capaz de mantê-lo fora da minha mente, dos meus pensamentos, minha memória...

— *É, Juliette, tudo bem. Eu sei que não era você* — ele falou com um sorriso debochado, mas um

tanto... sincero. Mordi o lábio e balancei a cabeça enquanto voltava-me para a lareira e tomava um gole do uísque, que desceu queimando pela minha garganta e fechei os olhos por um segundo para não cuspir; acho que nunca tinha tomado uísque na vida, mas tentei agir de modo natural, como se estivesse fazendo aquilo pela milionésima vez, não a primeira.

— Talvez isso também tenha sido minha culpa, só um pouco — girei o copo com o restante da bebida girando no copo, meus dedos estavam trêmulos sob o brilho do fogo, cada parte minha hesitante sobre o que deveria ou não dizer a seguir — Talvez eu não tenha lutado o suficiente, talvez... — falei muito baixo e lentamente.

— Juliette... — voltei meus olhos cheios de lágrimas para ele diante do seu tom suavizado — não sei o que aconteceu na sua cabeça, mas conheço Malcolm. Coisa boa não deve ter sido, então eu jamais a culparia por nada do que aconteceu. Sei que Cedrico e Freya também sabem disso, sei que sabem que você lutou como pode.

Balancei a cabeça e concentrei meus olhos no fogo crepitante da lareira que preenchia o silêncio mórbido e incômodo que se estabeleceu entre nós,

pouco a pouco preenchendo-nos: — Eu só quero que *você* saiba — murmurei num fio de voz, quase sem forças, como se elas estivessem me deixando aos poucos. E terminei de tomar o uísque.

— Por quê, Juliette? — não me virei imediatamente, continuei de lado, mas tinha a certeza de que ele me encarava, quase me perfurava na verdade, com o seu olhar — Por que, entre todos os outros, você está tão preocupada com o que eu vou pensar de você? Eu já disse que ia te ajudar, então, por que?

— Porque — finalmente olhei para ele — você confiou em mim. Se abriu comigo, compartilhou comigo coisas que... compartilhou *comigo* uma parte importante sua que não permitiu que ninguém mais visse, só eu. Então, eu quero que você saiba, porque eu não traí Cedrico ou Freya, embora essa história os tenha magoado mais do que a você ou a qualquer um, eu traí você. Traí sua confiança, traí todas as promessas que fiz a você e a mim mesma de que jamais revelaria seus segredos a ninguém. E... eu sinto muito se não fui capaz de mantê-las, eu tentei muito... — funguei, quase sem fôlego. Mesmo que estivesse falando muito baixo, as lágrimas embargavam a minha voz, mesmo não

escorrendo realmente pelo meu rosto; meu sotaque era a coisa mais evidente enquanto eu falava.

— Eu sei de tudo isso. Não foi a toa que eu confiei em você. Você me deu motivos para tanto, sua lealdade para comigo foi inquestionável durante todos esses meses. Se posso ser sincero, eu não gostava de você quando chegou aqui, mas depois do mundo prisão, de ter lido meu diário, de eu ter querido de estrangular por isso — acabamos rindo juntos —, *coisas* aconteceram entre nós, isso é indubitável. Coisas que poderiam ter nos levado a morte, mas que só nos uniram. Coisas que me fizeram confiar tanto em você. Mas me diga... — ele ergueu suave e quase imperceptivelmente as sobrancelhas, de um jeito que o tornou ainda mais belo; um jeito que eu não queria enxergá-lo — o que aconteceu? O que aconteceu na sua cabeça?

Desviei o olhar de volta à lareira e mordi o lábio, hesitando entre contar ou não a ele. Claro que eu confiava em Joseph, talvez ele fosse a primeira pessoa em quem pensar em contar tudo que tinha acontecido, ou pelo menos a metade. *Sabia*, no fundo, que seria a ele a quem eu contaria tudo, só não tinha certeza em que momento aquilo deveria acontecer. Fechei os olhos por um segundo e

afundei na poltrona. Alguns segundos depois, abri os olhos, com os ombros mais relaxados contra o encosto da poltrona e sorri, estendendo o copo em sua direção.

— Eu te conto. Se me der outra bebida.

— Tudo bem — ele se levantou e virei a cabeça quando Joseph foi até a mesa de bebidas. Fitei suas costas sob a camisa azul-clara e a calça social sob medida, meus olhos desceram até seus sapatos italianos caros e, antes que eu pudesse perder mais tempo prestando atenção ao que não devia, Joseph se virou e ergui os olhos rapidamente para que ficassem na altura dos seus — Seu uísque duplo — sorri em agradecimento e acabei gostando do gosto do uísque.

— Obrigada — e tomei um gole com os olhos na lareira, que era a única fonte de luz na sala toda, de modo que deixava-nos sob uma penumbra.

— Vai me contar mesmo ou...

— Eu vou — balancei a cabeça e engoliu em seco, ainda com o gosto forte do uísque queimando na garganta — É complicado, mas eu vou.

E eu, não o seguirei para o buraco do coelho[\[23\]](#)

– Bem, acho que devo começar do começo... acredito que tudo tenha começado com um erro meu em tirar o amuleto que Friedrich me deu, ainda no mundo prisão. Acho que... Estava surtando com toda essa magia dentro de mim e estava ficando tudo muito confuso. Me lembro de dormir e acordar em uma sala de paredes gastas e cheiro de mofo. Estava sentada em uma cadeira velha, feita de metal, de costas para uma janela, que era aberta quando uma corda era acionada ao meu lado, pouco acima da minha cabeça à direita.

“Malcolm demorou um tempo para aparecer, fiquei sem entender exatamente o que estava

acontecendo, mas conseguia sentir a mim mesma... *Enfraquecendo* e tinha a impressão de que precisava lutar o tempo inteiro para não ter que me render. E demandava muitas das minhas forças lutar contra ele enquanto tentava *invadir* minha vida sob cada aspecto. Aos poucos, absorver algumas das minhas memórias importantes, meus sentimentos... Cada pensamento meu. Se somado a fome, era algo sufocante. Aquela sensação de solidão era a pior coisa naquilo tudo.

“Algum tempo depois, Malcolm apareceu. Ele não falou muito, só que me deixaria ali até conseguir o que queria, o que descobri mais tarde ser o livro de feitiços que usaríamos para matá-lo — engoli em seco com dificuldade, falando baixo e olhando para a lareira, incapaz de manter o olhar de Joseph — Ele voltava todos os dias com a mesma proposta de parar com a tortura se eu dissesse tudo que ele queria saber — fiz uma pausa e demorei-me em continuar: — Me convenci de ele era um maluco doente, sempre voltando com a mesma ideia maluca e os joguinhos... De que achava que Cedrico era o mais apto a descobrir toda a farsa de que eu não eu, que... Cedrico era o mocinho da história, aquele que me salvaria e...

“Ele tirou meu anel que me protege contra a mortal luz do dia e dia após a dia, retornava com a mesma proposta e, quando eu dizia não, ele abria a janela atrás de mim, alguns metros acima, e me deixava lá para queimar. E continuava. E quando... Eu começava a *queimar*, ele usava um extintor de incêndios para não me deixar queimar e morrer sem as informações que precisava — engoli em seco, roendo as unhas.

“Eu gostaria de ter lutado mais, de não ter sido fraca... mas minhas forças se esgotaram e eu... Não consegui ser forte e eu lamento...

— Juliette — não olhei para ele, continuei roendo as cutículas do dedo médio até doer e latejar, sem deixar que as lágrimas acumuladas em meus olhos caíssem — Não foi sua culpa.

— Claro que foi. eu deveria ter podido impedir tudo isso de acontecer. E quando Cedrico apareceu na minha casa ontem... ele achou que eu estava louca. Malcolm saiu, mas não sem um *presentinho*. Tenho sido perseguida por fantasmas de mortos desde então. Dos que eu matei ou dos quais a morte tenha a sido minha culpa, mesmo que indiretamente. As bruxas que eu matei no Dia das Bruxas e um humano de Nova York... *minha mãe*.

— Não foi culpa sua! — ele parecia quase irritado por ter repetido aquilo tantas vezes sem que conseguisse enfiar as palavras na minha cabeça, mas eu sentia, no fundo, como se tivesse sido e não conseguia tirar aquela sensação do peito — Você precisa de ajuda.

— Eu sei, eu estou louca. E além de tudo isso, eu daria qualquer coisa para não precisar olhar nos olhos de Cedrico nunca mais, porque... eu não conseguia — respirei lentamente — E ele era o único que conseguia fazer tudo aquilo desaparecer e eu estava louca... e estava desesperada para que todos aqueles fantasmas ficassem longe de mim, para que desaparecessem e eu pudesse respirar outra vez que... — funguei por entre as lágrimas — foi por isso que eu pedi a ele para ficar na minha casa. Foi para me ajudar que ele estava lá ontem a noite, por isso... eu preciso fazer tudo que eu puder fazer para tirá-lo do... sono em que ele está.

— Juliette — ele suavizou seu tom e limpei o rosto com a mão esquerda, segurando o copo com a mão direita, e olhei para ele, finalmente — Estou falando sério, você precisa de ajuda. Ou vai enlouquecer de modo gradativo.

— Do que está falando?

— *De motu victimas*. Te lembra alguma coisa?

— Não, o que é isso? — funguei de novo, um tanto confusa, tentando muito parar de chorar, mas meus sentimentos vampiros eram muito mais intensos do que eu conseguiria controlar. Terminei de tomar o uísque e Joseph girou a poltrona e aproximou-se, ficando de frente para mim e um pouco mais perto, e girei a minha minimamente para que ficássemos, de fato, de frente um para o outro.

— É um feitiço que invoca fantasmas. Basicamente, ele invoca os fantasmas dos que você matou, mas... ele *pesa* seu coração, baseando-se na culpa que você sente. Não importa se você de fato matou, importa se você sente culpa ou não. Quando Lauren tirou Malcolm de dentro, ele deve ter lançado esse feitiço para... se vingar.

— Eu não entendo...

— Não precisa — pisquei algumas vezes e mordi o lábio, sem entender o que ele quis dizer — Nós vamos quebrá-lo, depois vamos acabar com os ancestrais e com Malcolm. E estará tudo acabado.

— Como?

— Eu vou fazer uma coisa. Não se preocupe — demorou um pouco, mas balancei a cabeça. Não sei

porquê, mas algo dentro de mim me dizia que eu poderia confiar nele até com a minha vida.

— Conseguiu dormir?

— Um pouco. Café? — ele ofereceu e balancei a cabeça. Rafael pegou uma caneca, colocou a minha frente. Sentei-me em um dos bancos e apoiei os cotovelos na bancada enquanto tomava o café forte e amargo.

— Está tudo bem? — inclinei um pouco o rosto e Rafael ficou novamente de costas para mexer alguns ovos.

— Claro — falou de forma vaga e comprimi os lábios, inconscientemente esperando que ele se virasse e me encarasse, e quando não o fez, limitei-me a tomar o café com certa languidez — Na verdade, não dormi quando saiu do meu quarto... — ele se virou de repente segurando a espátula e franzi o cenho, os ombros rígidos, assumindo um estado imediato de alerta diante de suas palavras.

— O quê?

— Escutei você conversar com meu pai — ele chegou mais perto e ficou de frente para mim, apenas alguns centímetros nos separando.

— *O quê?* — fiquei de pé com um pulo, em

choque diante de suas palavras — Por quê?

— Porque eu queria saber. Porque você fala com ele como se fossem melhores amigos, mas eu fico no escuro sempre que tento tirar algo de você.

— Você... você não tinha esse direito — quando dei por mim, estava tremendo de raiva — Você é um filho da puta desgraçado — dei um passo para trás — e um mentiroso. Me disse que estava tudo bem ontem, mas não está nada bem!

— É claro que não está. Você é uma mentirosa. Esse papo de *estou sempre bem* não cola mais. Se vai continuar mentindo para mim, para si mesma, é melhor mesmo Malcolm ter feito o que nunca tive coragem de fazer — ele gritou.

— É claro, ele é o vovô herói agora! — debochei. Por fim, soltei o ar do peito e Rafael olhou para a porta, o que fiz um segundo depois para ver Joseph parado à porta, abotoando os punhos da sua camisa com o olhar suavemente indagador; ele se aproximou e recuei um passo para o lado, de algum modo, ficando entre os dois e sem saber o que dizer.

— Não seja tão duro com ela, filho — era estranho escutar Joseph chamá-lo daquele jeito, mesmo que estivesse ciente dos fatos.

— Do que você está falando? — senti o cheiro de queimado e, no mesmo segundo, Rafael se virou para tentar salvar seus ovos e bacon e aproximei-me de Joseph enquanto ele pegava uma caneca, servia-se e tomava um gole do café.

— Você está pronta? — ele se virou para mim e engoli em seco.

— Estou. Podemos? — Rafael nos olhou com o cenho franzido e uni os dedos, um tanto embaraçada.

— Nos vemos mais tarde — Joseph falou a Rafael e dei uma última olhada nele antes de sairmos da cozinha.

— Acho que está tudo mundo ficando maluco com... *isso*.

— Cassandra acha que temos um caso amoroso — Joseph mexeu em alguns papéis, de costas para mim, em sua mesa no escritório da mansão; virei-me para ele depois de fechar as portas.

— É, eu sei. Isso tudo é ridículo — caminhei até onde ele estava.

— Pode acender essas velas para mim? — franzi o cenho, mas olhei para as velas que formavam um círculo no chão e fechei os olhos, concentrando-me

por um momento e quando os abri, elas estavam acesas.

— Que rápida... — ele se virou com um livro em mãos — Preciso de exatas três gotas do seu sangue. Sangue de um bruxo, um vampiro e... — ele abaixou o livro e fixou seus olhos azuis gelados nos meus — veneno de lobisomem.

— Oh-o...

— Eu sou o bruxo, você a vampira... só precisamos encontrar um lobo disposto a nos ajudar.

— Acho que podemos nos concentrar nisso depois. Primeiro, precisamos destruir os ancestrais e...

— Posso pedir a Amanda — mordi o lábio e sentei-me, girando na cadeira.

— *Ahhh...* Amanda Thorne. A mamãe loba, claro. Você ainda está com ela? — Joseph fechou o livro, com um sorrisinho que eu quase não via ao se sentar de frente para mim e girar também, com o livro no colo.

— Está tudo muito confuso agora, não temos nos visto muito na última semana. Mas acho que ainda estamos *juntos*.

— Você não acha... que Elena *desconfia* de
NACIONAIS - ACHERON

vocês dois? Ou o marido dela?

— Elena *sabe*. Quanto ao marido dela, eu não sei.

— Elena *sabe*? E não fez... *nada*? — ele se limitou a erguer os ombros com cinismo e desviou o olhar.

— É. Esse casamento ridículo não passa de fachada, Juliette, achei que já tinha percebido — recostei-me na cadeira e passei a língua pelos lábios de modo lento.

— *Fachada*?

— É, Juliette. Por que outro motivo você acha que estou casado com ela? Amor verdadeiro? Por favor...

— Eu não sei... eu... por que não se separa dela, então?

— Você sabe que é mais complicado que isso, não é minha decisão. Tem... essa cidade, o *coven*, nossos filhos e todos esses problemas que continuam aparecendo. Talvez em um futuro, quando tivermos resolvido tudo, eu terei essas escolhas em minhas mãos e poderei escolher. Dessa vez escolherei certo.

Ficamos nos olhando por um longo momento, até que alguém empurrou a porta. Escutei o barulho da fechadura e o suave ranger da madeira com minha

audição vampira antes mesmo de ver Cassandra entrar no escritório. Ao invés de falar e sair, ela fechou a porta e entrou, naquele passou confiante, com os cabelos presos e roupas comuns, um tanto séria, mas esboçou um sorriso quando Joseph e eu nos viramos para encará-la, sentados bem perto, um de frente para o outro: — Tudo bem por aqui?

Pensei em dar uma resposta inteligente, mas Joseph se adiantou, falando de modo extremamente sério, quase como um pai: — O que você quer, Cassandra? — e virou-se milimetricamente para ela, com seriedade estampada em seu rosto.

— Só verificando.

— Não preciso de você vigiando a minha vida. Se não *precisa* de nada, pode sair — Cassie parou com os dedos entrelaçou os dedos, de pé a nossa frente, com um sorriso suave e irônico.

— A mãe quer saber se você tem alguma coisa para o tal... *feitiço* — ela me olhou por um breve momento ao pronunciar a última palavra.

— Tenho, ainda não o terminei. Por isso estou aqui, agora se puder sair... — ele gesticulou na direção da porta e, com um olhar fuzilante na minha direção, Cassie saiu — Vou até a cidade, preciso falar com Amanda, dar uma passada na

clínica — ele se levantou, pousou o livro na mesa e pegou alguns papéis, de pé um pouco a minha frente.

— Eu vou entender se demorar mais que o necessário — ele acabou sorrindo e manteve meus olhos nos dele por mais alguns segundos antes que Joseph se desvencilhasse.

— Talvez eu vá — coloquei-me de pé e caminhamos lentamente até a porta — Vou continuar trabalhando no feitiço e conseguir o ingrediente para este. Preciso de você são, sabe disso.

— Eu estou bem aqui.

— Eu sei disso. Mas quando sairmos, a magia exterior irá atingi-la e talvez seja demais, até para você — ele colocou a mão na maçaneta e parei ao seu lado, atrás das portas.

— Obrigada por tudo — ele balançou a cabeça, com um olhar sombrio, mas não abriu a porta imediatamente.

— Deveríamos praticar uma coisa, depois que tudo isso tiver passado — ergui as sobrancelhas e ele girou o ombro para que ficasse de frente para mim, mas ainda segurando a maçaneta com a mão direita e os papéis na esquerda — Tudo isso só está

acontecendo porque seu coração está pesado pela culpa.

— Mas eu *tenho* culpa, Joseph, eu os matei.

— Eu sei, só estou dizendo... — ele relaxou os ombros — que se não sentisse culpa, mas os tivesse matado de qualquer modo, estaria tudo bem.

— Vou manter isso em mente — acabei dando um sorriso; em parte involuntário, em parte para aliviar a tensão estabelecida no espaço de alguns centímetros entre nós.

— Cuide-se, não seja amaldiçoada de novo até a hora do jantar.

— Pode deixar — e acabei sorrindo ao vê-lo abrir a porta e ir embora.

Até o fim da manhã, Cedrico estava em seu quarto na mansão dos Hamilton, o que eu esperava que fosse o suficiente para mantê-lo a salvo, ainda mais depois de horas de feitiços de proteção que Elena, Cassandra, Rafael e eu, passamos lançando na casa para evitar a entrada de *visitantes* ali. Se estar ali já era ruim o suficiente, passar uma tarde com os Hamilton que me odiavam naquele momento era ainda pior, pois eles nem se davam ao trabalho de esconder nada. Cada um me olhava feio ao seu

PERIGOSAS

modo e todos retorciam o nariz diante de mim, mas era inegável que, ao menos, eu servia para alguma coisa: lançar bons feitiços.

Eu disse que iria, mas então eu vi^[24]

O celular vibrou no fim da tarde com uma inesperada mensagem de texto de Joseph.

Veneno de lobisomem. Confere.

— Por que você precisa de veneno de lobisomem? — Cassandra gritou de toda altura, lendo a mensagem por sob meu ombro, e Rafael e Elena se viraram de seus postos diante da janela da sala, perdendo a concentração e franzindo seus respectivos cenhos, olhando para Cassie e eu. Como se eu devesse alguma explicação a qualquer um deles!

— Não é da sua conta — desliguei a tela do celular e fuzilei-a com o olhar.

— Essa sua relação com o meu pai já está extrapolando todos os limites...

— *Relação?* — Elena ergueu o queixo um pouco mais e Cassie virou-se para olhar para ela, girando os olhos e alternando o olhar entre Elena e eu como se dissesse “*Ou você conta ou eu conto*” — O que diabos está acontecendo entre você e o meu marido? — era a primeira vez em que a ouvia se referir a ele daquele modo. Abaixei o celular e enfiei-o no bolso de trás do jeans.

— *Isso não é da sua conta* — falei muito lentamente, para fazê-la entender de uma vez por todas. Apenas alguns metros, três ou quatro, separava Elena de mim, mas eu tinha a impressão de que ela poderia cortar aquela distância muito mais rápido do que a velocidade humana permitia, só pelo seu olhar e a raiva que havia nele.

— Tudo bem — Rafael interview, fitando-me com uma expressão estranha, e deu um passo lateral em minha direção — Tem algo muito errado acontecendo aqui e isso é da nossa conta — franzi a testa por um segundo.

— Não, não é, isso é entre Joseph e eu.

— Claro, até porque vocês estão sempre cheios de segredinhos; é sempre entre Joseph e você — Elena finalmente falou, um tanto vermelha, sua voz um quarto mais alta e agressiva.

— Por que não pergunta ao *seu marido* o que está acontecendo? Ou já não consegue manter a fachada patética que é esse seu casamento? — Elena ficou ainda mais vermelha e furiosa.

— Foi isso que ele te disse? Achei que essa conversa fossem só para as amantes...

— Você não faz ideia de tudo que ele me disse — dei um sorriso debochado.

— Certo, vamos nos acalmar — Rafael se meteu no meio e pousou as mãos nos braços de Elena, ficando de costas para mim enquanto ela ainda me fuzilada por sob o ombro dele, querendo me esganar; não duvidei que faria se pudesse.

— Pare de se fazer de vítima ou nossa aliada, Juliette — foi a vez de Cassandra me atacar, parada do meu lado direito com o rosto retorcido pela raiva. naquele momento, a porta se abriu e Joseph entrou na sala, passando os olhos por cada um de nós, querendo entender o que estava acontecendo. Rafael soltou Elena, talvez percebendo que ela não representava nenhum perigo, e ela foi até Joseph.

— O que está acontecendo aqui? — ele fixou os olhos nela, segurando a alça da sua bolsa a tiracolo, que tinha a alça em seu ombro esquerdo.

— Me diga você — Elena falou em um tom irreconhecível, furioso, prestes a matar alguém e era Joseph quem estava na sua linha.

— Tudo bem... vamos nos acalmar por aqui — ele deu um passo para o lado direito e Elena segurou seu braço, irritada.

— O que você quer, Elena? — ele puxou o braço de modo sucinto.

— Quero saber que tipo de relação você mantém com essa... essa maldita. Desde que ela entrou em nossas vidas, tudo mudou, e para pior. Roubou os meus filhos de mim e depois você. Então, é, eu quero saber o que está acontecendo na minha própria casa.

— Isso não tem a ver com você, é entre nós.

— O que você tanto esconde, pai? — Rafael se meteu, mesmo que parecesse conter-se para não fazê-lo. Engoli em seco. Não era meu intuito mentir para ninguém, muito menos para Rafael, mas também não podia contar a verdade — O que você e Juliette tanto fazem — ele passou por mim, aproximando-se dos pais, passando também por

Cassie; todos nós fitávamos Joseph e Elena. Rafael e Cassie, esperando por uma resposta, eu, esperando Joseph contar uma boa mentira — em quartos fechados, cheios de segredinhos, histórias do passado... não tem como confiar em nenhum de vocês dois sem saber o que está acontecendo. Então — ele me olhou por um segundo —, sem mais segredinhos ou mentiras. O que está acontecendo?

— Joseph está me ajudando com uma coisa, eu não queria que vocês soubessem — falei antes que Joseph tivesse a oportunidade. Mantivemos o olhar um do outro e ele não disse uma palavra. Elena encarou-me sem acreditar — O veneno de lobo.

— Não temos tempo para esse drama familiar — Joseph foi o primeiro a quebrar nosso contato visual para concentrar-se em seu filho.

— Não é só isso! Vocês continuam mentindo — Rafael estava certo, aquelas mentiras eram injustificáveis, mas não sabia mais o que dizer. Cassandra me olhou.

— Já chega desse interrogatório! — Joseph explodiu quando me olhou nos olhos; ele sabia que eu estava no meu limite, que ia acabar dizendo o que não devia e atravessou a sala, agarrando meu pulso — Precisamos ir — ele ergueu as

sobrancelhas e balancei a cabeça no momento em que ele me soltou.

— Se vocês não contarem, eu conto — Cassandra finalmente falou, soltando todo o ar em seu peito e Joseph e eu a fitamos. Era só o que faltava, como se já não tivéssemos problemas o suficiente para uma vida inteira!

— Do que você está falando, Cassie? — Elena perguntou, dando alguns passos em nossa direção. Cassie estava parada perto de Joseph, que estava a minha frente, mas nenhum de nós se moveu bruscamente, apenas nos encaramos.

— Não se atreva, Cassandra Hamilton!

— Por que não? Eu te disse que iria contar, não vou ficar guardando seus segredinhos sujos. E não me venha com o papo de *era o Malcolm*, isso aconteceu antes...

— Cassandra, o que você sabe? — ela voltou os olhos para Elena, e Rafael ao lado dela e balançou a cabeça, realmente indecisa, mordeu o lábio e prolongou uma inevitável resposta.

— Nós nos beijamos, está bem?! Nós nos beijamos, Juliette sabe todos os meus segredos... vocês não tem nada a ver com isso. Nenhum de vocês — todos estavam chocados, boquiabertos,

lançando-me um olhar horrível que fazia com que eu me sentisse mal, encolhendo ainda mais os meus ombros — E, à propósito — Joseph fixou seu olhar em Elena —, estou me separando de você — ela arregalou um pouco mais os olhos e Joseph não esperou que ninguém dissesse nada, apenas se virou — Vamos, precisamos terminar o feitiço — e o segui. Direto para o buraco do coelho.

— Meu Deus, não acredito que você contou para eles! — entrei em seu carro e Joseph jogou sua bolsa a tiracolo no banco de trás.

— Achei que era você quem dizia que não podemos guardar nossos segredos para sempre — ele olhou para trás enquanto dava a ré e ocupei-me colocando o cinto, pouco depois dele — Além disso, Cassandra é péssima em guardar segredos e teria feito isso mais cedo ou mais tarde. Ela me deu um ultimato, deveria saber que ela iria mesmo contar a Rafael.

— *Rafael*? Achei que Elena fosse o alvo — ele ergueu os ombros com a atenção fixa na estrada a nossa frente.

— Ela achava que você estava enganando Rafael e ele merecia a verdade, mas isso não importa

agora. Eu terminei nosso feitiço, mas ainda preciso encontrar um agente de ligação, além disso... precisamos de um agente de ligação para o feitiço dos ancestrais — afundei ligeiramente no banco, fitando o céu que se tornava obscuro a nossa frente, um tanto tensa.

— Para onde estamos indo?

— Conheço uma bruxa que pode nos ajudar. talvez seja a única que queira, que esteja disposta a ir contra os ancestrais — balancei a cabeça, sem ousar perguntar quem era já que ele não tinha dito de primeira.

— O que é um agente de ligação? O que podemos usar como um? — ele ergueu os ombros e entramos na estrada principal. Havia uma sombra no olhar de Joseph, seu olhar era diferente, ele estava um tanto pensativo.

— Talvez um objeto que possua magia. Mas tem que ser uma magia forte e precisamos proteger o objeto muito bem, pois se o perdermos, se for destruído, a magia do feitiço se desfaz — ele girou o volante firmemente em uma curva acentuada, finalmente passando o olhar sobre mim, fixando aquele azul gélido nos meus, o que me fez estremecer por um momento — Em alguns feitiços,

o agente de ligação usado é *uma pessoa*. Como no feitiço que os bruxos criaram para matar Malcolm. Nesse caso, arrancando o coração em um ritual é o suficiente para quebrar o feitiço.

— Podemos usar isso? — puxei o amuleto de dentro da blusa e mantive-o no ar para que Joseph pudesse avaliá-lo por um momento, prestando atenção aos detalhes para, só então, balançar a cabeça com um olhar minucioso e deslizar lentamente a língua pelos lábios.

— Não, está carregado de magia, e foi projetado para proteção. Provavelmente não suportaria carregar tanta magia dentro dele, poderia derreter na tentativa e não teremos chances para errar; só temos um acerto e, por isso, vou pedir ajuda de alguém que saiba mais que eu.

— O que você sabe sobre a tal profecia dos ancestrais? A que diz que eu os farei *cair um por um* — ele franziu o cenho e me olhou por menos de um segundo, como se eu tivesse ficado maluca.

— Não mais que você. Só a coisa toda de Rafael manchar as mãos de sangue, todos morrermos no fim... os ancestrais querer intervir na profecia te matando — ele me olhou e captei que já estávamos no centro da cidade, mas permaneci com os olhos

fixos nele —, mas não se pode mudar o futuro, mesmo com toda a magia e todos os esforços do mundo.

— Então, todos os esforços deles têm sido em vão? — acabei sorrindo, incrédula.

— É, não se pode mudar o futuro, ele já foi traçado. Se você tivesse morrido na primeira, segunda ou... terceira vez e tivesse *permanecido* morta, a profecia encontraria um jeito de se cumprir, de qualquer maneira. É isso que aqueles idiotas parecem não entender — ele fez uma pausa dramática; parou, mas não desviamos o olhar um do outro nem para olhar em volta — De qualquer modo, é assim que acaba. Com todos nós *caindo*.

Finalmente desviamos o olhar um do outro e saímos do carro: — Ah, não. Aqui de novo, não — suspirei e fechei a porta.

— Conhece esse lugar? — ele ficou do outro lado do carro e me olhou. Limitei-me a balançar a cabeça e espiar a loja de Dahlia por sob seu ombro — Conhece a bruxa?

— É, podemos dizer que sim.

Seus ossos trêmulos, eles não me querem também^[25]

Tentei seguir Joseph até a loja, mas algo me parou na porta e supus que o dono do lugar tinha mudado, pois eu não conseguia entrar, precisava ser convidada. Joseph se virou e ergueu as sobrancelhas em uma expressão interrogativa: — O que foi?

Coloquei as mãos espalmadas no batente da porta, uma de cada lado, e inflei o peito de ar: — Eu preciso ser... *convidada* — ele ergueu o queixo, seu rosto levemente tomado pela surpresa, e Dahlia saiu de sua pequena sala atrás do balcão.

— Pode entrar, Juliette — Joseph a fitou com um sorriso suave e os dois se abraçaram enquanto eu entrava e fechava a porta, notando que, teoricamente, a loja estava *fechada*. Ou era o que dizia a placa — O que o trouxe aqui? E com ela...

— Eu sei. Primeiro que preciso de ajuda com um *grande* feitiço— o braço dele estava em torno dos ombros da velha mulher e achei no mínimo *estranha* aquela proximidade entre os dois, perguntando-me se ele tinha um caso amoroso com ela também, mas um alarme de *muito velha* surgiu na minha cabeça — E segundo que... Juliette sabe todos os meus segredos, achei que estava na hora de conhecer este também — Dahlia olhou para Joseph e então para mim, nem um pouco convencida de que eu fosse alguém em que se pudesse confiar.

— *Segredo?* — franzi o cenho suavemente.

— Juliette... — ele limpou a garganta — esta é Dahlia Cohan... minha mãe.

— Sua, *o quê?* — meu queixo caiu no mesmo segundo e alternei incansavelmente meu olhar entre os dois, procurando as inexistentes semelhanças entre eles.

— *Minha mãe* — ele falou devagar, como se eu fosse idiota e não tivesse entendido o significado. De repente, todas as vezes que estivera com Dahlia voltou à minha memória como *flashbacks* muito rápidos. Desde a primeira, no festival, quando ela *leu* minha mão, até da última, quando começou a falar de Rafael manchar as mãos de sangue por minha causa.

— Tem certeza?

— Claro que eu *tenho certeza*. Que diabo de pergunta é essa?

— Apenas conferindo — aproximei-me lentamente com o lábio inferior entre os dentes — Você não gosta de mim, por que nos ajudaria?

— Gosto do meu filho, é a ele quem estou ajudando, não a você — ergui os queixo com os dedos entrelaçados, tentando ler a expressão de Dahlia quando estava perto o suficiente para tentar. E fracassar miseravelmente.

— Por que não me disse quem você era quando eu vim aqui da última vez? — Joseph afastou o braço dela e Dahlia inclinou um pouco o rosto, seu olhar me cortando.

— Porque você estava com Rafael quando veio aqui — ergui as sobrancelhas, finalmente me dando

conta, atendo-me realmente às palavras de Joseph. Sobre Dahlia *ser mais um segredo*.

— Ninguém sabe? — voltei os olhos para Joseph e ele balançou a cabeça.

— Não, todos pensam que meus pais estão mortos e é melhor desse jeito. Assim como Freya, esse foi o modo que encontrei para proteger os que eu amo — Dahlia balançou a cabeça.

— Vamos logo ao que interessa — e a seguimos até a mesma cozinha da qual eu me recordava, sentando-nos à mesa e sendo servidos com chá, doce e calmante.

— Estou escrevendo um feitiço — Joseph tomou um gole do chá e Dahlia se sentou na cabeceira da mesa, alternando o olhar entre Joseph e eu —, mas não consigo um agente de ligação. Precisa ser algo único, sólido. Indestrutível — achei seguro tomar um gole do chá e quando o fiz, notei que era exatamente o que eu precisava para relaxar. Isso se Dahlia não tivesse me drogado.

— E qual a dificuldade? — Dahlia bebeu seu chá seu desviar o olhar de Joseph, que a encarava tão intensamente quanto ela o olhava.

— Não consigo encontrar tudo isso para unir em uma coisa só e não posso correr o risco de ancorar

tanta magia a um objeto que não vá suportá-la. Não teremos outra chance, por isso vim pedir a ajuda da mais experiente bruxa que conheço, porque não sei mais o que fazer.

— Ora, achei que você, como meu filho, fosse uma criatura mais inteligente — ela riu e Joseph e eu a olhamos estranho ao mesmo tempo, quando Dahlia abaixou sua xícara, pousando-a sobre a mesa; ela não desviou o olhar dele por um segundo enquanto deslizava o indicador pela borda da xícara — Bem... — ela finalmente me olhou, mas só durante um segundo antes de voltar sua atenção para o filho, já que eu, certamente, não era digna — você me disse que irão usar um feitiço de ressuscitação para bloquear a magia ancestral enquanto Juliette entra em Essex... — ele anuiu de modo quase imperceptível — Quando vocês trazerem Isabel de volta, usarão o coração dela para selar o feitiço, o que o tornará permanente. Quebrá-lo exigirá o coração de Juliette, que é uma vampira necromante mais poderosa do que qualquer um de nós aqui...

— Espere! Não podemos trazer minha mãe de volta para depois matá-la, pelo mesmo motivo pelo qual ela morreu pela primeira vez — exclamei

como se não fizesse nenhum sentido. Para mim, ao menos, não fazia e eu queria gritar com Dahlia para ela parar de falar aqueles absurdos.

— Juliette, sua mãe está morta — falou calmamente, como se eu já não soubesse — Trazê-la de volta vai mudar a Ordem das Coisas. Vai mudar tudo do Outro Lado e isso não pode acontecer; ela não pode ficar aqui sem consequências mortais. E não estou falando dos ancestrais, pois, se tudo der certo, eles estarão mortos antes dela, estou falando de uma simples, porém crucial, Ordem. Não se pode mexer com os mortos, a própria natureza se encarrega disso — soltei o ar em meu peito. Não disse nada, então ela se virou novamente para Joseph, que me olhava como se esperasse que eu fosse surtar, mas apenas fiquei em silêncio.

— Você está bem? — levantei a cabeça e olhei para Joseph. Estava sentada no balanço da varanda nos fundos da casa de Dahlia, algo que eu não esperava. esperei, talvez, por objetos de magia negra e sangue em frascos estocados em prateleiras, não um balanço de dois lugares, feito de madeira e pintado de branco, com uma vista para montanhas

ao longe e algumas árvores no quintal com cerca de madeira branca e baixa.

— Um pouco decepcionada, mas vou ficar bem — só então percebi que ele tinha uma caneca com café estendida em minha direção; sorri e peguei-a com cuidado — Obrigada — ele se sentou ao meu lado e tomou um gole de seu café com um olhar sereno — Então... *você* está bem? — ele se virou um pouco com um meio sorriso torto.

— Claro, eu sempre estou — provei o café e observei o céu escuro ao longe — Não sei exatamente sob que circunstância você conheceu a minha mãe, mas ela pode ser uma boa pessoa quando não está tentando ser... *assustadora* — acabei sorrindo e me virando novamente para olhar para ele. Como o balanço era estreito, nossos joelhos e coxas estavam se tocando, mas desviamos o olhar ao mesmo tempo e Joseph nos balançou com a ponta dos pés, que, só então, notei que estava descalço; de um modo mais confortável do que eu estava acostumada a vê-lo.

— Aqui é muito bonito — bebi mais café, com os olhos nas árvores do quintal.

— Sempre gostei daqui — pousei a mão direita no braço direito na lateral do balanço, sentindo algo

esculpido e abaixei os olhos para ver o que era — É *Eleri*, não *Elena* — Joseph apressou-se em dizer quando vi J e E esculpido com uma faca.

— Quando fez isso? — acabei sorrindo de modo inconsciente.

— Não tenho certeza, devia ter uns dezesseis anos.

— Você cresceu aqui?

— Era um pouco diferente, mas, sim — ele segurou a caneca com a mão esquerda, pelo corpo, não pela asa, e fitou o horizonte obscurecido — Minha mãe quer que fiquemos para o jantar — ele mudou de assunto pouco depois.

— Acho que deveria ir embora.

— Não tem nada para fazer em casa. Vamos quebrar o *De motu victimas*, é tudo que podemos fazer por hoje — acabei concordando com um aceno e caímos em um profundo silêncio.

— Espero que estejam com fome — Dahlia surgiu pela lateral da varanda cheia de sacolas e ofereci-me prontamente para ajudá-la, mas ela recusou com um aceno — Trouxe algo para você — franzi o cenho quando ela olhou para mim e enfiou a mão em uma de suas sacolas — Você está pálida — e jogou-me uma bolsa de sangue, que

peguei no ar.

— Obrigada — falei em um tom, irreconhecível até para mim, e bebi a bolsa de sangue enquanto Joseph voltava a casa para falar com sua mãe. Quando terminei, joguei a embalagem no lixo e voltei para a casa de Dahlia, que eu diria ser um tanto *diferente* do aspecto de sua loja. O piso de madeira rangeu sob meus pés quando passei pela porta e coloquei uma mecha do cabelo atrás da orelha ao entrar na cozinha.

Ofereci ajuda a Dahlia, mas ela disse gostar de *governar as próprias coisas* e mandou que eu me sentasse ao lado de Joseph em uma mesa retangular de madeira enquanto ela preparava uma sopa, que rapidamente inundou a cozinha com o delicioso aroma de legumes cozidos. Entre Dahlia e nós, havia a uma bancada, também de madeira em um tom claro, como todo o resto, tudo ali dava-me a impressão de que estava em um lar. Do tipo simples, com amor familiar e todas aquelas coisas, como se ali houvesse uma barreira nos separando dos conflitos seculares entre nós e os ancestrais, magia, vampirismo e todas aquelas loucuras; havia apenas paz, pura e simples.

A coisa estranha que eu sentira no peito durante

todo o dia, toda aquela preocupação que tivera com Cedrico, principalmente, com todo mundo com relação ao feitiço, simplesmente desapareceu. No começo achei estranho, mas, até então, não tivera um dia de paz e coisas simples em tanto tempo que foi impossível não desfrutar daquilo, nem que fosse por uma noite. Era familiar e amoroso. Dahlia, na verdade, não era a bruxa má que eu tinha concluído há tanto tempo que era. Talvez fosse o fato de Joseph estar comigo tivesse mudado alguma coisa, mas ela era gentil e conversamos por breves minutos sobre coisas.

O chá, o sangue, as gentilezas, até o ar amadeirado do ambiente, era aprazíveis e confortáveis e me peguei, por um breve e fugaz momento, imaginando-me humana, parecia que tinha sido muitas vidas antes.

— Juliette — o tom suave de Joseph despertou-me dos meus devaneios e fitei-o com um súbito débil sorriso — Você está bem?

— Claro. Só pensando demais.

— Então... você sabe que não pode morrer — franzi o cenho e direcionei meu olhar confuso a Dahlia, que me olhava inclinada sobre a bancada — Você é uma vampira — falou com o as

sobrancelhas franzidas como fosse uma nova informação — Depois de tudo, do feitiço, da queda dos ancestrais... não pode se colocar em risco. Viva uma vida tranquila, mude-se sempre, tome cuidado no modo como se alimenta para não chamar a atenção de caçadores. De vampiros e de bruxos. Acredite, tem muito disso no mundo lá fora — ela me deu às costas e voltou a atenção para a comida.

— Vou me separar de Elena — Joseph falou e Dahlia se virou novamente, dessa vez com um olhar arregalado.

— Se separar? Achei que quisesse evitar problemas com ela e com seus filhos...

— Eu sei o que eu disse, mas não vou desperdiçar nenhum segundo a mais da minha vida com ela. Quando tudo isso acabar, estarei em um lugar bem longe daqui. Se meus filhos quiserem, podem vir comigo, mas depois de tudo... nem sou mais capaz de olhar na cara dela.

— Sempre achei que toda essa história tinha sido um erro. Estou feliz que tenha tomado essa decisão — fitei Joseph, que estava de lado para mim a minha frente, olhando para Dahlia mesmo depois de ela ter saído de onde estava.

PERIGOSAS

NACIONAIS - ACHERON

Esta fantasia, esta falácia, esta pedra desmoronando[\[26\]](#)

Joseph deslizou a faca de caça pela sua palma, seu rosto tomado pela dor durante um momento. Estávamos sentados em posição de lótus em um círculo feito de cinzas, misturadas ao veneno de lobisomem, desenhado no chão, circundado por velas grossas, que acendi enquanto ele fazia um corte diagonal em sua mão, doloroso só de olhar. Em seguida, ele me passou a adaga e fiz o mesmo de modo quase indolor.

— Pronta? — assenti e segurei sua mão; fechei os olhos e ergui milimetricamente o queixo,

entoando com ele o feitiço que tinha aprendido minutos antes.

*Et cadens in terram,
omnes maledictiones istæ,
Et animas mortuorum
potest inveniri in pace
Quod cor suum non inveniet requiem
animus gravis culpa
Potest redemptio
per hoc links*

Sentia a magia de Joseph de modo estranho dentro de mim e todo o meu corpo tremulou; sua magia irradiava dele, de seu sangue, parecia que se conectava a mim de uma forma completamente inexplicável e apertei os olhos, involuntariamente apertando suas mãos também, sentindo algo intenso se apossando do meu ser. Meus lábios se entreabriram e joguei a cabeça para trás, expondo minha garganta, como se estivesse sendo possuída. Soltei a mão direita de Joseph, toquei meu nariz e senti que tinha sangue. Repentinamente, ele me largou e abrimos os olhos ao mesmo tempo.

— Juliette! — ele ergueu-se e agarrou meus

ombros pouco antes de eu cair.

Abri os olhos e pisquei repetidas vezes, sem memórias do que tinha acontecido durante alguns segundos, mas então vi Joseph sentado em uma poltrona diante de um, um metro a frente, e me dei conta de que ainda estava na casa de Dahlia, em uma cama enorme em um quarto parcialmente escuro. Levantei a cabeça e sentei-me com os movimentos desacelerados, lerdos e meu olhar encontrou o de Joseph no momento em que apoiei as palmas no colchão ao lado do meu corpo. Desde que era humana nunca tinha me sentido daquele jeito.

Foi como se tivesse mergulhado muito fundo em um oceano profundo, em sua região mais abissal; meus pulmões doíam. Era como se algo pressionasse meu corpo com muita força, mais do que eu podia empurrar de volta: — Está tudo bem?

— Acho que sim — piquei novamente e olhei automaticamente para o anelar da minha mão direita — Onde está o anel do dia?

— Ahn... — meu olhar arregalado encontrou o seu, meu queixo caiu e esperei, desesperadamente, que ele tivesse uma resposta para me dar — Ele...

NACIONAIS - ACHERON

derreteu.

— *O quê?* — levantei-me, mas minhas pernas é que pareciam estar derretendo, pois quase caí e apoiei-me no criado-mudo com o corpo curvado para frente e fixei meus olhos nos dele — Como assim, derreteu, Joseph?

— Acho que foi um truque dos ancestrais — ele me segurou pelos ombros e ajudou-me a sentar de volta na cama — Eles não puderam impedir minha magia, mas derreteram seu anel. Mas não se preocupe — franzi o cenho, um tanto confusa, meus pensamentos embaralhados — Dahlia saiu para comprar prata, outra pedra... vou fazer outro para você, só preciso terminar o feitiço primeiro.

— O que está acontecendo comigo?

— Talvez você precise de sangue...

— É, eu deveria ir para casa, tenho um estoque de bolsas de sangue lá — tentei me levantar, mas estava tão fraca que Joseph pressionou a mão direita em meu ombro, o que fez com que eu me mantivesse onde estava.

— É melhor ficarmos aqui até concluirmos tudo... — coloquei-me de pé e empurrei-o contra a parede com minha velocidade vampiresca, na mesma altura que ele por conta dos saltos da bota.

NACIONAIS - ACHERON

— Você quer que eu me alimente de você, então?
— minhas pupilas se dilataram enquanto o hipnotizava, mas, ao invés de fazer o que eu o mandava, que era responder a pergunta, ele riu, seus olhos azuis se iluminaram.

— Você sabe que não pode me compelir, Juliette...

— Não posso? Por que não, Joseph?

— Vampiros não podem compelir bruxos, você sabe bem disso.

— Mas você não é um bruxo! Achou que eu não ia sentir enquanto fazíamos um feitiço juntos? — falei um pouco mais alto, pressionando meu antebraço contra seu pescoço, muito perto dele enquanto tentava tirar-lhes respostas que não achei que fosse me dar — *O que você é?* — ele hesitou por longos segundos, antes de finalmente soltar o ar do peito como se houvesse um peso neles.

— Sou um xamã — afrouxei o aperto em sua garganta e recuei dois passos, de queixo caído.

— *O quê?*

— Tenho muito mais magia do que consigo lidar, mas não tenho contato direto com os ancestrais, por isso não pratico a mesma magia que você, mas é magia.

— Por que... por que você não me contou? Por que preferiu me enganar, ao invés de abrir logo o jogo? — minha voz saiu com um suspiro chocado enquanto eu continuava recuando lentamente e ele veio em minha direção no mesmo ritmo.

— Eu tenho muitos segredos, Juliette, você não sabe nem a metade deles — ele ergueu as sobrancelhas com uma expressão preocupada e ergueu a mão direita entre nós, tentando me fazer entender; que ele não era um perigo, talvez.

— Como... — gaguejei com os olhos no chão, depois nele — Como ninguém sabe?

— Eu sempre tive acesso aos ancestrais como fiz hoje, praticando com um bruxo — ele fez uma pausa e fixei meus olhos nos dele, engolindo em seco - Juliette, esse talvez seja o meu *maior* segredo, ninguém jamais pode saber disso.

— Eu sei, eu... — balancei a cabeça como indicativo de que tinha entendido — Eu sei, Joseph. Eu te disse uma vez que guardaria seus segredos, estava me referindo a todos eles... eu sempre irei protegê-los — respirei fundo, encontrando uma ponta de lucidez em mim para, enfim, relaxar meus ombros.

— Obrigada — mal tive tempo para pensar e me

virei ao ouvir o som da porta da frente e virei o rosto na direção da porta.

O corredor estava pouco iluminado, havia ainda menos luz do que no quarto, mas com minha vampiresca visão, dava para ver muito pouco. Ergui o queixo para sentir melhor o cheiro que pairava no ar, um pouco distante e que se mesclava ao de ervas ao longe, na loja de Dahlia. Caminhei lentamente na direção da porta, meus pés descalços fazia com que a madeira rangesse sob meus passos e Joseph deu alguns passos na minha direção: — *O que foi?* — ele murmurou e coloquei o indicador sobre os lábios, indicando que ele deveria fazer silêncio, e foi o que ele fez, não sem uma pontinha de hesitação e um cenho franzido. Parei na porta, olhando o corredor dos dois lados, tendo certeza de que havia ali algo muito, muito errado.

— Fique aqui — murmurei e fui até a loja em meio segundo, encontrando lá ninguém mais, ninguém menos que Elena.

— Olá, querida. Sentiu minha falta? — franzi o cenho com os braços ao lado do corpo, um tanto tensa sobre as intenções que Elena poderia querer ali, ainda mais quando tinha um perverso sorriso no rosto. Ergui o queixo e encarei-a, parada na porta

detrás do balcão.

— O que você quer, Elena?

— Achou que ia roubar o meu marido e ficaria por isso mesmo? — ela franziu a testa, seu sorriso maligno se alargando.

— Roubar seu marido? Você deve estar louca! — saí devagar de detrás do balcão; Elena e eu caminhamos lentamente na direção uma da outra — Nunca roubei seu marido de você, ele é que não te aguentava mais.

— Como se você não tivesse intervindo de nenhuma forma. Estou percebendo aos poucos — ela falou, gesticulando a paramos a alguns metros uma da outra — qual o seu plano. Começou com Cedrico, o mais romântico, o fez se apaixonar perdidamente por você a ponto de cometer qualquer loucura — ela deu passos lerdos em minha direção, mas não recuei, permaneci onde estava para saber onde aquilo ia dar — Depois Rafael, que foi mais difícil de conquistar, mas quando o teve, o usou e pisoteou os sentimentos dele como se não significassem nada. E agora... meu marido! Mas, parabéns — ela bateu palmas e sorriu, cínica. Limitei-me a franzi o cenho com a expressão dura e impassível, achando aquele showzinho todo

ridículo —, você conseguiu tudo o que planejou. Até *Joseph* confiou em você, realmente não sei como você conseguiu. Enganou a todos nós direitinhos e agora está nesse buraco se refestelando com o *meu* marido!

— Chega, Elena! — Elena e eu nos viramos para ver *Joseph* caminhar em nosas direção — Não tem ninguém *se refestelando* aqui. E se você não se deu conta, *nós nos separamos*! Acabou!

— Vai abandonar sua família, seus filhos...

— Nunca irei abandonar meus filhos! — ele parou ao meu lado e encarou Elena duramente — Estou abandonando você, não eles.

— Depois de tudo, vai me deixar por essa vadia?

— Deixe-nos em paz, Elena — ele caminhou até a porta e escancarou-a. Elena, entretanto, virou-se para fixar seus olhos em mim e estendeu a mão, quebrando meu pescoço com um gesto.

— Merda!

— Desculpe por isso — ele me estendeu a mão e coloquei-me de pé — Tudo bem?

— Uma dorzinha do pescoço — toquei o pescoço e balancei a cabeça — Acho que não estou conseguindo me manter acordada hoje — arqueei a

sobrancelha e vi que Dahlia estava ali, além de olhar no relógio e ver que não tinha se passado muito tempo — O que aconteceu? — alternei o olhar entre os dois.

— Elena é uma louca, eu sempre te disse — Dahlia falou comigo, depois com Joseph, que inclinou a cabeça em concordância — Problemas, mais problemas.

— É melhor irmos embora daqui — suspirei com a mão direita ainda no pescoço — Você vem comigo?

— Claro — ele se voltou para Dahlia — Nos falamos depois — ele beijou sua testa e Dahlia assentiu, sem emoção.

— É o que você sempre diz. Se cuidem — e me olhou rapidamente.

Espere, o pior ainda está por vir^[27]

Em seu carro, Joseph ficou estranhamente quieto, não falou absolutamente uma palavra até parar na minha casa: — Venha, precisamos conversar — ele franziu o cenho quando abri a porta e encarei-o.

— O quê?

— O feitiço. Precisamos discutir os detalhes do feitiço, afinal, preciso estar pronta, só terei uma chance...

— Tudo bem — ele abriu a porta — eu sei que você quer saber sobre Elena, o que ela disse —

fechei a porta ao mesmo tempo em que ele o fez e revirei os olhos, caminhando na frente até a porta.

— Eu quero — como estava sem minhas chaves, fiz um movimento com a mão e empurrei a porta — Mas o feitiço é mais importante — quando ele entrou, fechei a porta e acomodamo-nos no sofá, frente a frente. Estava um tanto cansada, mas não mais que ele, que era tão mortal quando uma pétala de rosa e parecia exausto.

— Elena me odeia — Joseph enfiou o rosto entre as mãos — Ela vai fazer de tudo para jogar meus filhos contra mim e mais do que *tudo* para impedir o feitiço. Então, basicamente, estamos sozinhos nessa...

— É, mas não acho que ela pode envenenar a todos...

— Ela pode!

— ... tenho certeza que ela não convencer a todos.

— A quem exatamente você está se referindo? — ele fixou os olhos azuis angustiados nos meus, com uma expressão de evidente desconfiança.

— Freya — ele ergueu suas sobrancelhas muito suavemente, mas não disse nada de início — Ela é sua filha, apesar de tudo. Eu sei que se passou

muito tempo, que ela pode estar... receosa em te ver ou falar com você, mas por que não tenta *falar* com ela? Explicar seus argumentos?

— Por que não tentamos com algo mais fácil? Aposto que vai ser mais fácil fazer Rafael me entender. Ele não é como a mãe, sei que vai acreditar em mim, porque nesse momento, Elena deve ter dito para todo mundo que eu e você somos amantes — enfiei o rosto entre as mãos e suspirei.

— Queria tanto que Cedrico estivesse aqui...

— Eu também. Mas não vamos nos abalar por isso, vamos nos concentrar no feitiço, em derrotar os ancestrais. Primeiro, precisamos de alguns ingredientes para os dois feitiços, depois voltamos a conversar.

— É difícil de encontrar? — levantei o rosto e ele fez que não.

— Não é encontrado aqui, só na cidade vizinha. Eu cuido disso.

— Claro, mas... estou exausta e ainda faltam três horas até o amanhecer.

— Vampiros precisam dormir?

— Com certeza — levantei-me e inflei o peito de ar — Pode dormir aqui, se quiser. Tem vários quartos vazios — ele anuiu de modo débil.

— Obrigado.

Antes que eu fosse na direção das escadas, ouvi um baque do outro lado da porta. Não batidas, um *baque*; como o som de um corpo caindo e Joseph e eu nos entreolhamos, com ele já de pé. Caminhamos até a porta e abri-a para ver um jovem homem caído perto da porta, de costas para mim e em posição fetal, parecendo agonizar. Usava jeans e camisa de mangas, ambas pretas, e tinha cabelos lisos em um belo tom de castanho muito claros. Ele virou e vi que parecia estranhamente bonito, mas meu queixo caiu por conta das circunstâncias.

— Você é Juliette von der Hohenfels? — ele perguntou com um gemido e inclinei o rosto, em choque.

— Sim, você... — ele fixou seus belos olhos azuis-escuros nos meus e notei rapidamente seus traços belos e clássicos. Sua boca firme, porém suave, as maçãs salientes do seu rosto, a palidez da sua pele, seu nariz bem desenhado ajustava-se perfeitamente ao seu rosto e fiquei boquiaberta diante daquela visão. Mas não foi sua beleza descomunal que me chocou, e sim, o fato de que eu o *conhecia*. Não, de fato, o conhecia, mas já o tinha visto antes.

Coberto de sangue, na visão da profecia que Lauren tinha me mostrado.

— Que ótimo, porque preciso da sua ajuda.

Respirei fundo, confusa, e fiquei parada depois da porta, sem ter certeza sobre quem era aquele maluco e por que ele achava que eu poderia, ou iria, ajudá-lo. Ele se levantou lentamente, com o rosto tomado pela dor, e estendeu a mão, que não aceitei.

— *Quem é você?*

— Edward Thorne. Sem ligação com lobos. Eu preciso *mesmo* da sua ajuda, faço qualquer coisa em troca dela — ele colocou a mão direita na parte interna do antebraço esquerdo, gemendo de dor, e soube exatamente o que havia de errado com ele — Acredito que você saiba qual a sensação... — ele ergueu a manga da camisa e vi a ferida causada pela mordida de lobisomem, já era quase mortal e franzi o cenho, imaginando que ele já estivesse tendo alucinações e todo o tipo de coisas.

— Mordida de lobisomem — ergui o queixo, sem saber o que dizer.

— Então, você pode me ajudar ou não?

PERIGOSAS

NACIONAIS - ACHERON

Parte 4

Uma salvação
original[\[28\]](#)

Nos vemos no inferno...

Ou no fogo de Salém

— Como você me achou?

— Os bruxos falam sobre você — falou com a voz debilitada — Que morreu e voltou da morte, o que me levou a concluir que você conhece uma cura para veneno de lobisomem, então, por favor...

— Juliette — Joseph falou meu nome e me virei, no momento em que ele me puxou pelo cotovelo e bateu a porta, indicando para irmos até a cozinha e paramos entre a pia e a bancada. Joseph ligou a torneira e falou baixo: — Ele faz parte da profecia, pode ser que seja importante.

— Acha que podemos confiar nele? — Joseph ergueu os ombros.

— Se você tiver mesmo um método de cura para mordida de lobisomem — ele ergueu os ombros.

— Criado por Friedrich e testado por mim. Só tem um probleminha pequeno — soltei o ar do peito — Talvez não seja um problema... não posso convidá-lo a entrar, a casa está no nome do meu pai... — parei de falar de repente.

— O que foi?

— Estava no da minha mãe. E ela morreu — fui até a sala em velocidade vampiresca e abri a porta, fitando Edward.

— Você ainda está aí...

— É, estou. Como disse, preciso da sua ajuda...

— Então entre — ainda precisava testar minha teoria sobre a casa ser da minha mãe, o que foi confirmado quando Edward deu um hesitante passo para dentro da enorme sala de estar, depois outro, e rapidamente fechei a porta — Há quantos dias você foi mordido?

— Três — arregalei os olhos e convidei-o a se sentar — Eu sei que já deveria ter morrido, mas tentei me manter firme ao menos até encontrá-la e você bater a porta na minha cara.

— Eu sei o que *se manter firme* significa — sentei-me ao lado de Joseph, no sofá de frente para

ele — Preciso de salvia... — falei comigo mesma e levantei. Fui até a cozinha, peguei um monte de salvia enrolada e voltei a sala, segurando-a na mão esquerda na altura do meu nariz e gesticulei com os dedos da direita: — *Adolebitque* — e começou a queimar de modo suave quando coloquei na tigela de pedra ao lado do abajur, fitando Edward por sobre ele.

— Bruxa vampira?! Interessante...

— Vamos ao que interessa — aproximei-me dele e sentei ao seu lado bem perto, olhando-o nos olhos de modo profundo.

— Você é muito gostosa, achei que fosse velha e feia — quando terminou de falar, Edward desviou o olhar rapidamente, embaraçado e desconcertado — Não sei por quê eu disse isso, eu...

— Tudo bem, eu sei — mordi meu pulso esquerdo e ofereci-lhe — Beba — sem hesitar ou perguntar por quê, ele o fez, alimentando-se de modo voraz. Preto e vermelho substituiu o azul e o branco dos seus olhos, respectivamente. Edward segurou minha mão, apertando-a com força até quase quebrar meus ossos. Seus dentes não perfuraram minha pele, mas me enfraqueci conforme ele tomava do meu sangue, mais e mais.

— Já foi o suficiente — ele afastou meu braço de modo abrupto, como se lutasse contra si mesmo ao fazê-lo. Edward e eu olhamos para seu antebraço ao mesmo tempo e vimos a mordida curar-se em um processo lento, mas que aconteceu bem diante de nossos olhos durante alguns segundos até que curou completamente.

— Como você...

— Sem perguntas — ergui-me e respirei fundo.

— Você me deu o seu sangue e...

— Talvez você possa ser útil — ele abriu um pouco mais os olhos, indicando que estava ouvindo

— Mas preciso dormir um pouco agora. Fique por perto.

— Claro. E obrigada — anuí.

— Precisamos conversar — foi o que Rafael disse antes mesmo de eu dizer *oi* ou haver tempo para cumprimentos. Simples e direto. Suspirei de modo profundo e sentei na cama, observando o modo como o sol nascia por detrás das nuvens cinzentas. Mas, mesmo assim, havia sol.

— Eu sei. Sinto muito por tudo que aconteceu...

— Pessoalmente. Pode me encontrar naquele café do centro?

— Na verdade, não. O sol está nascendo e...

digamos que aconteceu um acidente com o meu anel do dia — ele suspirou um *oh* e funguei. Me sentia mal por tudo, pelo modo como as coisas aconteceram. Imaginava, principalmente, o que Rafael estaria pensando de mim naquele momento. Por mais que dissesse a mim mesma que não, me importava *demais* — Se quiser falar comigo, precisa vir até aqui.

— Tudo bem, eu chego em cinco minutos — de algum modo, estranho, contudo violento, sentia-me fraca. Talvez não de fato, pois era uma vampira, estava imune a dor física, mas, por dentro, emocionalmente, sentia como se meus sentimentos estivessem afetando meu discernimento, o modo como tudo em mim funcionava até então.

Tudo estava mudando e tão rápido que eu não conseguia acompanhar aquelas mudanças e elas estavam me afetando, tirando de controle toda a minha magia, e eu estava mudando tudo a minha volta. Involuntariamente ou não, estava estragando tudo.

Abri a porta escondendo-me detrás dela, pois o sol penetrou a sala até certo ponto quando deixei Rafael entrar. A mais pura verdade é que estava

confusa, não sabia o que dizer a ele. Em um momento estávamos bem, finalmente pude tê-lo para mim de verdade e no seguinte, Malcolm aparecia, arruinava tudo, destruía tudo o que tínhamos por diversão e Rafael e eu nos encarávamos em minha sala de estar como dois estranhos.

Não sabia o que ele queria discutir. Se eu deveria começar a falar no momento em que terminei de fechar a porta e me virei, quando nossos olhares se cruzaram de modo intenso e lancinante e ficamos em silêncio, que doeu ainda mais do que a distância, emocional e física entre nós.

— Eu... — ele começou, mas interrompeu a si mesmo, repensando e recalculando suas palavras — Queria dizer que Cassie me contou tudo o que aconteceu quando você... não quis ser injusto com você, apesar de tudo.

— Eu sei — antes que pudesse continuar, um junco suave se formou entre suas sobrancelhas, seu olhar se tornou nebuloso — O que aconteceu com seu anel do dia?

— Foi torrado pelos ancestrais no meio de um feitiço enquanto eu tentava me livrar de fantasmas — falei tudo em um único fôlego e soltei o ar do

peito, fazendo-o inclinar o rosto — Como Cedrico está?

— Do mesmo jeito — ele flexionou os dedos, fechando a mão em punhos por um momento — Queria poder fazer alguma coisa, mas...

— É, eu também. Aliás, onde Jeremy está?

— Fugiu, como o cretino que é. Está na casa de Jane com o papo furado de que não pode fazer nada para ajudar.

— Você não confia nele, confia? — ele fez que não, mas não o esperei me interromper — Eu não. E acho que ele sabe mais do que está disposto a contar — felizmente, Rafael ainda conseguiu captar minhas meias palavras, por isso, inclinou o rosto com uma expressão curiosa.

— O que está sugerindo que façamos? — passei por ele, a uma velocidade humana, e caminhei na direção das escadas, esperando que Rafael me seguisse, o que ele fez e peguei meu celular no quarto para mandar uma mensagem a Joseph.

— Vamos até a casa da sua avó, arrancamos algumas informações dele - abaixei os braços, sem saber formular um pensamento concreto. Não sabia *exatamente* quais eram as minhas desconfianças, mas havia uma sensação, um pressentimento em

meu peito relacionado aquele homem que eu não conseguia, nem seria tola o suficiente para ignorar — Eu sei que Jeremy sabe de alguma coisa. Só precisamos arrancar dele.

Rafael não pareceu hesitar nem por um momento, mas ergueu o queixo com uma expressão incisiva: — E o que estamos esperando?

Ergui a mão direita na altura do rosto com a testa franzida: — Não posso sair ao sol, esqueceu?

— Tudo bem. Você tem prata aqui? Posso fazer um novo para você...

— Não, é que... — interrompi-me ao escutar o som de batidas na porta e corri até lá, literalmente em velocidade vampira, e vi Joseph a minha porta. Claro. Ele tinha dito que pegaria o que precisava com Dahlia para fazer um novo anel do dia para mim — Você voltou — suspirei aliviada e fechei logo a porta quando ele entrou.

— É, e preciso canalizar de você, mas sem usar magia ancestral — assenti e olhei para o topo das escadas, onde Rafael estava parado e descendo.

— Pai — Joseph ergueu os frios olhos azuis, novamente, para Rafael.

— O que está fazendo aqui?

— Na verdade... eu tenho uma teoria sobre

Jeremy e preciso falar com ele. Para isso, eu preciso do anel... e... — parei de falar, fitando os dois diante de mim.

— Que tipo de teoria?

— Ainda não tenho certeza — estendi o braço na direção dele, que pegou minha mão e colocou o delicado anel de prata com uma pedra escura, segurando-a por um longo segundo enquanto murmurava o encanto.

— Pronto, você pode ir.

Tamborilei os dedos no volante, meu anel reluzindo sob o sol, que batia em mim naquele ângulo em que estava dirigindo: — Então, estamos bem? — não olhei para Rafael, mas esperei que ele me dissesse se estávamos ou não bem, pois precisava saber que estávamos para que pudesse enfrentar tudo que ainda precisaria enfrentar, a começar por Jeremy.

— Estou tentando encarar da melhor maneira possível essa sua *amizade* com o meu pai. Não é a coisa mais fácil do mundo, mas, por enquanto, podemos nos concentrar em Jeremy e em trazer meu irmão de volta? — falou com os olhos fixos em mim, mas não ousei olhá-lo de volta, apenas concordei com a cabeça em um limitado

movimento.

— Claro. É, nós podemos — passei a língua pelos lábios e acelerei um pouco mais.

Bati na porta de Jane e olhei as horas no celular, vendo que era cedo demais para ir à casa de alguém, ainda mais sem avisar, mas, como era um caso de vida ou morte, imaginei que ela pudesse entender nosso ponto. Rafael ficou parado atrás de mim, a uma distância segura e segundos depois, fomos recebidos por ela, que nos convidou a entrar. Seu rosto era dominado pelo mesmo sorriso simpático de sempre, mas ela parecia um tanto cansada e triste, diferente.

— Imagino que tenham vindo por Jeremy — para mim estava tudo ainda muito confuso, pois eu não sabia onde Eleri e Freya tinham se metido, ou por que todos tinham se dispersado daquela maneira depois do papinho furado de *queremos muito ajudar*. Ora, quando realmente precisamos de ajuda, os Hamilton, com poucas exceções, desapareceram como poeira ao vento.

— Claro — falei primeiro e ela fechou a porta. Rafael parou ao meu lado e Jane nos fitou, a preocupação estampada em seu rosto — Onde ele está?

— Na cozinha — ela diminuiu o tom de voz a um sussurro — Também não confio nele, se acham que agora compactuo com o inimigo — ela olhou com preocupação, como se esperasse que Jeremy fosse entrar na sala e atacar-nos — Sei que nossas maiores preocupações agora, além dos ancestrais, são meu filho e meu ex-marido, mas... estou dormindo com o inimigo. Reforçando a fechadura do eu quarto com magia quando vou dormir.

— E por que ele ainda está aqui?

— Porque quero respostas, tanto quanto vocês. Porque sinto que ele é a chave que procuramos para salvar o meu neto que está em... uma espécie de coma. E Jeremy nem parece se importar com o que acontece ou não ao filho!

— Eu sei — murmurei com os dedos cruzados, remexendo em minhas unhas — Têm sido tudo muito complicado, eu sei disso melhor do que ninguém, mas se quisermos ajudar, e não atrapalhar... se quisermos acordar Cedrico, precisamos agir com a razão. Não podemos agir impulsivamente, e, mesmo que eu não consiga explicar agora, tenho a mesma sensação que você. Que Jeremy sabe mais do que diz saber.

— Então vamos tirar algumas respostas dele —

olhei para Rafael, que tinha um olhar assassino e sanguinolento, o que me fez franzir o cenho.

Jeremy tinha uma expressão serena e vestia-se de modo casual enquanto tomava seu café com torradas e lia o *The Boston Globe* como se o mundo não estivesse desmoronando a sua volta ou os ancestrais não estivessem se voltando contra sua família, o que podia não ser nada demais para ele, afinal, ele nem deveria se importar com ninguém além de si mesmo. Tinha matado a mulher, depois fugira, abandonando o filho, que era só um bebê e, quase duas décadas depois, o mesmo filho precisava dele. E tudo que ele fazia era correr e se esconder em uma floresta para comer torradas e ler o jornal matinal.

— Olá, Juliette — ele se virou com uma expressão calma, um sorriso suave pronunciando-se em seus lábios — Rafael. Como vocês estão, crianças? — ele largou o jornal e livrou-se das migalhas de torrada em suas mãos, calmamente.

— Estamos aqui para falar do seu querido filho, lembra-se dele?

— Claro, querida — aproximei-me e ele se levantou com aquele irritante sorriso cínico —

Algo específico? — concentrei meus olhos nos dele, dando-me conta do quanto ele se parecia com Cedrico.

— Eu sei que você sabe de alguma coisa — estreitei os olhos, aproximando-me perigosamente dele, ficando-lhe cara a cara — Por que não facilita a minha vida e diz logo? Você está compactuando com Malcolm ou mais algum morto vai aparecer do nada com historinhas? — ele se sentou no banco alto com o queixo erguido, sem tirar aquele sorriso irritante do rosto, o que me dava vontade de esganá-lo. Queria esganá-lo até que ele começasse a falar o que eu queria ouvir, o que exatamente eu deveria fazer para ajudar Cedrico, pois aquilo estava começando a me enlouquecer.

— Está me esperando dizer que minha querida Amelia está viva? — ele tomou mais um gole do seu café com leite e sorriu — Bem, ela era bem melhor do que eu, mas realmente está morta.

— Que ótimo, nem todo mundo está retornando dos mortos, mas, mesmo assim, não é disso que estou falando. Você sabe mais sobre Malcolm do que tem falado e, algo me diz, que você tem mais motivos para voltar do que oferecer apoio familiar.

— Você se acha tão espertinha — ele me olhou

de cima a baixo de modo embaraçoso e, repentinamente, Rafael se colocou entre nós, colocando-me atrás dele de modo protetor, encarando o tio de modo assustador, até — Está ficando pálida. Há quantos dias não se alimenta?

— Isso não é da sua conta.

— Vamos parar por aqui — Rafael falou comigo e se voltou para Jeremy — Se você sabe de alguma coisa, melhor falar agora — ele fez uma bem articulada pausa enquanto Jeremy fazia-se de tolo, terminando de tomar seu café com leite antes que ele esfriasse — É o seu filho lá, não é possível que você não se importe nem um pouco.

— Calma lá. Essa bruxinha que você divide com meu filho que veio me acusando de coisas das quais ela não sabe realmente — ele se levantou, parado a um metro de Rafael, que continuava a minha frente com a mão em meu antebraço como se a qualquer momento eu fosse avançar e rasgar a jugular de Jeremy.

— Sem ofensas, Jeremy. Diga logo o que você sabe que vamos embora.

— Não sei de nada. Ela sabe de tudo, que meu pai me possuiu para matar Amelia, que estive em País de Gales desde então — ele me olhou por sob

o ombro de Rafael. Me sentia estranhamente mal, na verdade, desde alguns dias atrás, como se minhas humanidade estivesse me atingindo de modo repentino e assustador; só então me dei conta do tamanho enorme e avassalador da minha fome, que a cor tinha deixado meu rosto e que me sentia tão fraca que era quase humana.

As vozes de Rafael e Jeremy se tornaram difusas, confusas, e dei um passo para trás, cabisbaixa, com a mão na testa, fitando o chão que se tornou embaçado, movendo-se sob meus passos, deslocando-se e se soltando. Realmente, eu estava faminta e pálida, sentia como se o sangue tivesse deixado meu corpo: — Juliette, você está bem? — inesperadamente, quando ergui os olhos até os de Rafael, meus dentes estavam expostos e meus olhos negros; conseguia sentir de modo lento e doloroso as veias saltando abaixo dos meus olhos e estendi a mão direita para parar a aproximação dele.

— Eu estou bem — lutei internamente para me controlar e voltei, lentamente e com muita força, ao normal, com uma respiração profunda — Eu só...

— Ora, uma híbrida com problemas de controle...

— Não force a barra, Jeremy! — Rafael olhou

feio para ele, que ergueu as palmas.

— Só preciso de sangue, mas estou bem — respirei fundo, assumindo uma postura mais ereta ao encarar Jeremy, que parou ao lado de Rafael — Agora, Jeremy — aproximei-me, mais assustadora do que achei que pudesse parecer, até mesmo para mim — é melhor me falar logo como acordar meu amigo, ou você vai ver os meus reais problemas com controle.

— Juliette, calma — Rafael pousou a ponta dos dedos em meu antebraço esquerdo, mas nem desviei o olhar do de Jeremy.

— Oh, eu *estou* calma.

— Talvez eu conheça um feitiçozinho bobo...

— Não brinque comigo, Jeremy.

— Acalmem-se, por favor — Jane entrevistou e afastou-se quando Jeremy fez menção em tocá-la — Jeremy...

— Não! — ele a interrompeu e fixou os olhos em mim e em Rafael — Você está certa, híbrida, eu não me importo com Cedrico, ele nunca foi meu, de fato. Elena e Joseph tomaram conta de sua criação, eles que se preocupem com ele agora. Eu disse que vim até aqui para ajudá-los a deter meu pai, não com os problemas de vocês com os ancestrais —

meu queixo caiu no mesmo segundo, assim como meus ombros, pelo choque e pela surpresa. Algo em suas palavras fez com que eu me lembrasse da sensação que tive durante dezesseis anos da minha vida, enquanto eu imaginava que minha mãe tinha me abandonado porque simplesmente não se importava.

— Como pode ser tão insensível, seu desgraçado?! — avancei em sua direção, mas, atrás de mim, Rafael me agarrou pelos ombros e limitei-me a olhar Jeremy do pior modo possível — Eu achei que você tinha fugido por vergonha e medo do que todos pensaram que você tinha feito, mas a verdade é que você é só um covarde. Estava com medo de enfrentar tudo, de enfrentar sua família e de olhar para Cedrico, de criar o seu filho depois de tudo...

— É claro que eu estava! — ele falou um pouco mais alto, o cinismo abandonando seu tom, que se tornou emotivo — A mulher que eu amava estava morta pelas mãos do meu próprio pai. É, eu fugi porque estava com medo, mas agora, dezoito anos depois... eu vejo alguém que eu não conheço. Ele parece ser uma boa pessoa, mas não posso me forçar a amá-lo e cuidar dele do dia para a noite.

Freya é a minha filha, eu a criei desde que era pequena, eu a amo. Não posso forçar o que sinto por ele.

— Meu Deus! — murmurei em um tom emotivo, quase choroso; funguei — Você é muito pior do que eu imaginava.

— Que ótimo, nunca te disse para criar muitas expectativas sobre mim, então acho que não sou eu quem está errado — e enfiou a mão nos bolsos como se o assunto estivesse resolvido.

Estou sentindo você através de uma lente[\[29\]](#)

A fome se transformou em tosse, depois em uma sensação estranha de que eu iria enlouquecer quando entrei em minha casa e praticamente voei até o quarto, onde vomitei, provavelmente, litros de sangue na pia do banheiro com o rosto inclinado para baixo e as duas mãos apoiadas no mármore escuro e frio.

— Juliette! — Rafael entrou no banheiro, escancarando a porta, de modo repentino — O que está havendo com você? — ele pegou algumas toalhas de papel enquanto eu lavava as mãos e a pia.

— Eu não sei — tossi e saiu ainda mais sangue,

que tingiu minha palma de vermelho. Lavei as mãos e fitei uma vampira pálida me encarar de volta no espelho — Eu... — peguei as toalhas de papel em suas mãos e sequei as mãos e o queixo.

Inesperadamente, Rafael se aproximou e agarrou meu antebraço direito, fechando os olhos. No mesmo segundo, senti a magia fluindo através da minha pele, fervendo em cada célula do meu corpo e puxei-o com força, surpreendendo-o e até a mim mesma. Rafael abriu os olhos, levemente surpreso, e apoiei a mão esquerda na pia: — Não faça isso. Eu... — abaixei a cabeça por um segundo — estou sobrecarregada com tanta magia. Parece que vou ter um curto a qualquer momento. É melhor que fique longe...

— Não — pelo brilho em seus olhos e o modo como inclinou o rosto, pude ver que estava tendo um *insight* — Esse é o momento em que podemos usar toda a sua magia... para acabarmos com Malcolm, os ancestrais e acordar Cedrico. Três coelhos em uma única cajadada.

— Não... — tossi e fechei os olhos, novamente curvando-me para frente com a mão sobre os lábios — Elena não suportaria tanta magia e Joseph... ele ainda não terminou o feitiço.

— Então eu vou ajudá-lo a terminar logo, conseguir os ingredientes. Você fica aqui, se alimenta e descansa — ele pousou a mão em meu braço e acabei por aceitar sua ajuda para chegar até a cama.

— Tem alguma coisa errada... isso não deveria estar acontecendo... — falei baixo e com dificuldade ao me deitar na cama, extremamente fraca. Naquele momento, até respirar era um sacrifício.

— Eu sei. Você vai ficar bem, eu prometo — ele puxou o cobertor até a altura da minha barriga.

— Não... prometa algo que não pode cumprir, Rafael Hamilton — um sorriso frágil.

— Você vai ficar bem, Juliette — falou de modo mais lento. Me sentia tão fraca que nem podia responder, então apenas anuí.

RAFAEL

— O que eu faço agora, Cassie?

— Eu não entendi tudo... — ela se virou para me olhar nos olhos — O que está mesmo acontecendo com a Juliette?

— Acho que... o pai disse que são os ancestrais

NACIONAIS - ACHERON

enlouquecendo. Você sabe, eles a querem morta desde que chegou aqui por conta daquela profecia maluca — ela assentiu suavemente e voltou o olhar para as nuvens cinzentas no céu escuro.

— Vai chover, deveríamos sair daqui — Cassie me olhou nos olhos mais uma vez — Podemos discutir suas *péssimas* escolhas românticas em um café, onde é cobertor, enquanto tomamos uma caneca de um delicioso chocolate quente — arqueei a sobancelha, tentado, e ajudei-a a se levantar. Estávamos naquele campo aberto onde Cedrico e Lauren tinham florescido centenas de íxias, dando àquele lugar uma atmosfera mítica através das flores enormes e multicoloridas. Cassie e eu fizemos nosso caminho de modo lento, lado a lado, até onde eu tinha parado a moto de Cedrico, que eu estava usando para correr de um lado para o outro, como uma barata fugindo da luz cegante de uma lanterna e em busca da liberdade inexistente.

— Parece que vai chover mesmo — olhei para o alto enquanto colocava o capacete e Cass olhou para a moto, balançando a cabeça, depois para mim.

— Você sabe que nosso irmão vai te matar quando acordar e descobrir que esteve zanzando

por aí na preciosa moto dele, não sabe? Ele ama essa moto mais do que tudo...

— Ah, sem essa. Vamos sair logo daqui — e foi o que fizemos. Pouco depois, estávamos tomando chocolate quente, no café em frente ao antigo prédio onde Juliette morava, enquanto uma chuva torrencial despencava do lado de fora — Então, você não respondeu à minha pergunta. O que eu faço agora?

— O que você *quer* fazer? — ela deslizou o dedo indicador pela borda da caneca antes de ergueu os olhos até mim com uma complexa, porém neutra, expressão — Você sabe que eu não gosto dela. Nunca gostei e nunca vou gostar, mas tenho que admitir, assim como você, que devemos ficar do lado dela e do nosso pai desta vez.

— Não é sobre escolher lados para lutar em uma guerra que está por vir — falei em um murmúrio, inclinando-me para frente para uma irritantemente concentrada Cassandra — Estou falando sobre as consequências disso tudo também — respirei fundo — Eu não tive tempo o suficiente para te explicar exatamente o que aconteceu, o que... Lauren nos mostrou essa visão confusa em que Juliette e eu tivemos uma filha no passado, uma *criança*

amaldiçoada que deveria ser morta e, embora nem Lauren soubesse realmente o que era tudo aquilo, sei que tudo isso está interligado com o fato de os ancestrais estarem tentando matar Juliette desde que ela chegou aqui.

— Mas não sabemos de nada. E precisamos *saber* para pensar em alguma coisa, pensar em um plano. *Eu* sei que estou do lado dela, talvez até por você, mas não sei exatamente o que fazer.

— Nosso pai sabe, Cass. Ele está... um tanto distante, ainda mais do que o habitual.

— Mais do que antes? — ela franziu a testa, confusa, como se eu estivesse maluco — Ele nunca se abriu conosco e ainda não entendo como Juliette chegou do nada e eles se tornaram melhores amigos.

— Talvez ele *sinta* que pode confiar nela — tamborilei os dedos na caneca, em conflito, sem saber se achava mesmo que era aquilo ou se não sabia mais o que pensar.

— É, deve ser — ela praticamente revirou os olhos. Aquela coisa entre Juliette e meu pai ocupou meus pensamentos durante os minutos que sucederam nossa estranha conversa e pareceu ter o mesmo efeito sobre Cassie, que ficou em silêncio e,

assim, tomamos nosso chocolate quente.

Mais tarde, depois de Cassandra e eu terminarmos nossa longa conversa, voltamos para casa para tomar um banho enquanto eu recebia uma mensagem do meu pai dizendo que precisaria da nossa ajuda, não especificando exatamente de quem. Assim, saímos novamente pouco depois, até a casa de Juliette.

— O que está havendo? — falei quando cheguei a sala, parando de modo abrupto ao ver Joseph sentado no sofá com uma expressão tensa que se desfez quando nossos olhares se encontraram e fechei a porta depois de Cassie entrar. A chuva do lado de fora tinha parado há pouco, mas a tempestade parecia ter apenas começado ali dentro.

— Juliette está morrendo. De verdade desta vez, a menos que façamos alguma coisa.

— *O quê?* — a confusão se instalou em meus pensamentos e as palavras me escaparam; não soube o que dizer ou pensar. Juliette *morrendo*, planos insanos contra forças invisíveis do mal. Era tudo loucura demais — O que quer dizer com...

— Morrendo! Acho que é bem simples —

Cassandra entrevistou e passou por mim enquanto nosso pai colocava-se de pé — O que precisa que façamos?

— Precisamos terminar aquele feitiço, acabar com os ancestrais e... não é uma garantia de que ela vá ficar bem, mas precisa ser feito e o quanto antes para que possamos fazer alguma coisa com relação a ela e a Cedrico também — ele alternou o olhar entre Cassie e eu.

— Vamos tentar — Cassandra olhou para trás, para mim, com o olhar apreensivo como eu nunca tinha visto antes, mexendo nervosamente em seus dedos — Então, está conosco ou não? — rapidamente, liberei-me do meu estado de inércia para me juntar a eles. Me sentei no sofá, ao lado da minha gêmea, e nosso pai se sentou no sofá a minha frente. Fitei a mesa de centro entre nós com uma estranha sensação de nostalgia ao me lembrar do que tinha se passado ali pouco antes. A visão de Lauren, Juliette e eu era uma coisa que eu não conseguia tirar da minha cabeça, deixando-me com a sensação de que aquilo tinha alguma coisa a ver com o que ainda iríamos enfrentar nos próximos dias, quem sabe horas.

— O que vamos fazer, pai? — fixei meus olhos

naquele azul gelado e frio, daquela vez um tanto confuso e emotivo, e ele engoliu em seco, sem saber de imediato como responder — Juliette era quem iria canalizar dos mortos para parar os ancestrais — comecei, tentando ser o mais racional ali — Sem ela, estávamos em desvantagem. Precisamos de alguma coisa para recuperar a vantagem que tínhamos.

— Claro! — ele deu um pulo do sofá e Cass e eu arregalamos os olhos — Vamos tomar a vantagem de volta — falou em um tom que me sugeria esperança, o que só podia querer dizer que ele tinha um plano. E dos bons — Juliette iria usar necromancia para canalizar dos mortos e conseguir acabar de vez com a ameaça dos ancestrais. Só precisamos de outra necromante para fazer isso!

Suspirei e Cass e eu nos entreolhando enquanto Joseph parecia cheio de expectativa. Quando achei que ele realmente tivesse um plano, aparecia com aquela, assim, eu tive que ser a pessoa a acabar com seus planos infundados: — Todos sabemos que antes de Izabel nascer, não houve nenhuma necromante antes dela em mil anos, talvez mais — Cassie, que estava de braços cruzados, balançou a cabeça, descrente em nós dois como se já tivesse

ouvido aquela conversa mais de mil vezes.

E já tínhamos! Pois todos sabíamos que Juliette era a segunda a nascer em mais de mil anos. Queria muito que os planos malucos do meu pai dessem certo, mas, infelizmente, não dariam.

Cassie suspirou com força, chamando atenção para si em seu modo desdenhoso: — Não se ouve falar em necromantes desde a queda da Babilônia! — falou em tom de deboche — É ridículo pensar que encontraríamos uma só porque *precisamos* de uma, pai!

— Eu não disse que uma surgiria do nada — falou um pouco mais sério, mas ainda esperançoso — Eu disse que *conseguiríamos* outra. E nós vamos — falou olhando para Cassie e, repentina e incomunmente, um sorriso suave iluminou seu rosto — Vamos trazer uma necromante de volta dos mortos.

— Certo. Nós temos os ingredientes. Tudo pronto — Cassie terminou de acender as velas e levantou-se do chão, limpando suas palmas na calça preta. Seu rosto era iluminado por um sorriso fraco de vitória.

— Acha que vai funcionar? — parei ao seu lado e

ela virou o rosto para me encarar.

— Claro que vai. Seja otimista, por favor — suspirei e assenti, querendo mesmo que desse certo quando vi meu pai voltar com o colar de magia negra de Lauren. Já o tinha usado bastante, mas era feito de uma magia muito forte e, segundo meu pai, nos ajudaria no feitiço para trazer Izabel de volta ao mundo dos vivos.

— Tem tudo que precisa? — ele assentiu e apertou o colar ainda mais entre seus dedos.

— Lembrou de trazer alguma roupa? — claro. Ele tinha pedido, mas aquela foi a única coisa da qual me lembrei quando fui, com Cassandra, pegar alguns dos ingredientes necessários na mansão. Olhei para minha irmã, que entreabriu os lábios por um momento.

— Eu peguei isso, não sei se vai servir — ela tirou a ponta de um vestido preto da bolsa que carregava, que tinha a alça atravessada em seu peito, e Joseph anuiu como se dissesse *Não é ideal, mas serve* e virou-se — Precisa de...

— Não, eu consigo — Cass e eu demos um passo para trás e o observamos. Estávamos em uma casa de bruxas abandonada, onde centenas delas tinham sido massacradas e, por isso, era fonte de magia.

Aliás, era a mesma casa onde eu tinha levado Juliette tanto tempo antes para invocar Alice, onde tínhamos sido atacados por lobos e, de repente, quando recuei alguns passos, tudo voltou a minha mente de um jeito meio estranho.

Engoli em seco para conseguir me concentrar no que Joseph fazia. Ele estava de costas quando ergueu as mãos, ocultas pelo seu corpo, mas era possível ver o cordão em sua mão direita enquanto as agitava suavemente, murmurando o feitiço.

*Spiritu, spiritus
Profecto corpus reverti,
quae praeteriit pulverem
Sed qui sunt ex te harenae*

Achei estranho, visto que eu não conhecia aquele feitiço; nem nunca tinha ouvido nada como aquilo em toda a minha vida e isso me fez franzir as sobrancelhas intrigado. Tinha lembrado a Joseph que Izabel não tinha um corpo para o qual voltar, mas ele me garantiu que aquilo não seria um problema. Tinha muita coisa sobre meu pai que eu, de fato, não sabia e aquilo me intrigava ainda mais.

Eu deveria confiar nele, sobretudo naquele

momento crucial, onde cada escolha poderia resultar na morte de alguém que eu amava. Mas como poderia confiar em alguém que o tempo inteiro mentia e escondia coisas de mim? Não importava se ele era meu pai, não podia viver com todas aquelas mentiras assombrando nossa relação e minando aos poucos minha fé nele. Ele já tinha provado que nenhum de nós o conhecia, de fato, quando Juliette, que mesmo não sendo *ela* mesma, contou a Cedrico sobre a mãe dele.

Interrompi meus devaneios quando a voz de Joseph se tornou mais alta e a água escura da antiga banheira no meio da sala antiga e depredada se movimentou suavemente, como ondas no mar. Franzi o cenho, imaginando que diabo que feitiço era aquele, mas não houve muito tempo entre minhas ponderações e os reais acontecimentos. Apenas ergui os olhos a tempo de ver Izzie erguer-se, colocando seus braços para fora da banheira, mas, ainda bem, não dava para ver muito, pois, além da água ser escura, estava longe o suficiente, no fim da sala, na parede a nossa frente.

Arquejei, tomado pelo choque de ver uma pessoa morta, além disso, que não tinha um corpo, diante de mim, renascida dos mortos. Por um momento,

perguntei-me o que mais meu pai era capaz de fazer que eu ainda não sabia, mas tentei afastar aquele pensamento. Eu tinha que confiar nele para fazer com que tudo funcionasse e, com sorte, traríamos Cedrico e a garota que eu amava de volta, fosse o que fosse que estivesse acontecendo com ela. Aliás, lembrei-me que a tínhamos deixado sozinha naquele estado. Onde estava Jon quando precisávamos dele?

Voltei minha atenção à Izabel, que tinha os belos cabelos negros, iguaizinhos aos de Juliette, molhados, seus olhos verdes, como os da filha, estavam arregalados e assustados quando pousou os olhos em Joseph, que desfez sua posição e limitou-se a fitá-la: — Joseph... o que... — ela fez menção em se levantar, mas então olhou para baixo, para seu corpo, e percebeu-se nua, parando seus movimentos de imediato.

— Vamos explicar tudo — Cassandra tirou o vestido de sua bolsa e tomou a liberdade de se aproximar de Izzie de modo cauteloso — mas precisamos que se vista e venha conosco.

Izabel olhou para ela, inclinando seu rosto para o lado, confusa, tentando entender aquela loucura tanto quanto nós, e seu olhar passou por Cassandra

PERIGOSAS

para fixar-se no meu: — Juliette está em perigo —
falei.

NACIONAIS - ACHERON

A primeira noite de tranquilidade[\[30\]](#)

— O que aconteceu com a minha filha? — me virei e fitei Izabel, que abotoava o vestido de modo desajeitado e foi descendo as escadas da casa. Meu pai e eu seguimos, atrás de Cassie.

— É complicado, você sabe, os ancestrais... — gesticulei atrás dela, tentando encontrar as palavras certas. Por fim, ela se virou, fitando-me de modo intenso.

— Onde Jon está? Ele deveria estar cuidando da nossa filha... — abri a porta do carro para ela, gesticulando para que entrasse; infelizmente, eu não tinha nem a metade de todas as respostas para as perguntas de Izabel, nem tinha para as minhas.

— Ele está em Nova York com Hope... — ela relaxou os ombros com a menção do nome de sua outra filha, finalmente aceitando meu convite para entrar no banco de trás enquanto meu pai e minha irmã entravam na frente. Sentei-me ao lado dela e tentei explicar as coisas de modo mais evasivo e completo possível, mas me sentia tão perdido quanto ela.

— Os ancestrais querem matá-la para que a profecia não se cumpra — Joseph entreviu, olhando para nós dois através do retrovisor, dirigindo o mais rápido que podia pela estrada de terra parcialmente enlameada — Mas todos sabemos que não se pode parar uma profecia. Felizmente, nós temos um... *plano de contenção*.

— Que tipo de plano? — ela chegou mais para a direita para olhá-lo nos olhos, o que Joseph evitava a todo custo — Foi por isso que me trouxe de volta? Por quê precisa da minha ajuda?

— Eu vou te explicar tudo, mas, primeiro, precisamos ir até... ver Juliette. Ela e Cedrico estão em uma espécie de coma e estou tivemos uma ideia para derrubar os ancestrais pouco antes da magia deles conseguir atingi-la.

— Contudo, Juliette era parte importante do
NACIONAIS - ACHERON

plano e não conseguiremos sem ela — Cassie continuou, olhando para frente com um suspiro dramático — Então... nosso pai teve a incrível ideia de trazê-la de volta — falou em tom sarcástico antes de se virar para Izabel, que a fitava com o cenho franzido, intrigada — Não é por nada, não, você sabe que a adoramos, mas não se pode trazer pessoas de volta sem que aja consequências catastróficas... contudo, não temos tempo para pensar nisso agora. Vamos apenas... seguir o plano e esperar que tudo dê certo.

— E qual é o plano? — Izabel se inclinou ligeiramente para frente.

— Usar suas habilidades necromânticas para sugar a magia ancestral. Você sabe, esse tipo de magia que vem dos mortos é diferente da magia ancestral que conhecemos...

— Eu sei, Joseph. E, sabe, você está certo. E quanto a Malcolm? Ele ainda é uma ameaça ou já o eliminaram? — ela olhou para Joseph e Cassie, depois, quando nenhum dos dois falou nada, ela olhou para mim.

— É exatamente este o problema. Malcolm. Os ancestrais estão do lado dela e não conseguiremos acabar com aquele maldito se não acabarmos com

os ancestrais primeiro; eles acham que Malcolm pode ser uma saída para quebrar a profecia. Ele possuiu Juliette... por um tempo. Para nos jogar uns contra os outros - Joseph parou de falar e parou o carro. Só então percebi que tínhamos chegado.

RAFAEL

— Ela está... *quente* — tirei a mão de sua testa, fitando seu belo rosto pálido, quase cadavérico.

— Eu disse que estava — virei-me para fitar o vampiro sentado na poltrona perto da cama, brincando com um cubo mágico que costumava ficar no criado-mudo. Ele parecia muito entretido e nem me olhava nos olhos; eu ainda me perguntava onde Juliette tinha arranjado um amigo vampiro e como eu não sabia daquilo, mas meu pai, sim. Contudo, aquilo não era importante e, definitivamente, não nos ajudaria a encontrar algo que pudesse salvá-la — Achei que vocês, bruxos, tivessem uma cura para essas coisas... tudo.

— Aparentemente, não temos — ele ergueu os olhos e repousou o cubo no colo, sem aparente interesse em Juliette, para quem ele olhava fixamente enquanto dormia, depois olhou para

mim.

— O que ela é? — ele ergueu as sobrancelhas brevemente e franzi o cenho ao me sentar, virado para ele, intrigado com sua pergunta.

— Achei que soubesse...

— Não! — Edward remexeu-se na poltrona, como se estivesse desconfortável ou não soubesse como expressar seus pensamentos em palavras — Quero dizer... vampira, bruxa e agora... *necromante*, e eu nem sei o que é isso...

— *Híbrida*. É como a chamamos. Mas a verdade é que nenhum de nós nunca tinha visto algo como... *ela*. Ela é... — fitei seu corpo delicadamente repousado sobre os lençóis brancos — única.

— Há quanto tempo está apaixonado por ela, mesmo? — virei-me imediatamente para fitá-lo com o olhar arregalado. Edward estava, mais uma vez, concentrado no cubo mágico, sem me olhar nos olhos.

— Isso não é da sua conta. Aliás — pulei da cama —, quem é você e o que está fazendo aqui? Pelo que eu sei, você pode muito bem ser nosso inimigo...

— Não sou — ele ergueu os olhos — Juliette

salvou a minha vida, eu devo isso a ela, por isso estou aqui — ele ergueu as sobrancelhas momentaneamente para se expressar, enfatizando sua fala — Supostamente *ajudando*. Eu fico aqui de olho nela enquanto vocês fazem a bruxaria de vocês — franzi o cenho sem entender nada daquela conversa. Será que eu estava tão distante assim de Juliette que nem mesmo sabia o que se passava ultimamente?

— Como assim, *ela te salvou*? — crispei os lábios. Ele ficou sério de uma hora para a outra.

— Se ela não te contou, é por que não queria que soubesse. E isso também não importa, cara. Você deveria ir e concentrar-se em fazer o que tem que fazer — anuí, desconfiado, e caminhei na direção da porta. Ainda tinha muitas perguntas, mas não achei que aquele vampiro fosse ter alguma resposta para me dar.

— Qual é a daquele vampiro lá em cima? — Joseph e Izabel, que estavam sentados lado a lado em um dos sofás, ergueram os olhos até os meus, ambos com o cenho levemente franzido e com livros de feitiços em mãos.

— Longa história.

— Que vampiro? — falaram em uníssono e, dos

meus, Izzie deslocou os olhos até os de Joseph — Minha filha agora está se associando a vampiros? Além dos bruxos que a colocam em perigo praticamente *o tempo todo*? — ela inclinou o rosto para o lado como se buscasse uma explicação. Cassie, que estava sentada no outro sofá apenas nos encarou e permaneci de pé no penúltimo degrau da escada.

— Longa história — foi tudo que Joseph disse antes de voltar seus olhos para o livro e Izzie fez o mesmo, desconfiada, mas determinada a fazer tudo o que pudesse para ter Juliette de volta. Quanto a mim, que ainda não sabia o que fazer, fui até a cozinha recarregar as energias com um pouco da boa e velha dose de cafeína, ao que Cassandra me seguiu até lá.

— O que acha que o papai está escondendo de nós? — Cass murmurou, apoiando a mão direita apoiada na bancada, assim como eu, e arqueou a sobrancelha com uma expressão interrogativa.

— Eu não sei — devolvi no mesmo tom de voz e caminhei até a cafeteira — Eu sei que você está com um pé atrás com ele, eu também, odeio todos esses segredinhos entre Jules e ele tanto quanto você, mas devemos nos concentrar em nossos

planos e quando isso tudo acabar...

— Acha que ele vai nos contar?! — virei-me para ver Cassandra e sua expressão de choque — Ele não vai! Ele disse que queria a separação da nossa mãe e aposto que vai se mandar daqui assim que tiver a chance.

— Não pense demais sobre isso, Cass — alcancei uma caneca e a elegante cafeteira começou a preenchê-lo com café — Olha, nós precisamos de você. Preciso que foque no aqui e no agora, por favor — e me virei mais uma vez para substituir a caneca na cafeteira e colocar outra, entregando a primeira à Cassie — Toma. Você tem falado com nossa mãe?

— Sim — ela tomou um gole do café — E também com Jon. Ele parece estar pirado, mas ninguém pode culpá-lo — virei para pegar meu café, voltando-me novamente à minha gêmea com o cenho franzido, segurando a asa firmemente com a mão direita — Eu falei com ele e ele falou algo sobre... *proteger Hope*.

— Deixe-o fora disso — dei de ombros e Cass e eu terminamos o café.

— Precisamos de corpos — Izabel se virou quando
NACIONAIS - ACHERON

Cassandra e eu retornamos à sala, fechando o livro de feitiços que tinha em mãos — Muitos deles se vamos acabar com... *forças* como as do ancestrais. Eles são muito fortes e posso garantir que não vai ser fácil.

— Nem sabemos se vai funcionar, mas é a nossa única chance — Joseph falou, também olhando para Cassie e eu, como se o futuro de Salém dependesse de nós.

— Por que eles estão nos olhando assim? — Cass murmurou com o rosto parcialmente voltado para mim, depois olhou para os dois — Por que estão nos olhando assim?

— Porque vocês são gêmeos — Izzie falou como se não soubéssemos. Como se fosse óbvio demais e não soubéssemos! — Porque... — ela soltou o ar do peito pesadamente e se levantou, deu a volta no sofá e parou atrás dele, ainda a vários metros de nós. Enquanto isso, Joseph colocou-se de pé e parou no centro da sala, entre os dois sofás, encarando-nos com a mesma intensidade que Izabel — *juntos*, vocês são mais fortes. E vamos precisar de todo o apoio que pudermos ter — anuí lentamente e esperei que nos explicassem logo os planos e parassem com aquela enrolação sem

sentido.

Contudo, antes que eu ou Cassandra pudesse perguntar, fomos interrompidos por Edward, que desceu as escadas ritmicamente, com a mão direita erguida na altura do estômago, o polegar sobre o indicador em uma postura quase como um cavalheiro. Ou um lorde do século XV, o que fez com que eu me perguntasse quantos anos ele devia ter. Como vampiros não envelheciam, ele podia ter vinte anos ou vinte *séculos*: — Posso me colocar a par do que está acontecendo? — ele deslizou a mão esquerda pelo corrimão com elegância, até o penúltimo degrau, onde parou e fitou cada um de nós nos olhos.

— Coisa de bruxos — Izabel o olhou de relance, com seus olhos verdes como esmeraldas faiscando. Edward limitou-se a erguer o queixo.

— Juliette ainda está viva. Dormindo, mas viva, caso algum de vocês se importe — fitei-o de cima a baixo, avaliando sua postura.

Por um momento, perguntei-me se em meio ao longo e tortuoso caminho, não estaríamos perdendo nós mesmos, perdendo nossos valores, *tirando* do caminho quem não deveria estar nele como se não passassem de poeira. Como se matar para proteger

as pessoas que amávamos, para proteger nossa família, fosse justificativa o suficiente para matar, em si. Talvez tudo fosse do jeito que tinha que ser desde o começo; alguns de nós morrendo, outros permanecendo, como humanos deveriam ser.

Por um momento, enquanto apoiava meu peso na perna direita e observava o indecifrável novo amigo de Juliette subir as escadas, perguntei-me por que pessoas tinham que morrer para nos salvar. Por que éramos mais importantes do que tais pessoas, por que merecíamos viver mais do que elas. Entretanto, no fim de minhas incógnitas, não havia resposta. A cruel e pura verdade é que nenhum de nós conseguiria cruzar os braços e deixar aquela garota jovem e doce no andar de cima morrer por que uns bruxos velhos e mortos assim o queriam. Cada um de nós lutaria até cair, cada um lutaria do seu jeito. Ergui o queixo e voltei a encarar Izabel, que parecia ainda mais tensa do que no segundo anterior: — Temos que ir.

Pronto ou não, aqui vou eu^[31]

— Esse lugar... Ainda é exatamente o mesmo. Nem uma pedra fora do lugar — Lauren esquadrinhou o lugar, de braços dados comigo, enquanto caminhávamos cautelosa, mas estupidamente, por entre os túmulos.

— Apenas concentre-se...

— Não tem ninguém aqui — ela fechou os olhos um segundo antes de falar aquilo e fitei-a com o olhar arregalado por um momento antes de voltar os olhos para o que estava a nossa frente. Ou seja, um monte de nada, o que explicitava o fato de estarmos sozinhos ali.

— Eu sei que estamos. Não vimos ninguém

desde que passamos pelos portões...

— Não, seu idiota! — ela abriu os olhos e bateu no meu braço que estava passado pelo meu antes de revirar os olhos de modo dramático — Estou me referindo aos ancestrais. Não estão aqui — ela murmurou muito baixo.

— Eles são os ancestrais, eles *vivem* aqui, Lauren. Onde mais...

— Ahh, não me venha com o blábláblá de que eles estão presos aqui, por favor — ela fez um gesto desdenhoso — Eu sentiria se estivessem, ou então estão...

— Te enganando e armando para nós — falei ainda mais baixo do que ela, então paramos de frente para a cripta dos Hamilton, que ainda estava manchada de sangue.

— Tem algo errado aqui — ela afastou o braço do meu e deu um passo muito rápido a frente, de modo que me estiquei e agarrei seu cotovelo a vários metros da cripta, para a qual ela olhava fixamente.

— Espera. Você não acha que pode ser uma armadilha? — Lauren passou a língua lentamente pelos lábios, estreitando os olhos — Estamos no território deles, deveríamos recuar...

— Não. Você mesmo disse que tínhamos que fazer isso a exata... meia-noite. Então faremos isso — assenti, mesmo receoso.

Minutos depois, na mesma cripta em que Juliette tinha matado aquelas bruxas e enquanto os *flashbacks* iam e vinham na minha cabeça, perturbando-me e dificultando meu discernimento, Lauren colocou as velhas organizadas em um grande círculo no chão de pedra, sentando-se em posição de lótus, ajeitando seu belo vestido branco de renda e sua jaqueta de couro azul-marinha, e me ergueu o queixo, convidando-me a me apressar em juntar-me a ela.

E assim o fiz. Sentei-me ao seu lado e peguei sua mão esquerda com a minha direita, cuidadosamente, fechei os olhos, assim como ela e com um pouco de concentração, as velas se acenderam a nossa volta. Escutei o som brusco da respiração trôpega de Lauren, depois dela engolindo em seco: — Pronto? — passamos um longo momento em silêncio e, como não respondi, abri os olhos e Lauren fez o mesmo em seguida, nervosamente — Porque não vamos usar a boa e velha magia ancestral, a mesma que usamos para florescer florzinhas e curar bichinhos feridos... —

ela engoliu em seco e apertou minha mão com força, com os olhos assustados — Isso é pesado. Experimentei uma vez e quase fui consumida por isso...

— Por que está fazendo de novo?

— Porque vocês precisam de mim e eu posso ajudar, mas preciso ter certeza se deixei claro as consequências, se você realmente sabe no que está se metendo...

— Eu sei, Lauren — ela anuiu e voltou o rosto para frente, fechando os olhos. Fiz o mesmo — *Quem consegue estar pronto pra isso?! —* foi tudo que murmurei.

*T ŭ mni senki
Daĩ mi, molya, silata da go vzeme
Da prieme obratno vlastta
Da otkradna, za da se ustanoviyat, za da go vzeme
obratno
tova, koeto e vzeto i otkradnati ot men*

Repetimos o feitiço, de novo e de novo, e, mesmo assim, mesmo fazendo parte daquela coisa toda, eu não fazia ideia do que aquelas palavras significavam. Nem sabia que droga de idioma

esquisito era aquele. Todo o tempo que tive foram alguns minutos no começo da noite para que Lauren me ensinasse a pronúncia das palavras. Não sabia e nem queria saber.

Durante dois minutos, nada aconteceu. Mas, então, as chamas das velas cresceram e o vento soprou com tanta força do lado de fora que parecia que levaria tudo com ele. Contudo, permanecemos. Pronunciamos o feitiço repentinamente, nossas vozes sobrepondo o uivo dos ventos do lado de fora da cripta, até que o toque de Lauren se tornou mais suave, frouxo, e abri os olhos de imediato, com o cenho franzido. Seus olhos ainda estavam fechados, mas seu corpo parecia frágil, prestes a desabar e quando soltei sua mão, ela se inclinou, suave e milimetricamente, para frente e para trás, sem parar de recitar o feitiço, e seu nariz começou a sangrar.

— Lauren... Lauren! — agarrei-a pelos ombros e balancei-a — Lauren, por favor... acorde! Lauren, acorde! — ela não parecia exatamente consciente, por isso, sentado a sua frente, segurei suas duas mãos para fazer alguma coisa, qualquer coisa, recitando as palavras do primeiro feitiço que não requisesse magia ancestral que consegui me

lembrar.

*La terre de la terre
Donne-moi la force de briser ce sort
Sans aucun agent de liaison
Pour le plus grand bien-être
De tous tes enfants, oh, mère terre*

E repentinamente, ela caiu desacordada no chão.
As velas se apagaram.

— Conseguimos, mas não sei se ela está bem —
apoiava o celular com o ombro erguido enquanto
carregava Lauren em meus braços e abria a porta
do carro para deitá-la no banco de trás.

— *Lauren?*

— É. De qualquer modo, Izabel deu notícias?

— Sim, o plano está em andamento na casa
marcada com magia dos mortos. E mais alguns
cadáveres — ela soltou um suspiro e entrei no
carro, já acelerando para bem longe daquele lugar,
checando o tempo inteiro como Lauren estava no
banco de trás — Apenas venha para cá o mais
rápido que puder — e desligamos.

— Estou começando a pirar totalmente — girei e

NACIONAIS - ACHERON

fiz com que os pés de Lauren batessem a porta quando entrei na mansão dos Hohenfels, que parecia vazia e estranha sem ela ou Jon, apenas com minha irmã, que estava nervosa, mexendo em seus dedos na sala de estar. Coloquei Lauren no sofá do modo mais cuidadoso possível e tirei seu cabelo do rosto, erguendo o olhar bem a tempo de ver Edward surgir da cozinha com uma caneca de café marrom e aquele olhar pomposo que me fazia odiá-lo e querer matá-lo. Ou chutá-lo dali.

— Precisam de ajuda? — Cassie consertou a franja de Lauren e checkou o pulso dela com um olhar sério enquanto Edward se aproximava.

— Eu...

— Não! — mesmo diante minha veemente recusa, Edward se sentou no braço do sofá e se inclinou, fitando seu rosto por um momento, parando ao vê-la. Ficou parado por um longo momento, paralisado no tempo com a mão estendida, prestes a tocar seus cabelos — O que foi?

— Nada — ele se recompôs rapidamente, balançou a cabeça e checkou o pulso dela — Ela vai ficar bem — sua expressão se fechou, tornou-se tensa quando ele se virou, já perto das escadas —

Eu vou... — ele se interrompeu e, em uma velocidade mais rápida do que qualquer humano seria capaz de atingir, ele simplesmente desapareceu escada acima.

Cassandra e eu nos entreolhamos de maneira tensa por um momento: — Acha que ela vai mesmo ficar bem? — minha irmã perguntou, preocupada. A verdade é que eu não podia dizer que sim, só esperava, com uma dor no peito, que ficasse.

— Ela vai — sentei-me ao lado dela e consertei seu cabelo, acariciando-o de modo lerdo, querendo desesperadamente que ela abrisse os olhos.

A última coisa, e a pior das piores, que poderia acontecer naquela altura era fazer com que Lauren se tornasse mais uma vítima daquele furacão que era a minha família louca e confusa. Ela tinha conseguido sair da minha família, não era justo com ela. Lauren estava sã e salva e eu a arrastei de volta para aquilo, depois de tudo. Só então foi que me lembrei do quanto me importava com ela, o que tentava ignorar o tempo inteiro.

Em meio a meus devaneios, pisquei algumas vezes ao ver Lauren abrir os olhos lentamente e tentar se sentar: — Rafael... — ela murmurou meu nome, olhando para mim, um tanto confusa —

Nós... conseguimos? — fi-la permanecer deitada, pressionando gentilmente seus ombros para baixo. Lauren engoliu em seco e colocou a mão na testa, momentaneamente fechando seus olhos.

— Conseguiram — foi Cassandra quem falou, pois pareceu que eu tinha perdido a voz, só conseguia encará-la; lívido.

— *Ótimo* — ela murmurou antes que seus braços amolecessem e ela desmaiasse.

— Uh... droga! — Cass se alongou para fitá-la e pousei a mão direita em sua testa, unindo seus braços na altura do peito.

— Ela precisa de um pouco de... — Cassandra e eu nos viramos para ver Edward descer as escadas; rápido seria um eufemismo tosco para descrever sua velocidade — Permita-me — Cassie sabia do que ele estava falando, o que ele *achava* que Lauren precisava, mas levantou-se e deixou-o se sentar atrás dela. Edward a segurou com cuidado, como se ela pudesse quebrar, mordeu o pulso e colocou ao alcance de seus lábios. E, inesperadamente, Lauren moveu os lábios e ergueu a mão esquerda para segurar o pulso de Edward, apertando-o até que ficasse vermelho. E bebeu seu sangue.

Enfim, segundos depois, ela o soltou com um longo fôlego enquanto abria os olhos: — *Já chega...* — murmurou tão baixo que mal consegui escutar. Ela não estava completamente firme, de modo que seu corpo inclinava-se levemente para frente e o cabelo caía em seu rosto, dando-lhe um ar de inocência e ingenuidade diferentes do habitual.

— Melhor? — Edward perguntou e ela virou um pouco a cabeça, talvez na tentativa de ver Edward, mas, mesmo parecendo melhor, ainda estava fraca.

— Sim, obrigada.

Antes que eu pudesse dizer alguma coisa, levantei-me para checar meu celular quando ele vibrou no bolso da minha jaqueta, notificando uma nova mensagem, e andei para longe dali.

Tudo em cima. Funcionou.

— Está feito, agora não tem mais volta — virei-me a tempo de ver Edward se levantar e Lauren se recompor rapidamente — Você está bem?

— Nós vamos vencer. Qual o próximo passo?

— Veio aqui sem saber o plano? — até o vampiro ficou surpreso com a pergunta de Lauren,

erguendo os ombros de forma quase involuntária enquanto Lauren se voltava para ele, que estava parado ao lado dela. Contudo, nenhum dos dois falou nada.

— Izabel está fazendo a parte dela, e quando terminar, terá poder o suficiente, não para matá-los, claro, mas para fazer com que fiquem adormecidos por muito, muito tempo — sentei-me aos seus pés, sentindo o olhar de Cassie quando ela se sentou no outro sofá com os dedos entrelaçados e o corpo levemente inclinado para frente.

— E então poderemos acabar com Malcolm — Lauren falou com o olhar baixo, antes de colocar uma mecha do cabelo atrás da orelha.

— Achei que *este* fosse o *plano final* — Edward falou e Lauren e eu erguemos o olhar para ele. Nem tínhamos nos dado ao trabalho de explicar a ele tudo, mesmo que ele estivesse *ajudando*. Aliás, fiquei mais preocupado com suas intenções ali.

— Resumindo: os ancestrais querem matar Juliette e meu avô do mal é cúmplice deles. Precisamos derrotar os ancestrais antes de matá-lo, pois ele é forte demais agora...

— *Avô do mal...* — Lauren murmurou e entreabriu os lábios, alternando o olhar entre nós —

Onde está o meu colar? — ela me olhou, levando a mão de modo completamente involuntário ao peito, pois ela nunca tinha, de fato, o usado — Meu colar, Rafael... onde está o meu colar?

— Com meu pai — finalmente ative-me às suas palavras — Ele o usou para trazer Izabel de volta. Por quê?

— Preciso dele. Além de magia negra, ele está ligado ao mundo prisão, é o que o mantém; a magia de Friedrich está nele. O avô do mal da Juliette pode nos ajudar a trazer ela e Cedrico de volta, estejam onde estiverem — ela girou e colocou os pés no chão.

— Não sabemos onde estão ou por quê estão lá — Cassandra finalmente abriu a boca e todos nos viramos para ela — Como vamos reverter um feitiço que nem ao menos conhecemos?

— Não precisamos de feitiços — Lauren se virou para mim — Precisamos de Cedrico aqui, precisamos de Juliette... precisamos de reforço. Vamos pegar aquele colar.

A história de nós dois se parece mais com uma tragédia agora^[32]

JULIETTE

— *Sinto* meu corpo morrendo. De *algum modo*, eu sinto. Mas não quero sair daqui. Quero ficar e poder ser normal com você - ergui os olhos para Cedrico, que estava intrigado com minhas confissões.

— Não temos o poder para sair daqui, você sabe. É um sonho, não existe magia aqui, de fato, apesar de ser um mundo *feito* de magia — ele ergueu os ombros.

— É... mas quero ficar com você.

NACIONAIS - ACHERON

— Você pode aproveitar o tempo que temos juntos para você me contar o que aconteceu entre *nós dois* na sua cabeça. O que Malcolm colocou nessa linda cabecinha?

— É difícil de explicar — engoli em seco e tomei um gole do chocolate quente, observando as pessoas na rua através do vidro — Mas este lugar... não existe nada aqui. Me sinto tão livre, tão... — voltei o olhar para ele do outro lado da pequena mesa quadrada colada à parede — Eu não sinto magia aqui ou... fome ou sede por sangue. Você consegue imaginar um paraíso melhor?

— É o que eles querem que você pense, que aqui é melhor do que o mundo real e querem que isso te enfraqueça — ele se inclinou para frente, segurando sua caneca entre as mãos, sério e *lindo* — Não deixe isso entrar na sua cabeça, você precisa continuar lutando.

— Mas você disse... — franzi o cenho suavemente — que não podemos lutar. Não existe magia aqui, Cedrico.

— Para ficar viva. Eles estão usando sua magia e você precisa resistir — lambi os lábios sem saber como fazer o que ele dizia, de mãos atadas. A verdade é que, por mim, eu ficaria ali para sempre

em meio àquela calma e paz. Entre a harmonia dos meus sentidos e instintos, apenas aproveitando a sensação de olhar para Cedrico, realmente vendo-o, sem querer rasgar sua garganta pela primeira vez depois de tudo.

E se os ancestrais me jogaram naquele lugar com ele enquanto eu morria, sentia como se não pudesse ou conseguisse fazer nada. Me sentia em paz e não queria mais voltar ao mundo real.

— Precisamos sair daqui — o céu do lado de fora estava nublado e franzi o cenho, acompanhando seu olhar e rapidamente concordando, sem oferecer resistência quando Cedrico segurou minha mão e me levou até a rua, até sua moto parada perfeitamente no meio-fio. Tinha acordado naquele lugar pouco tempo antes, embora tempo não parecesse existir naquele lugar como fora dele, e tudo que tinha feito fora ter uma agradável conversa com ele. De quem eu tanto sentira saudades; do Cedrico que era meu amigo antes de eu voltar do mundo prisão.

Assim, fomos até a mansão dos Hamilton, que permanecera a mesma em todas as suas versões, e nos sentamos enquanto escutávamos a chuva do lado de fora: — Então você é humana?

— Só aqui. Vampirismo não tem cura, sabe?! — afundei no sofá ao seu lado, esperando que sua recepção fosse mais calorosa do que, de fato, estava sendo — Mas eu... vamos ficar aqui para sempre.

— Juliette — ele murmurou meu nome como se suas próximas palavras fossem demasiado dolorosas, inclinando seu rosto para o lado — Você sabe que este lugar não existe e que quando mais ficar aqui, mais isso vai te enfraquecer. A nós dois — ele franziu o cenho suavemente — Até nos matar. Você sabe disso, não sabe?

— Sei, mas não sou bruxa, não posso usar magia para nos tirar daqui — comecei a me irritar com ele por estar sendo tão imbecil e estar atrapalhando meu nirvana — Quer saber?! Ou estamos juntos nessa ou eu vou dar o fora daqui.

— O que quer dizer com *juntos nessa*? — ele franziu o cenho e cruzou os braços lentamente enquanto eu me levantava.

— Quero dizer, sermos amigos. Apoiar um ao outro. Talvez um dos seus irmãos idiotas nos tirem daqui, mas, enquanto isso, por que não podemos aproveitar nossos cinco minutos de paz que eles provavelmente matariam para ter? por que você precisa ser um chato que fica me lembrando de

cinco em cinco minutos que *vamos morrer no mundo real?*

— Porque não deveríamos estar aqui, Juliette! — falou no tom mais controlado que pode, me olhando como se eu tivesse pirado. Você sabe qual a sensação quando você toma alucinógeno e não consegue mais distinguir uma coisa da outra? Você não está conseguindo. Você está tão cheia do mundo lá fora, o mundo imperfeito e cheio de problemas, que cinco minutos aqui foram o suficiente para você surtar e achar que este é o Paraíso Perdido^[33]. Eu sei que temos muitos problemas, mas...

— Não! — estendi a mão e agitei meu indicador em seu rosto, murmurando muito baixo: — Eu não quero ouvir nada disso. Eu... vou desfrutar da minha liberdade humana durante o tempo em que eu puder, e não se atreva a estragar tudo.

CEDRICO

Abri a porta do quarto de Rafael com cuidado para vê-la sentada no chão ao lado da porta, abraçando os joelhos contra seu peito: — Está tudo bem? — ela levantou a cabeça de modo abrupto, um tanto

surpresa quando ergui o olhar até o meu.

— Não te escutei chegar — Juliette engoliu em seco — Tudo bem?

— Claro. Só quis checar... — ela me ofereceu um sorriso calmo e fechei a porta, entrando no quarto escuro para me sentar ao seu lado na escuridão.

— Desculpe por ter surtado mais cedo — ela ergueu os ombros e fungou — É que eu... — Juliette ergueu o braço para secar o rosto. Gostaria de poder ver seu rosto, mas não tinha luz o suficiente naquele cômodo, por isso, limitei-me a fitá-la de perto.

— Está chorando? — minha voz saiu um tanto chocada e ela balançou a cabeça.

— Não, eu... eu... estou bem. É que... eu estava pensando que... — ela me olhou de modo intenso, desestabilizando-me de modo intenso e esquisito — Vampirismo é magia, tanto quanto os feitiços que fazemos. E se... e *se* existir um modo de extrair a magia... — ela mais gaguejava do que falava, pois parecia não conseguir respirar, a beira de um ataque de pânico.

— Você morreria — tive que ser a pessoa realista ali, visto que a mais racional de todas

estava surtando — Eu sinto muito, sei que quer salvar a todos... incluindo a si mesma, mas isso é algo que você não pode fazer. Voltar atrás.

— Estou sendo paranoica — ela enfiou o rosto entre os joelhos, cobrindo o rosto com os braços — Eu... eu sinto que preciso acabar com isso logo... não posso viver desse jeito por muito mais tempo. Estou enlouquecendo aos poucos — ela levantou a cabeça com um sorriso meio louco e desesperado. Queria poder fazer algo que a fizesse se sentir melhor, mas sabia que não podia, então me limitei a pousar o mão direita em seu antebraço esquerdo.

— Está tudo bem...

— O que... Cedrico... não está *tudo bem* e nem vai ficar, porque...

— Vai ficar, sim — interrompi-a — Tenha um pouco de fé, Julies — ela suspirou pesadamente — Acredite um pouco que todos estão... dando o seu melhor para nos tirar daqui. Você precisa acreditar nisso também, porque senão... você enlouquece. E você não pode estar pirada quando derrotarmos meu avô milenar do mal — ela finalmente me ofereceu um sorriso.

— Nós vamos arrebentar, não vamos? Como sempre fazemos — ela inflou o peito de ar e ergueu

o queixo. Inesperadamente, entrelaçou seus dedos aos meus.

— Estamos juntos nessa — falei de modo estranho, que surpreendeu até a mim mesmo — E vamos sair daqui — levei sua mão pálida e macia aos lábios, traçando suas veias azuladas com cuidado com o indicador da mão esquerda; franzi o cenho suavemente — Eu prometo.

JULIETTE

— Você está certa, eu queria mesmo que você fosse embora — ele finalmente falou, com um suspirou dramático e os olhos fixos nos meus; seus antebraços estavam apoiados nos joelhos de modo casual e ele parecia desgostoso com aquela conversa — Nós já discutimos isso — ele ergueu a voz mais uma vez — Mas você não se lembra — ele balançou a cabeça em negação, parecendo um tanto cansado.

— Claro. Porque *Malcolm* queria flertar com você. E você nem ao menos *se deu conta!* — balancei a cabeça, incrédula.

— Era você. Como, diabos, eu ia saber que *não era* você? Por Deus, Juliette! — ele se levantou em

um hábil movimento, mas não se aproximou; permanecemos a três metros um do outro, encarando-nos com um olhar mortífero.

— Não, não ouse continuar me dizer que estou sendo dramática! Eu te amava *tanto* e você me deu um pé na bunda com o papo furado de que não era bom para mim. Você nem ao menos tinha uma desculpa descente! — continuei encarando-o, sem desviar o olhar, com uma sobrancelha arqueada, ao que ele não demorou mais de dois segundos para responder no mesmo tom.

— Do que você está falando?! Isso nem ao menos faz sentido! Nosso ponto aqui é...

— *Nós*. Nosso ponto aqui somos *nós*, Cedrico.

— Não. Absolutamente, não! Não vou fazer isso de novo, Juliette. Já deixei meus motivos *muito* claros, não vamos perder tempo voltando a isso *de novo*...

— Ah, vamos, sim. Estamos *presos aqui* e se vamos *ficar aqui* por mais tempo, vamos deixar tudo claro entre nós de uma vez por todas — por um momento, ele não disse nada, o que me fez prosseguir: — Eu só quero te entender, Cedrico, por favor — meu tom se tornou mais suave e emotivo e respirei fundo — Quero entender como

tudo na minha vida deu *tão* errado.

— O fato de termos terminado não tem a ver com sua vida *dar errado*. Veja, esses problemas todos que temos agora, eles irão se resolver. Daí, você poderá ter alguma normalidade em sua vida?

— Você me ouviu? — dei alguns passos em sua direção, ficando de frente para ele, com os braços ao lado do corpo — Ouviu o que eu disse? Eu te amo. E eu estou apaixonada por você.

— Você não sabe o que está falando.

— Estive apaixonada por você esse tempo todo desde que nos conhecemos! — falamos alto e ao mesmo tempo, quase aos gritos. Cedrico em um tom de deboche e escárnio, quase forçado com a intenção de me fazer desistir daquela discussão, mas eu não conseguia. E eu, em um tom quase desesperado.

Fitei seus olhos, procurando algo que eu reconhecesse enquanto seu sorriso se desfazia lentamente.

— Nós *não* vamos fazer isso, Juliette — ele diminuiu o tom de sua voz até quase um sussurro, me olhando nos olhos ao falar, meio sério, contudo, com uma pontinha emotivo; apenas uma última faísca — Supere isso e siga em frente — seu tom

pareceu forçado quando falou, encerrando, não só o assunto, mas também a conversa, e se virou para ir embora.

Entretanto, quando alcançou a maçaneta, antes de girá-la para ir embora, as palavras saíram da minha boca contra a minha vontade, fazendo-o parar: — Você é um covarde! — Cedrico se virou com as sobrancelhas suavemente franzidas — Eu acho que você me ama também e que está com medo — comecei a me aproximar lentamente — Acho que você me ama o *suficiente* para me deixar ir porque quer que eu esteja segura. Mas isso não é. Você acha que a culpa é da sua família e, sabe... talvez seja mesmo, mas você não pode mudar isso. Eu já estou envolvida em todos os nossos problemas atuais, *eu* sou o centro dele. Todos esses problemas são sobre isso! Sobre *mim*! E você sabe disso. E eu já sei tudo sobre esse papo de *me deixar e saber que estou segura...*

— Isso foi o que eu disse... quando... você era...

— Quando eu não era eu — falei um tanto confusa, abaixando meus olhos para o piso; confusa com minhas próprias palavras. Nem sabia por quê tinha dito aquilo, só falei o que primeiro me veio à

cabeça, como se realmente me lembrasse que ele tinha dito aquilo. Só então me lembrei *quando* ele tinha dito — Quando Malcolm... — ergui os olhos para ele, confusa — Eu me lembrei. Você me disse isso no meu quarto, no colégio.

— Como assim, você se lembra? — ele se afastou da porta, virando-se completamente para mim com o cenho franzido e um olhar desconfiado que eu não podia tirar do seu rosto por não ter explicações para ele. Aquilo só me veio à cabeça em meio às palavras descontroladas que eu falei. *Todas* elas.

— Eu me lembrei, eu... — dei um involuntário passo para trás, sentindo que tinha algo de errado comigo. Engoli em seco e caminhei até a cama, sentando-me.

— Você está bem?

— Estou. Só... está tudo confuso — levei a mão esquerda à têmpora, sentindo os pensamentos simplesmente *aparecendo* na minha cabeça, do nada — Está voltando... tudo está...

— Do que você se lembra? — Cedrico se aproximou e se sentou ao meu lado, a uma distância segura.

— Do... Uma noite na sua casa... De estarmos

no topo da cidade vendo as luzes lá embaixo... — franzi as sobrancelhas e olhei para ele, ainda um bocado confusa, mas conseguindo me lembrar, menos deslocada com relação a minha vida, mesmo que não estivesse exatamente *na minha vida* — Meu Deus... — vi imagens passando rapidamente a minha frente, vozes se tornando difusas, confusas. Mas estava feliz por tudo estar voltando — Eu sinto muito... eu... — tudo parou e pude engolir em seco ao fixar meus olhos em Cedrico, que parecia mais preocupado do que eu nunca o tinha visto — Não deveria ter dito aquelas coisas. Sobre Amelia...

— Tudo bem, não foi você — mesmo que ele falasse aquelas coisas, eu só conseguia balançar a cabeça, com o lábio inferior entre os dentes, negando-me a aceitar que eu tinha feito aquelas coisas horríveis, dito tudo aquilo a ele — Está tudo bem... — falou lentamente.

— Não. O que há de errado com você? — dei um pulo da cama, repentinamente percebendo que estava ficando histérica de novo — Não está *tudo bem*. Eu estraguei tudo, eu magoei pessoas. Eu magoei *você*. Que possível defesa eu posso ter?

— Nem tudo é perfeito. E eu prefiro lidar com a verdade, se você quer saber. Por pior que ela seja

— ele arqueou a sobrancelha, quase imperceptível, tão calmo que era irritante, e com os dedos entrelaçados; tranquilo e pacífico — Pode ter sido uma noite ruim, pode ter sido do jeito errado... — ele ergueu os ombros debilmente — mas, sabe... me pergunto, se não fosse por Malcolm, se ele nunca tivesse possuído você, ou o que quer que seja... você teria me contado?

— Não — falei rápido demais, mas não sem pensar — Não eram meus segredos, não cabia a mim contar nada a você ou a ninguém. Se fosse por mim, você morreria sem saber. Mas, se isso te consolar, de algum modo, eu disse a Joseph que ele deveria contar a verdade para você e para Freya — ergui os ombros — Parece que meus conselhos não ajudaram muito.

— Não vamos mais falar nisso — ele se levantou e saiu. Daquela vez, deixei-o ir, pois nem eu conseguia mais ter aquela conversa. Sentei na cama de Rafael e fiquei olhando para a porta depois que Cedrico a bateu.

— Você está com o meu irmão. Ou ao menos *estava* — Cedrico voltou pouco depois e parou na porta, apertando a maçaneta com força, encarando-

me de uma forma relativamente mais calma onde eu estava sentada, no mesmo lugar de minutos antes — Então não venha com essa conversa agora como se quisesse fazer com que eu me sinta culpado...

— Eu não quero — falei suavemente, mexendo em meus próprios dedos de modo inquieto, sustentando seu olhar — Rafael e eu... até *eu* sei que não damos certo. Talvez o que eu sinta por ele seja uma paixão pelo que eu nunca posso ter...

— Eu não acredito nisso — ele fechou a porta e se aproximou lentamente — Quando vocês se conheceram, faíscas quase literais *voaram*. E eu te disse para seguir em frente, e você fez isso. Só estamos aqui porque Malcolm colocou na sua cabeça essas coisas... sobre eu ser o cara certo para você ou qualquer baboseira do tipo.

— Ele não disse nada sobre *ficar com você*, só estava tentando mexer com a minha cabeça. Mas não consegui, e sabe por quê?

— Ele conseguiu!

— Eu me apeguei a cada memória que eu tinha do nosso último ano — falei no tom mais calmo que consegui, mesmo que não tenha soado como eu queria — E eu não estou dizendo que não sinto por

Rafael o que você acha que eu sinto, talvez seja até mais, só estou dizendo... — soltei o ar do meu peito, olhando momentaneamente para o chão em busca das palavras certas — as coisas mudam, as situações nos transformam e mudam o que sentimos.

Ele balançou a cabeça com um meio sorriso e as mãos nos quadris, um tanto irritado ou algo bem, *bem* próximo disso: — Eu disse que não faria mais isso.

— Quando terminamos pela primeira vez...

— Não, não, não! Não estamos aqui para relembrar momentos, Juliette — falou de modo convicto e enfático.

— O que estamos fazendo aqui, então? — ergui uma sobrancelha e ele passou a língua pelos lábios, exasperando, desviando o olhar do meu — Porque, para mim, parece que *alguém* quer que acertemos as contas. Eu não sei se é Malcolm ou... os ancestrais, mas aqui estamos!

— Não deveríamos estar.

— Pare de lutar contra isso! — levantei-me, irritada com a tática de negação dele.

— Você quer que eu encare a verdade? — ele falou mais alto e deixou os braços caírem ao lado

do corpo — Bem, *esta* é a verdade: eu odeio ter que olhar para você toda a droga de dia! — ele quase gritou, finalmente liberando todas as emoções descontrolas que esteve reprimindo com toda a sua força — Odeio o fato de não ter sido capaz de salvá-la quando você morreu e se tornou a pior coisa que poderia ter se tornado! *Me odeio* por não conhecer uma cura para veneno de lobisomem e não ter sido capaz de te salvar. *De novo*. Então, não! Eu não posso ficar aqui com você — ele tomou fôlego, sem parar de falar —, esperando que você se arrisque mais uma vez para salvar o mundo — Cedrico finalmente parou de falar, respirando, me olhando nos olhos, desfazendo qualquer pensamento concreto que eu pudesse ter.

— Eu não sou tão ingênua ou altruísta quando você está me colocando. Eu *matei* pessoas — falei, emotiva.

— Eu também.

— Elas não mereciam morrer — rebati, quase sem fôlego, murmurando as palavras como se soubesse que eram inúteis.

— Não eram pessoas inocentes.

— Esse é o ponto onde divergimos bruscamente — Cedrico falou de modo casual e deu de ombros

com o lábio inferior momentaneamente entre os dentes, um tanto emotivo. Quase tanto quanto eu.

— É claro. Foi isso que você disse...

— *Quando terminamos?! —* ele ergueu as sobrancelhas de modo interrogativo e anuí quase imperceptivelmente; frágil — Vai mesmo voltar nesse assunto o tempo inteiro?

— Vou.

— Nem tudo é sobre nós — falamos quase ao mesmo tempo, em um tom controlado que antes.

— Acha que eu não sei? O mundo não gira a minha volta, Cedrico, eu *sei* disso. Mas aqui, somos só eu e você. Então... podemos nos sentar e esperar. Ou podemos parar com todas as mentiras sem sentido e esse altruísmo tolo...

— Acha que é tolice tentar mantê-la segura?! — um junco suave se formou entre as sobrancelhas dele e seu queixo caiu em surpresa e choque.

— Acho. Quando tudo está em jogo, sim. Quando você sabe que não é capaz, mas mesmo assim continua dando murro em ponta de faca, sim, é idiotice. Você não pode me proteger, ninguém pode. *Supere isso e siga em frente —* remedei-o do modo mais ofensivo e chato que consegui e Cedrico balançou a cabeça negativamente,

reprovando minha atitude infantil. Com aquela pausa, nos encarando e, em meio ao repentino e abrupto silêncio, me dei conta de que estávamos mais perto que antes; perto demais — Eu te odeio — as palavras saíram da minha boca a contragosto e apertei os olhos com ambas as mãos na cintura, inclinando-me suavemente em sua direção.

Seu cenho estava franzido muito suavemente e seu olhar era estranhamente sincero quando ele ergueu milimetricamente o queixo: — Eu sei...

— Porque você me fez te amar e é um idiota.

— E eu te odeio pelo mesmo motivo, por você ser uma idiota. *Odeio* esse seu senso de justiça deturpado. *Odeio* seu *altruísmo tolo* e sua vontade de se sacrificar para salvar o mundo — ele falou tranquilamente e limitei-me a engolir em seco, sentindo que não tinha ar o suficiente naquele quarto para mais uma inspiração profunda, que era tudo que eu precisava. Funguei e abaixei meu olhar.

Dei alguns passos para trás, olhando-o nos olhos até sentir a parte detrás do meu joelho tocar o colchão: — *Du Dummkopf...*^[34] — balancei a cabeça, mal acreditando naquilo tudo.

— Muito maduro. Me xingar em outro idioma.

— Eu quis dizer que você é um idiota. Depois de tudo... se estivéssemos em Salém agora, e eu quisesse dar às costas para *tudo* isso, e nós dois estivéssemos cientes de que pessoas morreriam se eu o fizesse, e que eu morreria se ficasse... — engoli em seco enquanto tomava fôlego, sentindo um gosto estranho na boca seca, um nó na garganta — o que você faria?

— Eu te ajudaria a empacotar suas coisas para ir mais rápido — mantive seu olhar por um segundo, em choque, mas nem tão surpresa quanto estaria se estivéssemos tendo aquela conversa algum tempo antes — Para o caso de você mudar de ideia, já estaria em um voo bem longe para a *Felizlândia* — seu tom foi uma pontinha de sarcasmo misturado a certa frieza forçada e descrença de que eu realmente fosse fazer aquilo, de fato; talvez até irritado pelo fato de se tratar apenas de uma hipótese.

Desabei na cama com as mãos nas coxas, balançando a cabeça com um sorriso involuntário e nem um pouco feliz: — Eu desisto — ergui os ombros e Cedrico me olhou, neutro — Desisto de tentar de entender.

— Você é invencível demais para desistir tão rápido — suspirei, sentindo-me humanamente cansada, de um jeito que eu não me sentia há muito, muitíssimo tempo.

— Não de você, dessa conversa estúpida e sem sentido — deixei meus braços caírem pesadamente na cama ao meu lado.

— Eu disse desde o começo que não nos levaria a lugar algum.

— Você não disse — ele se sentou na cama distante de mim, mantendo o olhar longe do meu, concentrado em algum lugar entre o piso e a parede a sua frente, perto da porta, tentando a sair correndo por ela — Só disse que *não teria* essa conversa — inflei o peito de ar com as mãos unidas entre as coxas — Você deveria ir. Deveria ir antes que comece a ser o cara legal e eu perca toda a minha autodeterminação recém-adquirida em *superar isso e seguir em frente*. Não, pensando bem, é melhor você ficar aqui — uma chuvinha fina estava caindo do lado de fora e olhei para trás, pela janela, por um segundo, vendo que estava muito escuro. Desde que tínhamos chegado ali, não tinha escurecido ou ficado mais claro, o que não ajudava com o fato de eu não saber que horas eram ou como o tempo se

PERIGOSAS

passava ali. O céu era permanentemente cinza,
apenas os tons mudavam.

NACIONAIS - ACHERON

Après Moi, Lé Deluge^[35]

Levemente entorpecida e enfraquecida, forcei-me a abrir os olhos, temendo estar morta antes que o fizesse, de fato. Contudo, quando senti-me consciente o suficiente para me mover, abri os olhos e movi os braços, incapaz de respirar, sentindo mãos envolverem meu pescoço e empurrarem-me para baixo. Movi os braços, sentindo antebraços de quem estava possivelmente querendo me matar e arranhei-os, tentando sentir aquela faísca de magia dentro de mim.

Mas ela tinha se apagado; ido embora.

Tudo que eu conseguia sentir, ao invés daquela onda mágica, até um tanto descontrolada às vezes, era dor. Meus pulmões queimando com a falta de ar que eu não deveria sentir, pois vampiros raramente

sentiam dor, menos ainda falta de ar. E, além da dor, tudo que eu sentia era uma sensação de que tinha alguma coisa errada; não só comigo. Enfim, emergi por meio segundo, o suficiente para erguer o braço, mas não para saber onde estava, e me concentrar na minha força interior, com toda a minha força de vontade e instinto de sobrevivência.

Bleib weg und ersticke

Senti o alívio imediato e tentei respirar mais uma vez, com dificuldade, e vi Emarie a dois ou três metros de mim, onde minhas palavras amaldiçoadas a tinham lançado, e se aproximando lentamente, com um sorriso maligno. Só então me dei conta de que estávamos dentro da piscina olímpica do colégio e que era noite. O ambiente estava levemente iluminado e eu mal podia vê-la. Aliás, mal consegui reagir, pois estava ocupada demais tentando respirar.

— Olá, Juliette. Já faz um longo, longo tempo — ela ergueu o queixo e começou a cortar o espaço entre nós com leveza. Rapidamente avaliei minhas opções, que era, basicamente, fugir ou lutar e me dei conta de que estava fraca demais para lutar.

NACIONAIS - ACHERON

Talvez fosse apenas resultado do tempo em que tinha passado dentro da minha mente, ou fosse o que fosse aquele lugar, mas não tinha muito tempo para pensar.

— Então... Você estava nisso o tempo inteiro, Emarie?

— Culpada — ela ergueu os ombros com um sorriso, aproximando-se enquanto eu recuava lentamente, sem tirar os olhos dela, tentando prever seus próximos movimentos — Acontece que quando os ancestrais te dão uma tarefa, você não os questiona. Você cumpre. Não me entenda mal, nunca foi pessoal — ofeguei e levei a mão esquerda ao peito.

— O que está... o que está havendo? — ergui a mão até a garganta, aos poucos incapaz de respirar e Emma limitou-se a seu sorriso cínico enquanto eu colocava a mão direita na borda da piscina, apoiando-me como se agarrasse-me à minha vida; tossi e ofeguei.

— Eu não vou te matar, se é isso que está pensando — ela ergueu as palmas momentaneamente e, de costas, deu um pulo hábil para se sentar na borda da piscina perto de mim. Não sei como, mas, aos poucos, consegui respirar

de novo — Não é *assim* — ela fez um gesto desdenhoso, abrangendo a mim e à água — que eles querem. Mas não se preocupe — ela girou as pernas e ficou de pé —, *eles* tem planos para você.

Assim que Emarie saiu do ginásio, meus pulmões voltaram a funcionar como deveriam. *Humanos*, mas ao menos funcionavam. Saí da piscina tremendo e, de tão fraca, me deixei cair na borda dela, com os pés ainda na água, os olhos fechados, a mão esquerda sobre meu peito, que subia e descia com dificuldade, e a direita estendida no chão gelado ao lado do meu corpo. Estava tão frio que doía, mas não consegui levantar; até meus ossos tremiam e eu nem conseguia abri mais meus olhos.

Não sei como perdi a consciência, só me lembro de ter acordado enquanto alguém me tirava do chão gelado, envolvendo-me em braços fortes e me aquecendo. Contudo, meus olhos continuaram fechados, meu corpo permanecia dominado pela fraqueza humana e nenhum pensamento coerente conseguia penetrar minha mente. Eu não fazia a menor ideia de quem tinha me tirado dali e me levado até o banco de trás de um carro, me coberto

com algo quente, pois, o tempo inteiro, permaneci com os olhos fechados, apenas apertei milimetricamente o cobertor sobre mim com a ponta dos dedos da mão direita, tendo ciência de que estávamos em movimento.

— Juliette... Jules! Você está machucada? — tremendo e com dificuldade, abri os olhos, mas não pude me concentrar e fechei os olhos mais uma vez. Nem sentia mais meu corpo, sentia-me insensível a qualquer toque ou calor, nem a cobertor podia me aquecer, mas tentei lutar. Bravamente, tentei. Mas todas as minhas tentativas pareciam miseráveis diante de mim.

Ainda sentia como se estivesse morrendo. Rapidamente.

Não me lembro também de como saí do carro e cheguei até o meu quarto. Havia sol entrando pelas janelas abertas nas laterais da minha cama e na parede à minha esquerda, e um breve resquício de memória em mim no que se tratava da noite passada e de tudo mais que tinha acontecido, mas foi breve. Testei meus membros para me certificar de que ainda funcionavam, que não tinham congelado com todo o calor da noite anterior. Ou teria se passado mais tempo?

Abri e fechei minha mão, percebendo que o sol atingia aquela palidez e que eu não tinha meu anel do dia, mas que, mesmo assim, não estava queimando, o que me fez franzir o cenho com desconfiança: — Testando suas novas habilidades de não queimar ao sol? — estava tão concentrada em minha nova descoberta que nem tinha percebido que Joseph estava parado à minha porta.

— O que aconteceu? — dei um meio sorriso, mesmo sem entender por quê, ou o que estava acontecendo ali, e empurrei as cobertas para longe, testando minha capacidade de equilíbrio aos poucos.

— Precisa de ajuda? — ele caminhou na minha direção, mas estendi a mão momentaneamente para pará-lo.

— Não, eu consigo. Quanto tempo eu dormi? — engoli em seco e levantei-me com cuidado, apoiando-me na cama, sentindo as pernas um pouco dormentes enquanto caminhava em sua direção.

— Desde que você estava morrendo ou quando a encontrei? — Joseph estava aos pés da cama, então caminhei reto, sentindo-me confiante para me afastar e me equilibrar sozinha, afastando-me da cama ao ficar de frente para ele.

— Então foi você?! Nas duas vezes, eu acho — quando ele estava prestes a responder, meus joelhos fraquejaram, com um irritante misto de formigamento e dormência, e eles se dobraram, ao que Joseph me agarrou pela cintura antes que eu caísse.

— Juliette. Pai — movi meus olhos confusos e assustados do azul frio dos olhos de Joseph para encontrar os cálidos olhos verde-musgo de Rafael, parado a porta.

— Oi — falei um tanto desinteressada, cansada, até, e Joseph me ajudou a sentar na borda da cama.

— Você ficou inconsciente, em uma espécie de coma, por uns dois dias, e a encontrei ontem a noite.

— Aliás... como você me encontrou?

— Eu estava fora e meus queridos filhos — Rafael parou ao lado dele — muito inteligentes tiveram a *brilhante* ideia de te deixar sozinha...

— Por um bom motivo.

— ... e fiz um feitiço localizador quando cheguei aqui e você não estava.

— Boa ideia — apoiei as mãos nas laterais da cama, respirando fundo.

— Você sabe como parar no colégio? —

coloquei-me de pé, afastando-me dos dois, relativamente melhor e capaz de andar.

— Estou mais interessada com as loucuras que estão acontecendo comigo — caminhei pelo corredor.

— Juliette... — Joseph me chamou mais alto, em tom de alerta e quando não me virei e nem respondi, apenas segui pelo corredor o mais rápido que minhas limitações permitiam, com a mão direita deslizando pela parede, Joseph agarrou meu cotovelo de modo abrupto e me fez girar para encontrar seu olhar. Fiquei tão surpresa que minha primeira reação foi arregalar os olhos ao fitá-lo.

— O que está fazendo? — soltei-me sem dificuldade e recuei um passo.

— Precisamos conversar. Antes que você já lá embaixo...

— Está acontecendo alguma coisa que você não quer que eu saiba? — franzi a testa e, passando a língua pelos lábios, olhei para Rafael, pouco atrás de Joseph, muito sério, mas também parecendo em conflito; tudo ao mesmo tempo — Rafael? Alguém quer me contar? Porque tudo já está... — estava tão confusa que nem consegui encontrar a palavra no meu primeiro idioma e, em alemão, saiu como uma

praga — *Verschraubt! Alles ist verschraubt!*^[36] — engoli em seco e dei-lhes às costas, mas permaneci parada onde estava.

— Acho que você precisa se acalmar.

— Eu *estou* calma! — virei-me novamente ao som da voz de Rafael, respirando fundo para me acalmar.

— Não, você está surtando. Está surtando e praguejando coisas em alemão — respirei fundo mais uma vez e lambi os lábios, sem conseguir focar em Joseph, mesmo que estivesse a minha frente.

— Claro, você está certo... mas mesmo assim... você precisa me dizer o que está acontecendo — balancei a cabeça para tentar me livrar daquele efeito entorpecendo, que parecia até um feitiço maldito que Emarie tinha lançado sobre mim na noite anterior.

— Eu vou — ele ergueu as sobrancelhas suavemente, para denotar que estava falando a verdade, e mantive seu olhar fixamente, de modo estranho, até.

— Precisamos conversar. Tudo bem — engoli em seco — Onde Cedrico está? — lembrei-me de perguntar.

— Lauren está trabalhando nisso — ele se limitou a dizer e comecei a andar de volta para o meu quarto, mais uma vez me sentindo fraca e sem forças o suficiente para ficar de pé. Acreditei em suas palavras, recordando-me de tudo que tinha acontecido na *minha cabeça* e que naquele momento parecia somente um *dejá vu* maluco e fantasioso.

De volta ao meu quarto, sentei-me na cama e esperei que Joseph me explicasse o que estava acontecendo, o que tinha acontecido, e em detalhes: — Me desculpem, minhas emoções estão meio... descontroladas.

— Vou deixar vocês conversarem... — Rafael fez menção em virar-se para sair, mas Joseph o impediu.

— Achei que vocês pudessem conversar, sabe?! Preciso ver... como Lauren está indo — ele deu uma desculpa esfarrapada qualquer e saiu; não antes de um tapinha no ombro do filho, o que me fez franzir o cenho com desconfiança.

— Então... — bati as mãos no colchão ao meu lado, soltando o ar do peito, achando estranho estar diante dele novamente, em certo... *conflito* interno. Estava confusa, de fato, mas, pela primeira vez, não

com relação a meus sentimentos — O que aconteceu?

— Versão resumida ou completa? — ergui os ombros.

— A que durar mais rápido ou a que acabar quando eu estiver boa para sair daqui. Você escolhe.

— Certo... — agora ele também me achava maluca — Pode ser um pouco chocante, por isso é bom que esteja sentada. Sua mãe... está viva — pisquei sem conseguir assimilar bem o que ele estava dizendo — Eu não sei por quanto tempo ou... o que meu pai fez, exatamente, mas ela está...

— *Aqui?* Ela está *aqui*? — ergui as sobrancelhas, boquiaberta.

— Está. Mas, antes que você pule da cama e decida ir até ela... — até ele respirou fundo naquele momento, de modo que comecei a ficar preocupada, mais do que ansiosa para ver minha mãe, feliz com o fato de ela estar viva; pânico e preocupação tomaram conta do meu peito — tem mais que você precisa saber.

— Mais? Diz logo, por favor.

— Bem... primeiro, nós começamos o feitiço para derrubar os ancestrais. Está dando

relativamente certo — franzi o cenho com o *relativamente* e Rafael tratou de me acalmar com suas palavras bem escolhidas, mas ainda mantinham distancia entre nós, como se eu fosse nociva — *Relativamente* porque os ancestrais claramente sabem sobre nossos planos e estão revidando com tudo que podem. Quando você... entrou nessa espécie de *coma*, nosso plano estava praticamente arruinado e, diante disso, Joseph teve a *brilhante* ideia de trazer sua mãe de volta — um suave e irônico sorriso se formou em meus lábios e coloquei ambas as mãos no colchão, ao lado do meu corpo.

— Por que tenho a impressão de que você é contra isso?

— Não necessariamente. Estou guardando minhas impressões para mim.

— Algum problema em compartilhá-las comigo?
— arqueei a sobrancelha de modo nada intencional e Rafael apoiou o cotovelo no móvel ao lado da porta escancarada.

— Nenhum, mas isso não é importante agora. Concentre-se no foco da conversa — balancei a cabeça.

— Você está certo, claro. O que mais eu preciso

saber?

— Não é exatamente... quando meu pai te trouxe para cá ontem a noite, você estava... *congelando*. Literalmente. E machucada. Havia um corte profundo na sua testa e... arranhões... — ele balançou a cabeça como se o assunto o perturbasse e engoliu em seco, fitando o chão por um segundo antes de voltar sua atenção para mim — Você não estava curando.

— Talvez eu estivesse com fome... fiquei dias sem me alimentar... — gesticulei, tentando colocar sentido e razão onde não havia nenhum.

— Juliette — Rafael me interrompeu suavemente e se aproximou com as mãos nos bolsos da calça social escura, assim como a camisa — Receio que este não seja o ponto.

— Então qual o *ponto*?

— Você... Você não é mais uma vampira. Você é humana — fiquei parada, estática, por um longo minuto, incapaz de formular uma frase concreta e que fizesse sentido.

— Isso não é possível... não... não existe!

— Não existia. Todos sabemos que não é possível, mas, se analisar os fatos por um segundo, vai se dar conta de que faz todo o sentido...

— Porque...

— O vampirismo é magia e os ancestrais... eles querem matá-la, disso nós sabemos, e torná-la humana torna isso mais fácil...

— Não. Eles devem estar maquinando alguma coisa... alguma coisa maior que isso ou Emarie teria me matado ontem.

— *Emarie*? Minha prima?

— É. Eu não sei como ou exatamente por quê, mas ela me levou até o colégio e tentou me afogar, depois disse que tinha sido a mando dos ancestrais e que esteve trabalhando para eles desde o começo — gesticulei descontrolado, engolindo em seco, pensando demais — Ela poderia ter matado, mas disse que *eles* tinham planos maiores para mim — fiquei de pé — Não consigo mais pensar nisso. Posso ver minha mãe agora? — não esperei que ele confirmasse, mas ele o fez e saí dali para ir até a sala de estar.

Por quê?

— Querida, senti tanto a sua falta... — ela deslizou os dedos pelos meus cabelos de modo carinhoso e nos afastamos um momento depois.

— Também senti muito a sua, mãe — com minhas emoções descontroladas, quando me afastei dela, meus olhos estavam cheios de lágrimas.

— Querida... — ela falou naquele tom afetivo e amoroso quando nos sentamos em um dos sofás — você está bem? Joseph me falou sobre... — ela se interrompeu.

— Estou. Gostaria de ter mais tempo para conversarmos, mas...

— Você está certa — ela se virou, de frente para Joseph e Cassandra, que estavam no sofá a nossa frente e Rafael juntou-se a eles.

— Então... essa é a nova Bat-caverna? — finalmente consegui falar e sorrir.

— Por ora — Joseph fez um gesto abrangente — Receio que teremos de deixá-la fora dos nossos planos, estou certo? — assenti — Ótimo — e sua atenção se deslocou de mim para todos os outros — Não podemos perder tempo... — fomos interrompidos quando Lauren desceu as escadas saltitando e franzi o cenho. Nem sabia que ela estava ali, nem que estava tão feliz em estar.

— Feito, podemos dar prosseguimento com o resto... — ela parou de falar quando chegou ao último degrau, com a mão esquerda no corrimão, fitando-me de modo intenso, parecendo curiosa e constrangida — O que foi?

— Nada — encolhi os ombros diante de sua reação e Lauren revirou os olhos, voltando sua atenção para o outro sofá, o que me fez relaxar os ombros.

— Cedrico está... quase acordado. Ainda precisa de tempo para se recuperar — ela se sentou no minúsculo espaço entre Joseph e Rafael, fazendo com que se afastassem para acomodá-la entre eles — Vampiro! — ela falou alto, mas não alto o suficiente para parecer louca, até porque um

vampiro, de fato, apareceu.

Ou melhor, Edward apareceu aos pés da escada e eu nem sabia se ele tinha vindo da cozinha ou do andar de cima de tão rápido que tinha sido. Franzi o cenho levemente, inclinando-me para frente com o braço esquerdo apoiado no braço do sofá: — Edward — gaguejei o nome dele e fitei-o silenciosamente por vinte segundos — Acho que estava falando sério quando disse que faria *qualquer coisa...*

— Minha palavra é a minha honra — mantive seu olhar por um segundo, tentando entender quem exatamente ele era, de onde tinha saído e por que tinha a ver com uma profecia maluca, contudo, ele se aproximou a passos lerdos, interrompendo minha linha de pensando — Embora nunca tenha imaginado me associar com um bando de bruxos. Sem ofensas.

— *Coven* — foi Lauren quem falou e Edward voltou seus olhos para ela de maneira estranha. Parecia cativo, encantado só pelo fato dela estar a sua frente, e comecei a analisar aquela coisa estranha que estava começando a se formar a minha frente — *Coven* é a palavra correta, não... *bando*. Não somos uma quadrilha - Edward ergueu o

NACIONAIS - ACHERON

queixo de modo suave e altruísta.

— Anotado, Srta. Claire.

— Obrigada. Podemos prosseguir com os tópicos de bruxo do dia? — falou em tom irônico, olhando para os dois homens ao seu lado.

— Sim — Joseph pareceu desconfortável.

— Precisamos falar sobre algo mais imediato no momento — Rafael inclinou-se lentamente para frente e todos olhamos para ele — Emarie. Ela está trabalhando para os ancestrais.

— Achei que tivessem alguma noção disso quando ela tentou me matar quando cheguei aqui — falei em tom sarcástico, um tanto irritado.

— Na verdade, não nos importamos muito com as intenções dela naquela época, nada disso estava acontecendo — balancei a cabeça e desviei o olhar dele — Mas agora... a situação mudou e precisamos agir.

— Matando-a? — ergui as sobrancelhas, esperando pela sua resposta, que demorou a vir. Assim, foi Joseph quem a respondeu: — Não. Emarie faz parte da família — ele relaxou os ombros e inclinou-se para trás — Vamos lidar com ela à nossa maneira — estranhei seu tom; ele finalmente falou como se fosse um Hamilton e

chegou arrepiar meus pelos. Mas não disse mais nada, imaginando o que diabos queria dizer *a maneira deles*, mas concluí, enquanto entrelaçava meus dedos em meu colo, que não seria uma coisa muito agradável. Contudo, não achava que Emarie fosse tão fraca, tão facilmente derrotável.

— O que fazemos agora? — minha mãe perguntou.

— Continuamos com o nosso plano. E esperamos que isso não ferre tudo e que a profecia não se cumpra e todos morramos... — Joseph fez um gesto abrangente — são muitas variáveis — engoli em seco e anuí.

De modo completamente inesperado, Cedrico estava no quarto de hóspedes, quase de frente para o meu quarto, e ninguém tinha se importado em me dizer, como se fosse irrelevante. Respirei fundo e girei a maçaneta.

A cama estava vazia e arrumada, e mesmo assim entrei no quarto e atravessei-o em passadas largas, mexendo nas cutículas com nervosismo e um cenho franzido e cheio de intrigas internas. Passei a língua pelos lábios, inclinada para o lado da porta, fitando a cama, os lençóis brancos e imaculados e o modo

como o sol se derramava sobre ela, iluminando o quarto até a metade, tocando meus pés descalços com suavidade. Meus pés pálidos, os quais movi os dedos ao senti-lo me queimar. Mas sem fogo, ferimentos ou fumaça.

Apenas sol, como deveria ser.

— Juliette — escutei aquele tom surpreso, quase chocado, e engoli em seco ao me virar e sorrir. Não entendi bem por quê, mas uma coisa estranha me preencheu por dentro e nem quis perceber como ele estava, apenas corri até ele e joguei-me em seus braços — Juliette...

— Estou tão feliz que você esteja aqui. Que esteja bem — apertei os braços com mais força em torno de seu pescoço e ele envolveu minha cintura, tirando-me do chão e apertando-me com tanta força que meus ossos doeram, mas foi uma dor boa, confortável — Estou tão feliz...

— Está chorando? — ele murmurou tão baixo que mal pude escutar.

— Está... tudo bem por aqui? — Cedrico me soltou e virei-me de modo abrupto, meio atordoada, para ver Lauren estava parada na porta, com uma expressão, no mínimo, embaraçada.

— Está — engoli em seco, muito séria.

— Ótimo. Que bom — e fitou Cedrico — Preciso falar com você, lembra?

— Claro, eu me lembro — ele se afastou e respirei fundo, sem saber exatamente se deveria falar alguma coisa. Ou se deveria *estar* ali — Só vou me vestir e falo com você — ela assentiu e puxou a porta, me olhando de modo sugestivo ao fazê-lo. Apenas vários segundos depois, foi que me virei e vi que ele estava *molhado*. Só de toalha.

Foi completamente embaraçoso e virei o rosto para o chão, com a boca aberta, com a intenção de dizer algo que desfizesse aquela situação, mas não tinha o que dizer, só quis sair dali ou arranjar um buraco onde enfiar a cabeça: — Desculpe por entrar assim, eu nem... — fiquei completamente de costas para ele, com um nó na garganta — nem percebi que você... estava... — gaguejei, enrolando-me toda com as palavras. Então, finalmente relaxei os ombros e desistir. Certamente eu tinha deixado claro no começo o que quis dizer.

— Tudo bem — ele fez uma pausa enquanto vestia uma camisa — Eu vou falar com Lauren, acho que é alguma coisa importante. Podemos... ahn... conversar depois? — não falei nada, depois de meio minuto, ele voltou a falar: — Pode se virar.

— Sim. Sim, podemos conversar — assenti com um sorriso esquisito e involuntário ao fitar aqueles lindos olhos verdes, aquele cabelo quase ruivo, meio loiro, um pouco mais curto do que costumava quando nos conhecemos, e sua barba por fazer — Mais tarde, claro. Eu vou... sair agora — e saí quase correndo porta afora.

Tossi e dei um meio sorriso ao segurar a fumaça por tempo demais.

— Então... — tossi de novo e Cedrico sorriu encantadoramente ao meu lado — Sobre o que dissemos...

— Ah, não — ele franziu o cenho de forma engraçada, como se lhe doesse — Não vamos estragar o momento falando nisso.

— Claro, você está certo — falei sem para de sorrir, olhando-o de modo intenso e fixo. Um longo momento depois, Cedrico estendeu a mão e pegou o baseado, já no fim, da minha mão esquerda.

— Vai queimar sua mão — virei-me sutilmente e vi que estava, de fato, prestes a queimar minha mão. E já que eu era humana de novo, precisava me preocupar com aquele tipo de coisa de novo — Você está bem? — ele perguntou em um murmúrio,

ainda perto de mim — Com essa confusão toda.

— Acho que sim — sussurrei sem nem ao menos saber o que dizia, hipnotizada pelo seu olhar magnético. Ele voltou, nova e rapidamente, a sua postura ereta onde tinha estado antes.

Estávamos sentados nos degraus da varanda da frente da minha casa, sendo iluminados somente por uma lâmpada um tanto fraca acima da porta. Balancei a cabeça para me livrar do efeito hipnótico que ele tinha sobre mim, e também do efeito do baseado que tínhamos compartilhado em um silêncio embaraçoso, e respirei fundo, espalmando as mãos nos joelhos nus: — Então, você *ainda* não quer falar sobre *isso*? — nem precisei especificar o quê, pois ele se inclinou para trás, livrando-se do restante do baseado com um hábil movimento do dedo médio, e apoiou os antebraços no chão de modo desconfortável, porém elegante.

— Olha... acho que já deixamos tudo muito claro. Foi importante termos tido aquela conversa, mas agora, estamos de volta no mundo real — e respirou fundo, olhando para frente por um segundo antes de soltar o ar do peito, como se estivesse cansado de discutir a mesma coisa — e

nada mudou. Eu ainda mantenho o meu ponto.

— Que é...?

— Estar com você significa perdê-la e isso ainda não acabou — ele respirou com dificuldade, notoriamente abalado por tudo — Sinceramente, não sei se estou pronto para isso — mordi o lábio em silêncio — Corro o risco de estar sendo egoísta, mas quero que tenha em mente que ainda estou do seu lado. E se você mudar de ideia sobre querer combater o mal, *ainda* estarei do seu lado.

— Não posso fazer isso.

— Eu sei que *não vai* — ele balançou a cabeça sutil e negativamente e fitou um ponto cego a sua frente — Mas...

— Não vamos mais falar sobre isso — finalmente consegui dizer. Já tinha passado um dia inteiro dando murro na ponta de uma faca afiada demais, e precisava ser eu a dar fim àquela conversa, já que Cedrico tinha deixado claro desde o início que não queria participar dela; não podia deixar mais claro — Vamos... jantar — com as mãos apoiadas nos joelhos, forcei-me a levantar — Você vem?

— Claro — habilmente, ele se colocou de pé e abriu a porta para mim; como um cavalheiro.

— Parece que a Bat-caverna está indo bem — todas as conversas cessaram quando entramos na cozinha.

Edward, Lauren, Rafael e Cassandra estavam sentados ao longo da bancada enquanto Joseph estava atrás dela, cozinhando, e minha mãe fazia algo na pia que não pude ver o que era: — Precisa de ajuda? — sentei ao lado de Edward e coloquei uma mecha do cabelo atrás da orelha.

— Não, obrigado. Tenho mãos o suficiente por aqui — Joseph respondeu em um inabitual bom humor.

— Você está bem? — Lauren se inclinou para me olhar, com os antebraços apoiados na bancada.

— Mais ou menos. Vou ficar — ela anuiu sutilmente e voltou ao seu lugar enquanto todos nos encaravam — Então, qual segredo vocês estavam discutindo?

— Nada importante — Lauren deu um sorriso que dizia muito. Dizia que ela, assim como todos os outros, estava mentindo.

No meio da noite, fui despertada de modo abrupto ao sentir um frio estranho e sobrenatural atravessar

meu corpo. Minha cabeça estava pesada quando me sentei na cama e olhei pela janela atrás de mim, que estava aberta, onde as cortinas balançavam suavemente ao vento. Com o cenho franzido, e a certeza concreta de que a tinha fechado antes de dormir, fui até lá para olhar o que tinha me tirado o sono.

Completamente desperta, fitei o jardim e pisquei algumas vezes. Estava tudo escuro e vazio, de fato, comprovando minha loucura e paranoia evidente desde que eu tinha retornado àquele lugar. Meus sentimentos estavam exaltados e meus pensamentos me faziam pensar que eu estava sendo perseguida. Meu próprio corpo estava descontrolado, impulsivo, eu andava ansiosa, paranoica e histérica ao meu próprio modo de bruxa.

— Juliette — virei-me de modo abrupto, assustada ao ouvir uma voz vinda do completo escuro, e vi Joseph parado a minha porta.

— O que está...

— Venha comigo — engoli em seco e, olhando rapidamente a minha volta, segui-o até o lado de fora do quarto, onde tudo era igualmente obscurecido.

— O que está acontecendo? — murmurei com os

braços em torno de mim mesma, fitando-o com desconfiança.

— Com você? — anuí enquanto caminhávamos na direção das escadas e depois a descíamos com cuidado para não fazer barulho — Eu não sei. Mas sei o que está acontecendo aqui e não é bom.

— Que ótimo — esfreguei os braços, percebendo, só então, que morria de frio — Quando vamos colocar em andamento nosso plano de destruição ancestral?

— Precisa de um gole de café? — assenti, pois sentia demasiada sonolência e queria estar o mais desperta possível para aquela conversa, para que pudesse arrancar de Joseph todas as respostas que precisava para sentir que, mais uma vez, pertencia àquele lugar. Ele me entregou o café e nos sentamos na bancada, lado a lado e, ocasionalmente, ele se virou para me encarar.

— Então, o que vocês fizeram na minha ausência?

— Primeiro... — ele prolongou a palavra ao máximo enquanto colocava a caneca de café sobre a bancada e puxava a lapela de seu paletó — queria te dar uma coisa — o olhar preocupado de Joseph encontrou o meu e entreabri os lábios sem,

contudo, saber o que deveria dizer ao ver uma pedra azul e vibrante pendurada na ponta de um cordão prateado e longo.

— O que é isso? Mais amuletos? Eu já tenho o meu — segurei o que Friedrich tinha me dado entre o polegar e o indicador, mas Joseph balançou a cabeça, inclinando-se para colocar o cordão no meu pescoço — O que é isso, Joseph? - murmurei enquanto ele afastava habilmente meu irritante cabelo curto e o abotoava.

— É... uma coisa de xamã. E esse amuleto que Friedrich te deu é poderoso, posso sentir a magia emanar dele... mas, você sabe, os ancestrais controlar a magia deles por aqui, então isso pode vir a ser inútil. Além disso, no meio de toda essa loucura, você não ganhou presente de Natal.

— Nesse caso, obrigada — segurei a pedra azul entre meus dedos gelados e mordi o lábio. E, enfim, ergui o rosto — O que aconteceu?

— Bem, já sabemos que Emarie trabalha com os ancestrais esse tempo todo, desde antes de você chegar aqui, mas agora... tem sido mais direto. Malcolm não dá as caras por um tempo e sabemos que ele planeja algo, mesmo que eu não saiba dizer o que é.

— E o que vocês fizeram enquanto eu estava... *fora?*

— Lauren tem nos ajudado bastante — ele franziu o cenho ao falar aquilo, um pouco mais baixo — Agora só precisamos... terminar a coisa com os ancestrais.

— Você pensou em como a cidade toda vai ficar quando isso tudo acabar? — deslizei a unha do dedo indicador em torno da caneca sem querer olhá-lo diretamente por um momento.

— Nosso plano abrange isso. O plano mais funcional.

— No que precisa de ajuda? — ergui os olhos para ele com calma, ou tentando permanecer o mais calma que eu conseguia com todos aqueles sentimentos borbulhando, inflamando dentro de mim — O que quer que eu faça?

— Acho que estamos bem. Com sua mãe aqui. Você precisa descansar, poupar suas energias para o que ainda está por vir.

— Então vamos por partes. Ancestrais, Malcolm, Emarie...

— Eu fui tolo em subestimá-la.

— Não tinha como saber o que estava por vir; o que ainda está — ele mordeu o lábio inferior e

balançou a cabeça, parecendo distante — Você tem falado com Freya? — mudei rapidamente de assunto e Joseph relaxou os ombros.

— Falei com Eleri. Freya está bem, está em Nova York. Eleri me odeia por Freya saber a verdade e também não querer falar com ela; ela se sentiu *traída* e nenhum de nós pode culpá-la por querer se manter longe, querer um pouco de normalidade.

— Quando tudo isso tiver sido resolvido... Você pretende procurá-la? Talvez para explicar o seu lado...

— Olha, Juliette — ele se virou um tanto impaciente, olhando-me nos olhos —, isso realmente não importa agora, sabe?! Deveríamos nos concentrar no que é importante — assenti diante de seu tom ríspido e seco, inclinando-me ligeiramente para trás com um junco suave e meticuloso entre as sobrancelhas enquanto o encarava.

— Claro. Você está certo. Então... O que eu faço agora?

— Nada. Você está ótima onde está — ele ergueu o queixo milimetricamente — Enfim, Elena não nos odeia totalmente, ela ainda está *do nosso*

lado, se é que posso falar assim. Ela sabe o que temos que fazer — assenti e tomei mais do café, aquecendo-me enquanto o avaliava com cuidado, imaginando o que ele não estava me contando — Amanhã... Temos trabalho a fazer. Você conhece algum feitiço de proteção? Um que seja muito forte — repassei mentalmente tudo o que eu sabia sobre feitiços.

— Sim, conheço um infalível, mas requer mais magia do que disponho — ele anuiu.

— Vamos precisar dele se queremos que tudo dê certo. Eis o plano... Izabel, Elena e eu vamos colocar o plano em ação, enquanto isso, Rafael e Lauren ficarão aqui, lidando com o feitiço. Talvez você e Cedrico, se estiverem prontos para outra.

— Certo, isso pode funcionar. Mas... Minha mãe e Elena no mesmo espaço?

— Izabel sabe lidar com as coisas — assenti mais uma vez, sentindo novamente uma vontade quase que incontrolável de matar Izabel — Eu não queria que Lauren se envolvesse nisso — ele falou depois de um minuto olhando para a caneca em suas mãos sobre a bancada.

— Nem eu — falei com sinceridade.

— Ela... Já perdeu muito. Mas precisamos dela,

querendo ou não. Excluí-la de nossos planos seria uma baixa que não podemos ter — concordei — De qualquer modo...

— Você vai ficar bem? — interrompi-o com minha pergunta abrupta, com o tom mais alto e forte do que o que estávamos usando para conduzir nossa conversa discreta. Joseph não respondeu de imediato, apenas me encarou abertamente, com um olhar que eu não conseguia decifrar.

— Eu vou tentar.

— Então tente muito — impulsivamente, pousei a mão em seu pulso, que estava sobre a bancada. Olhamos-nos por um momento estranho, no mais completo escuro, seus olhos pareciam deferentes, mais calorosos e menos frios, mais compassivos e apaixonados; quase emotivos, até. E, sem desviarmos o olhar, ele virou o braço com cuidado e lentidão e meus dedos rastejaram lentamente até a palma da sua mão, entrelaçando-se aos seus. Engoli em seco — Por favor... *não* morra.

Parte 5

Que diferença isso faz?

[37]

Eu deveria ir^[38]

— Você está bem? — ainda era muito cedo, o sol mal tinha começado a se surgir em um horizonte nublado de uma inicial manhã gelada. Estava sentada no recém-colocado balanço na varanda da frente, fitando árvores e o nada ao longe, quando Rafael surgiu com chocolate quente. Tinha uma manta em torno dos meus ombros que me protegia do frio e, mesmo assim, eu tremia enquanto tomava um gole da bebida que me aqueceu por dentro.

— Estou tentando ficar — dei um sorriso amarelo quando ele se sentou ao meu lado, levemente desconfiado.

— Queria falar com você... — olhei por cima da caneca enquanto ambos tomávamos o chocolate quente delicioso.

— Pode falar.

— Queria dizer... que estive errado em alguns pontos por muito tempo. Que estivemos brigando por muito tempo e parte disso foi culpa minha — pousei a caneca em meu colo, um tanto insegura sobre o que deveria dizer.

— Estivemos brigando uns com os outros desde que cheguei aqui. E... eu sei disso — balancei a cabeça sem olhar para ele, fitando o assoalho de madeira a minha frente, até para meus pés enquanto os movia para frente e para trás — Só queria poder ter feito *tudo* diferente. Tudo mesmo — funguei e finalmente o olhei nos olhos — Mas, apesar de tudo, conhecer todos vocês... foi uma das melhores coisas que me aconteceu e não importa o que aconteça, isso nunca vai mudar.

Ele ergueu o queixo sutilmente, tão abalado quanto eu, que tinha meus olhos ardendo: — Então... você é realmente humana agora?

— É estranho. Vampira, morta, híbrida, humana... é uma montanha-russa de sentimentos e pensamentos, nem sei como me sinto agora, é tudo muito estranho. E você, como está? — perguntei de repente.

— Feliz por você — ele tomou mais um gole —

Sabe, que esteja prestes a seguir seus planos.

— Espero que também siga os seus. Que quando tudo isso acabar, esteja fora dessa cidade maldita. Além disso, que nunca se esqueça de mim...

— Não se preocupe com isso — falou sorrindo enquanto tomava seu chocolate — Então... sem mais brigas ou egoísmo...

— Ou corações partidos? Por mim, tudo bem — ele demorou um segundo para responder.

— Bem, isso eu não posso prometer — falou, ainda sem me olhar nos olhos — Você partiu o meu.

— Rafael... não diga isso. Eu... nunca foi minha intenção. Eu só... é como eu disse, meus sentimentos mudaram, me sinto confusa depois disso tudo. Depois de tudo o que aconteceu...

— Não estou questionando seus sentimentos.

— Porque não sei como me sinto — franzi o cenho, inclinando-me para buscar seu olhar e ele me olhou — Eu acho que amo Cedrico, mas eu amo você também.

— Certo. Vamos pular essa parte. Nós falamos depois? — ele se levantou e, sem mais delongas, apenas assenti enquanto ele se virava e ia embora.

— Lauren — chamei-a quando, poucos minutos depois de Rafael ter saído, ela atravessou a varanda na direção das escadas.

— Oi — com o cenho suavemente franzido, ela voltou e parou quase que me frente para mim, sentando-se na mureta, na mesma altura dos meus olhos.

— Tem um minuto? — ela ergueu os ombros, como se quisesse dizer que não, mas já que eu ia começar a falar, que o fizesse logo — Quando nos conhecemos... na noite do Dia das Bruxas, você me falou sobre você e Emarie entrarem nos meus sonhos...

— Ah, pare por aí — ela estendeu a mão e agitou o indicador negativamente — Eu sei o que você está pensando, Juliette. Que eu estava do lado de Emarie este tempo todo e blábláblá, mas não estava. Ou não estaria aqui ajudando você. Além disso, eu não gostava muito de você quando a conheci, só estava tentando confundi-la quando chegou aqui, nunca tive a intenção de matá-la. E acho que Ems também não tem.

— Ela tentou me sufocar uma vez e me matar enquanto eu dormia. E depois tentou me matar afogada... então, é, acho que ela realmente tem a

intenção de me matar.

— Não, Juliette. Machucar? Talvez. Matar? Acho que não. Você mesma disse que, segundo ela, os ancestrais têm outros planos e ela os está seguindo. Assustando você, deixando paranoica... *esse* é o tipo de coisa que a Ems faz.

— Mudando um pouco de assunto... — remexi-me, tomando o último longo gole do meu chocolate — o que está havendo entre você e o Edward? — Lauren arregalou os olhos como se eu fosse louca.

— *O quê?* Um vampiro? Meu Deus! Você é mais louca do que eu pensei! — ela se levantou com um sorriso sarcástico — Eu vou indo, volto mais tarde. Tente não encontrar mais historia mirabolantes até lá — e desceu as escadas apressada.

Quando já eram sete horas, entrei em casa, aparentemente com Edward, que entrou depois de mim e caminhou comigo até a cozinha: — Podemos conversar?

— Estava ansiosa por isso — e, inesperadamente, sorri.

— Nasci quinze anos antes do início da Guerra de Secessão, morri durante a Guerra enquanto defendia o Sul, o que, é claro, eu considerava ser a

NACIONAIS - ACHERON

decisão correta à época.

— Ainda bem que você percebeu isso — depois de lavar distraidamente a caneca, peguei grãos na geladeira para preparar café, virando-me para Edward, que estava sentado como um cavalheiro no banco de frente para mim — Então, como você conheceu o vampiro que te transformou?

— Vampira — virei-me para pegar as canecas quando estavam cheias de café — Sabe, quando vi aquela sua amiga pela primeira vez... *Lauren*... — ele pareceu saborear seu nome, testando-o em sua língua — me lembrou muito *ela*. Era um lugar horrível — ele murmurou a última frase como se se lembrasse de algo muito ruim.

— O que aconteceu? — incentivei-o a continuar.

— Ela era uma bruxa. Mas... se tornou uma vampira por vontade própria, como se para testar o gosto da imortalidade — ele tomou um gole do café com uma sobrancelha levemente arqueada — Nunca a entendi — ele balançou a cabeça negativamente — Mas, enfim... quando a conheci, ela era bruxa. Eu estava ferido, achei que morrido quando desmaiei, mas acordei na casa dela. Ela começou a cuidar de mim, mas...

— O quê? — murmurei, entretida com a história.

— Ela não exatamente cuidou de mim, ela me matou quando eu estava fraco, tirou de mim meu direito de escolha — Edward abaixou os olhos e virou o café lentamente na caneca, parecendo distante.

— Eu entendo como isso pode ser. Eu... também não tive muita escolha — dei a volta na bancada e me sentei ao lado dele com um na garganta, sem saber se deveria continuar insistindo em fazer perguntas — Então, vocês ficaram juntos? - perguntei com cuidado.

— Mais ou menos. Depois de tudo, meses tinham se passado. Eu era um vampiro jovem, ainda passei mais alguns meses com ela, estudando seus modos, adaptando-me aos meus novos instintos. Era horrível. Foi ela quem criou esses tais de anéis do dia, mas só muito tempo depois. Testes de feitiços e... caçadas no meio da noite. Quando terminou de resolver todos os problemas que o vampirismo implicaria, ela se transformou.

— E como vocês acabaram?

— Como sabe que acabamos? — ele sorriu com malícia ao me olhar com calma.

— Seu tom melancólico... — ergui os ombros — é só uma dica, Edward.

— Bem, Florence ficou entediada com a imortalidade. Depois de testar tudo que poderia fazer, ela... ficou cansada — passei a língua pelos lábios lentamente, imóvel.

— Florence? A Bruxa Má? — não foi minha intenção chamá-la daquele modo, pois me pareceu um tanto infantil, mas saiu no automático, e estava tão surpresa que não consegui segurar as palavras ou pensar em algo melhor.

— Eu não sei se ela era... má, exatamente — falou com o cenho franzido, obviamente estranhando minha escolha boba de palavras — Um pouco sem coração, mas acho que não má.

— Não, ela é mesmo má. E tem alguma coisa sobre ela que eu ainda não entendo.

— Espere, você a conheceu? — Edward balançou a cabeça, extremamente confuso, e inclinei-me para trás.

— Não pessoalmente. É difícil explicar, mas ela tem algum envolvimento com essas loucuras que eu não sei explicar. Lauren nos mostrou algumas coisas... do passado. Mas isso não importa.

— Parece ser importante — mordi o lábio e assenti, imaginando se aquela *visão* que Lauren tinha nos mostrado, ao que parecia ter sido uma

eternidade antes, seria mais importante. Se tinha a ver com a tão temida profecia.

Se nos influenciaria no presente.

A verdade é que eu não tinha nenhuma resposta sobre coisa alguma.

Edward, com sua força vampíresca da qual eu sentia falta, me ajudou a arrastar os sofás e deixei um espaço vazio no chão para que eu desenhasse um círculo quase perfeito com sal e ervas.

— Sabe, acho a bruxaria tão interessante — ele foi acendendo as velas uma a uma e fez um movimento com a mão, inutilizando seus esforços e acendendo à todas de uma vez só. Edward ergueu-se com um sorriso.

— *Sabe...* eu tenho que fazer isso. Te aconselhar para fugir antes que se envolva nessa complicação toda. Que fique mais metido nisso do que eu gostaria que estivesse — terminei meu complicado círculo e fiquei de pé.

— E quanto a você? — balancei a cabeça segurando um frasco de vidro de ervas desfeitas em pó verde-acinzentado.

— Eu teria feito isso se pudesse prever o futuro.

— Acho que você ficou por motivos diferentes

— ele falou de modo casual enquanto pegava a adaga no chão, dentro do círculo.

— O que você acha? Que eu fiquei porque amo viver perigosamente...

— Os Hamiltons.

Ele fez um corte na palma e algumas gotas do seu sangue mancharam o tom claro do círculo: — Você sabe o que isso significa, não sabe? — gesticulei na direção do chão quando ele ergueu os olhos até os meus, ainda deixando seu sangue pingar no chão.

— Acho que algo maior está por vir — ele me ignorou gentilmente — E acho que você ainda está perdida no meio de tantas coisas, que você é jovem demais e tem muito mais vida diante de você para ficar presa em um complexo triângulo amoroso que nem você consegue entender direito como aconteceu.

— Infelizmente — ergui os olhos de Edward para ver Lauren entrar e franzir o cenho, imaginando se ele não podia ler minha mente com algum truque vampiro ou se Lauren tinha escutado o que ele tinha dito —, ele está certo. Você precisa escolher, Juliette.

— O quê? — minha voz saiu quase como um murmúrio.

— Cedrico e Rafael. Você *precisa* escolher, não pode se esquivar da questão para sempre.

— Não estou me esquivando — Edward levantou e balancei a cabeça — Não vou escolher ninguém, não preciso fazer isso. Eu vou... me excluir dessa discussão - joguei o frasco que segurava nas mãos de Edward — Vou me excluir *disso* — e saí da sala de estar sem saber o que tinha dado em mim para aquela reação tempestiva.

Contudo, tive que voltar pouco depois, quando todos estavam reunidos na sala de estar para repassar o temível plano. Minha mãe tinha me tido que tinha falado com meu pai, mas que, ao mesmo tempo em que queria vê-lo, o fez prometer que ficaria em Nova York cuidando de Hope e ficando seguro, o que eu acabei por concordar depois de cinco segundos de raciocínio. Não havia motivos para ele se arriscar também, mesmo que estivesse disposto a tanto.

— Estamos prontos? — Joseph perguntou depois de explicar tudo de novo, parado no centro da sala, perto do círculo.

— Estamos — a maioria de nós falou, enquanto a outra parte parecia dispersa, perdida em

pensamentos.

Depois de tudo aquilo, ainda havia a parte da *ligação*, onde fiz um corte pequeno em minha palma, assistindo enquanto Joseph fazia o mesmo, e segurei sua mão, repetindo as primeiras palavras do feitiço.

*Blut von meinem Blut
Verknüpfen unsere kraft und machen daraus
Unsere einzige Kraft
Mach uns nur einen
Für das Leben und für den Tod*

— Por favor, não morra — ele falou assim que soltou minha mão. Assenti, sem saber o que ele queria dizer, já que aquele feitiço era para protegê-lo — Tenho que te contar uma coisa que descobri...

— Joseph. Precisamos ir — olhei por sob seu ombro para ver minha mãe, com as sobrancelhas arqueadas e uma posição altiva: — Você me conta depois.

— É importante...

— Joseph!

— Nos falamos depois. Tome cuidado — e, com

aquelas palavras, saiu para encontrar Elena, me deixando cheia de dúvidas, imaginando o que ele quis dizer com aquilo, mas sem tempo para pensar demais, pois tinha um feitiço a fazer.

— Estou preocupada — Lauren falou enquanto segurava minha mão ao nos sentarmos em posição de lótus dentro do círculo. Franzi o cenho cuidadosamente e esperei que ela falasse — Você sabe, quando *isso* acontecer, de fato, quando os ancestrais não estiverem mais por aqui, quando forem desconectados desta terra... a magia deles vai pairar por aí, esperando para ser captada.

— O que vai acontecer com eles?

— Eles vão ficar de molho do Outro Lado, esperando até ter força o suficiente para retornar — ela segurou minha mão com força e fechamos os olhos. A conexão que senti com Lauren foi estranha, diferente da que eu já tinha sentido com qualquer outro bruxo ao fazer um feitiço. Foi diferente, talvez, pelo fato de não estarmos usando a boa e velha magia ancestral, mas, de algum modo, eu *sabia* que não era aquilo.

Nunca soube que a luz do dia poderia ser tão violenta^[39]

— Juliette! — abri os olhos de modo abrupto ao ver Alice a minha frente e caminhando na minha direção. Lauren também abriu os olhos, mas, ao contrário de mim, não interrompeu o feitiço.

— Alice...

— Tem uma coisa que você precisa saber — ela parou a minha frente, parecendo quase viva, menos desbotada da última vez em que tínhamos nos visto, com um olhar preocupado como se algo mortal dependesse daquela conversa — Joseph ia te contar mais cedo, mas você não deixou — alguns buracos

começaram a aparecer nela, que enrijeceu o maxilar.

Parecia estar morrendo aos poucos, desaparecendo. Rafael deu um passo a frente para olhá-la nos olhos.

— O que aconteceu com você? O que a fez trocar de lado?

— Vocês — falou com ressentimento, mas não ódio — Vocês são uns idiotas. *Vocês* decidiram que seria uma boa ideia me consagrar e *eu* fui obrigada a fazer coisas horríveis — ela olhou para Cedrico, que estava atrás de mim no sofá enquanto canalizávamos dele, ao lado de Edward — Isso foi culpa sua, seu idiota — e voltou os olhos para mim.

— O que você quer me contar?

— Pergunte a Joseph — fiquei de pé, sem, contudo, sair de dentro do círculo para que o feitiço não fosse quebrado, mas precisava olhar nos olhos de Alice — Vocês precisam da ajuda de Friedrich, não irão conseguir sem ele, Juliette.

— Friedrich?!

— Tem mais... os ancestrais... — ela parecia enfraquecer a cada segundo, desaparecendo pouco a pouco diante de nós — eles não... — ela arquejou, quase que incapaz de respirar, e Rafael e

segurou, mesmo que parecesse impossível, para ela continuar falando e não cair — eles suprimiram sua magia, a enfraqueceram. Quando tudo se for, quando eles se forem... você vai voltar a ser a uma vampira. Você precisa impedir Malcolm... ele quer matar todos os bruxos em um sacrifício... para ter ainda mais poder. Ele quer ser o regente de todos os *covens*, até Nova Orleans... Juliette, você precisa escolher — e depois daquelas palavras, proferidas como uma amaldiçoada profecia, ela desapareceu, deixando-nos em uma troca de olhares de que as palavras de Alice poderia nos levar à morte.

Contudo, nada daquilo durou muito, pois como tudo estava acontecendo tão rápido, Joseph, Elena e Izabel entraram pela porta de modo tempestivo. Só então percebi que, entre o feitiço e aquele momento, apenas uma hora havia se passado e Lauren e eu quebramos nossa conexão. A primeira coisa que fiz foi pular fora do círculo para ir até Joseph em busca de respostas.

— Suponho que Alice tenha feito uma visita.

— Suponho que você tenha as respostas — ergui as sobrancelhas diante do tom casual em sua voz, como se nada estivesse acontecendo. Joseph enrijeceu os ombros.

— É, até que isso foi fácil — minha mãe falou e finalmente a olhei, notando que tinha sangue em suas mãos.

— Você está bem?

— Estou, só preciso de um momento antes de planejar salvar o mundo de novo — e subiu as escadas enquanto Elena fechou a porta, dirigindo-se a mim.

— Sei que não me quer aqui tanto quanto eu não quero estar aqui, mas...

— Não importa. Precisamos acabar com isso. Precisamos acabar logo — e alternei o olhar entre ela e Joseph — Alice é confiável?

— Um pouco maluca, mas confiável — foi Joseph quem falou.

— Não pensamos muito quando tivemos a ideia de consagrar o corpo dela, mas, agora isso ajudou. Estamos livres dos ancestrais por um tempo — Elena continuou e coloquei as mãos na cintura, pensando, mas sem ter certeza do que dizer.

— Vamos nos sentar e nos acalmar enquanto pensamos em alguma coisa — olhei para meu lado direito quando Lauren parou perto de mim e mordeu o lábio.

— Você está certa, precisamos pensar. Eu vou...

fazer um café.

Enquanto eu estava na cozinha, fazendo mais café do que todos conseguiriam beber em uma semana, Edward surgiu ao meu lado, ajudando-me ao perceber que eu tremia e estava começando a enlouquecer com tantos problemas que surgiam a minha frente: — Deixa comigo — dei um passo para trás e apoiei-me na bancada para permanecer de pé, fitando o chão como se esperasse ter um *insight*.

— Eu disse que você deveria ter fugido o quanto antes.

— Quem é Friedrich? Já ouvi esse nome antes.

— Meu avô que está teoricamente *morto* — ergui os ombros e ele se virou para mim — Ele não joga no mesmo time que nós e foi ele quem matou Alice, que era filha dele. Já estando morto.

— Sua vida é uma complicação — ele balançou a cabeça como se não entendesse como eu tinha me metido naquela confusão louca.

— E a sua, não? Você é um vampiro, deve viver cheio de problemas o tempo inteiro — ele finalmente arrancou um sorriso de mim, mesmo que um cheio de descrença.

— Não. Eu tenho padrões, tomo cuidado para não

chamar a atenção e nem ser descoberto. Trabalho como médico, ajudo as pessoas, ajudo como eu posso com meu sangue, me mudo a cada cinco ou seis anos... e faço tudo isso de novo.

— *Isso* é um padrão! — falei um tanto chocada.

— Toma — ele me deu uma caneca marrom com café quente e forte, sem açúcar, como eu gostava — Você aprende com o tempo.

— Eu não sei se tenho tempo — balancei a cabeça e torci o braço esquerdo para trás para apoiá-lo na bancada enquanto bebia um gole do café — Com todos esses problemas acontecendo... — respirei fundo.

— Tenho certeza que vai se sair bem. Aliás, estive pensando, aquela... *Alice*, ela disse que vocês precisam do seu avô e tenho certeza que vocês podem trazer de volta, ou qualquer que seja o termo que vocês bruxos usam, seu *avô teoricamente morto* para ajudar.

— Na verdade, podemos, mas...

— Mas ele é do mal e não ajudaria — fiz um movimento com os ombros, algo do tipo “*Fazer o quê*” e ele pegou outra caneca para preenchê-la com café para ele — Não tem como... fazê-lo cooperar?

— Como assim?

— Você o traz de volta, mas você dá as cartas. Como... Colocá-lo em uma coleira, entende?! Prendê-lo e fazer com que ele te obedeça. Acha que pode dar certo? — franzi o cenho e abaixei a caneca com o lábio inferior entre os dentes.

— Você pode me ajudar?

— Com o quê? — ele pareceu desconfiado e estava prestes a me dizer “*Você sabe que não sou nenhum bruxo, não é?!*”, quando ergui as sobrancelhas, virei-me minimamente para pousar meus olhos sobre os seus, aquele azul muito escuro e quase hipnótico.

— Pesquisa. Se você quer ficar, precisamos acabar logo com isso — lentamente, ele concordou comigo.

— Será que é algum tipo de maldição? — ergui os olhos do livro para encarar Edward — Não entendo nada sobre o significado de todos esses símbolos — ele me entregou um livro de capa de couro, aberto em uma página — e dialetos.

— Não é o que precisamos — fechei-o e recoloquei na prateleira — Talvez nem achemos nada que ajude e só estejamos perdendo tempo.

Ou... — guardei talvez o que eu tinha em minha mão — Precisamos da biblioteca dos Hamilton, onde tem um milhão de livros de feitiços.

— Eles são mesmo confiáveis? — ergui os ombros e chamei-o para sairmos da biblioteca de volta à sala de estar.

— Acho que sim; têm sido até agora — todo mundo parou de falar quando entrei e parei atrás do sofá em que Joseph estava sentado — Será que algum de vocês conhece algum feitiço para que possamos trazer Friedrich de volta e fazê-lo nos ajudar? Sem sair matando pessoas — Joseph se virou para me olhar com o cenho franzido, quase descrente.

— Está mesmo cogitando essa possibilidade?

— A não ser que tenham um plano melhor. Vocês tem um plano melhor?

— Achei que tivesse o livro de feitiços que Friedrich te deu — Elena falou do outro lado.

— Eu tenho, mas... acho que o que Alice quis dizer é que não temos força o suficiente para fazê-lo. E não acredito que a tenhamos, de fato — todos ficamos em silêncio por um longuíssimo momento até o celular de Elena tocar, notificando uma mensagem, o que a fez fitar Joseph e depois a mim.

— Mais bruxos mortos.

Fui tomar uma água para esfriar a cabeça e levei Edward até a cozinha comigo: — Será que não estou sendo precipitada?

— Por que não se senta um pouco? — fiz o que ele disse, realmente me sentindo um pouco desorientada — Seu... vampirismo deve voltar logo, segundo aquela garota fantasma. E se está falando sobre seu avô do mal, acho que você pode mantê-lo sob seu controle se assim decidir, se achar que não consegue sozinha. *Você* acha que consegue? — ele me deu água, que tomei enquanto analisava sua questão com cuidado e a mão pressionada contra a testa.

— Eu realmente não sei. Preciso pensar, preciso falar com Joseph e analisar se essa é mesmo nossa melhor opção.

— Vocês parecem próximos — ele fez uma anotação com extrema cautela do outro lado do balcão.

— Mais ou menos. Não somos amigos... é difícil descrever, mas confio nele, em algum nível — ele anuiu.

— Juliette — virei-me para ver Joseph aproximar-se de mim em um passo acelerado —

Venha comigo, precisamos conversar — engoli em seco e, com a respiração presa na garganta, larguei o copo na bancada e segui-o.

— Para onde vamos? — perguntei quando passamos pela porta e ele abriu para sairmos.

— Almoçar no Walter's — quando saí e desci as escadas, o sol começou a irritar minha pele. Não era exatamente como se estivesse queimando, mas provocava uma sensação de irritação em minha pele, como se estivesse a 70°C.

— Por que está me levando para almoçar? — cobri o sol com a mão e franzi o cenho ao abrir a porta de seu Volvo preto que eu nunca tinha visto antes e que, para os padrões dos Hamiltons, parecia medíocre e pouco chamativo. E chamar atenção parecia ser o oposto do que Joseph sempre queria.

— Porque precisamos conversar e não dá para fazer isso com sua casa cheia de gente — ele só respondeu quando já estava saindo com o carro, girando o volante de modo hábil enquanto eu esfregava as têmporas e mantinha a cabeça baixa, sem nem ao menos ter colocado o cinto — Você está bem? — ele me deu uma rápida olhada quando não falei nada, não o enchi com minhas perguntas tolas, como sempre era quando passávamos algum

tempo juntos.

— Mais ou menos — ergui os olhos para ele, que olhava atentamente para a estrada — Sinto que estou em transição de novo — inclinei-me e o sol me queimou como se eu tivesse sido jogada em uma fogueira intensa e ardente, de modo que me joguei novamente contra o banco, ouvindo o ruído das rodas do carro contra o chão de terra, segundos antes de Joseph entrar na estrada, sentindo como se minha cabeça fosse explodir de tanta dor. Os zumbidos a ponto de me deixarem louca.

— Talvez isso ajude — com a mão esquerda no volante, Joseph alcançou o bolso interno de seu paletó escuro, quase preto, e estendeu meu anel do dia em minha direção. Minhas mãos apertavam minhas têmporas como se aquilo fosse fazer a dor enlouquecedora parar. Peguei o anel e o coloquei-o, na esperança de que aquilo fosse parar — Na verdade, é pior do que estar em transição. A magia está voltando com tudo para o seu corpo; é mil vezes pior do que a transição e vai te fazer enlouquecer — com as duas mãos apertando volante, ele me lançou um olhar de preocupação.

— Poderia ter me dito isso antes — falei entre dentes, em um tom agonizante, ainda apertando

minhas têmporas enquanto um ruído de dor atravessava meus lábios contra minha vontade. A queimação tinha passado, mas a fome só aumentava e era mil vezes pior do que tinha que eu tinha experimentado, até quando fiquei morrendo de fome dentro da minha própria mente, no mundo prisão e quando Malcolm me prendeu na minha mente. A sensação era indescritível e veio de uma hora para outra.

— Acho que teremos que cancelar nosso almoço.

— A não ser que sirvam bolsas de sangue lá, talvez não vá funcionar muito — gemi de dor entre dentes, curvando-me para frente.

— Tudo bem. Em 24h, você vai se acostumar e conseguir controlar melhor esse fluxo de magia, depois, a fome.

Não estava acreditando nas palavras dele tanto quanto acreditaria algum tempo antes, pois parecia que algum bruxo tinha lançado sobre mim aquele velho truque de causa uma hemorragia continua; um belo truque se você fosse um bruxo lutando sozinho contra um vampiro. Algum tempo depois, percebi que ele tinha parado o carro e ergui os olhos para ver a imponente mansão Hamilton diante de nós, parecendo um pouco assombrada.

— Vem, tem umas bolsas de sangue no porão — abri a porta do carro e, antes que eu me desse conta, ao me apoiar na porta do carro para ficar de pé, meu braço tremeu em um espasmo e quase caí. Contudo, Joseph me agarrou pela cintura antes que eu caísse e me manteve de pé enquanto fechava a porta e me ajudava chegar até a porta.

— Acho melhor... ficar longe de mim, eu quero muito te morder — afastei-me dele, já capaz de ficar de pé sozinha, dando tanto passos para trás quanto era possível.

— Sou imune a essas suas mordidas.

— Eu posso te matar! — esbravejei e virei o rosto, tentando me conter — É o que eu quero fazer agora, na verdade. Quero rasgar sua garganta e drenar seu sangue... — caminhei rapidamente em sua direção — até a última gota.

— Você não pode me matar — falou muito calmamente e franzi o cenho, levando a mão direita à testa.

— Desculpe, eu não sei o que deu em mim. Eu não... quis te dizer isso — apoiei a mão esquerda no móvel, ao lado do abajur.

— Eu sei que não quis, agora venha. Sangue vai aliviar sua fome.

— Aliviar?! Eu... — estava começando a ficar quente. E louca — Você é o xamã poderoso aqui — falei enquanto caminhávamos até o porão — Não pode dar um jeito nisso?

— Sobrecarga de magia ancestral? Já conversamos sobre isso, Juliette — não conseguia raciocinar muito bem naquele momento, por isso, limitei-me a balançar a cabeça e tentar me controlar. Joseph abriu a porta do porão e descemos até lá, onde tinha um freezer, e de onde ele tirou uma bolsa de sangue. Acabei com ela em um breve suspiro e peguei a segunda, que estava em sua mão — Melhor? - assenti, já na terceira, com os olhos fixos naquele azul que, na penumbra, parecia mais escuro.

— Obrigada — lambi os lábios lentamente, notando que tinha tomado tudo com tanta pressa e desespero que estava escorrendo pelo canto da minha boca. Ao que Joseph me ofereceu um lenço de seda, branco e imaculado.

— Podemos almoçar agora? — anuí e ele passou por mim.

Voltamos à cozinha, enquanto Joseph anunciava que almoçaríamos ali mesmo, para poupar tempo, e vi Lauren tirar o casaco enquanto entrava na

cozinha: — Lauren — murmurei o nome dela com descrença enquanto Joseph tirava o paletó.

— Ainda bem que não te peguei em um signo ruim — falou bem humorada. Ela se sentou, mas permaneci de pé, cheia de desconfiança.

— O que está acontecendo aqui? — dei alguns passos para trás, fitando Joseph detrás do balcão e Lauren quase que de frente para mim; seu sorriso bem humorado se desfazendo.

— Retiro o que eu disse.

— O que é tudo isso? — virei-me para Joseph, espumando de raiva — *O que está acontecendo?* E o que era aquela conversa de “*Precisamos conversar*”?

— Juliette, calma — Lauren ergueu ambas as mãos entre nós na inútil tentativa de parar minha aproximação — Você está surtando. Isso que você está sentindo, é só fome. Vai passar — balancei a cabeça, engolindo em seco.

— Não vai passar — expondo minhas presas e ataquei o belo e atraente pescoço de Lauren.

— Juliette! O que você está fazendo?! — Joseph revirou os olhos, como se lhe entediasses ter que intervir, mas estendeu a mão e senti como se o sangue dela fosse um veneno, e dei alguns passos

para trás com a cabeça explodindo. Caí de joelhos, gritando e com as mãos nas têmporas — Você está bem? — ele parou de me atacar para ver como Lauren estava. Ela se sentou e tocou o pescoço com a ponta dos dedos.

— Você sabe que estou bem, ela é quem está pirada — e suspirou. Fechei os olhos com força e, inconscientemente, deitei-me no chão com os olhos fechados, incapaz de me manter de pé, sentindo o sol entrar através da janela e ainda me queimar, porém, de modo mínimo.

— Realmente precisamos conversar.

— Venha aqui, Juliette. Vou absorver parte da sua magia — Lauren ajoelhou-se ao meu lado e segurou minha mão, contudo, sentia-me desfalecida, incapaz de mover um músculo sequer de tão sobrecarregada que estava.

— Desculpe... — murmurei — Eu... Perdi a cabeça — meus olhos ainda estavam fechados e me sentia fraca, como se não tivesse me alimentado minutos antes. Ou fosse quanto tempo tinha se passado — Eu a matei?

— Você também não pode matá-la, então é melhor ficar por aqui por enquanto. Com duas

criaturas que você não pode matar — ele empurrou uma porta e, poucos segundos depois, pousou-me em uma cama macia e confortável, dando-me confiança e força o suficiente para abrir os olhos.

— Como assim, não posso matá-la?

— É, precisamos falar sobre isso... — deitei-me em posição fetal, bagunçando os lençóis da cama, meu cabelo caindo em meu rosto. Joseph estendeu a mão e tirou meu cabelo do rosto e me fez olhá-lo. Com o rosto retorcido em dor, busquei acalmar-me, nem que fosse só um pouco, o suficiente para olhá-lo nos olhos.

— O que está acontecendo? — ele fechou os olhos por um momento, com a mão sobre minha testa, e toda a dor e agonia cessaram.

— Eu estava falando sério, Lauren e eu precisamos te dizer uma coisa — engoli em seco e tentei voltar à mim, pensar claramente e me concentrar no que ele estava dizendo, sentando-me vagorosamente. Antes que eu me sentasse e perguntasse mais uma vez o que diabos estava acontecendo ali, olhando o quarto de hóspedes a minha volta, Lauren interrompeu bruscamente meus pensamentos quando entrou e fechou a porta.

Inacreditavelmente, o pescoço dela estava

perfeito, sem nenhuma marca ou cicatriz, apenas seu vestido em um tom claro, quase branco, tinha uma mancha de sangue: — Consegue se controlar?

— Acho que sim — murmurei e olhei para Joseph, e novamente para ela — O que...

— Vai parecer loucura o que vou te dizer, e eu quis evitar que você soubesse, mas, diante das circunstâncias, não posso mais esconder — ela começou a tirar a jaqueta, muito lentamente.

— *O que...* — minha visão estava levemente embaçada, e piorando, mas me esforçava para focar nela.

— Não sou uma bruxa.

Salve minha alma^[40]

— Juro que não estou entendendo nada — pressionei minhas costas contra a cabeceira da cama com força, na inútil e tola tentativa de acordar do que eu pensava ser um horrível pesadelo.

— É, eu sei que é complicado. Mas vou explicar tudo, só temos pouco tempo.

— Pouco tempo pra quê? — ergui os olhos dos lençóis para ela — O que você é, se não é uma bruxa? E como faz *feitiços* se não é uma bruxa? — estava perplexa, ainda achando que aquilo não estava acontecendo, de fato.

— Uma sereia, Juliette — foi a voz de Joseph que me arrancou dos meus pensamentos insanos — Uma sereia — e diminuiu a voz, buscando meu olhar.

— Isso é loucura — com as pernas erguidas na altura do peito, afastei-me dos dois, que julguei estar ficando maluca. Ou eles é que estavam.

— Desse jeito não vai dar pra explicar. Ela está ficando maluca — Lauren falou com Joseph enquanto eu abraçava os joelhos, surtando, sentindo que ia implodir a qualquer segundo — Levanta, eu vou fazer alguma coisa, se você não vai — ela parecia irritada com aquela situação toda e Joseph fez o que ela disse, levantando-se para ela assumir o lugar dele, ao que me afastei ainda mais, com uma onda súbita de medo e paranóia.

— Fica longe de mim! — passei a língua pelos lábios, apertando meus braços em torno dos meus joelhos até doerem.

— Pare de agir como uma criança, nós precisamos conversar — enquanto ela falava, tudo que eu conseguia fazer era balançar a cabeça veementemente, afastando-me cada vez mais, a cada segundo.

— Não, não, não. Fique longe de mim — antes que ela pudesse dizer qualquer outra coisa, levantei-me e, rapidamente saí dali.

Do lado de fora, enquanto eu andava pela floresta, cobria meu rosto com a mão, tentando

proteger-me do sol que me queimava. Tudo que eu tinha ciência era que estava morrendo de fome, quase que literalmente, e talvez até tendo alucinações, pois quando me virei, cercada de árvores e mata fechada, vi Malcolm parado diante de mim. Meus lábios estavam entreabertos e secos, e mordi o lábio inferior: — Minha querida e doce Juliette — ele tinha as mãos nos bolsos de modo casual enquanto se aproximava — Há quanto tempo! Você não parece muito... *sã* — ergui o queixo ligeiramente, sem saber o que dizer, mal conseguindo respirar. Ele parou a minha frente como um homem inofensivo.

Por um momento, não consegui dizer nada: — Você está mesmo... *aqui*?

— Estou, você não está alucinando. Não comigo — e sorriu lentamente — Como estão seus doces e falhos planos? — ele andou a minha volta, fazendo uma finíssima camada de suor se formar em meu rosto, minha respiração acelerar, meu pulso disparar como se eu estivesse correndo numa maratona. Virei o rosto sutilmente para acompanhar seus movimentos, com os punhos fechados com tanta força que minhas unhas curtas cortaram minhas mãos — Ainda achando que derrotar os

ancestrais acabaria comigo?

— Te enfraqueceram — foi tudo que consegui murmurar, ao que Malcolm se limitou a um dar de ombros.

— Um pouco, mas já restabeleci minhas forças. Na verdade — ele ergueu a mão esquerda, pontuando bem suas falas ao ficar diante de mim, ao passo que girar o corpo, fitando-o com curiosidade —, vocês me ajudaram. Criaram uma onda forte de magia, o suficiente para abrir uma porta para o Outro Lado. Mas, não. Não foi o que eu fiz — ele balançou o dedo e enfiou-o novamente no bolso de sua calça escura e bem cortada.

— Outro Lado? — não sabia bem o que era outro lado, só que minha voz era fraca e condescendente, meus pensamentos estavam desorganizados e eu lutava para formar frases concretas — Onde ficam os mortos?

— Mortos sobrenaturais, sim. Parece que alguém fez a lição de casa. Enfim, eu roubei essa magia — ele ergueu as sobrancelhas e retorceu os lábios, como se quisesse dizer “*Ah, que chato! Mas é a vida*”, e resignei-me a apertar as unhas contra minha mão, engolindo em seco com dificuldade — Além de me proporcionar esse pequeno *empréstimo*

de um enorme depósito de magia, eles a enfraqueceram ao fazer com que seu vampirismo voltasse com tudo. Você não parece muito saudável. Não comeu seus brócolis no almoço?

— Tenho força o suficiente para acabar com você — esbravejei fracamente. E Malcolm sorriu.

— Louca desse jeito?! Eu acho que não, querida. Você está pálida, parecendo mais um cadáver do que uma vampirinha saudável e bem nutrida com o bom O negativo. Você não consegue controlar sua fome — ele chegou ainda mais perto e mordi o lábio, levemente intimidada —, muito menos sua magia. Necromancia, nem se fala, meu amor. Então, é, acho que você está definitivamente fora de combate por enquanto.

— Não, não estou. Eu vou acabar com você, quando você menos esperar — aquilo soou mais como uma ameaça, mas Malcolm ainda tinha uma expressão de deboche.

— Não estou preocupado com isso. Só quero saber... você guardou aquela caixa de madeira que te dei? — franzi o cenho diante da pergunta, tentando me lembrar onde a tinha deixado durante aquele tempo todo.

— O que ela é?! — franzi o cenho, estranhando

que ele aparecesse para perguntar dela depois de tanto tempo.

— Veja, eu estou bem com o posto de malvadinho, porque alguém ter que estar nessa posição, então, por mim, tudo bem — ele abriu os braços por um momento, exibindo no rosto um sorriso contido — Mas você, Juliette... — continuou em um tom reprovador, balançando a cabeça com uma atuação digna de um Globo de Ouro — você tem sido a vilã sem nenhum propósito. Tudo bem que eu te matei um monte de vezes, mas precisa-se de um propósito quando se assume essa posição.

— Do que você está falando? — balancei a cabeça sem entender absolutamente nada.

— Estou falando do que você está fazendo — encaramo-nos por um momento antes de ele revirar os olhos — Meus netos — novamente enfiando as mãos nos bolsos, Malcolm assumiu uma postura mais séria, prosseguindo sua fala muito lentamente: — *Juliette, você precisa* escolher.

— Escolher, o quê? Isso não é nenhum joguinho para escolher peças e movê-las como eu quiser — respirei fundo, notando que estava ligeiramente melhor com relação à minhas paranoias e loucuras,

mesmo sem entender como tinha passado tão rápido. Ou talvez fosse apenas um alívio momentâneo.

— Não! *Você* está tornando isso um jogo. *Você* está jogando os dois como peças de xadrez, de um lado para o outro, e não estou falando só do romance adolescente bobo entre você e quem quer que seja, mas, quem você vai escolher é importante. Então, *escolha* e, dessa vez, certifique-se de que será a escolha certa para todos...

— Espere — abri a boca e tornei a fechá-la antes de abrir mais uma vez — Você está falando da tal *profecia* que vai acabar com todos à qual os ancestrais se referiam incansavelmente?

— É, sua tolinha, por que mais eu estaria interessado nessa bobagem? — ele deu um passo para trás — E, por último, pegue a caixa, onde quer que ela esteja agora.

— Por quê? — franzi o cenho suavemente enquanto ele caminhava vagorosamente para trás.

— Vai te ajudar com seu descontrole.

— E por que devo acreditar que você quer me ajudar, e não me matar? — ele ergueu o queixo e deu de ombros devagar.

— Eu quero acabar com você, de uma vez por

todas, mas, nesse momento, a tal *profecia que vai acabar com todos à qual os ancestrais se referiam incansavelmente* me impede, e não gosto de bater em cachorro morto, então, quando eu puder, vou matar você e toda a minha família, depois a sua. Por agora, encontre a caixa em formato de coração e recomponha-se, por favor.

Se eu sabia que não podia confiar em Malcolm sob hipótese alguma, por que estava indo para casa, procurar onde eu tinha colocado a caixa? Leve e momentaneamente recuperada, em minha vampiresca velocidade, cheguei em casa rapidamente, correndo ainda mais rápido até meu quarto antes que minha mãe, que estava na sala, fizesse alguma pergunta que eu não pudesse responder.

Peguei a caixa no armário em meu quarto e abri-a, mas, como antes, estava vazia e não havia nada nela que indicasse o que eu deveria fazer. Em minha loucura e paranoia, nem tinha cogitado confiar em Malcolm e fazer o que ele tinha dito, muito menos perguntar a ele o que deveria fazer com aquela maldita caixa, que era só um pedaço desgraçado de madeira em minhas mãos: —*Ahh!*

— gritei fora de mim e joguei a caixa com toda a minha força do outro lado do quarto, em um canto perto da janela e respirei de modo ofegante. Entretanto, quando enfiei meu rosto entre as mãos, a caixa emanou uma luz azul que, pouco a pouco, começou a se expandir e dominar o quarto.

Franzi o cenho e acalmei minha respiração devagar, caminhando na direção da caixa aberta e peguei-a do chão. Quando toquei a luz, como bruxa, pude sentir a magia que me dominava e quase me implodia, deixar meu corpo. A luz estranha parecia sugar minha magia, enfraquecendo momentaneamente meu corpo, e se estava indo direto para Malcolm, não me importava.

Estava plenamente feliz em me livrar dela.

— Já sei o que vamos fazer — ainda não completamente recuperada, e nem um pouco disposta a deixar aquilo transparecer, mesmo me apoiando no corrimão enquanto descia as escadas, estava considerando que a melhor defesa era o ataque.

Formulei um plano rápido na minha cabeça e descí para compartilhá-lo, contudo, antes que eu terminasse de descer em uma velocidade humana e

normal, já tendo a atenção da minha mãe, a porta se abriu e Lauren e Joseph entraram por ela, sem fôlego, e me veio a cabeça que Lauren tinha me dito umas bobagens mais cedo, só que ainda não conseguia me lembrar completamente o que era. Ou se era alguma coisa importante, por isso, ao vê-la, fitei-a com o rosto inclinado e uma intensa curiosidade. O ombro de seu vestido estava manchado, mas ela parecia perfeitamente bem, apenas um tanto aflita, para dizer o mínimo.

— Lauren... — pronunciei seu nome lentamente, sem saber o que queria dizer a ela, que respirou fundo por um longo momento.

— Então você está aqui. O que aconteceu? Para onde você foi?

— O que está acontecendo aqui? — minha mãe alternou o olhar entre Lauren, Joseph atrás dela, e eu, que era a última pessoa paranoica e perturbada para quem se deveria perguntar qualquer coisa.

— É, o que houve? Você disse que queria falar alguma coisa comigo. Alguma coisa importante — terminei de descer as escadas e Lauren enrijeceu os ombros, parecendo desconsertada, embaraçada e percebi que estava inventando alguma desculpa. Talvez fosse algum segredo.

— Não era importante — Joseph se colocou a frente dela para falar e parei ao lado da minha mãe, de frente para os dois, fitando a expressão ininteligível de Joseph, seus olhos azuis ainda mais gelados enquanto ele falava, mais frios do que geralmente eram — Mas você enlouqueceu, saiu correndo pela floresta.

— Saí? — ergui as sobrancelhas, lembrando-me somente do meu encontro com Malcolm, nada antes disso.

— Sim, você saiu — e fizemos um momento de silêncio enquanto eu mantinha seu olhar. Antes que alguém pudesse falar qualquer coisa, ou até mesmo fazer qualquer coisa que não fosse respirar, Cedrico entrou pela porta aberta, parecendo cheio de expectativa, mas sua expressão se desfez rapidamente ao ver nossos semblantes tensos.

— Tudo bem por aqui?

— Claro — fui eu quem falou, rapidamente para desviar o olhar dele e dar-lhe as costas para me sentar, levemente abatida, respirando fundo. Cedrico parecia um tanto diferente quando parou no meio da sala, olhando para todos nós.

— Aconteceu alguma coisa? — minha mãe perguntou em um tom calmo e suave, como lhe era

habitual. Quando o fitei de novo, minha mãe se sentou ao meu lado para escutar o que ele tinha a dizer. Notei ainda, que ele segurava alguns papéis.

— Malcolm me deixou esse bilhete — ele gesticulou com apenas um dos pedaços de papel que segurava, mas não pude ver — É um bocado de ingressos para o baile de inverno do colégio. Aqui diz que se não formos, ele vai começar a matar todos lá — levantei-me e peguei o bilhete de suas mãos, lendo cuidadosamente as palavras.

Espero todos vocês no baile de Inverno.

Saibam que se não forem, todos vocês, todas as pessoas que vocês conhecem, começarão a morrer.

Uma por uma. Pessoas inocentes, como todos dizem.

— Acho que temos um baile para ir — e ergui o olhar até o seu.

— Não. Nós não vamos — minha mãe se inclinou e pegou o bilhete de minhas mãos, lendo-o rapidamente — Claro que isso é uma armadilha.

— Você leu o bilhete. É uma *ameaça*.

— Não é da nossa conta — ela falou de modo enfático.

— Claro que é. Ele mesmo disse, são pessoas inocentes, e se não fizemos nada...

— Ele quer atenção, Juliette. Ele quer a todos lá para *matar a todos*. Principalmente você.

— Ele não vai — abaixei os olhos momentaneamente, e quando os ergui, fitei Joseph atrás da minha mãe, com o olhar convicto como se soubesse o que eu estava prestes a dizer. O que estava se passando pela minha cabeça, mas engoli em seco e pensei um pouco — Ele teve a chance dele, e não vai ser você a me impedir — peguei o bilhete das mãos de uma perplexa Izabel, dando-lhe às costas.

Ainda faminta, tanto de sangue quanto de comida, aproveitei meu tempo livre para procurar alguma coisa na geladeira e escutar minhas mensagens de voz, todas do meu pai.

— *Estou preocupado com você e com tudo que tem acontecido aí, mas sua mãe me fez prometer que ficaria aqui seguro e cuidaria de Hope. E a fiz prometer que ficaria aí para cuidar de você. Me ligue para eu saber que está viva, por favor. Estou te ligando sem parar e você sempre manda mensagem de texto dizendo que não tem tempo para retornar. Me ligue assim que escutar esse*

recado, por favor.

Engoli em seco e escutei o resto das mensagens, em seguida, liguei para ele: — Graças a Deus, você finalmente retornou minhas ligações — ele pareceu aliviado quando falou e mordeu o lábio, sem saber o que dizer. Na verdade, não estava muito a fim de ficar falando que estava tudo bem para tranquilizá-lo, só queria falar o que eu estava pensando e escutar a opinião de alguém que estivesse por dentro, mas não no meio daquela confusão toda.

Assim, contei meu plano todo, contei sobre o bilhete de Malcolm, que eu era uma vampira de novo e que estava um tanto descontrolada, paranoica, louca e faminta, mas disse que estava tudo bem, avançando através daquele assunto para falar sobre magia e feitiços, o que realmente importava. Quando terminei, respirei fundo e apoiei-me no balcão de frente para a geladeira, estática: — Então, o que você acha?

— É uma má ideia — falou como se fosse uma sentença e prosseguiu um momento depois: — Mas, ao mesmo tempo, é uma *boa* ideia. É uma má ideia porque envolve você, mas é uma boa ideia porque... é uma boa ideia. É a melhor ideia. Eu só queria que não fosse você a executá-lo.

NACIONAIS - ACHERON

— Malcolm ainda acha que estou surtando, e disse que não me matar por causa da profecia. Acho que ele não está esperando um movimento meu agora.

— Não vá até ele acreditando nisso, ele *está* esperando um ataque a todo segundo, mantenha isso em mente o tempo todo. Não pareça nervosa ao se aproximar dele, nem calma demais, ele vai perceber. Aja como sempre, com desconfiança, um pouco de cautela, espere um ataque dele a todo momento e talvez, *talvez*, isso possa funcionar.

— Obrigada por confiar em mim, confiar que eu possa fazer isso — sorri calmamente comigo mesma e relaxei meus ombros.

— Sua mãe está preocupada com você, Juliette, seja paciente. Por favor, tome cuidado — engoli em seco e ergui o queixo.

— Eu vou tomar. Não posso prometer nada, mas vou tentar acabar com ele — com isso, nos despedimos e desligamos.

Como estava evitando minha mãe e seu discurso de *ficar segura*, subi até meu quarto sem que ela me visse, apenas um vulto momentâneo na sala de estar. Fui até meu armário procurar um vestido à altura do baile de inverno de uma escola que eu

nem frequentava mais e, em meio à minha procura, agachei-me e peguei uma adaga de prata, deslizando-a pela minha mão com cuidado, repassando mentalmente meu plano.

Distraída, levantei a cabeça para ver Rafael entrar em meu quarto de modo tempestivo e fechar a porta, caminhando em minha direção.

— Que droga você está pensando?

— O quê? — falei um tanto perplexa e ergui as sobrancelhas, ainda sem me levantar; apenas coloquei a adaga de volta no armário.

— Quer bancar a heroína agora, é isso?

— Você não pode vir aqui e achar que pode me dar ordens... — lentamente, me coloquei de pé — Não vou ficar parada enquanto Malcolm machuca as pessoas a minha volta...

— Não pode estar falando sério.

— Você não pode me impedir! — nos aproximamos, cortamos o espaço entre nós ao mesmo tempo e ficamos cara a cara um com o outro — Não estou fazendo por mim.

— Eu posso. Posso te impedir, sim. Só estou repetindo a mesma cena que você fez ao ir até minha casa e me dizer que eu estava errado, estou fazendo o mesmo por você.

— *Por mim?* — repeti com deboche — Está fazendo por si mesmo, está fazendo para alimentar seu egoísmo. Está fazendo por você. Porque se eu acabasse com essa ameaça e vivesse, ninguém se importaria com isso. Vocês são todos egoístas, começando pela minha mãe — comecei a falar mais alto — Depois, por você. Não estou tentando ser a heroína, estou tentando acabar com isso. Eu não faria se não precisasse fazer.

— Então não faça! Me dê o feitiço, eu faço.

— Não — balancei a cabeça — Rafael... — concentrei meus olhos nos dele, que estavam cheios de agonia, até, talvez, dor e respirei fundo com dificuldade, com um nó esquisito na garganta, com as palavras de Lauren e de Malcolm ecoando em minha cabeça. *Escolha, Juliette. Você precisa escolher* — Você vai comigo, mas eu faço. Eu vou ficar bem — ele não disse nada por um momento — Eu prometo, vou ficar bem.

— Por que será que não acredito em você? — um juncos se formou entre suas sobrancelhas e ergueu o queixo suavemente.

— Porque eu já morri três vezes? Quase quatro?

— O que eu posso fazer para te impedir? — dei um sorriso débil, deslizando a língua pelos lábios.

— Nos vemos no baile. Vista-se adequadamente — e dei um tapinha em seu ombro antes de sair.

Não tinha tempo, de fato, para perder tempo com sentimentalismo, por isso, ao descer até a sala de estar, chamei Lauren e Joseph para a biblioteca e tranquei a porta sob os olhares reprovadores da minha mãe: — O que diabo está havendo? — Lauren foi a primeira a falar, irritada, talvez pelo fato de ter me dito algo que eu não me lembrava, mas que deveria.

— Lauren... eu não sei o que você me disse ou queria me dizer, só sei que não temos tempo. Eu tenho um plano e, se tudo der certo, tudo isso acaba hoje, mas preciso que me ajudem.

— Por que nós? Pede ajuda a sua mãe, ela é a bruxa poderosa aqui — ergui o queixo e respirei fundo.

— Porque preciso de alguém ao meu lado que não se importe se vou morrer ou não no processo — alternei o olhar dela para Joseph, que estava muito calado ligeiramente atrás dela, com as mãos nos bolsos de sua calça cinza e ajustada perfeitamente à seu corpo, assim como sua camisa, que tinha as mangas arregaçadas até os cotovelos — Só temos seis horas, vocês estão comigo ou

não? — franzi o cenho e fitei os dois. Lauren remexeu em seus dedos e ergueu o queixo, parecendo contrariada.

— Estou dentro.

— Joseph? — mordi o lábio e fechei as mãos em punhos, ansiosa pela sua resposta, querendo me sentir mais otimista do que eu conseguia.

— Estou dentro também — falou lentamente, levantando a cabeça, fixando bem seus olhos nos meus — Mas me importo se você morrer, só pra constar. Qual o seu plano?

A carga de amargura está
completa; então vá
devagar com a
separação[\[41\]](#)

Lauren ficou batendo o pé no chão de maneira irritante enquanto Joseph segurava minha mão; tão irritante que abri os olhos e olhei para trás para Lauren, lançando-lhe um olhar para que ela parasse de nos atrapalhar, ao que ela entendeu, pois parou o que estava fazendo.

Enquanto canalizava de mim e do colar esquisito de Lauren, fiquei imaginando que tipo de magia era aquela que Joseph estava fazendo, pois eu não

conhecia nenhum feitiço que trouxesse os mortos de volta. Como ele tinha me dito, eu tinha apenas que ter fé e acreditar nele, afinal, ele tinha ressuscitado minha mãe, então fechei os olhos e respirei fundo, esperando que aquela loucura desse certo.

— Calma aí — abri os olhos de modo repentino para ver a banheira a minha frente na velha casa abandonada onde bruxas tinham morrido, mas onde não tinha mais a presença ancestral, naturalmente — Toma isso — Lauren surgiu atrás de mim e jogou umas roupas ao lado da banheira onde Friedrich estava.

Ele pareceu confuso durante um segundo, depois franziu o cenho e olhou para mim: — O que está acontecendo aqui?

— Não tenho muito tempo para explicar, veste logo isso — falei e me virei de costas, escutando enquanto ele se enfiava na roupa.

— Acha que podemos confiar mesmo nele? — Lauren perguntou apreensiva ao meu lado. Joseph parecia neutro, como sempre, quando olhei para ele — Ele parece um oficial nazista da SS^[42]. Me dá medo.

— Ele é alemão, não nazista — balancei a
NACIONAIS - ACHERON

cabeça e olhei para frente.

— Eu estou vivo — virei-me diante da voz de Friedrich —, alguém vai me explicar o que está acontecendo aqui?

— Eu vou — enchi meu peito de ar.

— Me poupe da parte em que aquela menina irritante disse que vocês precisavam da minha ajuda — ele fez um gesto de desdém com a mão ao se apoiar nas bordas da banheira para sair dela, parecendo irritado por ter sido tirado de seu descanso — Do que vocês precisam?

— Quero que saiba que você está preso a mim — comecei a falar, mas Friedrich me impediu de continuar — para o caso de tentar me matar. Ou a qualquer um.

— Não vou matar ninguém — ele se inclinou sobre mim e fixei meus olhos nele — Só quero te lembrar que você é uma mentirosa — falou com raiva, perdendo seu toque de sarcasmo de uma hora para outra — Nunca deveria ter confiado em você!

— Eu sou a mentirosa?! Melhor que do que ser a assassina da família. E saiba que não pude fazer o que te prometi, ainda não tive tempo.

— Tudo isso é mais importante do que cumprir suas promessas — ele balançou a cabeça e desviou

o olhar, enquanto dobrava as mangas da camisa branca que eu tinha roubado do meu pai, feliz por ele não parecer ter sessenta e poucos anos, de fato, e caber na roupa — O que querem que eu faça?

— Vai simplesmente concordar em nos ajudar?
— Joseph perguntou, descrente.

— Quero matar *Dieser verdammte Bastard*^[43] ainda mais que vocês — ele vociferou as palavras em alemão como se Malcolm estivesse bem diante dele — Tivemos alguns problemas no passado — e ergueu os ombros.

— Que tipo de problemas? — franzi o cenho e cruzei os braços na altura do peito, fazendo-o voltar-se para mim, como se estivesse entediado com aquele papo todo.

— Ele matou sua avó — falou com um dar de ombros e meu queixo, imediatamente, caiu em descrença.

— *O quê?* Você nunca me disse.

— Não tinha nada a ver. Agora, vamos, vocês podem me explicar tudo no caminho.

— Então, basicamente, vocês me *trouxeram de volta* para eu fazer o trabalho de vocês? — Friedrich estava ao lado de Lauren no banco de

trás, inclinado em nossa direção, com os braços apoiados nos bancos e uma expressão de reflexão no rosto.

— Não. Eu vou fazer a parte complicada — virei o rosto em sua direção, vendo Joseph muito pensativo, mas coloquei na cabeça que não ia me importar com nada que não fosse Malcolm, iria me concentrar somente nele — Você só vai... fazer a parte que requer magia. *Eu* vou matá-lo.

— Você acha que pode? — ele perguntou, não em um tom descrente, mas em um tom de quem queria ter certeza de que estava entrando em uma coisa que iria dar certo — Porque posso fazer, só pode ser difícil me aproximar dele.

— Não, eu consigo, apenas...

— Você guardou o livro em um lugar seguro, não guardou? — Friedrich ergueu as sobrancelhas.

— Claro que guardei, exatamente onde você me disse — suspirei e virei-me para frente — Só faça a sua parte e me certificarei de que minha promessa será cumprida o quanto antes.

— Depois disso tudo, você ainda vem me falar de promessa — ele afundou-se no banco e Lauren se encolheu os ombros, como se fosse Hitler em pessoa sentado ao lado dela — Mas qualquer coisa

vai ser melhor que aquele lugar desgraçado.

— Aposto que sim — falei, cética.

Às 16h23, finalmente consegui relaxar, respirar por cinco minutos no Walter's com Joseph para tomar um chá quente e colocar a cabeça no lugar. Ele estava muito pensativo e eu queria poder ser o Edward Cullen, para invadir sua cabeça e saber o que ele estivera pensando durante o dia inteiro, principalmente enquanto tomava seu *latte* com os olhos fixos na rua vazia do lado de fora, no céu nublado; basicamente, em tudo, exceto em mim.

Friedrich tinha ficado com Lauren em Essex enquanto transferia sua magia para a adaga que eu usaria em menos de três horas. E, pouco a pouco, o nervosismo e a paranoia começavam a me invadir mais uma vez: — Fale comigo — falei de repente e Joseph se virou, com o cenho franzido, pousando o copo na mesa. Apertando meu chá com as duas mãos, notei que estava começando a tremer — Estou ficando paranoica de novo, por favor, fale comigo. Sobre qualquer coisa.

— Não se lembra mesmo do que Lauren te falou na minha casa? — franzi o cenho diante da peculiaridade do que era qualquer coisa para ele;

NACIONAIS - ACHERON

algo tão sério.

— Não. Quis dizer... algo que não seja sério nem mortal.

— Tudo bem, fico feliz que tivesse pirado e que não se lembre — ele deu o primeiro sorriso durante o dia inteiro, o mais belo do qual eu conseguia me lembrar.

— É tão perigoso, sério ou mortal assim?

— Se você viver, eu te conto — a contragosto, eu já estava sorrindo enquanto a garçonete se aproximava a pedido de Joseph — Quero um uísque — franzi o cenho, bebendo meu chá, mas não falei nada. A garçonete voltou, levou o uísque e tornou a se afastar, ao que Joseph deu um empurrãozinho do copo em minha direção — Você vai precisar.

Respirei fundo e olhei a nossa volta antes de pegar e virar tudo de uma vez: — Estou pronta — inflei o peito de ar e soltei lentamente, sentindo-me mais poderosa depois das palavras nada encorajadoras de Joseph.

— Só para te lembrar, caso ache o que não combina com seu vestido de princesa — ele falou enquanto pegava sua carteira no bolso do paletó —, *não tire isso!* — e gesticulou na direção do meu

pescoço, onde estava pendurado o amuleto que Friedrich me dera, e o que ele tinha me dado estava por dentro da roupa.

Parecia-se com um talismã ou algo parecido, mas o que ele tinha me dito fora que aquilo era uma *coisa de xamã*, e não achei que fosse importante ficar perguntando.

Não entendi bem o porquê, mas estava tocando *Wings*^[44] no baile do colégio quando entrei no ginásio lotado, parcialmente escuro e multicolorido, com uma bola espelhada no teto. Não estava me sentindo muito confiante, pois o dose de uísque só durara dois segundos e eu não conseguia me embriagar. Fiquei parada na porta dos fundos, que dava para uma floresta aberta, que tinha sido limpa para que dezenas de carros pudesse estacionar ali, e, alguns segundos depois de eu repetir para mim mesma, mentalmente, cem vezes, que eu conseguia, Cedrico parou ao meu lado com seu terno chique e sua gravata com o nó perfeito. Assim como tudo nele emanava a mais perfeita confiança e... *Perfeição*.

Seu cabelo estava mais curto e seus olhos pareciam faiscar quando encontraram os meus, os
NACIONAIS - ACHERON

flashbacks de tudo o que tinha acontecido nos últimos dias voltando com força à minha cabeça. Ao fitá-lo, em seu melhor estilo de Joseph Morgan^[45], e, de algum modo, diferente.

— Pronta para enfrentar o diabo?

— Quem consegue estar pronto pra isso?

Não estava pronta, mas precisaria estar a qualquer sinal de perigo, entretanto, enquanto ainda não podia avistá-lo, fingi ser uma garota normal no último baile do ano, que estava atrasado, de fato, mais para baile de *fim* de inverno, mas muita coisa tinha acontecido naquela cidade. De fato, perguntei-me o que todo mundo achava que estava acontecendo sem saber sobre bruxos, magia, feitiços e família maluca. Pensando naquilo tudo, apenas respirei fundo, olhando para o meu vestido para me certificar de que meu vestido estava impecável.

Vestido de princesa, como Joseph tinha se referido a ele. Ela leve, em um tom muito claro de rosa, sem mangas e sem decote, marcado na cintura e com saia pinçada, era longo e cobria meus saltos por conta da minha altura ridícula, além de cobrir o coldre em meu tornozelo com a bela adaga forjada em prata pura, onde Friedrich tinha feito dezenas de

feitiços, usando, inclusive, a magia que estava *solta por aí*, segundo ele, e colocado nela magia o suficiente para matá-lo de uma vez por todas, mesmo que eu pudesse morrer no processo. Ele tinha deixado claro que aquele era um risco real.

De qualquer modo, eu estava pronta, fosse para o que fosse: — Quer beber alguma coisa? — voltei a realidade e olhei para Cedrico com as sobrancelhas levemente erguidas, lembrando que estávamos em um baile, não em um ringue.

— Claro — ele foi buscar as bebidas e coloquei uma mecha do meu irritante cabelo curto atrás da orelha, odiando Malcolm por aquilo, e por me impossibilitar de fazer um penteado complicado para um baile chique.

— Juliette — girei nos calcanhares para olhar para uma bela Lauren, em um vestido branco, de tecido leve e bonito, vir até mim. Sua franja estava jogada casualmente para o lado e o cabelo liso, parecendo Taylor Swift em seu ultimo clipe. contudo, permaneci surpresa quando ela me abraçou com força.

Rafael estava atrás dela, tão surpreso quanto eu enquanto ela se afastava. olhando daquele ponto, eu não podia dizer que ela estava mais diferente de

quando tínhamos nos conhecido.

— Oi, Lauren — falei de modo desajeitado, inconscientemente desesperada para desviar o olhar do de Rafael, nem que fosse para olhar para ela.

— Quem diria que vocês se tornariam melhores amigas! — Rafael debochou graciosamente.

— Não somos amigas! — falamos em uníssono e ele sorriu, olhando por sob meu ombro enquanto Cedrico se aproximava.

— Olha, vocês são amigas agora — Cedrico me entregou um copo vermelho de plástico com cerveja e Lauren se afastou rapidamente de nós, ao passo que Rafael se aproximou dela.

— Não somos amigas, Cedrico, nunca seremos — Lauren falou com um sorriso suave enquanto eu provava da bebida, ainda lutando internamente contra aquela loucura que me corroia.

— Vamos beber alguma coisa, nos falamos mais tarde — Rafael anunciou e os dois se afastaram.

— Sou só eu quem está achando tudo isso muito...

— Quietos? Não. Definitivamente, não — cheguei um pouco mais para a direita, para sair da porta e esquadrinhei o local.

Decepcionada, me dei conta de que não tinha ali

nada além de música eletrônica ruim tocando e adolescente idiotas dançando aquela música ruim. A verdade é que eu também era uma meio adolescente idiota e queria estar dançando também, como uma pessoas normal, mas aquilo parecia tão distante que nem me dei ao trabalho de pedir Cedrico para dançarmos, pois ele parecia mais absorto em seus pensamentos que eu.

— Vocês parecem dois idiotas — virei a cabeça, surpresa — parados como idiotas em um baile de inverno.

— Meu Deus! — envolvi o pescoço de Alex com os braços, quase pulando em cima dele.

— Calma aí, eu estou acompanhado. E você também — sorri ao me afastar, mais por sentir instinto de rasgar sua garganta do que por vontade própria — Por que ninguém está dançando? — ele olhou para Cedrico através do meu ombro.

— Estamos ocupados com outras coisas — ele falou de modo apático.

— Eu sei o que está rolando, tem alguém que não me deixa de fora. Mas vocês deveriam dançar — e me abraçou mais uma vez, dizendo que era o que ele ia fazer.

— Nós *deveríamos* dançar — voltei-me para
NACIONAIS - ACHERON

Cedrico, que não parecia nem um pouco disposto a dançar comigo, de modo que peguei seu copo e, junto com o meu, coloquei sobre uma mesa perto de nós; estendi a mão, esperando que ele a pegasse — Eu estou pedindo, por favor — falei em tom dramático, mais que o normal, e um juncos suave se formou entre minhas sobrancelhas.

— Eu não quero dançar com você — abaixei o braço, deixando-o cair ao lado do corpo.

— Por que não?

— Não tenho que me explicar, só não quero dançar com você. Viemos aqui para fazer uma coisa, vamos fazê-la. Não vamos dançar. Agora, se me dá licença... — e saiu, deixando-me boquiaberta em um canto escuro e esquecido daquele baile bobo e ridículo.

Tomei mais uma cerveja, ainda sem entender por que serviam cerveja em um baile para adolescentes, percebendo que algo estava claramente muito errado ali. Mas, como não era da minha conta, virei quanta cerveja eu conseguia no menor tempo possível, atenta a tudo que acontecia ali o tempo inteiro. Um cara com jaqueta vermelha do time do futebol, que eu nem sabia que existia naquele lugar, parou ao meu lado, e ergueu a mão para se servir,

um segundo antes de mim.

— Não deveria beber tanto assim. Algum babaca te deixou esperando? — ele é que parecia um babaca que se achava pegador, ao que franzi o cenho.

— Não que seja da sua conta, Sr. *Eu-Estou-Totalmente-Disposto-A-Te-Passar-Cantadas-Nas-Quais-Você-Nunca-Vai-Cair* — ele riu e afastou-se apenas o suficiente para eu pegar mais cerveja.

— Sou o James — ele estendeu a mão com um sorriso e olhei-o de cima a baixo, ignorando sua mão — Então, se estiver querendo dançar...

— Acho... acho que eu quero dançar, sim — ele estranhou, mesmo sendo um babaca, quase sacando o que estava se passando pela minha cabeça.

— Parece que minha cantada não era tão ruim assim — ele mudou o peso de uma perna para a outra, sem perder seu sorriso irritante — Por que tenho a sensação de que está me usando para fazer ciúme em alguém? — revirei os olhos.

— Quer dançar ou ficar aqui parado?

— Com licença, posso roubá-la por um minuto? — James olhou para Joseph de modo estranho, quase suspeito.

— Claro, senhor Hamilton — sem parecer acreditar no que acontecia diante de seus olhos, ele se afastou e aproximei-me de Joseph no momento em que começou a tocar a música mais romântica, a pior, do mundo para que se pudesse dançar. Mas aproximei-me dele e automaticamente entrelacei meus dedos aos seus e pousei o queixo em seu ombro, o que o deixou imediatamente surpreso.

— Algo errado?

— Cedrico não quis dançar comigo. Aliás, ele saiu e me deixou aqui sozinha.

— Uma separação abrupta? Dor de coração partido, entendi.

— Não é isso — afastei-me, com o cheiro do seu sangue preenchendo todo o ar, como um veneno, intoxicando-me — Sabe, quando ficamos *presos* juntos, nós conversamos muito — mantive o rosto na mesma altura do seu, um tanto perto — *Discutimos muito*, na verdade. Cedrico acha que tudo ficou muito claro, que não tem mais nada para falar comigo, mas nem tudo ficou *tão claro assim* — balancei a cabeça e desviei o olhar do dele.

— O velho dilema sobre suas más escolhas.

— Não venha você também com essa conversa de que eu preciso *escolher*... — suspirei de modo

dramático, deixando que ele guiasse todos os meus passos.

— É a profecia, não sou eu.

— Eu não vou escolher, Joseph. Eu vou... ficar sozinha e fora disso — de modo inesperado, ele me girou — Acho que tudo isso é uma armadilha — falei quando ele se aproximou novamente, guiando-me com maestria.

— Para nos atrair até aqui?

— É, estamos aqui, e ele não está, o que me faz pensar que...

— Ele está nos distraindo — ele olhou rapidamente a nossa volta, voltando seu olhar até o meu, ainda me guiando — Não saia daqui — pontuou quando fiz a menção em me afastar.

— Por quê não?

— Não está sentindo a magia a nossa volta? — franzi o cenho.

— Meus sentidos estão um pouco bagunçados, o que está sentindo?

— Magia não é exatamente minha especialidade, mas há uma poderosa a nossa volta, de uma hora para a outra...

— Com licença... — virei o rosto com o cenho franzido, surpresa ao ver Cedrico, com sua melhor

expressão galanteadora, ao nosso lado — Posso?

— Claro — abri a boca para protestar e Joseph soltou minha mão, restando-me nada além de me virar para Cedrico, como uma criança birrenta e aceitar, a contragosto, sua mão estendida.

— Parece que alguém mudou de ideia — ele me puxou até seu peito, diante de meu tom amargo, e colocou o braço esquerdo a minha volta, entrelaçando os dedos da mão direita aos meus, praticamente me imobilizando.

— Mudei — a música acabou e começou a tocar *Hunger*, ao que puxei meu braço, mas Cedrico me manteve bem segura a ele — Você queria dançar comigo, vamos dançar — ele guiou meus passos, habilmente, mais para o centro.

— O que há de errado com você?

— Você sabe tudo o que falamos, não finja que não mudou as coisas.

— Você disse que não tinha mudado — sorri de modo sarcástico, quase que involuntariamente.

— Talvez eu estivesse mentindo — ele desviou o olhar do meu e me fez girar, em círculos rápidos antes de me agarrar novamente, com mais força, para mais perto, aproximando demais nossos rostos e mantendo meu olhar até que todas aquelas

peessoas tinham desaparecido, assim como a música, que foi diminuindo gradativamente até silenciar completamente.

Quando me dei conta, quase um longo minuto depois, que tinha esquecido-me de soltar o ar do meu peito, expirei lentamente, percebendo que, mesmo assim, tudo dentro de mim doía — Eu menti, como se sente sobre isso?

— Está tentando provocar sentimentos em mim agora? Que infantil!

— Você nunca diz como se sente sobre nada, até comecei a pensar que não tenha mais humanidade — ele prosseguiu em um tom murmurado.

— Não é porque não saia gritando por aí o que sinto, que não sinta nada nunca — defendi-me.

Cedrico ficou em silêncio por um longo momento e, quando estava prestes a dizer que deveríamos nos concentrar em Malcolm e no que tínhamos ido ali fazer, ele me jogou para trás, com a mão cuidadosamente colocada em minhas costas para apoiar meu peso, os dedos entrelaçados aos meus deliciosamente. Não sabia que ele sabia dançar, afinal, não tínhamos tido aquela oportunidade. Contudo, enquanto a música ecoava em minha cabeça, eu só conseguia pensar no

quanto queria beijá-lo e nos motivos para não fazê-lo.

I got a hunger in me...^[46] Em um movimento rápido, ele me puxou para cima e a música acabou em um denso *fade*, conforme as luzes se acendiam, iluminando todo o ambiente e interrompendo bruscamente *nosso momento*.

— Olá, querida — com a respiração presa na garganta, virei-me para ver Malcolm parado diante de mim. Todo meu corpo entrou em estado de alerta, ciente de que eu estava em uma arriscada posição ali, visto que eu não podia sacar a adaga acima do meu tornozelo e esfaqueá-lo no peito — Fico feliz que tenha me felicitado com a honra de sua presença, e perdoe-me pelo meu atraso — ele estava elegante em um de seus ternos escuros e bem cortados — Estou aqui agora — e sorriu; um sorriso que retorceu minhas entranhas. As pessoas foram se afastando de modo lento e estranho e tudo que se podia escutar no salão silencioso, eram seus passos, cada vez mais distantes.

Como se estivessem compelidas a tanto, todos se apoiaram na parede, lado a lado, exceto, é claro, por Rafael, Cassie e Lauren, que caminharam em nossa direção. Contudo, um movimento com a mão

foi o suficiente para Malcolm jogar os dois do outro lado do sala; conscientes, mas com dores o suficiente para que não conseguissem se levantar, ao que recuei um passo, ainda segurando a mão de Cedrico e com todas as minhas forças, o que o fez enrijecer os ombros. Notando que o estava machucando, afrouxei o aperto, sem tirar os olhos de Malcolm, entretanto, ele tirou os olhos dos meus quando captou a aproximação de Lauren, que não tinha sido afetada pela sua magia; ele parecia em choque, meu olhar foi na mesma direção que o seu.

Em seu belo vestido, ela caminhava lentamente em nossa direção, com as mãos fechadas suavemente em punhos e os braços repousados gentilmente ao lado do corpo, como se mundo fosse seu e devesse curvar-se à seus pés. Malcolm inclinou o rosto sutilmente, intrigado: — Que tipo de criatura você é você, minha querida?

— Uma que você nunca, em suas tantas vidas, imaginou encontrar — Lauren sorriu docemente e temi estar sendo vítima de uma poderosa alucinação quando *escamas*, em um vibrante tom de roxo, surgiram em seus braços, aparecendo e desaparecendo.

Malcolm deu um passo para trás, parecendo

desequilibrado, como se, assim como eu, quisesse atribuir aquela loucura às luzes que ainda eram refletidas pela bola espelhada no teto, lançando sobre nós multicoloridas luzes que iam do vermelho ao azul, passando por púrpura. Mas, não. Nada daquilo era uma visão, tornou-se real, quando Lauren, que estava naquele momento a dois ou três metros de nós, começou a cantar.

Não uma música, de fato, ela cantarolou um som suave, mas que se tornou rapidamente insuportável a ponto de me fazer cair de joelhos com as mãos na cabeça, assim como Cedrico, sendo seguida por Malcolm, a quem aquilo pareceu afetar menos do que a mim ou a qualquer um. Sua voz, sua música, era estridente, parecia que minha cabeça ia implodir a qualquer momento; um segundo depois, enquanto a dor se intensificava a ponto de eu querer arrancar minha cabeça, parecia que eu estava ficando louca, sintia aquilo por todo o meu corpo.

— Lauren, pare... — escutei Rafael dizer em um tom de angústia e agonia intensas, ao que tudo indicava, o som tinha afetado a nós cinco, mas os estudantes pareciam ser imunes àquela praga terrível.

Soltei um gemido involuntário e sôfrego, mal

NACIONAIS - ACHERON

conseguindo respirar. E, com mais um espasmo, enquanto eu via as escamas subindo pelo peito até o pescoço dela, aparecendo e sumindo rapidamente, o canto diabólico cessou. Pisquei várias vezes, sentindo que meu cérebro tinha fritado, e tentei me situar.

— Que... *peculiar* — Malcolm limitou-se a dizer, agora, um pouco mais distante de mim, cerca de três metros, quando rapidamente se recompôs. Lauren sorriu e notei que suas escamas tinham desaparecido por completo, ao passo que levei a mão ao tornozelo e puxei a adaga, sem me levantar, esperando pelo momento certo em que deveria agir; quando vi Friedrich entrar no salão ao lado de Joseph, que segurava uma selenita^[47] de tom alaranjado, murmurando palavras que eu não entendia, não sabia nem mesmo que diabo de idioma era aquele, mas sabia que, o que quer que fosse, era poderoso, pois Malcolm voltou-se para eles com o olhar arregalado, ficando de costas para mim, que, mais uma vez sentia a magia ebulir dentro de mim, tão forte que a mão com a qual eu segurava a adaga tremia; Malcolm parecia sofrer uma tortura, como se seu sangue estivesse sendo fervido.

Friedrich, sacando de seu paletó uma adaga, aproximou-se de Malcolm, que parecia prestes a cair, trêmulo, e sem dificuldade, apenas com a mão esquerda erguida em sua direção e a direita segurando a adaga, fez o que todos queríamos durante todo aquele tempo.

Eliminou a ameaça.

A morte e a dama^[48]

Desabei no chão, assim como todos os outros, quando Friedrich cravou aquela adaga no peito de Malcolm criando uma onda tão forte de magia que nos jogou no chão.

Ao menos, nós, bruxos. Friedrich ainda estava perfeitamente de pé, segurando a adaga e, além dele, somente Joseph e Lauren foram imunes àquele poder todo. Apoiei ambas as mãos no chão, sentindo-me estranha e instantaneamente fraca, incapaz, e uma mão estendida me ajudou a ficar de pé: — Cedrico, você está bem?

— Estou. Que merda foi essa? — de pé, soltei a mão de Joseph e dei um passo para trás, desconfiada.

— O que foi isso? — perguntei. Lauren se

aproximou e parou ao meu lado; nesse meio tempo, vi minha adaga no chão, mas ela parecia tão inútil quanto eu naquele momento.

— Você não se lembra mesmo da conversa que tivemos mais cedo na mansão — ela sorriu de modo sutil, natural e belo, enquanto balançava a cabeça, e, antes que eu pudesse prever, ela pousou ambas as mãos na minha cabeça, imediatamente tranquilizando-me de minhas inquietações — Vou te dar uma ajudinha.

Fechei os olhos conforme imagens preenchiam minha cabeça, me deixando confusa. Joseph e eu estávamos conversando, depois Lauren chegou. Eu parecia estar fora de controle e, em seguida, ataquei-a e Joseph a ajudou com algum tipo de feitiço ou magia. E depois... dei vários passos para trás, afastando-me dela com o olhar arregalado, surpreso, confuso.

— O que você é?

— Acho que você já sabe a resposta...

— Não! Eu devo estar ficando louca, por isso não...

— Alguém pode explicar o que está acontecendo aqui? — Rafael perguntou atrás de mim, caminhando em nossa direção.

Lauren virou o rosto para falar com ele: — Você ainda não percebeu, mesmo depois de tudo? — ela estreitou os olhos, como se não acreditasse que ele tinha deixado aquilo passar — Vocês são mesmo muito bobinhos.

— Ela é uma sereia — falei com um suspiro, mal acreditando, e todos olharam para mim, depois para Lauren. Logo, Friedrich se juntou ao nosso círculo sinistro — Você tem muito que explicar — fitei meu querido avô ao lado de Lauren, fuzilando a ambos com o olhar.

— Nós temos, mas há coisas...

— Vocês me deram uma adaga falsa e me mandaram para cá desarmada...

— ... Mas urgentes com as quais precisamos lidar agora — Lauren continuou, erguendo um pouco a voz para se fazer ouvir e nos encaramos por um momento tenso.

— Ótimo!

Estava ligeiramente irritada e não queria entrar em um carro com nenhum deles, pois corria o sério risco de estrangular alguém, no entanto, Joseph foi bem mais objetivo, simplesmente abriu a porta do seu carro e me mandou entrar, como se soubesse

que eu o faria, por uma questão de puro bom senso, quando Elena, surgida do nada, apareceu e disse que *cuidaria* dos alunos e do corpo de Malcolm.

— Você mentiu para você — meu tom soou o oposto do acusatório que eu tinha mentalmente planejado, saiu estranhamente emotivo; magoado demais.

— Mesmo se eu quisesse me desculpar, não é o que você quer ouvir, então não o farei — ele colocou a mão na porta e abriu-a ainda mais, gesticulando para que eu entrasse — Apenas entre na droga do carro — falou de modo impaciente. Irritada com suas palavras, de modo abrupto, bati a porta com força.

— Eu poderia ter morrido — falei com um suspiro, como se tivesse acabado de me perceber o risco que eu tinha enfrentado — É por isso que você iria *querer* se desculpar? — estreitei os olhos, buscando em seus olhos uma prova de inocência, ou qualquer evidência que me dissesse que eu estava certa em meus sentimentos e instintos, mas não encontrei nada.

— Eu posso explicar tudo isso depois, mas, agora, *preciso que entre dentro do carro* — ele pronunciou cada palavra de modo lento,

ênfatisando-as com seu olhar brusco o sentido delas — Apenas saiba que tomei precauções quanto a sua segurança quando decidi entrar nessa com Friedrich e Lauren — ele se inclinou e abriu a porta mais uma vez — Por favor, apenas... *Entre* — Joseph falou com um último suspiro, parecendo exausto para ter uma discussão. Dei um passo a frente, ficando perto demais dele, com somente a porta nos separando e engoli em seco, erguendo o queixo.

— Você vai me explicar isso depois — queria que tivesse soado como uma afirmação convicta, mas foi apenas um tom interrogativo de uma garotinha frágil.

— Eu vou, prometo.

Quando Joseph empurrou a porta da mansão e entramos, todos estavam lá, conversando com os ânimos exaltados. Inclusive Friedrich estava lá, comportando-se como uma pessoa normal no centro da sala, ao que fui até ele com passos firmes e decididos, tremendo de raiva.

— *Beruhigen!*^[49] — Friedrich exclamou e todos se viraram, sutilmente afastando-se quando o fuzilei com o olhar; fúria seria um eufemismo para descrever meus exaltados sentimentos naquele

momento.

Já que ele tinha começado, em minha raiva, continuei, também em alemão: — *Wenn du mich töten wolltest, warum hast du es nicht getan, als du die Chance hast? Warum das jetzt mit meinen Freunden hinter meinem Rücken?*^[50] — vociferei cheia de raiva, segurando meu vestido para não tropeçar nele, muito perto de seu rosto, sentindo o meu começar a ficar vermelho.

— *Ich hätte dich getötet wenn ich wollte dich tot, in die Gefängniswelt, aber ich habe es nicht getan. Weil du mir wichtig bist!*^[51] — balancei a cabeça diante de suas palavras mentirosas, dando um passo para trás com um riso debochado.

— *Der größte Witz... Du kümmerst dich um mich*^[52] — mordi o lábio e balancei a cabeça, meu tom passando de ironia para emoção — *Du bist ein Hurensohn, du kümmerst dich nicht um nichts. Oder niemand*^[53].

— *In Ordnung. Dann, vielleicht musste ich das auf dich setzen, damit du tot bist von deinen großen Liebeshänden Denn das ist, was ich bin. Wirklich böse. Periode!*^[54] — ao terminar de vociferar suas últimas palavras, coloquei-me em dúvidas sobre quem ele estava se referindo como sendo meu

NACIONAIS - ACHERON

grande amor. Contudo, imaginei que não fosse nenhum dos usuais.

— *Sie sprechen von Joseph?*^[55] — franzi a testa, cética.

— *Ja, natürlich*^[56] — ele falou como se fosse óbvio demais e balancei a cabeça.

— Você deve estar louco — dei um passo para trás e só então notei que todos nos encaravam, mas só Cedrico teve coragem de me olhar diretamente nos olhos.

— Está... *tudo bem?*

— Mais ou menos — fuzilei Friedrich com o olhar uma última vez, com a mão esquerda curvada para trás em minha cintura enquanto eu tamborilava os dedos nas costas.

— Podemos todos falar um só idioma agora? — Lauren falou em tom neutro antes que eu me sentasse.

— Podemos, é claro. Desculpe, eu me exaltei — enfiei, trêmula, o rosto entre as mãos e inclinei-me para frente.

— Ótimo, porque achei que estava vendo um filme estrangeiro legendado. Sem as legendas — ergui a cabeça para olhar para Lauren — Desculpe, só tentando aliviar esse clima esquisito.

Rafael se sentou no sofá oposto: — Bem, você pode explicar o que aconteceu no colégio? — respirei fundo e decidi me retirar daquilo, dando espaço aos dois para que pudessem conversar em uma sala cheia.

— Precisamos falar sobre a profecia — Joseph se sentou no mesmo sofá que eu, suficientemente distante para evitar a troca de olhares — Vocês podem discutir o relacionamento depois.

— O que temos a dizer sobre isso? Você mesmo disse que a profecia é imutável.

— Devemos nos proteger como podemos. Agora que Malcolm está morto, tudo pode acontecer — Joseph respirou fundo e uniu os dedos, inclinándose suavemente como se estivesse cansado de explicar tudo o tempo inteiro para um monte de crianças bobas — Acredito que todos tenham sentido uma onda de magia quando ele morreu. É onde tudo começa é se cumprir.

— Espera — finalmente falei, deixando de lado minha determinação em manter a boca fechada, ao que Joseph e Lauren se viraram para mim — O que isso tem a ver com o que você me mostrou? — alternei o olhar entre os dois, mas falando com Lauren.

— Aquilo é só uma visão, não sei se tem alguma relação — ela parou a minha frente e se sentou na poltrona, diagonalmente em minha direção, com as palmas momentaneamente erguidas — Eu não sou bruxa, lembra?

— O que era tudo aquilo então? Algum tipo de truque? — falei, incrédula.

— Não, Juliette, claro que não. Eu tentei ajudar, clarear os pensamentos de vocês — ela olhou rapidamente para Rafael.

— Ou estava nos distraindo — Rafael a avaliou de cima a baixo e Lauren voltou o olhar para ele, estreitando os olhos como se não tivesse ouvido o que tinha acabado de ouvir — Afinal, o que você está fazendo aqui? Armando alguma coisa? E por que esteve mentindo esse tempo todo?

— Rafael — Joseph chamou sua atenção —, não temos tempo para isso.

— Temos, sim. Como posso acreditar nela enquanto não sei suas intenções?

Por um lado, ele estava certo. Mas eu concordava mais com Joseph: de fato, não tínhamos tempo: — Vamos nos concentrar no que iremos fazer — olhei para Joseph, inclinando-me para frente — O que faremos?

— Eu não faço ideia. Quero dizer... não podemos impedir isso. Essa... profecia, foi prevista pelo Oráculo antes mesmo de nós — ele inspirou profundamente — Só que... dezoito anos atrás, eu pensei nisso. Não na profecia, mas sobre essa família — naquele momento, ele olhava para Cedrico e Rafael; Cassie era a única que não estava lá — E, por não confiar em nenhum Hamilton é que não me casei com Elena; não em uma cerimônia apropriada para bruxos. E, como não somos, de fato, *casados* — ele parecia estranhamente aliviado em falar aquilo em voz alta — nada disso os afeta. Naturalmente, nem a você, Cedrico. Como sua mãe não era bruxa, ela e Jeremy também não eram casados, de acordo com o *coven*.

— Você está dizendo... — Rafael começou a falar, mas pareceu confuso sobre o que diria — que, o que quer que essa maldita *profecia* signifique, não nos afeta?

— Exato, além disso... — antes que terminasse de falar, Joseph se virou e olhou para a porta, por onde Elena entrou ao lado... *da minha mãe*. Franzi o cenho quando as vi juntas e franzi o cenho.

— Eu sei como parar isso — minha mãe falou com o queixo erguido enquanto descia o único

degrau que a levou até a sala, o que me fez escorregar até a ponta do sofá com os dedos entrelaçados.

— Mãe... — as palavras ficaram confusas na minha cabeça, não soube exatamente como organizá-las por um momento — Do que você está falando?

— Sei que você não vai achar que é a minha melhor ideia, mas é o que vai resolver tudo, fazer as coisas voltarem ao normal...

— Do que você está fazendo? — repeti, levantando-me de repente, com o ar preso na garganta ao fixar seu olhar emotivo — Mãe, o que está havendo?

— Eu preciso morrer para que tudo volte ao normal. Ou você. Então — ela se aproximou e fiquei parada, estática, sem *conseguir* me mover ou respirar —, eu não estou pedindo que você me dê sua permissão ou tome essa decisão por mim — Izabel pegou minhas mãos entre as suas; mordi o lábio de modo inconsciente, sentindo a cor deixar meu rosto.

— Você não pode fazer isso... Você... Não... — soltei suas mãos de modo abrupto e dei vários passos para trás — Mãe... Não. Eu... Ainda nem

tive tempo para conhecê-la — engoli em seco, sentindo lágrimas em meus olhos — Você não pode fazer isso.

— Eu sinto muito — ela me olhou do modo mais emotivo e copioso possível, mesmo que não parecesse sentir tanto assim. Durante todo aquele tempo, parecia que eu estava mais ocupada tentando não morrer do que passando algum tempo com minha mãe, minha *recém-mãe*, porque estava em perigo o tempo inteiro. Ou os outros estavam, e sentia, naquele momento, que o tinha desperdiçado.

Só queria sair dali, nem sabia o que ainda estava fazendo, pois já tínhamos terminado tudo o que eu tinha que fazer, porque minha vida estava em ruínas. De modo completamente inesperado a todos, e aproveitando-me de minha velocidade vampira, saí dali.

— Ótimo, te achei — ergui os olhos, tirando o rosto de onde estava, entre meus joelhos e funguei. Não estava chorando, apenas enlouquecendo.

— Quem te mandou aqui?

— Sua bela mãe — Edward ergueu as sobrancelhas por um breve momento, na vã

tentativa de me animar, mas desistiu e estendeu-me a mão para me ajudar a mão. Contudo, balancei a cabeça negativamente, deixando claro que estava bem onde estava, deixando, ainda, indiretamente claro, que queria que ele fosse embora — Certo. O que você está fazendo aqui?

— Repensando minha vida, não estou louca ou com vontade de matar ninguém com minhas presas — engoli em seco e Edward se sentou ao meu lado, aos pés de um carvalho enorme no completo escuro no meio da floresta — Só quero ficar sozinha.

— Sua mãe quer ficar com você. Nos últimos momentos... — ele continuou, mais sério.

— Não consigo fazer isso, eu... é melhor assim.

— Vai se arrepender disso — respirei fundo e apoiei a bochecha em meu joelho.

— Sei disso... só... não posso. Olhe, você pode não conseguir entender tudo sob essa perspectiva, mas... vivi minha vida inteira sem ela — engoli em seco, um espasmo atravessando meu corpo gentilmente — por causa do meu avô, a pessoa que mais amei nesse mundo antes de verdadeiramente conhecê-lo... então, quando a conheci... foi no meio de toda essa loucura. Eu me tornei... *isso* que eu sou agora, depois morri de novo, tentei fazer as

coisas certas... mas não sou perfeita. Eu... sinto agora que desperdicei minha vida humana, depois, desperdicei todo o tempo que tinha com minha mãe, que morreu, e agora se convenceu, e está tentando me convencer, que precisa permanecer morta.

— Talvez ela também tenha sentido sua falta tanto quanto sentiu a dela e quer estar com você durante o tempo que ainda tem...

— Eu não sei o que mais ela quer de mim — fechei por olhos por um momento, tentando me recompor — E não posso fazer mais do que ficar aqui, *bem aqui*, e... respirar. Não posso, não quero, estar com ela. Vou me arrepender depois, mas ao menos não vou ter essa imagem na cabeça para remoer.

— Você tem seu ponto — anuí sutilmente e passei a língua pelos lábios, com frio, e fiquei quieta — Aliás, seu pai está aqui.

— Que bom. Ela não está sozinha — murmurei finalmente e Edward e eu caímos em um profundo silêncio.

Pisquei, confusa, enquanto era pega no colo, sentindo os primeiros raios do dia, jogando meus

braços de modo involuntário em torno de Joseph, apertando-o um segundo antes de abrir meus olhos, fitando seu maxilar, alguns pelos loiros em sua barba por fazer, sua camisa branca com os primeiros botões abertos e seu paletó de cor clara, aberto. Confusa, consertei meu braço direito, esticando-o ao longo de suas costelas até suas costas, fazendo-o abaixar o olhar até o meu.

— Você acordou — falou como se fosse óbvio, mas não de modo rude, e sim, em um tom estranhamente suavizado que fez com que eu relaxasse ainda mais, fechando meus olhos por um momento.

— Você deve estar se perguntando quantas vezes ainda vai precisar me carregar para longe do perigo iminente no qual eu mesma me coloco — falei em um tom descontraído, o que, ainda bem, o fez rir, de modo gostoso, impensado, não calculado e natural; dissipou a tensão que havia se instalado entre nós desde a noite anterior.

Enquanto meu braço direito estava em suas costas, o direito estava na lapela de seu paletó, brincando com ela de modo casual: — Não tem problema, você não pesa tanto assim — depois das primeiras palavras descontraídas, receei ter que

passar para o assunto mais sério.

— Você acha que essa... Ideia da minha mãe vai funcionar?

— Você quer a verdade ou o que vai fazê-la se sentir melhor às seis da manhã? — abri os olhos e busquei seu olhar, mas ele olhava para frente, evitando veementemente o meu olhar.

— A verdade, por favor.

— Acho que sim. Não chegamos a falar sobre isso, mas quando a trouxe de volta, Cassie foi a primeira a falar sobre isso, sobre mudar a Ordem das Coisas — virei ligeiramente o pescoço quando estávamos perto o suficiente de um carro, ou melhor, um *Tesla*, que eu não sabia se podia chamar de carro de tão extraordinário que era, que era luxuoso demais para não ser o dele, para estar *perdido* ali na floresta.

— Pode me colocar no chão, eu estou bem — ele o fez e abriu a porta do carro para mim — Obrigada — assim que entrei, ele fez o mesmo ao meu lado — Então, o que você estava falando sobre... *Ordem das Coisas* — todos falavam sobre aquilo como se tivesse viva própria.

— Coloque o cinto — estreitei os olhos e obedeci, esperando que ele continuasse enquanto

colocava o carro em movimento — Como eu dizia... a Ordem das Coisas tem sido modificava, quando isso acontece, há consequências mortais e... *cósmicas*.

— De que tipo?

— Eu não faço ideia. Mortes e esse tipo de coisa. Não é a minha coisa, não entendo tanto assim sobre bruxaria... só o que aprendi com Elena — ele ergueu os ombros suavemente e anuí, ainda sem entender completamente aquela coisa toda, mas tentando me recompor primeiro.

Fixei meus olhos em meu colo, em meu vestido que estava horrível, com algumas folhas e meus braços, que tinham sido arranhados na noite anterior, assim como meu rosto, mesmo que os cortes tivessem curado, havia sangue em meus braços. Tirei o cinto e olhei-me no retrovisor, deslizando os dedos pelos cabelos; os cachos tinham se desfeito e meu cabelo estava horivelmente liso, meu rosto estava sujo e eu tinha a mesma aparência de uma mendiga: — Você está horrível, a propósito.

— Obrigada — sorri, balançando a cabeça e aceitei quando ele tirou o lenço do bolso do paletó e me ofereceu — Obrigada, de novo — não ajudou

muito, mas limpou a maior parte da terra no meu rosto, permitindo-me ver que eu parecia tão pálida quanto um cadáver.

— Já pensou no que vai fazer agora? — mantive meus olhos no retrovisor enquanto respirava fundo.

— Acho que vou para Nova York... pensar um pouco no que vou fazer a partir de agora. E quanto a você?

Ele demorou um longo momento para responder: — Coincidentemente, também vou para Nova York. Para um congresso que achei que não fosse... para uma entrevista de emprego que não achei que iria comparecer.

— *Emprego?* Você precisa de um emprego? — joguei o cabelo para trás e sentei-me mais ereta no banco, segurando seu lenço com força entre os dedos da mão direita, de modo quase inconsciente.

— É, de professor. Na Universidade de Nova York — ergui as sobrancelhas.

— Estou surpresa... por que não me contou? Eu teria dito que você deveria ir — falei com um estranho sorriso.

— Eu sei, mas não achei que fosse. Contudo, preciso de um novo começo, agora que tudo mudou — fizemos um silêncio estranho — Agora você

tem uma vida a sua disposição, para fazer o que quiser.

— Ahn... para onde estamos indo? — mudei de assunto, vendo um lugar esquisito de floresta a nossa frente.

— Para sua casa — franzi o cenho, confusa sobre que lugar era aquele.

Prólogo^[57]

OITO ANOS DEPOIS — JOSEPH

— Juliette... acorde. *Juliette* — ela se moveu, de bruços, mas nem fez menção em se levantar — Precisamos ir ou vamos perder nossa conexão — peguei meu celular ao lado do criado-mudo para checar as horas antes de enfiá-lo no bolso.

— Estou acordada — ela se virou de repente e pegou o celular dela, ao lado do abajur. Ainda estava escuro, eram 4h52 da manhã, mas tínhamos um voo às seis para Praga — A CIA me mandou umas... *vinte mensagens* — ela esfregou o rosto e ajeitou o cabelo enquanto as lia atentamente.

— Algum problema com nossas férias?

— Não, tudo bem. Vou me vestir — ela desligou o celular e se levantou — Cinco minutos.

Pontual como sempre, cinco minutos depois, ela já tinha tomado banho e estava vestida, pronta para sair. Estava nevando ali, de modo que ela insistia que eu precisava usar roupas mais quentes, preocupada *demais* com minha semi-humanidade: — Preciso voltar para o trabalho em duas semanas.

— E a CIA me quer de volta — ela pegou a mala enquanto saíamos do hotel para o aeroporto, que ficava exatamente ao lado.

— Que a CIA se exploda — ela revirou os olhos com um sorriso lindo, colocando uma mecha dos longos cabelos negros atrás da orelha, mexendo no celular — Você vai voltar para o Paquistão? — diminuí o tom da minha voz. Ela abaixou o celular e fixou os olhos nos meus.

— Vou ficar em Berlim por uns três dias, depois volto para Washington para ficar com você — comecei a esboçar um sorriso — E Harriet.

— Ah, claro. *Harriet* — Juliette sorriu docemente.

— É, Harriet, *nossa filha*. Não acredito que duas semanas foram o suficiente para te fazer esquecer — aproximei-me e passei o braço pelos seus ombros enquanto esperávamos na fila para comprar café.

— Eu tenho mais de mil de anos, é fácil esquecer
— murmurei e deposei um beijo em sua testa.

— E eu tenho vinte quatro e esse rostinho bonito de dezesseis. Aliás... você está parecendo mais novo que eu — ela engoliu em seco quando chegou nossa vez e pediu dois cafés pretos e sem açúcar.

JULIETTE

No avião, pouco mais de uma hora depois, estava me perguntando como Harriet estava com Dahlia, se já estava sendo influenciada pela avó pirada, a quem eu tinha instruído permanentemente a não falar sobre magia com minha filha, que só tinha sete anos. Enquanto não chegávamos à Praga, para onde eu iria finalmente queimar os restos do meu avô e aproveitar o resto do tempo livre que a CIA me proporcionara, abri minha bolsa de mão, enquanto meu marido dormia ao meu lado, e peguei seu diário, onde li algumas páginas.

Mantinha aquela rotina há algumas semanas, para conhecê-lo melhor, afinal, não era fácil me atualizar com relação há mil anos em seis. Eu lia um pouco, descobria coisas que eu não sabia, surpreendia-me por vezes, enquanto dividia meu

tempo entre ele e Harriet, nossa filha adotiva, que também era bruxa, nascida em Nova Orleans e que tinha perdido a mãe em um incêndio quando tinha somente dois anos de idade, quatro anos antes, quando decidimos ficar juntos e adotá-la.

Na CIA, eu era uma simples agente da inteligência, trabalhava, na maior parte do tempo, hackeando coisas, em operações e todo o tipo de coisa. Era versátil, às vezes gostavam de me usar em operações estrangeiras em operações no combate ao terrorismo pelo fato de eu saber todo o tipo de idioma existente e ainda querem aprender alguns mais.

Quanto a minha vida antiga de feitiços, bruxaria, mortes, vampirismo e Salém... tinha tudo ficado para trás e eu gostava de uma vida onde tudo era preto no branco, onde se detectava o vilão e o eliminava. Simples. Abri o diário, que não era tão antigo assim, e passei algumas páginas, vendo que estava com preguiça. Até ver um desenho feito à mão por Joseph, que me fez franzir o cenho e ajeitar o diário em meu colo para ver direito.

PERIGOSAS

Dahlia — Mikael
Malcolm Hamilton

|
Joseph
Jeremy Elena

Jane Hamilton —

|
Rose

Elena — Joseph Cohan
Lancaster

|
Renée Rafael/Cassandra
Lancaster

Rose — Edouard

|
Emarie Hamilton

Joseph — Eleri
Hohenfels

|
Freya Flemming

Rose — Friedrich Von der

|
Alice Hamilton

Amelia Kline — Jeremy
Friedrich

|
Cedrico Hamilton-Kline
Hohenfels

Anthea Jones —

|
Jon Von der

NACIONAIS - ACHERON

Jon Von der Hohenfels — Izabel Gray Von
der Hohenfels

Joseph Ainsworth — *Juliette Isabelle Von der Hohenfels Gray Ainsworth*

— O que foi? — levei um susto e ergui as duas mãos, fechando o diário — Te assustei?

— Para não esquecer — tirei o cinto e inclinei-me para pousar a cabeça em seu ombro — Você

está bem? Parece distante.

— Ler isso me fez lembrar de coisas que eu já tinha esquecido e enterrado — ele afagou meus cabelos e fechei os olhos — Estou com saudades da Harriet — falei, finalmente, com um suspiro.

— Ligamos para ela quando pousarmos.

— Na próxima, vamos trazê-la conosco — levantei a cabeça para olhá-lo nos olhos, ao que ele franziu o cenho muito suavemente, seu olhar doce conectando-se ao meu de maneira perfeita — Eu quero que ela conheça o lugar em que eu nasci, depois, o lugar onde passei parte da minha infância...

— Vai querer ensinar alemão para ela também? — ele brincou e sorri.

— Está bem, eu sei. Estou indo rápido demais, mas ela já tem sete anos, em maio ela faz sete, e depois, ela vai para a faculdade e só vou vê-la duas vezes por ano...

— Ela não vai para a faculdade com sete anos, querida — falou em um tom tranquilizante, que me fez respirar fundo.

— Não é o que eu quero dizer... — ajeitei-me, inclinada sobre ele com o cotovelo apoiado em seu peito — é que... — engoli em seco — Estou

preocupada. Harriet, ela... ela é doce e adorável, ela gosta quando a ensinamos magia e... gosta de ajudar pessoas. Ela está crescendo agora e...

— Eu entendi — ele pegou minha mão e depositou um beijo em minha palma — Está preocupada com o que vai falar a Harriet quando começar a perguntar sobre... sangue e vampirismo.

— É. Eu sei. Só aos dezoito, mas ela não é boba; se ela já faz perguntas agora, quando tiver quinze, vai querer saber tudo.

— Vamos contar a ela. Da melhor maneira possível — e, com um sorriso suave, o beijei, sabendo que tudo, de fato, ficaria bem.

Da melhor maneira possível.

Leia um trecho da aguardada
sequência da saga VERFLUCHT:

Despedaçados

PERIGOSAS

NACIONAIS - ACHERON

Eu o vejo respirar pela última vez[\[58\]](#)

LANGLEY, VÍRGÍNIA

Juliette tinha o péssimo hábito de cantarolar enquanto lia as notícias ou checava as mensagens do trabalho, e, naquela chuvosa sexta de manhã, era o que ela fazia enquanto comia suas torradas e lia as últimas mensagens do centro de operações da CIA. A irritante inteligência que sempre a tirava de casa nas primeiras horas do dia. Eu fazia o café da manhã, como sempre, e Harriet ainda estava em seu quarto, enrolando para se arrumar e ir para a escola.

— Harriet — gritei enquanto virava uma panqueca na frigideira, impaciente naquela manhã

em específico. Juliette estava diante da mesa redonda, com seu *tablet* em mãos, e se virou para mim com o olhar semi arregalado; eu nunca gritava, e era de se estranhar quando o fazia. Dei-lhe às costas para me concentrar no café da manhã, nas horas, em quanto tempo Harriet ainda levaria para ficar pronta, no tempo que eu tinha para levá-la antes de me atrasar para o trabalho.

Aquelas questões irrelevantes, repentinamente, tinham uma importância crucial. Quando a gritei de novo, Harriet desceu saltitando as escadas, usando um horrível vestido amarelo que teria feito um apreciador de moda chorar. Em suas mãos, ela uma meia listrada ainda pior: amarela e preta. Ela parecia uma abelha anêmica usando aquilo e me virei completamente quando ela entrou na cozinha: — Mãe! — Juliette largou o *tablet* e as torradas para se virar e agachar, ficando na altura dos seus olhos — Não acho minha outra meia — ela ergueu o pé de meia, com uma carinha emburrada e um biquinho que fazia a mãe fazer tudo que ela queria.

— Querida... Já falamos sobre isso — Julies pegou, suavemente, a meia de sua mão — Você não pode usar isso para ir para a escola. E nem isso — ela gesticulou na direção do vestido e Harriet

abaixou a cabeça, fazendo seus cabelos loiro-escuros caírem para frente — Você precisa se vestir, seu pai vai levá-la para a escola.

— Por que *you* não me leva? — Juliette colocou-se de pé e trocou olhares comigo, como se quisesse desesperadamente que eu intervisse de algum modo — O papai me leva todos os dias — Juliette umedeceu os lábios.

— Eu tenho que ir trabalhar, querida. Seu pai vai te levar na escola e eu te busco para tomarmos chocolate quente.

— É! — Harriet deu pulinhos e, saindo da cozinha pulando, subiu a escada espiral e moderna, desaparecendo tão rápido quanto tinha surgido.

— O que foi? — ela se virou e pegou o café sobre o balcão enquanto eu comia minhas panquecas.

— Ela gosta mais você — fui dramático, e ela percebeu, pois sorriu de modo encantador. A chuva caía à minha direita, era possível vê-la através das paredes de vidro duplo temperado com algumas árvores de copa quase vazia e, um pouco ao longe, casas. Era, provavelmente, a primeira casa que eu vivia onde tinha contato com outras pessoas.

Uma vizinhança.

— É culpa minha — voltei minha atenção para ela, que espalmou as mãos no balcão e respirou fundo. Fitei momentaneamente seu belo rosto, seus incríveis olhos verdes que se destacavam ainda mais pelo fato de ela parecer pálida, sem tempo nem para tomar sol nos últimos tempos, seu cabelo negros ia até o meio de suas costas, mas estava preso em uma trança embutida, com alguns fios soltos em seu rosto, modelando-o com perfeição. Sua roupa era toda preta, o que parecia ser um requisito da CIA; blusa de mangas, calça justa e botas, assim como a jaqueta de couro com zíper transversal — Eu tenho estado ausente — sua voz doce, culpada, me fez voltar o olhar até o seu.

— Você está — tive que ser sincero, e não facilitar as coisas para ela como tinha feito nos últimos dois meses — Parece que você nem mora mais aqui e ela tem sentido sua falta.

— Eu sei, eu... — antes que pudesse continuar, seu celular tocou no bolso de trás da calça e ela revirou os olhos, pegou-o e leu a mensagem. Juliette inflou o peito de ar e, mesmo antes que ela falasse, com dificuldade, eu mesmo o poderia ter feito, pois aquelas palavras eram mais usuais que *bom dia* em seus lábios: — Não vou poder pegar a

Harriet na escola — ela quebrou o contato visual, pegou seu copo térmico com café no balcão e juntou suas coisas, jogando em sua mochila marrom e de couro, quase engraçada — E nem vou estar aqui para o jantar.

Daquela vez, olhei-a, busquei seu olhar esperando por uma explicação: — Você acabou de prometê-la que estaria...

— Eu sei — seu tom soou desesperado, como se ela não soubesse mais o que fazer, quando se voltou de modo abrupto para mim — Nem tudo é tão fácil, eu tenho que...

— *Fácil?* Nada é *fácil*, mas vou facilitar pra você. Na próxima, não saia por aí fazendo promessas que não pode cumprir.

JULIETTE

Mordi o lábio, respirando fundo para acalmar meus instintos vampirescos para que meus companheiros não percebessem que eu estava morrendo de fome enquanto arrastava minha mala pelo aeroporto particular em que pegaríamos nosso voo direto para Berlim. Enquanto o fazia, contudo, meu celular vibrou no bolso e ignorei-o, mas quando vibrou de

NACIONAIS - ACHERON

novo, peguei-o para ignorar a chamada de Joseph, que tinha um belo sorriso e seus olhos azuis pareciam brilhar, *faiscar*, na foto do contato ao lado de Harriet e eu. Engoli em seco, pois não queria viajar enquanto ele estava bravo comigo, mas não tinha tempo para ficar e resolver nossos problemas, só esperava que quando voltasse, Harriet não me odiasse.

Marcos, meu colega e superior da CIA, que viajaria comigo para Berlim, de onde pegaríamos outro avião para o Paquistão em três dias, parou comigo do lado de fora do galpão enquanto o jato era preparado pelo piloto e copiloto, assim como outros funcionários que trabalhavam ali. Poucos, porém de extrema confiança; bem no estilo da CIA.

— Pode atender, ainda temos vinte minutos — Marcos falou ao meu lado e inflei meu peito com todo o ar que pude.

— Eu não demoro — meu sotaque foi a coisa mais evidente enquanto me afastava, entrando no galpão completamente vazio para retornar a ligação dele.

Era fim de tarde em Langley, cidade onde a CIA estava sediada, e tínhamos passado o dia inteiro planejando aquela viagem, assim como o último

semestre planejando a operação. Chovia o dia inteiro e tudo parecia cinza naquele dia, não só o tempo, mas também o meu humor e os ânimos em casa. E, como tudo que eu queria era que tudo ficasse bem, encaminhei-me até um canto do galpão e sentei-me em um caixote de madeira

— Desculpe por mais cedo... Não queria que as coisas chegassem a esse ponto... — inclinei-me com uma respiração profunda.

— Ainda está em Langley? — foi tudo que ele disse. Nada de *“está tudo bem, querida. Não se preocupe. Estamos aqui para apoiá-la”* — Aconteceu uma coisa...

— O quê? — sentei-me mais ereta, com as costas contra a parede.

— Peguei Harriet na escola e as coisas estavam estranhas... Senti uma presença sobrenatural em torno...

— Joseph! Não tem nada a nossa volta. Não praticamos mais magia e temos apenas uma vida normal, lembre-se disso. Harriet está segura...

— Não, é uma coisa séria. Ela disse que ficou vendo uma mulher com roupa escura enquanto estava na aula, através das janelas, com uma besta — franzi o cenho, um pouco surpresa por ele

acreditar nas bobagens que Harriet falava. Balancei a cabeça, sem saber como falar aquilo de modo sutil.

— Querido...

— Só queria ter certeza de que você está bem — ele falou em um tom suavizado e meu coração bateu mais forte no peito diante do seu tom — Tome cuidado, *eu* levo o que nossa filha fala a sério. Ela é uma bruxa, pode ser alguma coisa...

— Certo. Está tudo bem, eu vou pegar o avião agora, preciso desligar — levantei-me para ver como tudo estava indo do lado de fora — Diga a Harriet que eu sinto muito por não estar aí, eu queria muito... — expirei de modo sonoro — Tenho que ir. Amo você.

— Também amo você — seu tom foi um tanto soturno e senti falta de estar em casa — Fique segura, por favor.

Não matávamos mais pessoas, nem para que eu me alimentasse. Não lutávamos mais contra ancestrais e forças malignas. Não tinha mais pessoas que tentava nos matar por motivos que nem ao menos sabíamos qual ou qualquer coisa parecida. Éramos apenas nós três, como uma família, vivendo de

modo tranquilo em uma cidade pequena. Com empregos normais, sem praticar magia ou chamar atenção, e eu me alimentava exclusivamente de bolsas de sangue.

Tínhamos até vizinhos, amigos. Éramos os tipos de pais adoráveis e levávamos Harriet a festinhas infantis. Era tudo o que eu queria: uma vida comum e aborrecida; entediante, mas segura. E não só para mim e para Joseph, principalmente para Harriet. Tudo o que queríamos era que ela crescesse bem e saudável, com tudo que uma criança precisava.

E com muito trabalho, conseguíamos dar a ela tudo aquilo. A *normalidade* da qual uma criança precisava.

Saí do galpão, pronta para entrar naquele avião, mas deixando uma parte de mim em casa; minha vida era em um avião, mas aquela foi a primeira vez em que meu coração ficava tão apertado prestes a entrar em um. Marcos entregou-me minha mala com uma expressão irritada no rosto: — Nosso voo foi cancelado. O piloto disse que não há condições de voo.

— *Arzneimittel*^[59] — expirei com força e enfiei o celular no bolso da calça — O que fazemos agora?

NACIONAIS - ACHERON

— Vá para casa, eu vou me reportar com o superior. Disseram que a chuva vai continuar até a semana que vem — fomos andando através do galpão de volta a aérea interna do aeroporto, onde, tanto agentes quanto o pessoal do aeroporto, pareciam estar alvoroçados com o cancelamento de todos os voos.

— Obrigada — anuí e procurei um carro da CIA que pudesse me levar para casa, mas, como chovia muito, assim que entrei, fui comunicada que demoraria. Árvores fecharam avenidas, a água alagava tudo e as ruas pareciam um pandemônio conforme atravessávamos a cidade na direção da parte residencial, onde ficavam as casas da CIA; onde era *nossa* casa.

Mexia no celular, sentada no banco de trás do carro, tentando ligar para Joseph enquanto o céu cinza-escuro tornava-se *ainda mais* escuro, mas, por algum motivo irritante, ele não atendia. Assim, mandei uma mensagem de texto: *Estou voltando para casa, o que vamos ter para o jantar?* Em seguida, mandei uma carinha feliz e olhei para frente, batendo o celular contra a palma enquanto sua resposta não chegava. Não usava cinto, assim, inclinei-me e apoiei os antebraços no banco para

falar com o motorista.

— Não tem como cortar caminho por uma rua lateral?

— O trânsito está confuso, Sra. Ainsworth. O melhor a se fazer é seguir pela principal — suspirei longamente e me sentei, mentalmente exausta. Queria apenas estar em casa com meu marido e minha filha e, enquanto esperava por uma chamada dele, surgiu uma chamada de um número desconhecido, que, por hábito, ignorei. Não estava com cabeça para falar com ninguém, só queria ir para casa.

Quando finalmente consegui chegar, entretanto, já às 19h e exausta, o caminho de cascalhos escuros que levavam até a entrada estava... *Estranho*; não conseguia descrever, mas enquanto pegava minha mala e ia até os seis degraus que levavam até em casa, já completamente molhada, percebi que algo não estava certo. Meus sentidos ficaram levemente confusos por um momento e não pude sentir imediatamente, mas, ao chegar até a porta, pude ver através das paredes de vidro que tinha sangue na sala de estar.

Franzi o cenho, não conseguindo afastar do peito a sensação ruim que me invadiu quando empurrei a

porta, que estava aberta. Tudo estava escuro, mas, como as paredes da parte inferior eram todas de vidro, e o piso era prateado e brilhante, polido, eu podia ver o vermelho-escuro brilhando nele. Desde a porta da frente, em uma poça desordenada que espalhava sangue por todo o piso até o sofá, mas era difícil ver mais do que gotas.

Parei de respirar, por um longo minuto, com o pé sobre a soleira da porta entreaberta, fitando o aparador, com as chaves de Joseph que ficavam ao lado da porta, sem conseguir coragem o suficiente para empurrá-la em definitivo e entrar; para checar o que estava acontecendo ou tinha acontecido, para checar se Harriet estava bem. Se *Joseph* estaria bem, pois aquele pensamento quase me corroeu por dentro.

Deveria tê-lo dado mais crédito mais cedo e a culpa me invadiu de modo imediato. Inspirei profundamente e empurrei a porta com cuidado, largando minha mala entre a entrada e o lado de fora, sob a pequena cobertura que nem poderia ser chamada de varanda, por ser tão estreita. Era apenas um espaço entre os degraus e a entrada.

Naturalmente, não acendi as luzes. Andei lentamente pela sala, para a direita, onde ficava a

escada espiral, moderna, que parecia ter os degraus flutuando e olhei atentamente para o andar de cima, mas, embora estivesse tudo muito escuro, pude detectar que não havia nada. Assim, atravessei a sala de estar por detrás do sofá para evitar todo aquele sangue que eu precisava ansiosamente saber de onde vinha e de quem era, e caminhei lentamente até a cozinha, olhando para todos os lados em busca de uma possível e iminente ameaça, que eu tinha certeza que surgiria a qualquer momento.

A cozinha tinha janelas de frente para mim, sendo assim, estava quase que completamente iluminada, exceto pelo outro lado, onde tinha uma parede branca que ocultava a mesa de jantar e metade da mesinha redonda onde costumávamos tomar café da manhã. Engoli em seco, desacelerando ainda mais o passo ao entrar ali, mas também não tinha nada. No andar de baixo tinha ainda um corredor que passava quase debaixo da escada, à direita da entrada da cozinha e seguindo aquela parede, e tive que respirar fundo para seguir por ele. No fim, tinha só um quarto onde guardávamos algumas coisas.

Antes de chegar ao fim do corredor, entretanto,

escutei passos atrás de mim e me virei de modo abrupto, sem ter tempo ou luminosidade o suficiente para checar quem vinha vindo atrás de mim; lancei-me sobre o que julguei ser um homem, fitando apenas sua silhueta, e joguei-o no chão com facilidade, apesar de ele estar segurando uma estaca de madeira. Ajoelhei-me sobre seu corpo quando consegui, com os joelhos nas laterais do seu corpo, pouco acima dos quadris, e debruçada sobre ele com as presas expostas, pronta para rasgar sua garganta; de fato, bem perto dela.

Antes que eu tivesse tempo para isso, contudo, ele virou a cabeça da direita para a esquerda, iluminando seus cabelos loiro-escuros, quase ruivos, e familiares, assim como seu rosto. Soltei seus braços e fiquei mais ereta, boquiaberta, só depois de alguns segundos, lembrei-me de recolher minhas presas ao me adaptar a ver de novo aquele rosto familiar.

— *Cedrico...* — falei seu nome em um murmúrio, mal conseguindo respirar.

Mantenha contato com a autora através
de suas redes sociais:

 www.instagram.com/ahmullerfc

 www.facebook.com/anneholtmuller

Ou acesse o site: anneholtmuller9.webnode.com

Se gostou do livro, não esqueça
de deixar sua avaliação ♥

[1] Referência ao trecho da canção “Wings”, Birdy.

[2] Referência ao trecho da canção “Be My Angel”, Mazzy Star.

[3] Referência à canção “Smells Like A Teen Spirit”, Nirvana.

[4] Referência ao trecho da canção “Growing Pains”, Birdy.

[5] Referência ao trecho da canção “Leave My Body”, Florence + The Machine.

[6] Referência ao trecho da canção “I Forget”, Laurel.

[7] Referência ao trecho da canção “Give Up”, Birdy.

[8] Referência ao trecho da canção “Heartlines”, Florence + The Machine.

[9] Referência ao trecho da canção “Take Everything”, Mazzy Star.

[10] Referência ao trecho da canção “Wings”, Birdy.

[11] Referência ao trecho da canção “Deep End”, Birdy.

[12] “Merda”, em alemão.

[13] “Eu vou matar aquele desgraçado”.

[14] “Aquele filho da puta”.

[15] “Meu Deus! Eu sinto muito, Cedrico”.

[16] Em alemão significa “*duplicata andante*”.

[17] Referência ao trecho da canção “Third Eye”, Florence + The Machine.

[18] Referência ao trecho da canção “Third Eye”, Florence + The Machine. Continuação do capítulo anterior.

[\[19\]](#) Referência ao trecho da canção “Skinny Love”, Bon Iver.

[\[20\]](#) Referência ao trecho da canção “Growing Pains”, Birdy.

[\[21\]](#) Referência ao trecho da canção “Shake It Out”, Florence + The Machine.

[\[22\]](#) Referência ao trecho da canção “Shake It Out”, Florence + The Machine. Continuação do capítulo anterior.

[\[23\]](#) Referência ao trecho da canção “Terrible Love”, Bon Iver. Primeiro de um capítulo dividido em três partes.

[\[24\]](#) Referência ao trecho da canção “Terrible Love”, Bon Iver. Segundo de um capítulo dividido em três partes.

[\[25\]](#) Referência ao trecho da canção “Terrible Love”, Bon Iver. Terceiro de um capítulo dividido em três partes.

[\[26\]](#) Referência ao trecho da canção “Heartlines”, Florence + The Machine.

[\[27\]](#) Referência ao trecho da canção “Blank Space”, Taylor Swift.

[\[28\]](#) Referência ao trecho da canção “Third Eye”, Florence + The Machine.

[\[29\]](#) Referência ao trecho da canção “Comforting Sounds”,

PERIGOSAS

Mew.

[30] Referência ao filme “La prima notte di quiete”, 1972.

[31] Referência à canção “Ready Or Not”, Bridgit Mendler.

[32] Referência ao trecho da canção “The Story of Us”, Taylor Swift.

[33] Referência ao livro “Paradise Lost”, de John Milton.

[34] “Seu idiota”, em alemão.

[35] Referência ao trecho da canção “Après Moi, Lé Deluge”, Regina Spektor.

[36] “Ferrado! Tudo está ferrado!”.

[37] Referência à canção “What Different Does It Makes?”, The Smiths.

[38] Referência à canção “I Should Go”, Levi Kreis.

[39] Referência ao trecho da canção “No Light No Light”, Florence + The Machine.

[40] Referência à canção “Save My Soul”, JoJo.

[41] Referência à canção “Skinny Love”, Bon Iver.

[42] *Schutzstaffel*, abreviada somente como SS, foi uma organização paramilitar ligada ao partido nazista e a Adolf Hitler.

[43] “Aquele maldito bastardo”, em alemão.

[44] Canção da cantora inglesa Birdy.

NACIONAIS - ACHERON

[45] Ator britânico, popularmente conhecido pelo seu papel de Klaus Mikaelson na série “The Vampire Diaries” e “The Originals”, do canal The CW.

[46] “Eu tenho uma fome em mim”, trecho da canção *Hunger*, de Ross Copperman.

[47] É uma variedade de *gipsita* (minério encontrado em meteoritos), cristalizada e com aparência vítrea.

[48]⁴⁹ Referência à peça de Ariel Dorfman, “Death and the Maiden”, 1990.

[49] “Acalme-se”, em alemão.

[50] “Se você queria me matar, por que não fez isso quando teve a chance? Por que armar isso agora com meus amigos pelas minhas costas?”.

[51] “Se eu a quisesse morta, a teria matado no mundo prisão, mas eu não o fiz. Porque eu *me importo* com você!”.

[52] “A grande piada... Você se importa comigo”.

[53] “Você é um filho da puta, você não se importa com nada. Nem com ninguém”.

[54] “Está bem. Então, talvez, eu tenha tido que armar para você para tê-la morta pelas mãos do seu grande amor. Porque é isso que eu sou. Verdadeiramente mal. Ponto final!”.

[55] “Está falando de Joseph?”.

[56] “Sim, é claro”.

[57]⁴⁹ Referência ao trecho da canção “Mother”, Florence + The Machine.

[58] Referência ao trecho da canção “Carry You Home”, James

PERIGOSAS

Blunt.

[\[59\]](#) “Droga”, em alemão.

NACIONAIS - ACHERON